

UM NOME ESCRITO EM SANGUE

ROMANCE

Caravaggio

MATT REES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe *Le Livros* e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou qualquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O *Le Livros* e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Pesquisa de imagens e inserção na obra: *Francisco Chinita*

MATT REES

UM NOME ESCRITO EM SANGUE

A história de Caravaggio

 novo século®

SÃO PAULO 2014

A Name in Blood

Copyright © 2012 by Matt Rees

Copyright © 2014 by Novo Século Editora Ltda.

COORDENAÇÃO EDITORIAL	Mateus Duque Erthal
TRADUÇÃO	Valter Lellis Siqueira
DIAGRAMAÇÃO	Claudio Tito Braghini Junior
CAPA	Monalisa Morato
PREPARAÇÃO	Lilian Moreira Mendes
REVISÃO	Tássia Carvalho

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rees, Matt

Um nome escrito em sangue : a história de Caravaggio / Matt Rees ;
tradução Valter Lellis Siqueira. -- Barueri, SP : Novo Século Editora, 2013.

Título original: A name in blood.

1. Caravaggio, Michelangelo Merisi da, 1573-1610 2. Ficção inglesa 3. Roma
(Itália) - História - 1420-1798 - Ficção I. Título.

13-10316

CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823

Edição Digital: 2014

Todos os direitos reservados à:
Novo Século Editora Ltda.
Alameda Araguaia, 2190, 11º andar – Barueri – SP

E-ISBN: 978-85-428-0209-2

Para Mari Carys, Minha pequena Madona.

Em julho de 1610, desaparecia subitamente Michelângelo Merisi, conhecido como Caravaggio, o mais célebre artista italiano. Embora tivesse inimigos perigosos e sua cabeça estivesse a prêmio havia vários anos, afirma-se que morreu de febre. Seu corpo nunca foi encontrado.

“Ele morreu tão mal quanto viveu.”

Giovanni Baglione (1566-1643) sobre Caravaggio, em Vidas dos pintores, escultores e arquitetos, 1643.

“Que bom final tem aquele que morre amando bem.”

Petrarca (1304-1374), Soneto 140.

PERSONAGENS PRINCIPAIS

Michelângelo Merisi (chamado de Caravaggio, o nome de sua cidade natal), *um artista*

Maddalena “Lena” Antognetti, *modelo de Caravaggio*

Giovanni Baglione, *artista*

Scipione Borghese, *cardeal, sobrinho do papa Paulo V*

Domenica “Menica” Calvi, *cortesã*

Costanza Colonna, *marquesa de Caravaggio*

Leonetto della Corbara, *Inquisidor de Malta*

Onório Longhi, *arquiteto*

Antonio Martelli, *cavaleiro de Malta*

Fillide Melandroni, *cortesã*

Mario Minniti, *artista*

Francesco del Monte, *cardeal, patrono de Caravaggio*

Gaspere Murtola, *poeta*

Prospero Orsi, *artista*

Giovanni Roero, *nobre piemontês, cavaleiro de Malta*

Fabrizio Sforza-Colonna, *filho de Costanza, cavaleiro de Malta*

Ranuccio Tomassoni, *rufião e cafetão*

Giovan Francesco Tomassoni, *irmão mais velho de Ranuccio*

Alof de Wignacourt, *grão-mestre dos cavaleiros de Malta*

Prudenza Zacchia, *cortesã*

PRÓLOGO

A cidade de CARAVAGGIO, no ducado de Milão

Coisas pretensamente ocultas 1577

O menino estava sentado no escuro. *Observe-o*, pensou ele. *Observe este homem deitado com as mãos sobre o ventre, com ânsia de vômito, fazendo caretas, suando, massajando-se com mãos de unhas enegrecidas.* Os lençóis fedem, mas o menino continua sentado na cama. Ele quis ficar perto do inválido cujas partes íntimas e axilas estavam cheias de feridas em forma de bolbo provocadas pela peste. O homem era seu pai e estava morrendo.

Na cama ao lado estava o avô do menino. O velho se afogava a cada respiração, agitando o peito estreito. A transpiração brilhava em sua barba grisalha. Riachos de suor tremeluziam entre as costelas salientes do torso arfante. Os vergões putrefactos da peste transbordavam-lhe das axilas como sanguessugas. A urina sanguinolenta infiltrava-se no colchão. Seu rosto tremia de vergonha sob o pálido raio de sol que se infiltrava por uma fresta da veneziana.

A voz de seu pai. Será que a esqueceria? Ele sabia que sempre se lembraria destas palavras: “Michele, por que você está aqui?”. Mas será que se lembraria do tom com que foram pronunciadas? Um baixo profundo, deformado e dissecado pela fornalha da Peste Negra até soar como o murmúrio inútil de um homem sufocado por um bocado de areia. Por quê?

Para lhe fazer companhia, *Papà*. Suas próprias palavras. Depois que ficou mais velho e sozinho, lembrava-se delas como a cadência de uma melodia inelutável. Perdido e inocente, ele a ouvia ressoando em seu cérebro. Ah, mas nunca na garganta. Aquela voz – a que soaria se ele abrisse a boca como adulto – havia sido privada de toda inocência.

– Vai, meu menino. Vai buscar o... – disse o pai ofegante, virando-se para o lado e tremendo. Ele ergueu os joelhos.

O ar estava impregnado do cheiro da cal e do enxofre que afugentariam a doença, como afirmou sua mãe. Fazia coçar o nariz e os pulmões do menino. E o cheiro o fazia espirrar. O pai ergueu a cabeça, num movimento mais rápido que qualquer outro que havia feito desde que a infecção o acometera. O rosto do homem se contraiu aterrorizado. Um espirro era o primeiro sintoma. O menino virou-se rapidamente e lançou-lhe um sorriso tranquilizador.

A cabeça do pai tombou como se a expressão do filho a tivesse seccionado dos ombros. Ele tornou a mergulhar em seus tormentos. O menino também ficou pensando no espirro e levou o braço fino e pálido até o cadarço de suas calças de chita para apalpar as virilhas. Nenhum inchaço, nenhum caroço. O cheiro de enxofre retornou, e ele percebeu que havia segurado a respiração.

O avô estremeceu, com os olhos voltados para cima, brancos e cegos. Ele abriu mão de sua visão em favor da luz diminuta que chegava ao interior de seu crânio, de modo que um espírito refinado demais para a percepção humana pudesse se revelar para ele. Quando as pupilas baixaram, estavam fixas e cegas, e o avô do menino ficou imóvel. As vias lacrimais do pai estavam secas

devido ao vinagre com que ele tentara afastar a peste; as lágrimas não desceriam por elas. Ele bateu na cabeça com os punhos como se as lágrimas fossem apenas obstinadas, acabando por ceder, como um jumento, ao castigo.

O menino ficou com eles durante horas. O pai continuava deitado ao lado do velho morto, murmurando palavras incoerentes em meio à febre.

Nessa noite, ele se queixou de que a cama estava molhada e quente, deslizando para o chão e olhando para o negrume da noite. O menino ficou ao seu lado.

– Você é jovem demais, Michele – gaguejou ele. – Jovem demais para presenciar isto.

A princípio o menino achou que ele queria dizer que uma criança de seis anos não deveria presenciar a partida do pai, o que lhe provocou um soluço, pois já pressentia como as coisas seriam sem ele. Então voltou-se para a direção do olhar do pai. Com os olhos oblíquos e palpitando, percebeu que o pai estava encarando o rosto da Morte. O menino nada conseguiu distinguir na escuridão. O pai abriu a boca para explicar o que estava vendo, mas sua mandíbula tombou e seu peso se pressionou contra o menino. Este agarrou o cabelo revoltado do pai para que sua cabeça não se chocasse contra o chão.

O menino baixou o olhar para o morto. Sua testa contraiu-se de piedade acima dos olhos brandos.

Mas a escuridão o chamou. Ele viu alguma coisa se movendo nela. O arrebatamento de uma vida e a súbita iluminação que baixa sobre os que se juntam à morte. O que padece de uma doença ou do sacrifício voluntário. O assassino e sua vítima.

Observe a escuridão, pensou ele. O que se materializa da sombra? O que surge quando se olham as coisas pretensamente ocultas? Continue a olhar e um dia você verá sua forma. Seu olhar vai criar uma luz que penetra no mistério.

Não é mesmo, pai?

I

ROMA

NO JARDIM DO MAL 1605

A VOCAÇÃO DE SÃO MATEUS

- Ele é o artista mais famoso de Roma. – No final da nave, Scipione Borghese persignou-se. Sua mão correu pelas roupas escarlates lenta e voluptuosamente, como se estivesse acariciando o peito de uma amante. – Você acha que pode conservá-lo com você?

Não agora que seu tio foi consagrado papa, pensou o cardeal del Monte. A indicação do novo pontífice transformou Scipione no príncipe mais poderoso da Igreja de Roma. *Ele vai forçar meu protegido a assinar suas cartas como “vossa humilde criatura”*.

- Se acha que é possível controlar Caravaggio, meu bom senhor, ficarei feliz em apresentá-lo para que o senhor possa tentar ficar com ele. Ele obedece a um poder maior que o seu ou o meu – disse ele, fazendo um gesto em direção ao crucifixo de ouro que reluzia no altar à luz que penetrava pelas altas janelas. – E não estou-me referindo ao Santo Padre, que Deus o abençoe.

Scipione inclinou o pulso, com o indicador e o mindinho estendidos, como se fossem os chifres do Demônio. Del Monte fez uma careta ao ver um gesto tão profano feito pela mão cuidadosamente tratada do novo árbitro das artes e do poder na cidade dos papas.

- Pelo que ouvi falar de seu comportamento, a autoridade de Caravaggio não provém de cima, mas lá de baixo – disse Scipione. – Os artistas são tipos difíceis. Eu sei como dobrá-los à minha vontade.

Com os duzentos ducados anuais que o trono de São Pedro lhe concedeu, sei que você vai achar um meio de fazer isso. Del Monte guiou Scipione até a capela da nave esquerda.

- Aqui estão eles.

Scipione empurrou o barrete escarlate para a parte posterior da cabeça, coçou o queixo e ficou puxando, de maneira ruminante, a ponta do cavanhaque. Depois, passou a língua pelo lábio superior. Ele era jovem e delicado, mas alguma coisa em seu rosto deixava fácil prever como ficaria quando engordasse. *E este, com certeza, vai engordar*, pensou del Monte. *O corpo mal contém a avaréza do homem. Deem-lhe apenas alguns anos de poder absoluto e verbas ilimitadas, para que sua barriga se amplie e seu queixo se multiplique*.

- O famoso orgulho da Igreja de São Luís dos Franceses – disse Scipione.

Os dois cardeais passaram pela balaustrada de mármore verde, entrando na capela dos Contarelli.



A Vocação de São Matheus

- *O anjo e São Matheus* e *O martírio de São Matheus*, sem dúvida duas obras maravilhosas.
- Sim, mas esta é a tal. Esta é a obra – disse Scipione, voltando-se para a enorme tela sobre a parede à esquerda do altar.



O Martírio de São Matheus

– *A vocação de São Mateus* – disse del Monte, abrindo as mãos num movimento largo. – Admito que até eu, que reconheci seu talento antes de todos os outros patronos, nunca esperei que um gênio de tamanha virtuosidade se manifestasse nele.

– É revolucionária. Em toda parte, essa escuridão – Scipione afastou os pés e pousou as mãos no ventre. Ele movimentava a mandíbula e mexia as bochechas como se estivesse devorando a tela diante dele.

A vocação mostrava cinco homens ao redor de uma mesa. Três jovens usavam vistosos gibões e chapéus emplumados. Os outros tinham os cabelos grisalhos. Um cômodo vazio, com paredes de cor parda. Uma janela suja e que não permitia a passagem da luz. Mas, da direita, onde um sol vívido iluminava a própria capela, via-se um jorro de quentes tons de amarelo e castanho, como se penetrasse por uma janela alta e iluminasse um porão. Abaixo desse suave jorro de luz, obscurecido pela sombra, com a mão estendendo-se para convocar seu futuro discípulo, via-se o rosto barbado de Jesus.

– Que ideia brilhante – disse Scipione – a de deslocar Nosso Senhor de sua tradicional posição no centro brilhante da composição.

– E, contudo, ele domina a cena.

– É isso mesmo, del Monte. O significado da obra não nos é imposto por céus brilhantes e anjos radiosos. Precisamos procurá-lo. Como o próprio São Mateus. Procurá-lo dentro de nós – acrescentou Scipione, apontando para uma das figuras sentadas, que parecia apontar para si mesma, perguntando-se se não era ele o convocado por Cristo.

– Quando essas obras foram entregues para a São Luís cinco anos atrás – disse del Monte –, eu sabia que transformariam a pintura para sempre. Agora, em qualquer igreja de Roma se pode ver que cada nova obra de arte ou é uma cópia do estilo de Caravaggio por um de seus admiradores ou uma furiosa rejeição dele por alguém que deseja se prender ao estilo da última metade do século. Caravaggio hoje está presente em todas as obras, quer os pintores admitam isso ou o refutem.

Del Monte estalou os dedos. Um servo surgiu dos fundos da igreja usando a cor turquesa de del Monte e inclinando-se.

– Traga o mestre Caravaggio à minha presença. Vou recebê-lo em minha galeria.

– Sim, senhor – afirmou o servo, ajoelhando-se em direção ao altar e entrando na *piazza* num trote.

– Você sabe que ele pinta sem a tradicional preparação – disse del Monte. – Nada de esboços. Ele trabalha diretamente na tela a partir do natural. De modelos que pousam em seu estúdio.

– O momento é simplesmente captado – respondeu Scipione, movimentando os dedos como um ladrão que se preparasse para roubar uma carteira. *E Jesus, passando adiante dali, viu assentado na recebedoria um homem, chamado Mateus, e disse-lhe:*

Segue-me. E ele, levantando-se, o seguiu.

Del Monte observou o rosto de Scipione transformando-se a cada detalhe que notava na pintura, movendo-se da perplexidade para a compreensão e a admiração.

– Está vendo aqui? – perguntou Scipione tocando a manga de del Monte. – É como se, quando o Nosso Senhor ergue a mão, todos segurassem a respiração. É uma coisa realmente viva.

Os dois cardeais saíram de São Luís, com seus batedores afastando a multidão de romanos que passavam pela Piazza Navona e Santa Maria Rotonda, a igreja inserida no grande Panteão do imperador Adriano. Eles cruzaram a rua para chegar ao palácio de del Monte, cujo nome homenageava a filha ilegítima do imperador do Sacro Império Romano, a qual ficara conhecida como *Madama*. E subiram a ampla escadaria.

Scipione fez uma pausa na plataforma entre dois lances de escada para recuperar o fôlego.

– Tenho certeza de que este pintor não foi treinado na cidade de Caravaggio. Eu estive por lá. É um lugar atrasado que só serve para produzir a seda da minha roupa de baixo.

Del Monte acompanhou o passo da subida forçada do homem mais jovem. Por fim chegaram ao andar onde ele tinha seus apartamentos.

– Ele foi aprendiz de mestre Peterzano, lá em Milão.

– Milão... Agora estou entendendo. Em sua obra, pode-se detetar alguma coisa de outros grandes artistas dessa região. Estou pensando no uso que Savoldo faz do claro e do escuro. Mas, se quiser fazer carreira, um artista precisa vir a Roma.

Del Monte se inclinou. *O que você quer dizer é que eles precisam vir até você.*

– Não foram apenas os céus cinzentos do norte que levaram mestre Caravaggio a sair de Milão. Scipione abriu as mãos, num movimento de interrogação. – Foi alguma coisa relacionada a uma prostituta desfigurada e o ferimento provocado por seu amante ciumento, que, por acaso, também era policial – disse del Monte. O dar de ombros de Scipione indicava que essas circunstâncias não o surpreendiam ou perturbavam. – Quando ele veio morar neste palácio – disse del Monte, Caravaggio era apenas um chamariz milânês. De alguma forma, ainda é. Sua obra muda mais do que ele parece mudar em sua pessoa. Há alguma coisa doce e espiritualizada em suas entranhas, e é de lá que ele extrai sua arte.

– Quando chegou a Roma, ele veio diretamente para cá?

– Ele ficou algum tempo com um padre, que o manteve como um favor a seus patronos da família Colonna.

O olhar de Scipione ficou distante. Del Monte percebeu que o sobrinho-cardeal estava considerando o lugar de Caravaggio no cálculo de influência e domínio que um homem de sua posição conservava o tempo todo. Os Colonna se contavam entre as mais poderosas famílias romanas.

– Entendo – disse Scipione, e seus movimentos foram ficando mais lentos, como se ele precisasse de todas as suas funções para avaliar as vantagens políticas que poderia obter por meio do artista.

– Ele veio para mim há uma década ou um pouco mais – disse del Monte. – Eu lhe dei um quarto e um estúdio, bem como um lugar à mesa com os músicos e homens de ciência que viviam sob minha proteção.

– Sob sua proteção, a embaixada da Toscana ficou famosa como local de arte e razão por excelência. Caravaggio não tem nenhum outro protetor?

Del Monte mal conseguiu reprimir um sorriso. *Ele quer saber quem mais ele deve tirar do caminho para tomar posse de Caravaggio. Este homem está ainda com mais pressa do que eu esperava.*

– A família Mattei encomendou-lhe algumas obras.

A aritmética da proeminência e do prestígio praticada por Scipione parecia estender-se a seus traços faciais, como se ele desenhasse suas equações a fresco.

– O Cardeal Mattei não é... – disse ele girando o pulso para sugerir a questão, como se fosse indelicado falar dela.

– Um amante das artes. Mas seus irmãos são grandes admiradores de Caravaggio, e propensos a gastar dinheiro em prazeres que o honrado cardeal nega a si próprio. – Del Monte esperou que Scipione avaliasse as ligações que deveria consolidar com a doação de uma pintura ou a galeria que deveria atacar para sequestrar uma das obras de Caravaggio.

Vou deixar que ele descubra por si mesmo quantas outras ligações Caravaggio estabeleceram nos doze anos que passou aqui, pensou del Monte. Dentro em breve Scipione ficaria sabendo das encomendas da marquesa Giustiniani, do banqueiro Don Ottavio Costa, de monsenhor Barberini, que muitos acreditavam que um dia se tornaria papa. Quanto às obras na coleção da dama Olímpia Aldobrandini, ele achou melhor não mencioná-las. Ela era sobrinha do velho papa Clemente, cuja família Scipione estava empenhado em destituir de toda influência e riqueza agora que seu tio controlava o Vaticano.

– A despeito de toda a multidão de admiradores, mestre Caravaggio permanece sob minha proteção.

Scipione torceu o bigode, como se desprezasse o valor da segurança que del Monte oferecia ao artista.

– Aposto que ele vai precisar de sua intervenção quando for preso e atirado bêbado na Tor di Nona.

– Ele já apelou para a minha proteção em ocasiões como essa. Como você disse, esses artistas são do tipo difícil. Contudo, sua obra é incomparável.

Os dois chegaram ao topo da escadaria.

– Minha coleção fica aqui – disse del Monte. – Ela inclui sete telas de nosso mestre Michelângelo de Caravaggio. Por favor, Eminência, venha por aqui.

Ele conduziu Scipione a uma ampla galeria. As paredes estavam repletas de pinturas quase até o teto. As melhores ficavam no nível dos olhos, escondidas por cortinas verdes para protegê-las da luz do sol e da sujeira das moscas. Os cardeais cruzaram a sala. Del Monte puxou um cordão de brocado amarelo para afastar as cortinas.

Uma jovem empregada esfregava com cera de abelha as lajotas de terracota do palácio quando um homem de trinta e poucos anos surgiu no topo da escadaria. Ela se agachou, limpou a testa e prendeu uma mecha de cabelo castanho-avermelhado atrás da orelha. Sua expressão exibía um ressentimento e uma resignação que o homem conhecia bem, graças aos anos que passara nos palácios de ricos patrões, embora percebesse que ainda não se tratava do tipo que indicava amargura e prostração. Devido à sua pele cor de azeitona, as sobrancelhas de azeviche bem delineadas e o nariz anguloso, ele achou que ela fosse do sul, onde as pessoas desciam

dos primeiros colonizadores gregos da península itálica. A sujeira escurecia-lhe as mãos. Todas as unhas eram emolduradas por um negro halo de sujeira.

Uma estátua de Hércules escavada do fórum romano guardava o topo da escadaria. O homem atirou a ponta de sua curta capa negra sobre o ombro e se apoiou na figura de pedra. O ar habitual de seu rosto era hostil, enérgico e orgulhoso, de modo que, quando sorriu para ela, viu que a moça não tinha imaginado ser possível que esses traços se permitissem ficar em repouso ou expressar alegria. Seus dentes eram brancos sob o bigode e o cavanhaque de cor negra. Assumindo uma pose heroica junto ao ombro de Hércules, ele correu a mão pelo cabelo negro longo e ondulado, limpou a garganta e imitou o olhar nobre do deus pagão.

– Que tal estou? A moça riu. – Quem tem o porte melhor? Eu ou este sujeito? – perguntou ele, tocando no musculoso braço da estátua. – Ora, ele esteve enterrado durante 1500 anos. Com certeza a minha aparência não é tão ruim!

– Mas você *parece* um pouco abatido.

– É isso mesmo. Bem, eu fiquei até tarde na rua com o famoso arquiteto mestre Onório Longhi, minha cara, e foi muito divertido – disse ele, tocando a ponta do bigode com a língua e esfregando a pedra corroída da mão de Hércules. – Pobre sujeito, seus membros de mármore antigo não permitem que ele ande e acaricie a beldade que está diante de mim.

– Que pena!

Suas sobranceiras se estreitaram acima dos olhos de um castanho brilhante, iluminado por quentes tons carmesins, e caminhou em direção a ela.

– Mas eu não sou um herói no pedestal. Eu posso tocá-la.

Ele dobrou os joelhos ao chegar ao lado da jovem, sentiu-lhe o cheiro de cera nas mãos e do suor em seu rústico vestido de trabalho, que ela havia puxado para o lado para que também pudesse se ajoelhar. Ela o olhou sem a estúpida incompreensão de uma empregada comum ou a cumplicidade lasciva das prostitutas da Taverna do Mouro. Em seus olhos, viu uma beleza calma, tão tranquila que ele esqueceu por um instante a sedução em que havia embarcado e ficou pensando no que dizer em seguida.

Um laçao chegou ao corredor e limpou a garganta:

– Mestre Caravaggio, Sua Eminência o aguarda na galeria.

– Com prazer – respondeu o homem, recuperando seu ar brincalhão e piscando para a garota. – Com *prazer*.

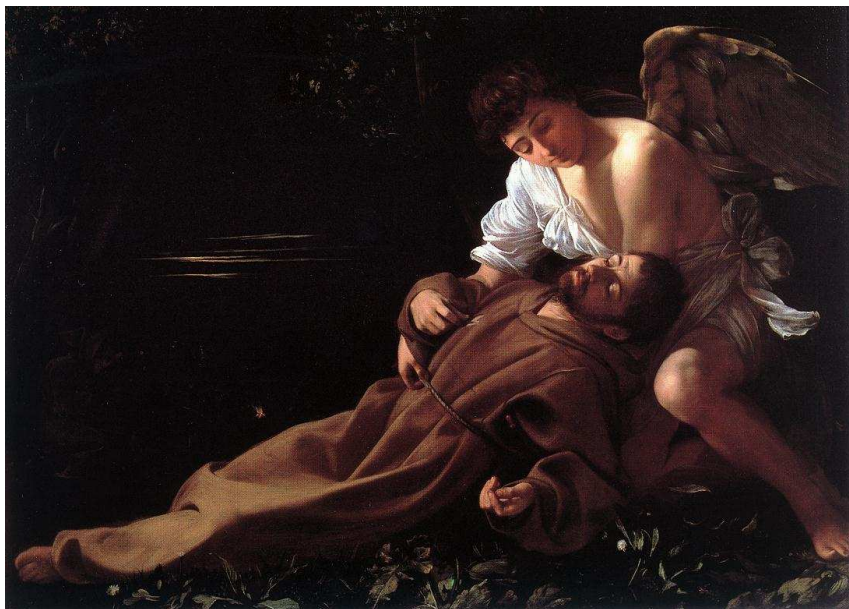
Ela tornou a mergulhar o pincel na cera de abelha. Ele lhe observou o rosto por mais um instante. Era um pouco largo demais, mas o queixo era fino, terminando de um modo muito delicado. Sem olhar para cima, ela sentiu que ele a observava e sorriu.

– Eu preciso trabalhar. Vá atender Sua Eminência.

Ele passou pelas lajotas, que brilhavam com o resultado do trabalho anterior da moça. Quando entrou nos aposentos do cardeal, tornou a voltar o olhar para ela. As solas de seus pés viravam-se para cima enquanto se inclinava para polir os azulejos. Estavam cobertas de tantas estrias de negro, marrom e cinzento que ele conseguiu sentir-lhes o gosto da sujeira na boca.

Desde as últimas encomendas a Caravaggio para a galeria do Palácio Madama, Del Monte havia ampliado sua coleção. Um espasmódico Francisco de Assis agora adornava a parede ao lado de uma versão do mesmo santo por Caravaggio. Do outro lado da sala, um rosto desconhecido

voltava-se para ele, um cardeal, espalmando a mão na expectativa de um beijo subserviente. Mas o São Francisco atraiu o olhar de Caravaggio para a nova obra. A cabeça do santo pendia para trás, os olhos revirados no crânio. Ele parecia estar mais em meio ao ataque da doença consumidora que, no êxtase, deveria estar experimentando. Um rotundo querubim apontava para uma coroa de espinhos, embora a forma como ele esperava que o santo olhasse para ele em seu presente estado estivesse além da compreensão de Caravaggio. Era o tipo de gesto sem sentido que odiava ver numa tela. O fato de ela estar ao lado de seu São Francisco deixou o estarrecido. O *seu* santo não respirava, com o flanco marcado pelo estigma, confortado por um anjo que compartilhava com Francisco o êxtase do amor divino.



São Francisco em êxtase

— Você notou minha nova aquisição do estúdio de mestre Baglione — disse del Monte. — É excepcional, não é mesmo?

Caravaggio emitiu um riso baixo e desdenhoso. *Eu devia saber que isto só podia ser coisa daquele tolo do Baglione*, pensou ele. Era difícil dizer quais os artistas romanos que produziam imitações de sua arte, pois muitos deles insistiam em roubar-lhe o estilo. Nenhum deles sabia o que estava por trás de seu uso da luz e da sombra, de seu trabalho com espelhos e lentes, de sua escolha de modelos entre pessoas pobres que conhecia. Para outros pintores, isso tudo era apenas um conjunto de truques para obter uma decoração bonita. Homens como Baglione não conseguiam perceber que a arte de Caravaggio era profunda: ele tomava as coisas que todos já tinham visto inúmeras vezes — arruaceiros de tavernas e belos rapazes que se prostituíam, os santos martirizados e até o Senhor Jesus — e fazia com que as pessoas os vissem como se fosse pela primeira vez.

— Ele captou alguma coisa de seu estilo, mestre Caravaggio — disse o novo cardeal.

Não diga isso, cazzo mio, disse Caravaggio para si mesmo. *Não diga. E o que você entende disso? Se Del Monte está se preocupando em apresentá-lo, deve se tratar de alguém importante.*

– Meu estilo?

– Isso mesmo. – Os olhos do cardeal brilharam em seu rosto longo e suave. –

A luz incidindo sobre os traços mais reveladores do tema. O foco próximo e intenso. A ausência de um fundo. Esse é o recurso mais recorrente, não é mesmo? É sobre ele que você construiu sua fama.

Minhas ideias conspurcadas, transformadas num clichê para o julgamento rápido de um homem que se pretende um conhecedor. Caravaggio fechou os olhos.

Del Monte bateu palmas.

– Então, o que você acha do meu novo São Francisco? – Caravaggio murmurou alguma coisa discretamente, em resposta. – Como é? – perguntou del Monte.

Caravaggio estendeu o braço com desprezo em direção ao quadro.

– Acho que ele precisa ir para a cama com alguém.

Del Monte cobriu o sorriso com a mão.

O outro cardeal coçou a asa do nariz com o dedo.

– Eu também já ouvi falar que mestre Baglione é virgem e não se entrega aos prazeres da carne. – E desceu a mão em direção a seus trajes de veludo vermelho de cardeal. – Você tem alguma coisa contra a vida dedicada ao celibato?

Caravaggio tinha visto transeuntes pintados saírem machucados e cambaleantes de becos infestados de bandos de soldados espanhóis bêbados; no entanto, eles pareciam mais celibatários que esse cardeal.

– A vida de renúncia é boa para o homem que veste um hábito. Mas para um artista? Como alguém que nunca tocou uma pele consegue pintá-la?

– Você pintou a pele de Nosso Senhor, como pude ver na Igreja de São Luís. Você já tocou nela? Ou vai-me dizer que a experimentou sob a forma da Santa Comunhão?

– Pele é pele. Seja a que serve de saco para os meus ossos ou os de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ou mesmo os de Vossa Eminência.

O cardeal ficou observando-o tempo suficiente para perceber que Caravaggio, que não estava nem embaraçado nem desconcertado, não baixaria o olhar.

– Um herético. Agora estou entendendo por que você se dá tão bem com este homem, del Monte.

O antigo patrono de Caravaggio forçou um sorriso e inclinou a cabeça.

– Mestre Caravaggio, sua presença foi aqui solicitada pelo cardeal Borghese.

O sobrinho do novo papa, o homem que agora comanda o Vaticano. Caravaggio tocou a artéria do pescoço, sentindo a carga de adrenalina sob a ponta do dedo, excitado pela perspectiva de impressionar o mais poderoso amante das artes de Roma e tremendo ao pensamento de como chegara tão próximo do ponto de insultá-lo.

E dobrou um joelho. Com a cabeça abaixada, tomou a mão macia que Scipion tirou da sotaina. Tocou-a com os lábios. Sentiu o cheiro das luvas de pele de bezerro e do âmbar gris usado para perfumá-la. E repetiu as obséquias diante de del Monte.

– O divino Michelângelo costumava afirmar, com respeito a uma obra de arte medíocre, que ela não agredia ninguém – disse Scipione. – Não podemos afirmar a mesma coisa quanto ao *São Francisco* de mestre Baglione?

– Ele agride a *mim*.

– A formulação de Michelângelo foi uma maneira de evitar a ofensa. Diante de uma *excelente* obra de arte, ele costumava dizer que havia sido pintada por um grande salafrário ou um grande malandro – respondeu Scipione puxando o cordão dourado que descortinava *Os músicos*, de Caravaggio. Ele se aproximou, contendo o tafetá verde esvoaçante com a palma da mão. – Qual deles é você, mestre?



Os Músicos

Caravaggio não via a tela havia meses. Quatro rapazes, usando folgadas camisas brancas ou envoltos em lençóis, exibiam os ombros e os peitos glabros nus. Del Monte havia encomendado várias obras como esta. Os jovens artistas e músicos que viviam no Palácio Madama chamavam-no de cardeal Madama, devido à sua discreta preferência por rapazes pálidos e dóceis. Na frente da composição estava o belo Pedro, cantor castrado e amigo mais íntimo de Caravaggio quando este chegou ao palácio de del Monte, e que agora tinha voltado para a Espanha.

Acima do ombro do cantor, um autorretrato. O pintor não conseguia olhar para ele. Ele havia pintado a si próprio com uma aparência muito inocente e franca, os lábios semicerrados num lamento terno e sensual. Não conseguia pensar num só dia em que se poderia realmente ter visto esse candor e esse frescor em seu rosto. *Talvez uma vez*, pensou ele. *Com Costanza e Fabrizio. A Colonna. Em seu palácio, em minha cidade natal. Antes de me expulsarem.*

– Um salafrário ou um malandro? – Ele baixou os olhos para os polegares pousados no cinto. – Depende da noite e da idade da garota.

– Ou do garoto? – perguntou Scipione, tocando com as juntas dos dedos os traços esmaecidos de Pedro, que afinava um alaúde no centro de *Os músicos*, como se estivesse acariciando o ventre de um amante. – Você não concorda, del Monte?

O cardeal mais velho retraiu-se.

Bem, bem, Scipione conhece o cardeal Madama e seu pecadinho, pensou Caravaggio. Pela maneira com que ele contrai os lábios, eu diria que compartilha a mesma predileção. Aqui está o homem que comanda a Inquisição fazendo piadas sobre rapazes efeminados, quando, há apenas uma semana, um padeiro foi queimado pelo Santo Ofício no Campo de Fiori por sodomizar um garoto de rua.

– Mas este é o meu favorito, mestre Caravaggio. Seus olhos chegam a me seguir através da cortina. – Scipione correu o pano que cobria *Santa Catarina de Alexandria*. – O rosto é inevitável. Bravo, bravo.



Santa Catarina de Alexandria

A santa se apoiava na roda dentada que havia sido o instrumento de sua tortura e acariciava a espada que lhe provocara a morte e o martírio. Ajoelhada numa almofada vermelha, estava envolta por um vestido ondulado de seda negra e de bordado intrincado. O cabelo era de um loiro avermelhado e dividido em duas tranças, uma de cada lado da cabeça. Ela parecia encarar diretamente o espectador. *Fillide*. Caravaggio sorriu para si mesmo. *Ela segura aquele espadim como se fosse o membro rígido de um cliente que paga bem.*

– Desde que a vi, mal consigo pensar em outra coisa. Seu olhar é hipnótico.

Mas por que ela não olha para o céu como fazem os santos no momento do martírio? – A voz de Scipione ficou incisiva, e Caravaggio percebeu que, a despeito de seu ar de volubilidade, era preciso se dirigir ao cardeal com cuidado.

– Ela olha para o senhor, porque eu desejei mostrar que sua relação com a santa é mais importante que sua ligação com o céu – respondeu Caravaggio. – Seu martírio não é um sofrimento distante diante do qual sentimos apenas admiração. Quero que o senhor sinta a angústia dela como se fosse sua.

– Minha?

– Com certeza, até um cardeal...?

– Oh, você tem toda a razão; as aflições são muitas. Reuniões e papelada, pedido disto e daquilo, construtores que não cumprem o prazo estabelecido para o meu palácio. Criminosos que desejam ser perdoados e defensores deste ou daquele bufão sagrado que deve, de toda forma, ser santificado para garantir a fé do povo em alguma cidadezinha bávara enregelada. – Scipione compartilhou um olhar resignado com del Monte. – Mas é apenas sua técnica soberba que me torna o rosto da santa tão atraente, mestre? Eu sinto que existe mais alguma coisa. Talvez eu conheça a dama.

– Ela? A modelo?

Sem que Scipione visse, del Monte ergueu a mão num sinal de advertência.

– Isso mesmo. Ela – disse o sobrinho-cardeal.

– Duvido muito, Vossa Eminência.

– Duvida? Por quê?

– Ela é uma prostituta.

Del Monte baixou a mão e deu um suspiro.

– Vossa Eminência nunca sentiria prazer com uma mulher – observou Caravaggio fazendo finta. – Quero dizer, uma mulher como esta.

Scipione desviou o olhar de Santa Catarina e voltou-se para Caravaggio. Seus traços sibaritas se endureceram, e Caravaggio divisou algo de vingativo e inexorável nos pequenos olhos lacrimejantes.

Cuidado, romanos, pensou ele. Este homem tem apenas o tempo em que seu tio ficar vivo para taxá-los e roubá-los. E não vai perder tempo para fazer isso.

O cardeal examinou o pintor, concentrando-se em cada um dos pequenos rasgos e remendos surrados da jaqueta de veludo negro de Caravaggio. O desprezo queimou através do material desgastado até chegar à pele do artista.

Caravaggio coçou a parte posterior do pescoço. *Seja gentil, Michele. Pelo menos tente com mais força.* Ele pensou em mencionar que Fillide não era nenhuma prostituta barata de rua, embora, sem dúvida, pudesse ser uma companhia barata demais para Scipione. O ilustre cardeal precisaria de um músico e cantor mais completo, rapaz ou moça, que pudesse improvisar uma rima quando não o estivesse servindo. Nos seis anos depois que a pintara como Santa Catarina, Fillide havia-se deitado com metade dos padres e membros da pequena nobreza de Roma, mas não havia acrescentado nenhuma habilidade a seu repertório, além daquelas de natureza puramente carnal.

– Eu gosto desta obra, mestre Caravaggio – disse Scipione numa voz tranquila e incisiva.
– Mas não gosto da moldura negra. Eu a mudaria. Gosto de molduras douradas.

Caravaggio estava a ponto de dizer que seria melhor Scipione primeiro encomendar uma pintura para colocar na moldura, mas ficou quieto. *Silêncio, Michele.*

– Sim, uma moldura dourada ficaria melhor – disse Scipione.
– Vossa Eminência acha mesmo? Novamente os olhos implacáveis.
– Foi o que eu disse. Então, você deve pressupor que também é o que eu acho. Embora eu não possa dizer que você tenha a mesma *certeza*.

Essa era a armadilha armada pelos poderosos para todos que os cercavam, particularmente os artistas. Uma palavra sem diplomacia dita por um cortesão podia ser rapidamente corrigida, mas uma pintura anormal pendurada numa igreja ou na parede de um palácio era testemunho inegável do erro e do vício do artista. Os pintores remodelavam a obra de Rafael e de Michelângelo porque esses mestres já falecidos os protegiam contra a acusação de pensamento inovador e perigoso. Mas Caravaggio pintava segundo seu coração, sua leitura das Escrituras, sua esperança de salvação, e pintava o que via no mundo, e não o que Leonardo tinha visto um século antes. Por vezes, ele decidia ser cuidadoso e comparava suas composições com as orientações para os pintores quanto aos temas religiosos estabelecidos pelo Concílio de Trento. Mas agora Scipione decidia se uma obra era ortodoxa ou ímpia, se devia ser louvada ou condenada. Se pintasse uma tela que não estivesse de acordo com a ideia de ordem do mundo por parte do sobrinho-cardeal, o artista podia perder mais que a encomenda. E ganhar a fogueira.

Del Monte agarrou o cotovelo de Scipione e colocou a mão insistente no ombro de Caravaggio. Ele conduziu os dois homens até a janela alta que dava para a fachada simples da Igreja de São Luís.

– Sua Eminência, o sobrinho-cardeal, ficou muito impressionado com *A vocação de São Mateus* quando eu lhe mostrei o quadro esta tarde.

Aguilhado por uma pressão da mão de del Monte, Caravaggio fez uma grande medida, abaixando bastante a cabeça acima da perna estendida.

Seu joelho apareceu através da meia. *De onde veio esse rasgo?*, pensou ele. Veio-lhe à mente a lembrança confusa de uma queda na rua na noite anterior. *Na quadra de tênis, perto da Piazza Navona. Alguém me deu um empurrão. Uma aposta perdida que eu não quis pagar; é isso mesmo. A quem eu devo dinheiro? Os jogadores das quadras não são dados a perdoar dívidas.* Ele engoliu em seco, sentindo um enjoo agourento na boca do estômago.

Scipione estava falando do *São Mateus*. Nada que Caravaggio não tivesse ouvido antes nos cinco anos desde que pintara a obra. A sensação provocada pelo estilo que usara no *Mateus* ainda não passara.

Ele tivera de aturar muitas considerações de conhecedores sobre a originalidade com que envolvera Nosso Senhor na escuridão de um porão e, assim, iluminá-lo de maneira mais resplandecente que o dispendioso azul ultramarino que a paleta de um pintor convencional teria empregado. E também sofrera muitas imprecações e o desprezo pretensioso.

Mas ninguém conseguiu ver a obra como Caravaggio. Todos achavam que a luz caía sobre a figura de barba grisalha à mesa, e que esta era Mateus, o coletor de impostos, virando o dedo em sua própria direção, como se perguntando se o Cristo o estava chamando.

Mas esse era o homem errado. O dedo apontava para além do homem barbado, dirigindo-se a um jovem com a cabeça abaixada sobre o tampo da mesa. Ele agitava suas moedas, taciturno e insatisfeito com sua carreira. Muitos dos que viam a pintura entendiam esse jovem como símbolo da vida miserável que Mateus estava prestes a deixar para trás. Mas todas as outras figuras da tela estavam contentes por não haver mais nada em seu mundo que um melancólico escritório de contabilidade. Aquele jovem desesperado na extremidade da mesa via o mundo através de um véu de irrealização. Era ele que estava esperando para ser chamado.

Caravaggio havia pintado o santo um instante antes de ele erguer a cabeça para ver a treva dissipando-se. *Foi o que aconteceu comigo*, pensou ele. Pinturas como essa eram a mão que Cristo estendia para sua arte, chamando-o para sua vocação. Ele ainda seguia, imaginando aonde o conduziria. Da mesma forma como Mateus não foi salvo quando Cristo o chamou. O santo teve de esperar durante anos, trabalhando com afincos em sua fé, mantendo a luz à vista.

Até o momento do martírio.

— A escuridão, mestre Caravaggio. Sim, a escuridão. — Sentiu Scipione perto dele, o hálito do cardeal em seu rosto. Era um hálito suave, como o de uma mulher. —

Estamos acostumados com cenas bíblicas com uma deliciosa paisagem toscana ao fundo — prosseguiu Scipione. — Contudo, quando vi seu *Mateus* fechado em um porão, não consegui escapar à intensidade espiritual do momento. Meus olhos não puderam se afastar dele para o cenário que o acompanhava.

Caravaggio inclinou a cabeça em sinal de agradecimento. O rasgo na calça tornou a chamá-lo a atenção. *A quem devo isto?*

— Pode-se encontrar intensidade espiritual em qualquer tema? — perguntou Scipione.

— Depende de nosso espírito, Eminência.

— Certo. Bem, tenho certeza de que você descobrirá o que estiver por ser descoberto no rosto dele.

A quem devo isto? Caravaggio olhou para Scipione.

- No rosto dele? Não entendi, Eminência.

- Estou-lhe encomendando alguma coisa para preencher a bela moldura dourada que, como notei, o fez franzir o cenho à sua simples menção.

O rosto *dele*?

- Um retrato? – Caravaggio ergueu os olhos para a cabeça de seu interlocutor como se quisesse captar os traços do cardeal.

Scipione desviou o rosto.

- Eu não, mestre Caravaggio. Como meu tio foi eleito para usar o Anel do Pescador e me convocou a Roma, tenho muitos outros assuntos com que me ocupar.

- Naturalmente.

- A intenção é registrar os traços do Santo Padre no momento de sua elevação.

- O senhor quer que eu pinte...

- Faça isso no Palácio do Quirinal. Pode trazer seus materiais quando desejar, mas deve começar as seções domingo à tarde.

Caravaggio ficou de joelhos e tomou a mão de Scipione. Com o rosto contra os dedos do homem, dirigiu um olhar interrogativo para del Monte. Seu antigo patrão apertou os lábios. Ele devia saber o quanto isso significava. Depois dos anos em que Caravaggio fora mantido afastado de encomendas papais em favor de artistas mais convencionais, agora ele chegava ao pico de seu prestígio e da recompensa financeira. Ele havia impressionado o principal conhecedor da nova administração do Vaticano. Pintaria Camillo Borghese, o papa Paulo V, e isso seria o sinal, para todas as igrejas e os cardeais, para todas as instituições de caridade e para os nobres, de que Caravaggio era o maior de todos os artistas do mundo cristão.

No corredor, o pincel de cera da empregada era esfregado contra a terracota.

Caravaggio avançou pelo Corso em meio a uma multidão de empregadas e de cavalheiros que faziam seu passeio de início de noite. A excitação do encontro com o sobrinho-cardeal ainda ressoava nele. Ia ficar cara a cara com o papa. Seu trabalho deveria expressar a verdade? Será que seria tentado a disfarçar alguma imperfeição, a transformar um olhar sôfrego e avaro em benigno e beatífico? Afastou-se para dar passagem a uma carruagem que passou rangendo perto de seus pés e tropeçou num porco que chafurdava na sarjeta.

O trabalho desviaria sua atenção do sucesso e seu possível poder de corrupção. Ele prosseguiu até a Taverna do Mouro para contratar um modelo. Precisava de uma irmã para a Madalena que havia pintado em seu estúdio. As prostitutas deviam estar se fortalecendo com vinho antes das tarefas carnavais da noite. Ele encontraria o rosto da santa entre elas.

Uma única lâmpada pendia de uma viga no bar da taverna. Rostos mal barbeados, hostis e silenciosos tremeluziam no escuro. Em cada mesa, mãos se ocultavam sob o tampo, prontas a empunhar armas, com todos medindo o recém-chegado da cabeça aos pés. Próximo à porta, um homem roncava com a cabeça junto a uma garrafa de vinho, o cabelo embranquecido por um dia passado na oficina de algum canteiro.

– Tudo bem, *Signor*?

– Menica está, Pietro?

O garçom pousou o prato. Um homem de chapéu de aba larga estendeu a mão pesada e suja para pegar as alcachofras, puxando as folhas e molhando-as no azeite de oliva no prato, envolvendo-o com o braço, como se alguém quisesse tirá-lo dele.

– Menica? Com tesão tão cedo, *Signor*? – perguntou o garçom. – O senhor não gostaria de jantar primeiro? Temos uma boa ricota e uma carne cozida. Elas vão deixá-lo em forma para o seu desempenho noturno.

O comedor de alcachofra deixou escapar um risinho de escárnio. Satisfeito consigo mesmo, o garçom penetrou sorrindo na escuridão em que o homem se sentava.

Caravaggio se pôs a seu lado.

Pietro encontrou seu olhar e a afetação se foi.

– Eu estava só brincando, *Signor*. Eu o conheço bem e não o desrespeitaria.

A porta se abriu. Em seguida, fechou-se com um estrondo, bem próximo da mesa onde o pedreiro dormia. Ele ergueu a cabeça assustado, fazendo com que a poeira de seu escalpo formasse uma fina nuvem branca. Dois homens entraram, um apoiado no outro, como se já estivessem bastante bêbados. O mais alto usava um gibão negro com mangas listradas de escarlate e turquesa. Carregava uma garrafa de barro e a oferecia ao companheiro.

– Michele, por onde você andou, *cazzo*?

Onório Longhi passou o braço ao redor do pescoço de Caravaggio. Ele era pálido e sardento, com uma tira de barba de cor loiro-avermelhada no centro do queixo. O cabelo caía-lhe pela testa, sobre órbitas sombreadas. Até quando ele estava alegre, o olhar de Onório era uma ameaça, como um beco escuro à noite, um espaço silencioso pelo qual um estranho anda às apalpadelas, expectante e temeroso. E ele sabia disso, sentindo prazer pela ansiedade que provocava.

Onório puxou Caravaggio para perto dele e o beijou no topo da cabeça.

– Mário venceu aquela besta do Ranuccio na quadra de tênis. Não foi mesmo, mestre Minniti, meu siciliano safado?

O homem que estava sob o outro braço de Onório, rindo, abraçou Caravaggio. Pequeno e delgado, ele conservava o ar triunfante e o lábio oblíquo de seis anos antes, quando o pintor o retratara como o cliente ingênuo de uma adivinha. Usava o mesmo gibão de veludo cor de mostarda com que posara, embora agora estivesse com remendos nos cotovelos, manchado de tinta a óleo e molho de vinho. Caravaggio passou a mão pelo cabelo negro de Mário.

– Eu fiz o Ranuccio correr como um porco engraxado com as tripas cheias de feijões – disse Mário.

Ah, Ranuccio. Então ele se lembrou. O dinheiro que havia perdido no tênis no dia anterior. *Um homem difícil a quem ficar devendo.*

O garçom voltou para o escuro. Caravaggio sabia que essa noite não conseguiria trabalhar, agora que havia encontrado Onório. Chamou o garçom:

– Pietro, traga-me essa ricota.

Foram para a mesa perto da cozinha. Caravaggio queria se sentar no banco contra a parede, mas Onório correu para ele com os olhos na porta, cuidadoso apesar da embriaguez. Caravaggio sentou-se num banquinho quase inteiramente na sombra.

– Eu estava procurando a Menica – disse ele.

– Acabei de vê-la – comentou Mário.

– Com o Gaspare, o pequeno poeta. Seu maior fã.

– Meus novos admiradores fazem o Gaspare parecer um peixinho.

– Estou sentindo o cheiro de uma encomenda?

O garçom colocou o prato de ricota sobre a mesa com uma fatia de pão preto. Onório desembrolhou o queijo da palha oleosa em que ele havia maturado. Depois de cheirá-lo, pediu vinho e partiu o pão.

- Sim, uma encomenda. Mas meu novo admirador também está inclinado a roubar minhas *antigas* obras de seus atuais proprietários – disse Caravaggio.

- Em nome de Jesus, você conheceu o próprio Santo Padre?
Caravaggio sorriu.

- Quase isso. O sobrinho-cardeal.

Onório cortou o pão, dando um pedaço a Mário e outro a Caravaggio.

- Cuidado, Michele. Esse homem é perigoso. E, o que é pior, ele também é um amante das artes. – Mário deu uma risada. O vinho entrou-lhe pelo nariz e o afogou. Onório bateu-lhe nas costas. Mário assoou o nariz no chão e pegou o pão. – Estou falando sério – continuou Onório. – O cardeal Borghese já disse ao Cavaliere D'Arpino que ele deve uma ridícula quantia de impostos atrasados. Foi só para ele entregar sua coleção de arte como pagamento. Puro roubo.

- Ainda bem que eu não tenho nada.

- Pietro, traga uma vela, pelo amor de Deus. Não consigo nem tirar os gorgulhos do pão! – Onório cuspiu no canto. – Você *tem* uma coisa que pode-lhe ser roubada.

- Meu gênio? Minha liberdade? Não seja tão dramático!

- Sua vida, Michele. Ele a prende naquele seu punhozinho de burocrata. Aqueles dedos bem torneados vão se estender para agarrar uma coisa que querem e, quando o fizerem, você pode deslizar por entre eles e espatifar-se em pedaços no chão.

- Eu mesmo posso arruinar minha vida. Não preciso de nenhuma ajuda papal.

- Foi por isso que você ontem insultou Ranuccio?

- Eu fiz isso?

O garçom trouxe uma vela e outra jarra de Chianti.

- Você teve um de seus apagões? – perguntou Onório. – Sim, você perdeu alguns pontos no tênis. O que não é de admirar, pois estava tão bêbado que mal conseguia ficar em pé. Então, disse a Ranuccio que, se ele queria o dinheiro que havia ganhado, teria de procurá-lo dentro de seu..

- Eu disse isso? – perguntou Caravaggio rindo.

- Procurar o dinheiro bem lá dentro, você disse. Venha buscá-lo. Você até tentou se inclinar para lhe mostrar o rabo, mas caiu e rasgou a roupa. Eu tive de carregá-lo de lá.

Mário engoliu um pedaço de queijo mole.

- E eu tive que segurar Ranuccio, ou ele teria matado você.

- Você? – perguntou Caravaggio dando um tapinha no ombro de Mário. – Ele é duas vezes o seu tamanho.

- Eu sou siciliano. E bato abaixo do cinto. Quanto mais alto ele for, mais fácil para eu aplicar-lhe o golpe fatal.

- Corte fora a droga do *cazzo* dele e o jogue para os porcos comerem de almoço, meu sulista quebrador de pescoços! – disse Onório.

Todos brindaram à lâmina mortífera de Mário. Este enxugou os dedos molhados e ergueu o copo.

- *Cen'anni*. Cem anos de saúde – disse ele. – O *cazzo* do Ranuccio para os porcos!

Uma mulher que entrou na taverna estava sem véu. Era pequena e bonita, usando um vestido caro, mas rasgado no ombro, e seu olhar era enfezado e desvairado.

– Melhor ainda, jogue o *cazzo* dele para ela – disse Onório acenando para a mulher. Esta passou entre as mesas, ignorando os homens que, saindo das sombras, apalpavam-lhe os seios.

– Você o viu? – perguntou ela.

– Parece que você está procurando o seu cafetão – disse Onório. – Nós deixamos o *Signor* Ranuccio na quadra de tênis francesa não faz muito tempo. Mas acho que ele foi para outro lugar.

– Para onde? Eu preciso encontrá-lo.

Onório puxou-a para a cadeira ao lado dele.

– Prudenza, ele provavelmente está com alguma vadia. Fique aqui conosco.

Caravaggio tentou tocar o cabelo da moça. Um fio estava grudado em seu rosto. Ao puxá-lo, o fio ficou preso um instante no canto da boca. Ela se encolheu e ergueu a mão até o local. Seu pulso estava envolto por uma tira de pano encharcada. Caravaggio segurou o cabelo dela contra a luz da vela. Uma substância seca e quebradiça formava uma crosta sobre ele, com o mesmo padrão terroso dos pigmentos ocres e cor de ferrugem enraizados na palma da mão do pintor. – Você está sangrando, menina – disse ele.

– Fillide veio para cima de mim com uma faca. – O cabelo de Prudenza soltou-se da fita que lhe corria de orelha a orelha. As madeixas tombaram em arabescos longos e ruivos por entre as migalhas de pão.

Onório sacudiu os ombros.

– Teve sorte de sair com vida, se aquela cadela estava mesmo a fim de matar você.

– Eu *soo* uma garota de sorte. – A respiração da moça estava ofegante, como se ela ainda estivesse sob ameaça. – Ela partiu para cima de mim com uma faca, e eu tentei-me defender, mas Fillide me cortou bem aqui no pulso.

– Alguém estava com você quando ela a atacou? – Caravaggio ergueu o cabelo ensanguentado, tentando acomodá-lo na fita.

– Eu estava em casa. Ela entrou de repente e me atacou. Cortou-me o canto da boca e, quando viu que eu estava sangrando, me xingou e saiu correndo.

Ele notou que ela havia respondido a uma pergunta diferente. Então pousou o copo de vinho na mesa.

– Por que você está procurando Ranuccio?

– Eu preciso de proteção.

A garota tinha dezessete anos e viera da Toscana havia apenas alguns meses. Todos os homens se entreolharam em silêncio. Eles estavam em Roma tempo suficiente para saber que uma prostituta precisava de mais juízo que isso para sobreviver.

– Acho que você não... – começou Caravaggio em voz baixa.

– Ranuccio vai tomar conta de mim. Ele me ama.

Os homens tornaram a se entreolhar. Era como se um inquisidor tivesse proferido uma sentença contra a moça. Quando uma prostituta acreditava que era amada por seu cafetão, estava

tão perdida quanto um herege com a língua grampeada e em cima de uma carroça. Os dois estavam a caminho da fogueira.

– Eu vou falar com Fillide, querida. – Caravaggio sabia que era melhor não perguntar o que havia acontecido entre as duas mulheres. O nome de Ranuccio já lhe fornecia toda a explicação de que precisava. O homem era cafetão e fornicador. Alguma coisa na moça o perturbava. A princípio, achou que fosse sua fatal ingenuidade. Colocou a vela diante do rosto da garota. *Não*, disse ele a si mesmo. *É porque ela quer amor, e, ao contrário de outras prostitutas, não vê nenhum impedimento em recebê-lo.*

Prudenza franziu o nariz.

– O que é que você está pretendendo com essa vela?

– Você quer vir para a minha casa?

– Eu preciso encontrar Ranuccio.

– Agora não. Amanhã. O arfar do peito da jovem diminuiu. *Ela vai ser modelo profissional.* – Eu preciso de um modelo – disse ele. – Vou pintar você.

Um pensamento surgiu no olhar da moça, e ela sorriu com triunfo.

– Você é *ele*, não é mesmo? O que pintou Fillide. Onório, por que você não contou que este era o famoso pintor?

– Você disse “infame”? Tem toda a razão, *puttarella* – disse Onório, levantando-se pronto para sair e dando um leve beliscão no rosto da moça.

– Eu moro no beco de San Bagio, atrás do Palácio de Florença. Pergunte por Michele, que é inquilino da *Signora* Bruni. – Caravaggio pôs algumas moedas na mesa para o garçom. Então abriu a mão de Prudenza e esfregou-lhe a palma com o polegar.

Eis aqui uma moça que a maioria das pessoas classificaria como indigna de ser amada, pensou ele. *Tanto quanto eu.* Aos que escolhiam trilhar os baixios da vida eram negadas as aspirações mais elevadas. Mas Prudenza ousava esperar pelo amor, como se a prostituição não lhe tivesse roubado a inocência. Ela ainda era pura, sem saber como. *E você, Michele? Ainda consegue localizar uma fração de sua antiga pureza?* Com um choque que o fez franzir o cenho, ficou imaginando se seria capaz de reconhecê-la se com ela topasse. E fechou os dedos da moça em torno de uma pequena moeda de ouro. – Não mostre esta moeda ao Ranuccio.

MARTA E MARIA MADALENA

Três prostitutas magricelas rebojavam as cadeiras na esquina do Corso. Seus chamados grosseiros prosseguiram até a luz do lampião do poste revelar a presença de Onório. Reconhecendo nele um cliente indesejado, uma das prostitutas dobrou as costas, sugerindo-lhe que lhe beijasse o traseiro.

- Eu vou é lhe dar uma mordida, sua putinha safada – disse ele com certo humor, arrefecendo a impudência da moça. Os traços de Onório eram os de um morto, como uma pintura em que o artista tivesse-se esquecido de pincelar um ponto de luz no globo ocular.

Mário pegou a prostituta pelo cotovelo. Ela avançou as pontas dos dedos na direção de Onório. Mário apertou-lhe o flanco e a levou rindo para o beco.

Onório ergueu a cabeça, girou-a e espirrou. Em seguida, limpou um pouco de muco que havia caído no ombro de Caravaggio.

– Não tem importância. Você já tem as mesmas doenças que eu. – E o pintor fez um gesto na direção de Mário e da prostituta. – Espero que eu não tenha nenhuma das doenças dela.

– Vocês vão ter. E logo – disse Onório limpando o nariz no punho da manga.

– Mário e eu? Desde que ele casou, não teve nada.

– Ele tem duas mulheres. Uma anula a outra, o que o torna solteiro e disponível.

– Espero que não seja esse tipo de matemática que você usa quando projeta seus edifícios.

– Não se preocupe. Minha função é tornar as fachadas atraentes. Eu confio nos pedreiros para impedir que elas desmoronem.

Na frente do Corso, o Arco de Portugal reluzia à luz das tochas. Ele assinalava o limite sul do Jardim do Mal, onde as prostitutas viviam por ordem do papa e para onde os artistas afluíam para estar entre gente da mesma baixeza que eles. Caravaggio se deteve entre os pilares do arco. Sentiu que uma força o impedia de cruzar aquele limite, como se ele fosse indigno de caminhar entre as classes decentes, longe das prostitutas, dos cafetões e dos donos de cortiços. Quem o visse fora dos limites do Jardim do Mal se afastaria dele como se um animal selvagem tivesse descido as colinas.

– O que você vai fazer com relação a Ranuccio? – perguntou Onório num tom maroto, mas de forma que apenas seu amigo pudesse ouvir.

O dinheiro. A aposta. Uma nesga de lembrança disse a Caravaggio que Ranuccio havia trapaceado. Ou será que ele teria criado essa memória, moldando-a a partir de sua raiva?

– Foi uma jogada ruim. A bola estava dentro. Ele não me venceu. O jogo não valeu. Não vou dar um único *baiocchi* para aquele safado – respondeu Caravaggio com a adrenalina pulsando, a familiar sensação de abandono, sempre acompanhada de uma convicção absoluta de que ele tinha razão, por mais que sua cólera chocasse quem estivesse à sua volta.

Onório segurou a mão de Caravaggio.

– A família de Ranuccio é muito chegada ao papa, Michele. – A pulsação damão de Caravaggio sob o polegar de Onório era sincopada e desigual. Nada nele era regular ou natural. – Os irmãos dele lutaram no exército papal. O pai foi chefe da guarda do Castel Sant'Angelo. Você

está-me ouvindo? A própria fortaleza do papa. Eles mantêm a ordem para o Santo Padre neste bairro.

– E estão fazendo um grande trabalho, não é mesmo? Você pode andar pelas ruas sem que um assassino o ataque.

– O papa não está preocupado com o crime. Ele se preocupa é com as rebeliões contra o governo. A família Tomassoni trata desses problemas. E daí que o Ranuccio pose de durão? Quem se importa se ele retalha suas prostitutas? Quando o papa quiser uma espada para lutar por ele, Ranuccio vai erguer a lâmina e dizer: “Salve, Santo Padre, os que vão apunhalar alguém pelas costas o saúdam”. Se os Tomassoni comandam este bairro como um bando de criminosos, isso não é problema do Vaticano – disse Onório chegando-se mais perto. – Mas se você não quer ficar do lado de Ranuccio, isso é problema *seu*.

Caravaggio retirou a mão.

– Eu sei lidar com ele.

– O problema não é só *ele*. São seus irmãos, o pai e todos os do bairro que trabalham para eles ou que já lhes pediram para levar um inimigo para um beco escuro e ali abandoná-lo com as tripas descendo até os tornozelos. – Caravaggio deu um longo suspiro. – As pessoas dizem que eu *sou* louco, Michele, e devo admitir que às vezes as coisas me escapam ao controle, e você sabe o que quero dizer com isso. – Onório deulhe uma olhada de soslaio. – Mas você está assumindo um grande risco. Você é meu amigo. Não posso deixá-lo fazer isso.

– Mas esteja comigo quando eu brigar com ele.

Onório deu um passo para trás. O pescoço de Caravaggio tremia; agitação, paixão e uma feroz perturbação manifestavam-se através de todos os músculos. Todo seu corpo tremia, mesmo quando ele procurava ficar imóvel. Era como se ele se elevasse acima de seu próprio corpo e o observasse, com todas as suas ações sob o controle de alguma outra força.

– Meu caro amigo, já vi você atirar pedras em homens que estavam a dois passos de você e acertá-los na cabeça com o lado plano de sua espada – disse Onório juntando os lábios e soprando. – Mas lutar com Ranuccio? Você não devia nem brincar com isso.

Caravaggio tremia sob o portal sem luz. A noite caíra plenamente sobre o Jardim do Mal. Ele se fundiu com ela até o ponto de não ter certeza se havia penetrado num sonho em que assumia poderes sobre-humanos.

– Não se pode encobrir um assassinato, Michele. Não é como os *pentimenti*, os arrependimentos, como você lhes chama, as mudanças que você faz no ângulo de um braço ou na linha de um pescoço numa tela. Uma luta com um homem como Ranuccio não pode ser modificada. Ela vai acabar em sangue.

A respiração de Caravaggio estava ofegante. Ele voltava de uma irre realidade fantasmagórica, retornando a seu próprio corpo, afastando o negrume da noite dos membros.

– Vou estar com você, se a coisa chegar à violência – disse Onório. – Mas me faça um favor e não chegue a esse ponto. Eu tenho mulher e cinco filhos em quem pensar.

– Tudo bem – sussurrou Caravaggio. – A noite estava ao redor dele, e não mais nele.

– Deixe o Ranuccio para suas putas – disse Onório rindo. – A sífilis vai dar um jeito naquele safado. Pague o que deve a ele.

– Você tem razão. Eu vou-lhe pagar. – E os dois se abraçaram rindo.

Os dois homens avançaram para além do portal, descendo o Corso com determinação.

– Lá está o pequeno Próspero e aquele safado do Gaspare. Ei, Prosperino – chamou Onório.

Os homens se viraram. Ambos eram baixos e usavam roupas de cores brilhantes. Próspero era lombardo como Caravaggio, dez anos mais velho que ele e de quadris largos. Sua barba espessa estava ficando grisalha ao longo do queixo.

– Michele, que prazer ver você por aqui – disse Próspero, cujos olhos protuberantes se localizavam quase nas laterais da cabeça estreita. A boca estendia-se de uma orelha a outra sob um longo lábio superior, como um daqueles grotescos antigos que ele copiava, em suas pinturas, das paredes das catacumbas de Roma, um rosto sempre disposto a rir das piadas mais sujas. Ele estendeu as duas mãos para colocá-las nos ombros de Caravaggio. – Se vocês estão passeando pelo Corso, isso significa que não estão na cadeia e que eu não vou ter de lhes pagar fiança outra vez.

– A noite é uma criança. Dê-lhe uma chance de se meter numa nova confusão – disse Onório, puxando a ponta do bigode de Gaspare para cima. – Doe, seu *finocchio*? Gaspare alisou o bigode para que ficasse na forma de chifre que ele apreciava.

– Só um pouquinho.

– Então escreva um poema sobre isso. Sua poesia é dolorosa de ouvir e, portanto, sua temática deveria ser a dor.

Gaspare sorriu, piscando como se estivesse sentindo um prazer particular e profundo. A pele sob seus olhos e suas narinas era vermelha e quebradiça.

– Aqui vai uma rima: Se Onório tentar agarrar meu *bigode*, vou-lhe chifrar o traseiro como um *bode*.

Todos aplaudiram, e Onório deu um empurrão divertido no poeta.

– Bravo ao tonto do Boccaccio da rima grosseira – disse Próspero, convidando Gaspare a fazer uma reverência. – Vamos lá, rapaziada, Fillide vai divertir uns cavalheiros de bom senso em sua casa da Via Frattina. Quem está a fim de putas, jogatina, música e dança?

Fillide gingava de um lado para outro, fazendo contraponto com sua saia. Ela erguia o tafetá vermelho à sua frente, com o farfalhar do tecido acompanhando-lhe a risada. Do decote, uma fita branca acompanhava dois declives côncavos, encontrando-se em algum ponto de seus seios. Ela havia baixado o decote para que a terça parte superior de sua aréola escura aparecesse.

– O que vocês acham, *raggazzini*?

Onório foi até uma garrafa de vinho sobre a mesa.

– Com essa roupa vermelha, você está parecendo um cardeal de tetas grandes.

– Será que não foi um cardeal que lhe comprou esse vestido? – perguntou Próspero, avançando para dar um beijo no rosto da cortesã. Ao estender o pescoço, ele roçou-lhe a barba nos seios. – Um de seus clientes?

Ela lhe deu um golpe rápido no topo da cabeça com as juntas dos dedos.

Caravaggio entrou com Gaspare. *Scipione reconheceu o retrato de Fillide. Será que foi ele que lhe comprou esse rico vestido?*, ficou ele imaginando. E inspecionou a sala apreensivo, como se o hedonista sobrinho-cardeal pudesse estar voluptuosamente reclinado num divã.

Um candelabro de prata pingava cera no tapete oriental estendido sobre a mesa. Os quadros e as cortinas flutuavam na escuridão. Num canto distante, um pesado cortinado branco escondia a lateral da cama. Um espelho convexo ao pé do colchão revelava a forma alongada de um homem reclinado. Ele usava uma camisa branca folgada e calças vermelhas, apoiando-se num dos cotovelos e atento aos recém-chegados. Pelo espelho, encontrou o olhar de Caravaggio. A princípio, seu rosto era como o de um animal perigoso enjaulado, para, em seguida, descontrair-se numa expressão desdenhosa de reconhecimento.

– O homem que lhe deu esse vestido – disse Caravaggio, olhando diretamente para o espelho – não é nenhum cavalheiro.

O homem deitado na cama tocou o lóbulo da orelha com o indicador. *Seu veado.*

Uma mulher de cabelos negros surgiu da cozinha. Sua pele era tão pálida que a vela se refletia nela como o vermelho de cádmio numa tela nova. Ela trazia uma terrina de cordeiro cozido. Gaspare ajudou-a a colocar a terrina na mesa.

– Permita-me, *mia cara* Menica – disse ele.

– Você vai escrever um pouco sobre a maneira como colocou sua carne cozida na terrina dela? – perguntou Fillide colocando a mão esquerda no queixo de Gaspare. Seu dedo anular se erguia num ângulo incomum, lembrança da violência de um cliente difícil. – Poupe-nos disso, Gaspare.

O rosto redondo de Fillide exibia a ligeira untuosidade de uma garota. Ondulando-se nas têmporas, seu cabelo de âmbar luzia em contraste com a pele. Um frescor róseo brilhava em suas clavículas e na concavidade da base do pescoço. Seu lábio superior era tão carnudo que teria feito sozinho a fortuna de qualquer outra cortesã. Ela havia sido a Judite de Caravaggio e sua Santa Catarina. E era a Madalena na qual agora ele estava trabalhando. Ao ouvi-la desdobrando-se em risos, ele a achou mais humana que a pintura que fizera dela. Mas só um pouco.

Menica foi até Caravaggio, pôs-se em cima de seus pés e colocou-lhe os braços em torno do pescoço. Erguendo os pés, aproximou a boca da orelha do artista.

– Ranuccio está na cama, Michele. Ele estava falando de uma briga. Com você.

Ele afagou o rosto de Menica. Sua pele estava ficando áspera depois de seis anos de prostituição. Beijando-a na testa, ele se dirigiu em voz alta ao outro lado do quarto:

– Prudenza esteve procurando por você na taberna, Ranuccio.

Onório se contraiu e levou a mão ao punhal. Fillide olhou fixamente para Menica. Uma risada tensa partiu da cama à medida que a cortina se afastava.

Ranuccio ficou de pé num pulo. Colocando a mão dentro das calças, encontrou alguma coisa que segurou com os dedos longos e finos. Sua barba e os cabelos eram castanhos, com reflexos amarelos como a palha que apodrece num silo húmido. Estendendo a mão, agarrou a garrafa de Onório.

– Largue-a, Longhi. – Depois de mais um puxão, Onório soltou a garrafa. – Não é engraçado? – disse Ranuccio segurando Fillide por trás e cheirando-lhe o cabelo. – Esta aqui tentou dar um talho em Prudenza.

– O que você queria? – questionou a moça. – Encontrei você pelado na cama da cadela.

– “Sua vaca, vou cortar você todinha” – berrou Ranuccio com voz em falsete. – Vocês tinham que ter ouvido, *raggazzi*. Ela estava uma fúria. “Sua puta suja, quero cortar você. Quero cortar você.”

Caravaggio interrompeu-lhes o abraço.

– Solte-a.

Ranuccio tirou a mão lentamente do vestido de Fillide e a afastou.

– Você me deve dinheiro, pintor. Lembra-se de sua dívida?

– Eu vou-lhe pagar. – Onório deu um tapa no flanco de Fillide. – Mas agora vamos fazer música e dançar – disse ele, pegando uma guitarra espanhola de um canto e atirando-a a Caravaggio.

Enquanto Caravaggio afinava o instrumento, Ranuccio urinou ruidosamente num balde atrás da porta. Com as primeiras notas de *Ti parti, cor mio caro*⁴, levantou as calças e foi até Fillide. Começou a dançar a *villanota* de maneira espalhafatosa e a arrastou com ele. Gaspare achegou-se a Menica, cortês e empertigado. Onório puxou Próspero rindo e os dois giraram sobre o assoalho.

Caravaggio tangia as cordas, cantando a antiga canção bolonhesa com voz clara e profunda:

Afastar-me de ti, meu coração, Provoca-me lágrimas amargas, E minha alma sem ti Não conhece consolo.

Ranuccio assobiava, aninhando-se no pescoço de Fillide. *Esse bufão ia se comportar assim até mesmo ao som de um canto fúnebre*, pensou Caravaggio.

Não me deixes, Meu coração adorado, Por tua fé.

Ranuccio diminuiu seu ritmo e puxou Fillide para ele.

Se queres me deixar, Lembra-te de voltar.

Não consigo viver

Uma hora sem ti; Não me deixes.

Ranuccio e Fillide foram para a cama. Ela o empurrou para o colchão e se colocou em cima dele, fechando a cortina.

Onório batia os pés e as mãos.

– Toque mais alto, Michele. – Caravaggio cantou mais forte para encobrir os grunhidos e risinhos que vinham da cama.

O ato amoroso logo terminou, e a cortina tornou a se abrir. Ranuccio dormitava satisfeito. Fillide ajustou os seios e o decote. Menica trouxe tigelas de carne para Gaspare e Caravaggio. A fumaça que se erguia delas cheirava a noz-moscada, cravo e canela.

– Agora estou com vontade de poesia – disse Fillide.

Gaspare inclinou-se.

– Seu coração fica na cama, mas sua alma se afasta dela, vindo até mim em busca de amor e poesia, minha senhora Fillide.

– Eu me referia à sua *poesia*. Não a uma bobagem requentada de Petrarca.

Odeio esse velho fresco e choroso.

– Ouçam, ouçam – disse Ranuccio batendo a mão na parede.

Frustrado pelo fato de uma simples cortesã ter notado seu plágio, Gaspare limpou a garganta.

– Vocês se lembram do quadro que meu amigo Michele pintou alguns anos atrás? *O amor vitorioso?*

– O pequeno Cupido sorridente, como se estivesse disposto a qualquer coisa? – perguntou Onório girando a rolha de outra garrafa e levando-a aos lábios.

Gaspare assumiu a pose de um ator que declama e recitou seu madrigal. Ele advertia que a representação do amor feita por Caravaggio era tão verdadeira que se assemelhava à coisa real – em sua forma mais extrema.

– *Não olhe, não olhe para o amor*, concluiu ele. *Ele vai fazer seu coração arder.*

– Nada mau – disse Onório em meio a um arrote. – Você deveria publicá-lo.

– Já foi publicado em Veneza dois anos atrás – falou Gaspare, colocando umadas mãos no quadril, com ar ofendido. – Eu lhe presenteei com uma cópia do livro.

– Não me lembro disso.

Próspero deu-lhe uma cutucada.

– É aquele que você pôs na mesa do seu quarto para fazer o pinico ficar na altura certa.

Gaspare ergueu a mão, mas Menica a segurou.

O beijo de Onório tremeu com um humor maldoso.

– Michele, o amor transforma o *seu* coração em cinzas, como nas palavras de nosso companheiro, o grande poeta da Sereníssima República de Gênova?

Caravaggio pousou a guitarra no chão. Seus olhos estavam arregalados e inquisitivos, como se estivesse observando o fantasma de alguma coisa aproximando-se dele.

– O amor? Seu rosto assumiu uma expressão jovial, enquanto ele tomava um trago de vinho.

– Você acha mesmo que é isso que me incendeia?

Quando ele trabalhava, a escuridão o cercava. Ele fechara as janelas do estúdio do andar superior de sua casa. Também abrira um buraco no teto e pendurara uma lanterna num sarilho do sótão. A lanterna era usada para destacar seus modelos. Se ele queria uma luz mais difusa ou um raio que viesse de um ângulo diferente, abria um pouco as venezianas da frente do quarto, suavizando as arestas dos rostos dos modelos e salientando-lhes as dobras das roupas em meio às sombras. Ele pintava um fundo escuro e definia as tintas a óleo a partir das trevas. Em cada uma de suas pinceladas, pensava apenas na luz e na cor, e não em faces, túnicas, espadas ou auréolas.

Enquanto dormia, sonhava com a luz, com a próxima oportunidade de pintar.

A luz da manhã penetrou profundamente em seu cérebro, como se fosse o estilete do mais secreto dos assassinos. Caravaggio deu um gemido.

– Hora de ir embora, Michele.

Ele abriu os olhos. Fiapos vermelhos da aurora brilhavam através dos ciscos de poeira. Esfregando os olhos, ele se levantou, segurou a cabeça e deu um suspiro.

Onório deu-lhe uma palmada no rosto.

– Foi uma noite e tanto, não foi, *cazzo?*

A cortina do leito estava apenas semicerrada. O peito pálido de Fillide ostentava um arranhão lívido, sem dúvida um resultado das atenções de seu companheiro durante a noite. Ranuccio roncava a seu lado. Próspero levantou-se do sofá onde estava, passando a mão pelo cabelo e tirando os piolhos da calça.

O ar do início da manhã era puro, livre dos maus odores que se levantariam do lixo espalhado pelo chão devido ao calor do dia. Próspero atirou um beijo para uma velha carregando um cesto de figos em direção ao mercado de *Campo de Fiori*.

– Quem consegue ser infeliz em Roma? – O homenzinho havia perdido alguns dentes devido a brigas na taverna. Os que restaram brilhavam através de sua barba cor de gengibre. – Bem, Deus ajuda quem cedo madruga. Estou indo, *ragazzi* – disse ele, bamboleando em direção ao Corso.

Onório pegou um figo que havia caído do cesto da velha e esfregou-o no gibão para limpá-lo. Enquanto o devorava, colocou o braço sobre os ombros de Caravaggio.

- Você não lhe pagou.
Caravaggio pegou o restante do figo e o comeu.
- Depois que comecei a tomar vinho, isso me fugiu da cabeça. De qualquer modo, talvez ele tenha esquecido.
- Michele, eu não o estou reconhecendo. Às vezes a raiva o tira do sério. Contudo, Deus sabe que eu não o crucifico por isso. Mas não finja que você quer brigar com aquele assassino.
Caravaggio sorriu com relutância.
- Se eu aceitar justamente o seu conselho sobre o meu comportamento, *cumpà*, é porque perdi o juízo de vez.
- Fique em casa e trabalhe – disse Onório, colocando a mão sobre o braço de Caravaggio. – É de dinheiro que você precisa? Eu posso-lhe emprestar os dez *scudi* para pagar a Ranuccio. Para fazer com que ele pare de perturbá-lo.
- Não estou precisando de dinheiro – respondeu Caravaggio, puxando uma bolsa de couro de seu gibão e sacudindo-a. – Aqui há mais que o suficiente.
- Então, em nome da Virgem Maria, pague ao safado.

Os lábios de Caravaggio se apertaram, como se sentisse uma dor familiar. Agarrou o braço de Onório e abriu um sorriso largo.

- Você tem razão. Vou encontrá-lo na quadra de tênis esta tarde e dar-lhe o dinheiro.
- Encontro você lá – disse Onório balançando a cabeça com alívio. – Você sabe que eu não ia deixá-lo brigar sozinho com os Tomassoni, *bello*.
- Eu sei.
- Eu vou até Santa Maria della Consolazione. Os pedreiros vão substituir parte dos trabalhos em pedra. É melhor eu estar lá para supervisionar o serviço, ou eles vão atirar o mármore colina abaixo como se fossem os criminosos que eram jogados das Rochas Tarpeianas. Venha ver o trabalho comigo.
- Não; um modelo vai a minha casa. *Ciao, cazzo*.

A boca de Caravaggio estava seca, e sua barriga roncava de fome.

Aos pés de Trinità dei Monti, ele se deteve na Taverna do Turco. Tomou uma caneca de cerveja rala e pediu um pedaço de pão preto com meia cebola. Já na praça, no sopé da Trinità,

esfregou a cebola no pão para temperá-lo. E mastigou com gosto enquanto subia a Via del Babuino.

Roma se levantava ao seu redor. Um carpinteiro corpulento que havia servido de modelo para o seu São Pedro atravessou a rua, a caminho de sua oficina na Via Margutta. Ele apoiou a caixa de ferramentas na coxa e acenou para Caravaggio.

- Michele, o que é que você está pintando agora?
- Salve, Robbè. Estou pintando uma Madalena com sua irmã Marta.
- Você não precisa outra vez de um velho careca de barba branca e peito largo e forte como modelo?

Caravaggio apontou para além da praça para a Santa Maria del Popolo, que abrigava seu *O martírio de São Pedro*.

- Todo mundo sabe que eu já crucifiquei você.

Com o apetite satisfeito, desejou ir para casa a fim de preparar os pigmentos para a chegada de Prudenza. No lado direito da tela, havia pintado Fillide como Madalena no momento de sua conversão. Queria equilibrar a composição com Prudenza como Marta, inquirindo e persuadindo sua irmã imoral. Não via a hora de contar a Fillide que ela seria exposta na galeria da importante família Aldobrandini, ao lado da mulher em cujo rosto ela tentara deixar uma cicatriz. Ele pintaria até a tarde, para então levar o dinheiro que devia a Ranuccio. Na quadra de tênis ou na casa de Fillide. *Vou jogar o dinheiro nele*, pensou, *para que saiba que não acredito que o ganhou honestamente. Ele vai entender que está abaixo de mim lutar com um homem como ele. Isso já vai-me compensar pelos meus dez scudi*.

Nas torres cor de terra de siena queimada da Igreja de Sant’Atanasio, ele entrou na Via dei Gregi para chegar ao Jardim do Mal. O sol baixo da manhã lutava para afastar as trevas da rua estreita. Dois mendigos ajoelhavam-se no degrau áspero e cinzento de uma casinha, com os dedos esticados implorando por caridade. A moça à porta segurava um garoto de três anos no colo. O menino estava nu, meio enrolado numa toalha, como se o pedido dos mendigos tivesse interrompido seu banho.

Caravaggio aproximou-se, observando a moça. Atrás dela, a casa estava às escuras. A luz do dia parecia penetrar na rua apenas para ela, iluminando a brancura de casca de ovo de seu pescoço e peito. Ela cruzou os pés descalços, erguendo-se e abaixando na ponta dos pés, girando as cadeiras para embalar o menino enquanto ouvia a história de uma velha. Então, deixou a cabeça tombar para a esquerda, de modo que seu queixo tocou as omoplatas enquanto olhava para a mulher abaixada com compaixão e confiança.

Ele a reconheceu. A empregada que estava limpando o chão do palácio del Monte. *Ela está girando as cadeiras em direção oposta aos ombros*, observou ele, *como se conhecesse a pose contrapposto. Descobriu a graça da forma clássica sem que ninguém tivesse-lhe ensinado o termo acadêmico*.

Caravaggio encostou-se na parede junto ao umbral. O reboco havia caído próximo ao travertino esfolado do umbral, exibindo o tijolo que estava por baixo. Ele sorriu e ficou surpreso em como seu olhar franco era pouco avaliador.

A moça pareceu confusa, reconhecendo-o e, sem dúvida, imaginando como ele aparecera em sua porta. O menino em seus braços pegou-lhe a manga. Ela o beijou na testa e sussurrou para ele.

A concentração substitui o sorriso no rosto de Caravaggio. Mestre Leonardo escrevera que um momento fugaz reflete o espírito interior e o impulso do homem. O pintor deve captar essas coisas, mais que os meros detalhes da forma física. Memorize-os imediatamente, afirmara o grande florentino. Com a mesma certeza com que segurava seu caderno de esboços, Caravaggio traçou a linha do pescoço da moça, gravou-lhe os pés e os dedos voltados para o outro tornozelo e sombreou-lhe os olhos tranquilos.

Tirou a bolsa e contou suas moedas. Dez *scudi*. *A quantia exata que devo pagar a Ranuccio*. Recolocou as moedas, finas como raspas de parmesão, em sua bolsa de camurça, e fechou-lhe a boca. Colocou a bolsa com o dinheiro na mão do velho mendigo. *É uma soma ridícula para se fazer caridade. Um scudo compra duas dúzias de frangos. Dez scudi são três meses de aluguel. E eu ainda vou dizer a Ranuccio que dei o dinheiro a um camponês sem-teto, em vez de entregá-lo a ele*.

A moça do pórtico olhou para Caravaggio espantada e suspeita. Ele sorriu diante de seu constrangimento. *Com certeza, ela é romana*.

Os mendigos beijaram as mãos de Caravaggio e se afastaram coxeando. A moça entrou em sua sala escura para terminar o banho do menino. Caravaggio segurou-a de leve pelo pulso. Sentiu como se tivesse-se achegado a um altar e acariciado a Mãe Santíssima. Contudo, nunca tinha visto Maria pintada com tamanha força e verdade, nem mesmo as doces Virgens de Rafael ou as donzelas ambíguas de Leonardo.

– Como é o seu nome? – perguntou ele.

Ela acariciou o queixo da criança com o indicador.

– Como é que eu me chamo, meu querido?

– Titia Lena – respondeu o menino, batendo palmas encantado por ter respondido corretamente. Ela beijou-lhe a testa.

Caravaggio sentiu o toque de seus lábios, como se o beijo tivesse sido dado nele.

– Eu vou voltar, Lena – disse ele descendo a rua, cantando para si mesmo a canção que havia tocado na festa de Fillide:

Tu és a estrela que brilha Mais que qualquer outra dama. Não me deixes.

– Fique olhando para lá. Não se vire para mim – disse Caravaggio saindo detrás da cortina negra e erguendo o queixo de Prudenza.

– Não há nada ali. Nada para se olhar. Só um buraco no teto – falou ela agitando as mãos. – O sangue foi todo embora delas, devido a essa posição. E o que você estava fazendo atrás daquela cortina? Quanto tempo isso vai demorar?

– Um pouco. Você está acostumada com coisas que acaba em cerca de dez minutos, não é? – Ele a reposicionou, sentindo-lhe os ombros por baixo do fino tecido branco.

– Não seja atrevido, Michele. Eu sei como fazê-los acabar em menos de dois minutos – disse ela, entortando e mexendo o dedo. O truque das prostitutas de mexer no reto para apressar a ejaculação do cliente.

Ele riu enquanto ajeitava o tecido cor de terra sobre as costas da jovem, dobrando-o sobre seus braços estendidos e estendendo-o por sobre a mesa.

– Está vendo aqui? Concentre-se onde está a minha mão.

Ela manteve o pescoço imóvel, elevando-se num ângulo. Caravaggio passou pela cortina, fechando-a atrás dele e deixando apenas uma abertura pequena e arredondada à altura da cabeça.

Atravessando aquele espaço, a luz brilhante que caía sobre Prudenza brilhava no espelho colocado atrás de Caravaggio. O objeto projetava uma imagem da moça na tela, uma técnica que aprendera com os homens de ciência no palácio del Monte. Ele marcou-lhe os pontos principais dos traços rapidamente, traçando-os a partir da projeção, de modo que pudesse fazer com que ela se colocasse exatamente no mesmo local na próxima sessão. Então girou o pincel, segurando-o com os pelos em sua direção, e escavou a tinta preparatória com a ponta do cabo. Com golpes únicos, recortou na camada básica o contorno da orelha da modelo, sua testa, seu queixo e suas mãos. Mais tarde preencheria os detalhes, sabendo que a forma e a perspectiva seriam naturais, como vistas num espelho.

– Por que você precisa de espelho ali? – perguntou ela.

– Ele torna minha tarefa mais simples. Permite-me concentrar no que é realmente importante.

O espelho não podia responder pela genialidade com que ele animava o rosto com dor e devoção, mas colocava essas emoções numa réplica da realidade tão exata que os espectadores se maravilhavam com o virtuosismo. Poucos perguntavam como ele fazia isso – com exceção dos cientistas de del Monte, que já conheciam o segredo. Outros achavam que era puro mistério. Como uma Virgem sobre uma nuvem no topo de um retábulo.

Prudenza abriu a boca para fazer outra pergunta, mas ele lhe pediu que se calasse. O espelho era um segredo que ele não desejava compartilhar, e não apenas porque quisesse preservar sua vantagem técnica sobre outros artistas. Ele estava preocupado com a Inquisição. A projeção de imagens era tida como magia herética.

O latido de um cão se fez ouvir da galeria.

– Cecco – chamou ele. – Quero uma lâmpada mais alta. – Seu assistente surgiu da galeria puxando uma corda. A polia guinchou, e a lâmpada ergueu-se na direção das tábuas quebradas do teto. O contraste entre sombra e luz destacava o rosto de Prudenza. – Bem aqui – disse Caravaggio.

– Assim está certo, mestre? – perguntou o menino de doze anos, que sorriu de maneira atrevida para Prudenza, piscando para ela. – *Ciao, amore.*

Ela encheu as bochechas, soprou e riu. *Duas crianças*, pensou Caravaggio. Ele sentiu um momento de condescendência bem-humorada por eles, e logo descobriu que teve de reprimir um soluço. Ficou imaginando o porquê dessa sua estranha vulnerabilidade. *Crianças, sim, mas não vivem como crianças.*

– O senhor deseja mais alguma coisa, mestre? Eu quero brincar mais um pouco com o Corvo. Ontem eu o levei à estalagem e o ensinei a caminhar nas patas traseiras. Todo mundo me perguntou como é que eu ensinei isso a ele.

– E o que você respondeu?

– Que o senhor é um mestre do ilusionismo que pode fazer um cão *poodle* dançar, da mesma forma que pode fazer o próprio Nosso Senhor Jesus Cristo aparecer na tela à sua frente.

– Você vai acabar ardendo na fogueira. Traga-nos alguma coisa para o almoço.

Cecco desceu as escadas para buscar pão e queijo.

Caravaggio misturou ocre, branco e um pouco de vermelho em sua paleta para reproduzir o tom da pele de Prudenza. Molhou um pincel médio na tinta e começou a pintar as curvas da orelha dela na tela.

Embora a moça se mantivesse imóvel, os olhos olhavam o aposento para além do brilho imediato da lâmpada.

– Você não tem muita coisa por aqui, não é, Michele?

– Eu lhe disse para olhar para frente, como se a Madalena estivesse em pé diante de você. Você está conversando com ela, e não comigo.

Mas ela está certa. Outros pintores da idade de Caravaggio e com menos fama instalavam-se em pequenos palácios com o que ganhavam com seus retábulos. Um simples lojista poderia morar numa casa como esta, que Caravaggio havia alugado havia apenas um mês. Um único e longo aposento na parte de baixo, e outro na de cima. Atrás da casa, um jardim com poço e, no andar de cima, um terraço que percorria toda a extensão da casa, embora esta compreendesse apenas alguns metros.

No estúdio praticamente só havia material necessário para seu trabalho. Havia também uma cama e um leito dobrável para Cecco. Trapos para preparar telas e limpar os pincéis transbordavam de um antigo baú. Uma alabarda e um peitoral com que ele dava a atmosfera necessária a suas pinturas históricas encostavam-se na parede, ao lado de sua espada e de seu punhal. Uma lona suja e de tamanho médio estava em cima de uma arca. Ali ele fazia suas refeições, pois nunca se preocupara em comprar uma toalha de mesa.

– Quem é que estou representando? – perguntou ela.

Ele parou para observar a tela. À direita, uma jovem de rosto suave e ombros bem delineados. Fillide. Ela se voltou para os traços pouco refinados, olhando com melancolia a figura que Caravaggio agora estava pintando.



Marta e Maria Madalena

– Você é Marta. A irmã de Maria Madalena.
– Ah, é? – disse ela com dúvida. – Quem?
– Madalena era uma mulher relaxada. Sua irmã a convenceu dos erros que ela havia cometido. Eu já pintei Fillide como Madalena. O que agora estou pintando é o momento em que sua insistência a convence. Ela começa a se arrepender.

– Eu podia contar a você todas as coisas erradas que Fillide já fez. Gostaria de lhe dizer o que realmente penso dela.

– Talvez tenha sido por isso que eu quis que você a repreendesse – disse ele. – No quadro, pelo menos.

Caravaggio puxou o cavalete para mais perto do espelho para mudar o foco. O pintor queria uma imagem clara dos detalhes da trança no topo da cabeça de Prudenza. Agora ele estava trabalhando neles. Então pousou o pincel num carrinho ao lado de seus pigmentos.

– Posso dar uma olhada? – perguntou ela.

– Venha – respondeu ele, puxando a cortina ao longo do trilho.

Enquanto ela examinava a tela, apoiou seu peso no peito dele.

– *Dio mio*, eu achava que isso não fosse possível. Sou eu mesma, Michele. Nem me importo que você tenha-me pintado ao lado daquela vaca.

– A semelhança é boa. Sem dúvida.

– Tantas sombras. Só se vê parte do meu rosto.

– E pode ficar ainda mais escuro depois de terminado.

– Não importa. *Eu* sei que sou eu. Você me pintou exatamente como sou – disse ela sorrindo. – Seus olhos são escuros, e também seu rosto e seu cabelo, Michele. Como as suas pinturas.

– Que sorte eu não ser loiro, ou a minha obra seria brilhante e ridícula como o lixo que Baglione produz.

– Quem?

– Ninguém importante.

– Você vai mesmo me deixar ainda mais escura? Ninguém vai conseguir-me ver.

Só se vai ver Fillide.

– A sombra salienta você ainda mais. As pessoas verão o rosto de Fillide imediatamente, mas elas terão de olhar com atenção para ver você. E vão ficar imaginando quem vocês eram – disse ele, logo se corrigindo. Quero dizer, *são*. Quem vocês são.

Ela fez uma cara intrigada, pensando no erro dele. O pescoço da moça ergueu-se e voltou-se para o quadro, com mechas de cabelo ruivo deslizando por ele.

Ele desejou possuir as palavras que a ajudariam a sobreviver por mais tempo do que ele imaginava. *Eu poderia protegê-la*, pensou ele, *mas acabaria apaixonado por ela*. Ele tremeu de medo. O amor era a preliminar do abandono. Ele pintava o amor dos mártires pelo Senhor. *Vêja o que eles recebem em troca*.

– É óbvio que você é a coisa mais bonita da pintura.

Ela respondeu de maneira distraída, inconsciente da intensidade com que ele havia-se pronunciado:

— Sou mesmo? Obrigada, *amore*.

No Mausoléu do Imperador Augusto, os bailios do papa batiam numa prostituta. Ela estava amarrada no lombo de um jumento, as mãos presas nas costas, o vestido em trapos caindo em torno das cadeiras para lhe exhibir o torso. Uma multidão a cercava, exultando com a humilhação da mulher. Lena entrou num vão de porta para deixá-los passar. Tendo crescido no Jardim do Mal, ela tinha visto muitas vezes esse tipo de castigo. A familiaridade não o tornava menos opressivo. Era como se uma nuvem de ódio passasse diante dela, fétida e crepitando de malignidade.

A prostituta inclinava-se para frente quando o bailio lhe aplicava outro golpe de vara nos ombros. Lena estremeceu. O jumento disparou através da multidão. *Alguém deve tê-lo cutucado com uma faca para fazê-lo disparar*, pensou. A prostituta arqueou as costas e se agitou, exausta, em silêncio, o olhar vazio. Os seios estavam sujos de estrume e de tripas lançados pela multidão.

Esses homens que agora cabriolavam ao lado do jumento eram os mesmos que importunavam Lena quando ela estava na Piazza Navona vendendo seus legumes. Uma mulher não podia andar sozinha pelas ruas do Jardim do Mal sem ouvir palavras obscenas lhes sendo dirigidas. Lena sabia como responder-lhes, como vexá-los diante dos outros e fazer com que se afastassem. Mesmo nessas pequenas trocas de palavras, ela entendeu que as vidas dos homens eram ditadas por sua honra, pela imagem que eles construía para os outros, por seu domínio sobre as mulheres.

Outra faca atingiu o jumento, que galopou para fora da *piazza* com a prostituta oscilante. Ele arrastou a multidão até os moinhos de água ancorados no Tibre.

Lena avançou pelo Jardim do Mal em direção à casa de sua mãe. A maioria das prostitutas eram moças vindas de longe, diferentemente dela. Elas vinham de Siena, onde uma peste, um século atrás, havia devastado a cidade e forçado seus jovens, até hoje, a buscarem a sobrevivência em outras partes. Outras eram das terras pobres do sul da Itália ou da Grécia. Elas haviam crescido talvez achando que Roma fosse um lugar melhor, com oportunidades de uma vida boa e próspera. Lena sempre soube que não era assim. Como menina, havia brincado nas ruas em que as prostitutas trabalham e visto como elas eram surradas e desprezadas. Lena reconhecia o desespero e o medo em suas risadas roucas antes mesmo de ter ficado suficientemente adulta para entender o que elas faziam.

Ela tinha vinte e três anos e, se morasse em outra parte de Roma, agora estaria casada. Mas o Jardim do Mal perturbava toda a ordem natural da vida. O filho de uma família rica a havia seduzido antes de ela completar vinte anos. Ele achou que não tinha nenhum compromisso de honra com ela, pois a moça era do Jardim do Mal. Para os que não moravam ali, na pior parte de Roma só havia prostitutas e criminosos. Era um lugar para os jogos perigosos, mas não para o casamento. Mais tarde, Lena tentou prevenir sua irmã de tudo isso, mas Amabilia também foi seduzida por um cavaleiro e acabou morrendo ao dar à luz. A morte era o único rito da vida natural que o povo do Jardim do Mal também conhecia.

Quando Amabilia morreu, Lena se ocupou do filho da irmã como se fosse seu. Domenico era a única luz em todo aquele ódio, toda aquela tristeza e morte que a cercavam. Ela suspirou enquanto aguardava uma brecha no tráfego de carroças para que pudesse atravessar o Corso. Sentia-se como se estivesse sendo desligada do mundo. A pressão da implacável feiura a enfraquecia. Às vezes, uma estranha melancolia provocava-lhe lágrimas enquanto limpava o chão do palácio del Monte. Ela se descobria contemplando Domenico enquanto ele dormia e, de repente, tinha vontade de chorar ou de deitar na cama como um animal hibernando enquanto a mãe a repreendia por sua preguiça.

Atravessou rapidamente o Corso e prosseguiu em direção à Via dei Greci.

Pensou no artista que havia conversado com ela no palácio. Ele havia-se aproximado dela pela primeira vez como qualquer outro dos vagabundos galanteadores do Jardim do Mal, embora tivesse detetado nele um instante de hesitação que a fez imaginar se esse era seu verdadeiro caráter. Ela o havia repellido com bom humor, pois, se tivesse procedido de outra forma, isso lhe poderia custar o emprego. Mas, quando ele apareceu em sua porta com os dois velhos mendigos, encarou-a com olhos que a convidavam a olhar para trás, a fim de ver o que havia dentro dele. Não era o rosto orgulhoso de um homem de honra. De alguma forma, ele havia-lhe sinalizado que ela poderia descobrir quem ele realmente era.

Quando atravessava a porta de sua casa, tocou o travertino decadente da coluna. *Ele notou esta falha da pedra*, pensou ela, *o que lhe provocou uma espécie de prazer*. Ela olhou para o lugar onde ele se colocara. Mestre Caravaggio, foi assim que o laiaio do palácio o havia chamado. E ficou imaginando como seria seu primeiro nome.

Próspero sentava-se de maneira relaxada numa cadeira de veludo vermelho usando as roupas papais. Caravaggio tornou a arrumar as dobras da capa escarlate e ajustou a túnica de renda branca. Retornando a seu cavalete, verificou a imagem no espelho. Nas primeiras sessões, ele havia definido a pose e o rosto do Santo Padre. Definira a expressão sutilmente hostil, os olhos desdenhosos e ávidos. Agora podia dispensar a presença impaciente do pontífice.

– Assuma a postura de quem vai se levantar – disse ele a Próspero. – Pressioneas mãos nos braços da cadeira. Você não tem tempo para ninguém. – Próspero olhou para além de Caravaggio e murmurou alguma coisa. – É isso mesmo – disse Caravaggio. – Agora estou vendo um pouco mais da tensão que senti nele quando estava nessa cadeira.

– Aposto que sim. Eu estou mais retesado que um arco turco – sussurrou Próspero sem mover os lábios.

– Relaxe. Talvez eles o nomeiem arcebispo por ter posado com as roupas do Santo Padre. Você tem todas as qualificações. Uma inclinação criminosa e uma cara feia. E pode até desenvolver um gosto apropriado por coroinhas. – Caravaggio se pôs novamente a trabalhar, mas junto à tela, preenchendo a projeção que vinha do espelho.

Ficou pensando na maneira como Lena o havia observado enquanto ele se afastava de sua casa com os mendigos. Sorriu, de maneira particular e satisfeita, por trás da cortina.

– Posso pensar em outros benefícios da condição de arcebispo.

– Com toda certeza, Vossa Ridiculicência. Agora fique quieto. – Caravaggio deu mais algumas pinceladas antes de perceber que não fora Próspero que havia falado. Ele ajustou o

ângulo do espelho e viu o rosto do amigo, fazendo-lhe um sinal desesperado para que ficasse quieto. Então saiu de trás da cortina.

O cardeal Scipione estava a alguns passos de distância, o queixo entre o polegar e o indicador. Ele se inclinou através da cortina para ver o retrato do tio. Seus olhos brilharam.

– Você captou a prudência da expressão dele, mestre Caravaggio.

Eu é que me mantive prudente o tempo todo em que estive aqui com ele, pensou Caravaggio. Ele se sentira como se o Santo Padre estivesse julgando cada uma de suas pinceladas com aqueles olhos penetrantes cor de âmbar. Ajoelhando-se, beijou a mão de Scipione.

– Vossa Reverendíssima – murmurou ele. – Minhas desculpas, eu pensei que...

Scipione estalou a língua.

– Não me interrompa. Seus lábios – prosseguiu ele – estão cerrados como se seu temperamento estivesse a ponto de explodir. Tem-se a impressão de que ele logo vai proferir alguma reprovação destruidora.

– Vossa Eminência deseja que eu solicite outra sessão com Sua Santidade? Para mudar a expressão dele?

– Durante 26 anos de minha vida, tenho tentado entender o que há no rosto dele. Mas você captou isso numa questão de horas.

– Não tenho a pretensão de entendê-lo. Eu apenas observei-lhe o rosto.

Scipione acariciou o bigode com o polegar.

– As vestes papais ficam-lhe muito bem, *Signor*.

Próspero ficou em pé. Foi em direção a Scipione, com as saias farfalhando. Então ajoelhou-se e inclinou a cabeça.

Scipione pousou a mão no barrete papal e umedeceu os lábios. Caravaggio percebeu que o divertia ter o papa ajoelhado diante dele.

O sobrinho-cardeal fez um gesto em direção a um divã. Caravaggio o empurrou pelas lajotas do chão até o lugar indicado por Scipione.

– Vá em frente – disse Scipione, reclinando-se no divã.

Caravaggio sentiu a essência do poder no aposento. Próspero também reagiu a essa presença. Seu rosto revelava uma tensão contida.

– Estou vindo do palácio Colonna – disse Scipione. – Você é muito benquisto lá.

– A marquesa de Caravaggio é da família Colonna, Vossa Eminência. Meu avô esteve a serviço dela. Quando eu era menino, ela se mostrou magnânima com relação a mim. Estarei sempre em débito com ela.

– Ela agora está em Roma.

– É mesmo, senhor? – Caravaggio sentiu um toque frio em seu rosto. A menção do nome da marquesa trazia-lhe muitas lembranças. Contudo, ele precisava de suas emoções para ser claro, para que elas não perturbassem sua pintura. Respirou fundo e prosseguiu. Os pelos do pincel deslizavam em *staccato* pela tela. Agora ele trabalhava nos realces escarlates do manto que descia pelo peito do papa.

– Quando entrei, você estava atrás da cortina, mestre. Agora você a abriu – disse Scipione num tom relaxado e confiante.

– Em muitos detalhes, prefiro empregar apenas meus olhos, Vossa Eminência.

– A cortina é uma câmera escura?

– Eu uso uma cortina e um espelho côncavo, e às vezes uma lente suspensa num vão da cortina. Nada mais, Eminência. Alguns chamam isso de câmera escura. Outros chamam de itens do quarto de qualquer dama.

– As pessoas acham que isso é mais do que parece?

– Um auxílio visual. Só isso.

Seu pincel tornou a preencher o silêncio.

– Na galeria desse palácio – disse Scipione –, podem-se observar todos os papas anteriores, pintados como deuses. Eles talvez tivessem o poder de deuses, mas não eram imortais. Devemos ser capazes de ler em seus rostos a vida que eles levaram. Mas os artistas sempre transformam o papa num santo. Alguns deles podem até ter sido. Outros, com certeza, não foram.

Scipione fechou os olhos e tremeu ao pronunciar a palavra “santos”. *Como se estivesse sussurrando para uma amante*, pensou Caravaggio, *uma fantasia que pudesse excitá-lo*. Mergulhou o pincel num branco rosado para dar os retoques finais dos realces do manto. Próspero piscou para ele.

- O retrato de meu tio deveria mesmo promover uma visão diferente do papa, disse Scipione abrindo os dedos e examinando as unhas. Nós, os Borghese, não somos como as antigas famílias romanas que normalmente assumem o Trono de São Pedro. Veja os Collona. Sua linhagem, segundo se afirma, remonta a Júlio César. O que significa que eles afirmam descender da própria deusa Vênus, como fazia César. Meu tio, o Santo Padre, é filho de um escrevente de Siena. Isso faz dele uma opção menos apropriada para exercer a santidade de seu cargo?

- De forma alguma.

- Ou o seu poder? – perguntou Scipione baixando a voz e indo até a porta. Já estava na penumbra quando tornou a se voltar. – O mestre Rafael teria pintado o rosto e deixado que um de seus assistentes pintasse as vestes.

- Com certeza, Vossa Eminência.

- Rafael também é tratado como um deus. Infalível, perfeito.

- É verdade.

- Mas você não é nenhum deus. Você é pintor. E faz toda a obra você mesmo.

- Um pedaço de pano ou uma tigela de frutas exigem tanta habilidade quanto um rosto, Vossa Reverendíssima.

- Está entendendo por que escolhi você para pintar o filho de um escrevente de Siena? – perguntou o sobrinho-cardeal sem esperar uma resposta. Com sua silhueta destacando-se contra a luz do corredor, ele se retirou do aposento.

A porta se fechou. Caravaggio pousou a paleta no carrinho de pigmentos. Foi excitante ouvir da boca de Scipione por que ele o escolhera. *Mas nunca recebi um elogio que me fizesse sentir tão manipulado*, pensou ele. *Estou tremendo como uma moça que sabe que belas palavras sobre sua figura são prelúdio de uma violação*.

- Desvista-se, Vossa Santidade – disse ele a Próspero. – Eu não consigo mais trabalhar.

Próspero tirou o barrete escarlate e o crucifixo do pescoço. E fez um gesto em direção à porta por onde Scipione havia saído.

- Os príncipes sempre me encham de medo. Mas esse tem uma coisa ainda mais aterrorizante.

- É porque ele lhe disse que você não é nenhum santo, e você sabe exatamente como as pessoas se comportam quando esquecem a santidade que há nelas.

- Eu sei. Para começar, nesta noite vai haver luta. Não vamos encontrar nenhum santo por lá, mas vai ser divertido. Estou com vontade de uma boa luta.

- Onde?

- Na *piazza* em frente ao palácio Colonna.

O Colonna. Ele estremeceu como se tocado por um sonho esquecido.

Caravaggio pegou o crucifixo papal e o beijou.

– Vamos embora. Com certeza esta noite eu escolho o vencedor.



Retrato do Papa Paulo V

Costanza Colonna puxou o punho de renda vermelha de seu vestido negro e mordeu o lábio. Quando entrou na sala de recepção, seu corpo estava tenso, e sua respiração, curta. Ela sempre sentia essa constrição quando voltava a Roma, ao palácio onde crescera e à companhia de seus

parentes. Eles descendiam de Eneias, o príncipe troiano que fundara a Cidade Eterna, e ainda pareciam essenciais ao poder dela quando circulavam com seus cálices cravejados de jóias e suas peles de marta. Em Milão, Florença ou Nápoles, ela era a respeitada senhora de 55 anos, viúva de um Sforza, herdeira de grandes propriedades, mãe de cinco rapazes nobres, marquesa da cidade de Caravaggio. Aos olhos frios desses poderosos Colonna, ela tornava a ser uma garota de treze anos correndo pelos corredores porque o pai queria que ela se casasse com um jovem de cabelos encaracolados de uma província distante e nebulosa.

Seu irmão, o cardeal Ascânio, bateu palmas, e os Colonna foram para o balcão. Ele fez um sinal para que Costanza se juntasse a ele. Ela lhe tomou o braço e saiu para o balcão que dava para a Praça dos Santos Apóstolos.

O local estava cheio de homens que tinham vindo assistir à luta. Ao cair da noite, as tochas ao redor do ringue começaram a brilhar sobre a multidão que já se acotovelava como as lanternas de um navio ancorado iluminando a maré ondulante. Costanza examinou as cabeças lá em baixo. *Talvez Michele venha*, pensou ela. *Vou tentar vê-lo.*

Os dedos de Ascânio a seguravam firmemente pelo cotovelo. Ela reconheceu nele a mesma calma e o cálculo que conhecera em seu pai. Então sentiu um espasmo de ressentimento, como se este tivesse sido o homem que lhe arranjava um casamento sem consultá-la, e um sentimento de amor e perda pelo grande príncipe morto há trinta anos. Ela se aproximou mais do irmão.

— Seu pintor tem uma encomenda nova — disse Ascânio. — Ele está fazendo um retrato do Santo Padre. — A multidão saudou a chegada dos lutadores. Os homens ergueram os braços. Músculos untados de óleo brilhavam à luz das lanternas. — Essa encomenda pode ser importante para nós — continuou Ascânio, pressionando os lábios com desdém. — Em favor de Fabrizio.

— Fabrizio — respondeu Costanza, murmurando o nome de seu filho mais jovem, embora a Ascânio parecesse que ela havia gritado, tamanha era a tensão que havia despertado nela. Seu marido havia demonstrado pouco interesse pela família depois de já ter um herdeiro. Mas os filhos ficavam cada vez mais especiais para Costanza, a cada ano e à medida que ela envelhecia. Ela ainda era uma menina quando a maioria de seus filhos nascera. Mas, ao chegar Fabrizio, ela havia superado seus furores infantis, a saudade de sua terra natal, a frustração com o marido grosseiro. Embora tivesse apenas dezanove anos, via a si mesma como mulher. O nascimento de Fabrizio não a aterrorizara com a nova responsabilidade, como acontecera com a chegada dos outros filhos. Por fim, ela deixara de ser criança; havia-se tornado mãe. Foi para fazer companhia a Fabrizio que ela havia trazido Michele Merisi para sua casa.

A mão do cardeal apertou-lhe o braço com mais força. Ela piscou os olhos, intrigada. Ele suspirou, como se a incapacidade dela de apreender o significado do que ele contara fosse tudo que se poderia esperar de uma mulher.

— Seu pintor vai ficar próximo ao próprio Santo Padre — disse ele num sibilo — e também ao sobrinho-cardeal.

— Sim — disse ela, balançando a cabeça. — E daí?

— Será que você ainda não entendeu? Seu pintor pode pedir coisas que nossa dignidade não nos permitiria pedir. Ele pode solicitar ao Santo Padre que recompense os Farnese com ouro e terras, em vez da vida. Ele pode implorar clemência. Para Fabrizio.

Costanza respirou profundamente. Michele poderia ajudar a libertar Fabrizio da prisão. *Com certeza ele vai fazer isso*, pensou ela. *Mesmo depois de tantos anos separados, a infância dos dois é uma ligação que Michele não esqueceria.*

Seus filhos mais velhos preocuparam-se em cortejar o favor do pai quando ele frequentava os dignitários de Milão. Relegados, como ela, à vida tranquila e provincial de Caravaggio, Fabrizio e Michele haviam crescido como amigos íntimos e conspiradores, mas permitiram que ela fizesse parte de seus jogos. iam ao quarto dela toda manhã e entravam no cortinado do leito, soprando-lhe o pescoço para despertá-la. Ela participava de tudo de boa vontade, como se quisesse recuperar a infância ceifada pelo casamento imposto pelo pai. A paz que sentia com eles só era perturbada pelos outros filhos. Eles atormentavam Michele, chamando-o de órfão, embora ele não o fosse, e de plebeu, o que, pelo fato de ser verdade, fazia-o investir contra eles.

— Entenda, Costanza — disse Ascânio. — Nossa família não pode se dar ao luxo de brigar com os Farnese.

— É claro.

— Os Farnese vão exigir vingança pelo que Fabrizio fez a um deles. — A língua de Costanza eriçou-se de amargura. Ela não suportava julgar as ações do filho. Não parecia possível que ele... — Se você não conseguir que seu pintor obtenha a soltura de Fabrizio — disse Ascânio —, nós não poderemos conseguí-la. Fazer isso significaria uma guerra com os Farnese. Uma guerra civil romana. Precisamos que o Santo Padre contenha os Farnese.

— Entendo.

— Entende mesmo? Se o seu pintor não puder ajudar, vamos ter de deixar que eles se apoderem de Fabrizio.

Um dos lutadores derrubou o oponente no chão do ringue. Costanza deu um grito devido ao susto provocado pelo som do corpo caindo sobre a lona. Ela ficou observando o homem derrubado se debater.

Caravaggio desceu a colina do palácio do papa e foi até a frente da multidão que se aglomerava na Praça dos Santos Apóstolos. Próspero comprou vinho numa barraca e deu um longo trago. Limpando a barba com a manga, ergueu o cinto que lhe apertava o gibão abaixo da pesada barriga e passou a garrafa para Caravaggio.

O ringue de luta ficava numa plataforma erguida à altura das cabeças diante do palácio Colonna. Esticando o pescoço para ver a luta, Caravaggio viu-a no balcão do palácio com os grandes da família. Costanza Colonna inclinou a cabeça para ele. Algum tipo de preocupação havia congelado seus traços. Ele se inclinou para ela. Quando se ergueu, viu que seu olhar se desviara para outro local, mas pressentiu que Costanza estava pensando nele. Não em sua obra ou na vida que agora ele levava. *Ela deve estar pensando nos dias passados*, pensou ele. *Quando eu era seu menino*. A mãe de Caravaggio ficara perturbada e entrara em colapso depois que o pai morrera de peste. Costanza levou o filho mais velho da pobre mulher para sua casa por amor a seu avô, que a havia servido como supervisor. Michele cresceu correndo pelo palácio de Caravaggio com Fabrizio.

Até ela me mandar embora.

Um suspiro e um aplauso ergueram-se da multidão. Ele se voltou para o ringue. Um lutador havia levado o oponente à lona e agora batia no homem que se contorcia em baixo dele. Os dois lutadores eram musculosos, de costas largas, camponeses criados para o trabalho e o combate. O

homem dominado bateu a mão no chão. Um arauto usando um sobretraje vermelho com a coluna dourada do timbre dos Colonna ergueu o braço do vencedor.

O vitorioso molhou os ombros com água de um balde ao lado do ringue a fim de se refrescar para a contenda seguinte. Era uma agradável noite de maio, mas o esforço e as tochas em cada canto do ringue esquentavam os contendores. O lutador pegou um odre de vinho e inclinou a cabeça para trás para beber. Seu cabelo era longo. A barba, espessa e negra. Segurando o odre à distância de meio braço de sua boca, despejou o líquido de forma a não lhe tocar os lábios, como alguém acostumado a beber de um recipiente compartilhado.

– Veja o tamanho dos braços dele – disse Próspero. – Se aquilo fosse a mandíbula de um asno, e não um odre, estaríamos olhando para o próprio Sansão.

A luz da tocha reluziu sobre o vinho, e o homem parecia estar engolindo fogo. Quando baixou o odre, o lutador sacudiu a cabeça e o suor respingou na multidão. Seu oponente seguinte subiu ao ringue e flexionou o peito, agitando os braços e distendendo o pescoço. As apostas corriam entre a multidão.

– Vou apostar no novo tipo. Ele está descansado – disse Próspero.

Um homem baixo, vestindo um gibão verde, tomou-o pela mão.

– Você é louco. Vai apostar contra aquele monstro?

– Afinal, quem é ele?

– Ele trabalha nos estábulos do cardeal Odoardo Farnese. O lutador novo é um carregador de água dos Colonna. Dois *scudi* no homem de Farnese.

A mão do homem ainda segurava a de Próspero, embora seu entusiasmo parecesse ter diminuído agora que sabia para quais famílias os homens lutavam.

– Aposta feita.

Os lutadores estudaram-se andando em círculo.

– Por que as pessoas não se contentam com o de sempre? – murmurou Próspero. – Por que isso tem de ser Colonna contra Farnese?

– Antes isso que uma guerra de verdade – disse Caravaggio.

– O vencedor vai desencadear uma guerra nas ruas esta noite. Se o homem do Farnese vencer, bem aqui diante do palácio Colonna, os seus amigos lá do balcão vão ter de revidar. Orgulho e política vão estar em jogo. Não se trata apenas de dois brutamontes suados nesse ringue.

Caravaggio observou os nobres do balcão.

– Eles não são meus amigos.

O olhar de Costanza o alcançou. A vergonha pareceu suplantar uma tentativa de expressão de astúcia em seu rosto, como um rico mercador forçado a pechinchar alguns *baiocchi*. Ele sentiu um mal-estar que já conhecia. Ela já havia olhado para ele daquele jeito muito tempo atrás. Quando tinha catorze anos, ele tinha observado alguns artesãos reparando um afresco no salão do palácio. O contramestre mostrou-lhe como trabalhar sobre o desenho preparatório, fazendo furos com alfinete no gesso molhado para construir uma matriz. Michele coloriu uma folha com tanto prazer que Costanza lhe perguntou se ele gostaria de se tornar aprendiz de um pintor. Quando ele foi estudar em Milão, a expressão dela foi de tristeza materna em sua partida. Mas ele também detetou o cálculo de uma mulher cujo plano havia-se cumprido. *Ela me quer longe. Para que sua casa tenha paz.*

O homem de Farnese conseguiu pegar seu oponente pela cintura e o ergueu. Em seguida, derrubou-o de costas e pressionou-lhe as costelas com o ombro. O homem dos Colonna teve ânsia de vômito. A multidão respirou fundo, como se tivesse sentido o impacto daquele golpe; em seguida, todos começaram a gritar o nome de seu favorito.

O corpo do homem dos Colonna era moreno e glabro. Ele estendeu a mão na direção da barba do oponente e agarrou-a com força. Com uma poderosa contração dos músculos do estômago, deu uma cabeçada no nariz do lutador de Farnese. O sangue espirrou na multidão quando ele sacudiu a barba ao se libertar. Havia raiva em seus olhos. Comprimiu a mão espalmada contra o homem dos Colonna.

- Ele está-lhe arrancando os olhos – gritou Próspero. – Alguém o detenha.
- Vale tudo, *cazzo* – disse rindo o homem que havia apostado contra ele.

O lutador dos Colonna se contorceu. Poderia admitir a derrota, mas suas mãos estavam presas; ele não podia fazer o sinal. Quando o outro tirou a mão de seus olhos, ele gritou, e o arauto puxou seu agressor para pôr fim à luta. O vencedor ergueu o punho. O sangue escorreu por seu antebraço, acompanhando as veias protuberantes, como se seu desejo de lutar o tivesse escancarado, exibindo o funcionamento de seu físico assassino. O arauto se ajoelhou ao lado do perdedor, o homem dos Colonna. Ele cobriu a boca com a mão. Seu rosto ficou de um verde pálido. Até as tochas brilhavam com menos intensidade, como se tivessem empalidecido de terror. O vencedor olhou para os Colonna no balcão e gritou encobrimdo o alarido da multidão:

- Farnese, Farnese.

Os rostos dos aristocratas do balcão azedaram-se, cheios de raiva por um serviçal bruto ter exultado em sua vitória em favor de um inimigo tão eterno quanto as pedras do Fórum Imperial. Todos se apressaram em entrar, até Costanza ser a única a permanecer ali.

As pontas de seus dedos tamborilaram na balaustrada enquanto ela aguardava o olhar de Caravaggio. A mulher esticou o pescoço, fazendo-lhe sinal para se encontrar com ela no palácio.

Próspero contestou a legalidade da vitória do representante de Farnese com o homem de verde, recusando-se a validar sua aposta. Caravaggio pôs a mão no rosto do vencedor da aposta e enfiou-lhe os dedos nos olhos. Momentaneamente cego, o homem esqueceu a aposta. Em pânico, tombou de lado, procurando se erguer em meio à pressão da multidão. Próspero bateu de leve no braço de Caravaggio e tratou de escapar.

Um cavaliço conduziu Caravaggio pelo pátio do palácio Colonna até os apartamentos de verão. Os aposentos do térreo davam para um grupo de pés de tangerina no pomar secreto. Uma fonte salpicava nas árvores frutíferas o azul pálido do luar.

Costanza entrou no aposento. Para Caravaggio, foi como se um retrato de família tivesse tomado vida. Ela saía de suas lembranças. O cabelo continuava tão negro que fazia com que o tom da pele fosse além do branco, numa palidez que Caravaggio achou que não seria capaz de reproduzir com sua paleta. Talvez, se ele moesse pérolas e pena de pombas, conseguisse reproduzi-la. Mas isso parecia mais apropriado para um feiticeiro que para um pintor. A textura de sua pele também era obra de um mago. Quando ela se aproximou atravessando o chão de terracota, seus olhos eram de um castanho-púrpura à luz do candelabro de dois braços.

– Michele – disse ela, estendendo-lhe as mãos. Elas cheiravam a jasmim, e ele hesitou um pouco antes de beijá-las. Estava acostumado com mulheres cujos dedos rescindiam a sujeira e trabalho.

– Senhora, estou encantado de vê-la de volta a Roma. Já faz tanto tempo.

– Minha visita não foi planejada – disse ela num tom de voz apreensivo. – Depois da última vez que estive aqui, vejo que você não é mais *Signor* Merisi. Agora o chamam pelo nome de sua cidade natal.

– É verdade. Agora sou conhecido como Caravaggio. Embora esse título lhe pertença.

– Como marquesa de Caravaggio, sinto-me honrada por você ter colocado o nome de minha cidade na boca de toda Roma.

A senhora não pensaria assim se ouvisse o que dizem a meu respeito, pensou ele.

– Suas propriedades continuam prosperando?

– Sem dúvida. E sua irmã Catarina teve outro filho, uma menina. Ela foi chamada de Lúcia, como sua mãe, que sua alma repouse em paz.

– A senhora foi mais do que mãe para mim.

Ela limpou a garganta, como alguém que tentasse acobertar o erro de outra pessoa. Sua respiração estava ofegante, e as chamas do candelabro bruxuleavam, como se a indecisão dela sugasse o oxigênio do aposento.

– Quando era criança, você era como um de meus filhos. Agora é um homem, mas eu o amo da mesma forma.

Ele apertou a mão dela, acariciando-lhe os dedos com o polegar.

– Sempre penso em sua generosidade quando Roma fica... digamos, agressiva demais.

Ela baixou os olhos.

– Preciso de sua ajuda – disse ela. As velas refletiam sobre a gaze que lhe cobria o peito.

– Estou às suas ordens, minha senhora.

– Fabrizio está com problemas, Michele.

A tensão de Caravaggio pareceu subir-lhe à garganta e cortar-lhe o ar. Ele grasnou sua pergunta:

– Ele está em Roma?

– Sim, está.

– O que aconteceu?

– Uma briga.

– Vocês não têm empregados que se ocupam dessas coisas? Uma bolsa para o ferido? Um suborno para o oficial que prende? – Mas, enquanto falava, ele entendeu tudo. *Isto é sério demais para as soluções tradicionais. Aqui há um grande perigo. Mas para quem?*

– É um Farnese, sussurrou ela.

Fabrizio, o que foi que você fez? Ele avaliou rapidamente suas ligações, os homens que poderiam ajudar o filho de Costanza. A urgência da mulher passou para ele, que a sentiu pulsando no pescoço.

Os dois lutadores da praça haviam representando a batalha entre essas duas grandes famílias, cada uma delas com seus palácios monumentais nos dois lados de Roma, e seus exércitos de empregados prontos a empunhar porretes e punhais, bem como a derramar seu sangue. Ele pensou em Fabrizio e em algum duque Farnese de cabeça quente. A mesma violência, mas armas mais nobres. *E consequências também para você, Michele, se você se envolver.*

Caravaggio olhou para os olhos de Costanza, cor de violeta e suplicantes. Ela o havia ajudado tanto na vida, mas, agora que precisava de sua ajuda, seu pedido podia ameaçar a reputação que ele tanto trabalhara para conseguir. Ele sabia que ela percebera sua relutância e que isso a agoniava.

Aqui não se trata de sua dívida de jogo com Ranuccio. Esta é uma mulher a quem você deve mais do que poderia pagar. Mas agora você precisa tentar fazê-lo.

– Estou às suas ordens, senhora. Sempre.

Seus dedos tocaram o ombro de Caravaggio. Eles eram tímidos. O pintor ficou imaginando que, em todos esses anos, ela nunca o havia tocado, a não ser para permitir que lhe beijasse a mão. Ele estremeceu. Parecia que a força das gerações da nobreza da família dela, de princesas e generais e até de um papa, fluía pela pequena mão em seu ombro. Era o poder que podia exigir a morte de um homem e que o deixava entorpecido.

– Michele, você está pintando o retrato do papa – disse ela.

Eles, esses nobres, esperam por um momento durante anos e, então, num instante, percebem que sua oportunidade chegou. A lealdade é um enfemismo elegante para a chantagem.

A mão dela estava imóvel, mas seu toque parecia circular-lhe o pescoço e descer para os braços e as costas. Ele lamentou sua própria relutância. Ela se aproximou porque sabia o que Fabrizio significava para ele. Mas ele não conseguiu reprimir sua amargura. *Se a senhora não me tivesse expulsado, talvez isso nunca tivesse acontecido. Fabrizio seria um homem diferente. E eu também.*

– Que expressão a senhora gostaria que eu pintasse no rosto do Santo Padre, minha senhora?

– O perdão.

Ele se lembrou dos olhinhos marotos na tela que havia deixado no Quirinal. Piedade naquele rosto? *Isso seria um trabalho de imaginação comparável a um afresco num teto com o deus do mar e todas as suas ninfas.*

Posso tentar, minha senhora. Posso tentar.

Prudenza chegou no meio da noite. Ela subiu as escadas e torceu o nariz de Cecco para acordá-lo.

Pode ir descendo, mocinho – sussurrou ela. – Eu preciso de um lugar para me esconder esta noite.

Cecco se enrolou no cobertor e desceu as escadas cambaleando e resmungando. Prudenza se deitou na cama de Caravaggio. E colocou a mão em sua touca de dormir. Seus dedos acariciaram-lhe os cabelos.

No escuro, ele colocou a palma da mão no rosto dela. Teve o cuidado de evitar o ferimento que Fillide tinha feito ao lado da boca da jovem, mas ela recuou quando ele tocou um novo ferimento junto ao olho.

– Fillide atirou uma pedra – disse ela. – Não posso ir para casa. Você não se importa, não é mesmo?

Ela se mostrava brincalhona diante de um ódio implacável. Numa visão, ele a vira morta, jogada no Tíbre com o lixo das ruas. Caravaggio olhou para seu cavalete do outro lado do estúdio, onde estava seu *Marta e Maria Madalena* inacabado. Costumava achar que sua obra suplantaria o tempo, mas, quando tocou em Prudenza, percebeu que qualquer um poderia ir até sua tela e atacá-la com um punhal. Depois de seca, carregadores levariam a pintura ao palácio da dama Olímpia Aldobrandino, e ela a colocaria em sua galeria para que o público respeitável pudesse vê-la. Todos se sentiriam no direito de criticá-la, livres para desprezá-la. Já os tinha visto proceder assim com relação a suas outras obras. Por que não resolviam de uma vez que a pintura deveria ser destruída?

Sua obra não havia immortalizado esta moça. A tela não era mais resistente à violência que a carne. Ela se deteriorava mais lentamente, as pessoas lhe davam um valor maior, mas era tão frágil quanto ossos e pele. Ele encontrou a mão e a segurou. Logo sentiu o abandono quente do sono nos dedos dela, e um calafrio de preocupação por ela percorreu-lhe o corpo.

Que monte de merda. Caravaggio entrou na capela lateral em direção à pintura. Sete metros de altura por quatro e meio de largura: *A Ressurreição*. Um Cristo flexível congelado numa pose efeminada segurando uma bandeira no centro da tela. Tangendo alaúdes e soprando flautas languidamente, os anjos o cercavam. Pequenos querubins reclinavam-se sob as nádegas dos anjos como almofadas atiradas no vestiário de uma cortesã.

Próspero seguiu Caravaggio em meio à multidão de Páscoa que se amontoava na Igreja de Jesus.

– Estou tentando conseguir uma encomenda dos jesuítas que comandam este lugar – disse ele. – Vamos carimbar nossos cartões de comunhão e dar o fora. Não arrume confusão.

– Olhe só para esses safados. Uns malditos é o que eles são – disse Caravaggio numa altura suficiente para atrair a atenção dos fiéis que aguardavam a Eucaristia. Ele ouvia as admoestações de Próspero, mas a tela o provocava com sua incompetência e afetação.

Na parte inferior da pintura, afastando o olhar do Cristo, ficavam os pecadores, vigiados por um demônio espadachim.

– Ele é uma caricatura do assassino do seu *O martírio de São Mateus* – disse Próspero. – Mas toda a turbulência da *sua* obra aqui não passa de bobagem e banalidade.

– Os condenados não parecem estar sofrendo os tormentos do inferno. – Caravaggio riu. – É como se o Cristo lhes tivesse dito que não gostara do que eles estavam usando.

Uma voz incisiva, nasal e imperiosa soou através do burburinho da congregação.

– Seu sacrilégio não me surpreende, Merisi.

Giovanni Baglione segurava o chapéu emplumado contra a cintura. Seu peito se inchava sob um rico gibão forrado e adornado com laços de seda. O queixo era alto, pugilístico, triunfante e raso, como o de um nu de sua *Ressurreição*.

– Seja educado – disse Próspero, dando uma cotovelada no amigo.

Caravaggio sentiu um lampejo de compaixão pelo homem. *Por que ele não se limita a pintar? Por que esta competição comigo? Sua técnica não é tão ruim. Ele poderia fazer alguma coisa boa. Mas nunca vai suplantarminha obra.*

– Baglione, não vamos ficar discutindo aqui.

Os olhos de Baglione olharam à sua volta, como se ele acreditasse que toda a congregação aguardasse uma resposta. Os dedos delgados, dentro de uma luva de pele macia de feto de bezerro, tamborilavam contra um rosário de lápis-lazúli.

– Se você não parar com suas calúnias, vou denunciá-lo à Inquisição.

Uma multidão se formou em torno deles, e Caravaggio sentiu um início de raiva agitando-lhe o peito e crescendo a cada respiração.

– Você acha que eu tenho medo da Inquisição?

– Lá vamos nós – disse Próspero, erguendo as mãos em sinal de resignação.

– Eu me preocupo com a arte – disse Caravaggio, puxando uma roseta de seda costurada no peito de Baglione. – Se isso leva a insultos, é só porque eu me preocupo mais com a arte que com o que você sente.

– Pinte como quiser – disse Baglione. – Mas eu afirmo que você está aqui para destruir a arte. Sua técnica...

– Minha técnica é suficientemente boa para você fazer um monte de plágios nesta porcaria canhestra pendurada na parede à nossa frente. É a pior coisa que você já pintou. Nunca ouvi ninguém dizer nada de positivo com relação a ela.

Caravaggio foi tão enfático que o jesuíta que estava no altar ergueu a cabeça da hóstia. Não era incomum que uma briga começasse numa igreja lotada, e o padre ficou alarmado. Caravaggio fechou a boca, e a missa prosseguiu.

Baglione se dirigiu à porta.

– Talvez a Inquisição se interesse em saber sobre você e Cecco, o garotinho que você enraba – disse ele, misturando-se aos fiéis que chegavam à igreja. – Você queria a encomenda da *Ressurreição* para você. Está claro que tem inveja do que eu consegui.

– Eu dou conta de idiotas como você no desjejum – berrou Caravaggio, descendo os degraus em perseguição a Baglione. Na pressa, deu um encontrão num homem encorpado. E, surpreso, viu-se pressionado contra os degraus pelo peso do homem que caíra, os pés mais altos que a cabeça. De cabeça para baixo, viu Baglione correr pela *piazza*, a capa flutuando atrás dele.

Próspero pegou Caravaggio pelas axilas e o ergueu.

– Vamos voltar para a igreja – disse ele. – Temos de enfiar uma hóstia sagrada dentro de você antes que o diabo o carregue.

Caravaggio enxugou um fio de sangue que lhe descia da sobrancelha.

Na praça diante do palácio do papa, os bailios erguiam um criminoso no ar por meio do *strappado*. Erguido pelos punhos com as mãos atadas nas costas, seus ombros se deslocaram antes que ele fosse erguido cerca de três metros. O homem berrava que era inocente de qualquer pequeno crime que merecesse essa punição. Os frequentadores do mercado juntavam-se para olhar. Ao pé do poste, outro condenado estava estirado no tronco. A língua fora puxada para fora e presa por um parafuso, a forma de castigo para os que falavam mal do governo. Caravaggio cruzou a praça até chegar aos portões do palácio.

Scipione Borghese estava na janela quando Caravaggio entrou para trabalhar no retrato do papa. O cardeal segurava a ponta da cortina entre dois dedos, como se estivesse puxando uma

peça íntima para entrever o sexo de sua amante. Ele olhou com uma intensidade fremente o homem se contorcendo no *strappado*.

– Você já foi convocado diante dos tribunais muitas vezes. Você já foi...?

– Torturado para confessar? Não, Eminência – respondeu ele, num tom de voz mais elevado do que fora sua intenção. *Sempre nervoso quando Scipione está por perto, não é, Michele? Ou você está prevendo algum tipo de tortura?*

Scipione franziu o sobrolho como se lamentasse não saber como era ser torturado.

– Eu o vi atravessando a praça. Você não parou para observar o castigo.

– A vista é melhor daqui.

Uma sombra desagradável cobriu o olhar de Scipione.

– Você está sangrando – disse ele cutucando o lugar em que Caravaggio havia cortado a testa ao cair fora da Igreja de Jesus. Um filete de sangue escorreu-lhe pelo dedo. – Você poderia usar isto para pintar?

– Sangue? O senhor quer dizer como pigmento?

– Sim – respondeu Scipione, limpando o sangue no gibão de Caravaggio.

– O sangue apodrece e passa a cheirar mal, Eminência.

– Você já tentou?

– Não. Mas sei o que acontece com o sangue.

– Aposto que sabe.

O homem do *strappado* berrou ao ser baixado. A multidão da praça diminuiu. Os bailios desamarraram o prisioneiro. Seus braços balançavam nos ombros estranhamente retos devido ao deslocamento. Ele despencou sobre as pedras do chão.

Caravaggio dobrou um joelho. Ele imaginou Fabrizio sofrendo punição semelhante ao prisioneiro lá fora. Como se estivesse segurando o corpo torturado do amigo em seus braços, sentiu uma pontada de amor ferido. A saia do hábito vermelho do cardeal agitou-se diante dele.

– Posso pedir-lhe um favor, Eminência?

– Peça – respondeu Scipione, e sua voz parecia sair de um órgão que não era a garganta, de tão estrangulada e tensa que soou.

– Minha amada senhora, a marquesa Costanza Colonna, tem um filho.

– Vários filhos.

– Estou falando do *Signor* Fabrizio. Ele está preso por algum crime que cometeu. Vossa Eminência poderia interferir em favor dele? – perguntou, mantendo a cabeça baixa. Ele devia antes ter bajulado Scipione, falado de sua capacidade de misericórdia e de outras qualidades que os clérigos gostavam de pensar que possuíam pela graça de Deus. Mas reconheceu que Scipione teria-se sentido escarnecido e, de qualquer modo, duvidava de que fosse capaz de pronunciar tais palavras. Sua mente estava tomada pela dor que aguardava Fabrizio.

– Por um crime dessa natureza, o próprio Santo Padre deve garantir-lhe o perdão – disse Scipione.

A garganta de Caravaggio queimava. *Um crime dessa natureza*. Ele não se preocupara em perguntar a Costanza de que seu filho estava sendo acusado. *O que foi que ela me pediu?*

– Se ele tivesse assassinado um mero camponês ou mesmo um cavalheiro... – Aí estava. Ele lembrou o rosto belo e brincalhão de Fabrizio. Caravaggio havia conhecido homens que

provocaram a morte de outros homens. Ele nunca soube como detetar a maldade em seus olhos até ela se revelar plenamente. No Jardim do Mal, as feições de todos os homens refletiam brutalidade. – ... então tenho certeza de que algo poderia ter sido feito. Mas ele matou um Farnese. Um membro de uma família poderosa, de cujo apoio o Santo Padre necessita tanto quanto o dos Colonna. Você entende de política?

Não podemos simplesmente ignorar esse assassinato.

Não havia como retrucar.

– Eu lhe imploro, Eminência. Tenho uma dívida de gratidão para com a marquesa, que eu gostaria de pagar a qualquer custo.

– Gostaria mesmo? Agora? – perguntou Scipione colocando a mão no ombro de Caravaggio. – Termine o quadro.

Como a língua de Caravaggio começasse a enrolar, Onório achou difícil acompanhar o diálogo grosseiro do amigo. Alguma coisa a respeito de um irmão, ou alguém que era como um irmão, a família Colonna e o cardeal Scipione. Onório presumiu que tinha havido uma queixa ao cardeal como resultado da briga com Baglione na Igreja de Jesus. Isso nem merecia esse mau humor. Scipione não ficou muito preocupado. Seu pintor já estivera em brigas muito piores.

Quando a comida chegou, Onório apontou para o prato que o garçom havia colocado diante deles.

– É queijo de cabra, Pietro?

– De vaca – respondeu o garçom.

– De que vaca? A sua mãe? – rosnou Caravaggio.

– Deixe esse infeliz em paz, Michele – riu Onório, enquanto o garçom emburrado se dirigia ao bar. Outros amigos evitavam Caravaggio quando ele estava nesse mau humor, mas Onório gostava disso. Era nessas ocasiões que se sentia mais ligado ao pintor. Só eles eram intrépidos e não permitiam que brincassem com eles. Uma noite nas tavernas e nos puteiros com Michele dava-lhe uma sensação de camaradagem da profundidade dos ossos, como a que ele imaginava que os soldados deviam sentir quando lutavam lado a lado.

Caravaggio cortou uma fatia de queijo e arrancou um naco de pão.

– Mais que um irmão para mim, coisa que a droga do meu irmão nunca foi...

– Eu não sabia que você ainda tinha família, *μαζο*. Você se lembra do meu irmão Décio? Se não tivesse entrado para uma ordem religiosa, ele estaria acorrentado aos remos de uma galera.

– Décio é problemático – disse Caravaggio, levantando um dedo em riste diante do rosto de Onório. – Como você.

– Minha ficha é muito parecida com a sua, Michele.

– Eu sou veneno puro.

– Está no nosso sangue.

– Fabrizio... disse Caravaggio balançando a cabeça. – Sangue? Não é por isso que eu faço essas coisas.

Por que é, então? Onório ficou imaginando. *É Roma que faz isto connosco? Ou é porque somos jovens cientes de que somos suficientemente talentosos a ponto de até as pessoas que detestam nosso comportamento precisarem de nós?*

A porta da taverna foi escancarada. Onório ficou tenso, olhando em meio à luz fraca para ver quem entrara. Mário surgiu entre as mesas. Ele estava sem fôlego.

– Fillide matou a infeliz.

Caravaggio parou de mastigar.

– Quem?

– Aquela moça, a Prudenza. Ela está morta.

Caravaggio deixou a cabeça tombar para trás contra a parede, os olhos fechados. Onório olhou para ele com desaprovação. Alguma coisa na imobilidade do amigo reverberava como os tremores que ele experimentara quando estivera em Nápoles, e a terra começara a sacudir as paredes dos edifícios.

– Fillide encontrou-a na cama com Ranuccio – disse Mário. – Antes que ele pudesse detê-la, ela abriu um talho em Prudenza, que sangrou até morrer. Ranuccio colocou o corpo dela na rua, para que Fillide não fosse a julgamento. Ele não quis perder duas de suas putas num único dia.

Onório ergueu as mãos para silenciar Mário. O pequeno siciliano sempre se mostrava negligente com as emoções dos que o cercavam. Ele observou a luz bruxuleante da vela caindo sobre os traços imóveis de Caravaggio. *Sua compaixão sobrevive mesmo depois de uma década e meia vivendo no Jardim do Mal*, pensou ele. *Michele não consegue esconder isso de mim, apesar de o restante de Roma achar que ele seja o próprio demônio.*

Caravaggio esfregou os olhos por um instante, como um homem que acaba de acordar. Então olhou com repugnância em torno da estalagem.

Onório observou o amigo fechado. Contudo, a morte da garota o havia abalado por apenas um instante, e certa brandura vazara. *Ela significava muito para ele. Mas ele terá de se blindar. Se não consegue fazer isso, é preciso sair do Jardim do Mal.*

– Este quarteirão está pululando de putas que vão posar para você – disse ele. – Encontre uma, Michele. Desta vez uma que tenha mais juízo.

– Que Deus a abençoe. Ele a tomou aos Seus cuidados.

– É só nas histórias que as putas são salvas, Michele.

– E quanto a mim? Como é que *eu* vou ser salvo?

Mário riu, mas a resposta de Onório foi rápida e surpreendente:

– Sua pintura, Michele. Sua pintura vem de Deus, e *ela* vai salvá-lo.

Os olhos de Caravaggio se detiveram nele. Onório ficou pensando no que havia dito. *A pintura pode salvar uma alma? As igrejas que eu projetei trazem a salvação? Quando um artista desenha, será que ele cria alguma coisa sagrada em sua própria mente?* Caravaggio tornou a sorrir. *Ele está ponderando a mesma coisa.*

– Se algum dia eu fizer uma única pintura que seja verdadeira – disse Caravaggio –, talvez então Deus acolha minha alma e ela seja limpa. Mas como eu vou saber quando realizar essa pintura?

Onório tinha uma resposta, e ficou surpreso que ela lhe viesse à mente.

– Você vai saber. Você vai se *sentir* limpo. Como se você tivesse sido lavado.

Caravaggio levantou-se. E pôs a mão na cabeça de Onório. Então dirigiram-se à porta.

Ele tomou um pouco de terra de siena e dissolveu em óleo de linhaça. Cecco reclamou da luz.

– É madrugada, mestre. – O rapaz virou de lado e puxou o cobertor sobre seu torso pálido. Com pinceladas delicadas, Caravaggio colocou uma nova sombra no rosto de Prudenza. *Eles vão ficar imaginando quem você era*, ele lhe disse quando ela perguntara por que ele obscurecera seus traços. *Mas eu vou saber. Eu vejo através desta pintura. Eu vejo o que está por baixo dela.*

Eu vejo você.

E pousou o pincel.

A MADONA DE LORETO

Nas semanas que se seguiram ao assassinato de Prudenza, Caravaggio afastou-se das prostitutas, das tavernas e até de seus amigos. Impaciente com esse afastamento, Onório foi a sua casa.

- Você precisa sair. Você precisa de uma mulher – disse ele. – Por mais que me desagrade dizer isto, talvez você devesse procurar uma garota que não se vende.

- Você quer dizer uma...

- Uma mulher honesta – completou Onório rindo. – Vou admitir que, sem a influência de minha boa esposa, eu estaria fora de controle.

Caravaggio lembrou-se das brigas de Onório, de seus encontros com prostitutas de rua, dos insultos que ele berrava aos bandidos das praças.

Eu detestaria ver você sem a *influência* controladora de sua esposa.

Ele foi até o Corso e comprou um par de luvas femininas. Eram de seda vermelha. Achou que o vermelho ficaria bem nela. Olhou na direção norte para além da Piazza del Popolo. Prudenza estava enterrada lá, entre prostitutas e pagãos.

Ele mal conseguia admitir que estivesse procurando amor. *Uma garota que não seja prostituta*, meditou ele. Cada uma de suas pinceladas ligava-o eternamente às mulheres que pintava. Ele sofria por elas, mesmo depois de elas partirem. *Porque eu passo a amá-las. Não posso negar isso. Quando elas são tiradas de mim, é como se minha obra também tivesse sido destruída.*

A porta de Lena estava aberta. Ela segurava o menino nos braços. Ele ficou em pé sobre os pés dela, e ela caminhou pela sala com ele, rindo. Uma velha aplaudiu num canto. Lena olhava para os pés do menino para ver se eles não escapavam dos seus. Caravaggio ficou imaginando

quando ele tinha visto, pela última vez, tamanha calma e bondade natural como as que contemplava em Lena. Seu peito se ampliou e sua respiração ficou mais profunda.

O menino o viu e se aninhou com timidez na saia de Lena. *Eu devia ter trazido alguma coisa para a criança*, pensou Caravaggio. *Quando eu voltar*. Ficou surpreso com o fato de aspirar tão fervorosamente a uma próxima vez. Ele cruzou a porta e exibiu as luvas.

Lena olhou para elas.

- São luvas especiais para esfregar o chão? – perguntou ela, mostrando as mãos a Caravaggio. A sujeira estava entranhada em suas juntas e se avolumava sob as unhas, como se elas tivessem sido grotescamente delineadas em carvão.

- Será que eu comprei a coisa errada?

Ela sorriu diante de seu embarço.

- Elas são adoráveis.

A mãe da moça fez-lhe um gesto com o cotovelo para que entrasse.

– Venha, *Signor*. Gostaria de tomar um pouco de vinho?

– Obrigado, *Signora*...

– Antognetti, Anna Antognetti – respondeu ela, despejando vinho numa grossa caneca de madeira.

O menino choramingou. Lena levou a mão à testa dele.

– Você está quente, meu pequeno. Ainda doente? – E deu ao menino um naco de pão embebido em água e vinho.

Caravaggio bebeu o vinho.

– É o menino de sua irmã?

– O que o faz pensar que ele não é meu? – perguntou ela.

– Ele a chamou de tia Lena, lembra-se? Quando estive em sua porta com os velhos mendigos.

– O Senhor levou minha Amabilia quando este menino nasceu – disse a mãe de Lena, pegando a mão de Caravaggio.

– E o pai dele?

Lena se concentrou na tigela de vinho diluído diante da criança. Sua mãe mordeu o lábio com uns poucos dentes cinzentos.

– Neste bairro da cidade, *Signor*, o pai podia ser qualquer um.

– *Mamà* – Lena estalou a língua. – Tome mais um gole, Domenico.

Anna deu de ombros.

– Eu trouxe oito bebês para este mundo, *Signor*, mas Nosso Senhor levou-os todos embora devido à doença e a problemas de parto. Com exceção de Lena. Eu alimentei todos eles, depois que meu marido Paolo faleceu. Eu comprava vegetais dos camponeses e os revendia na *Piazza Navona*. Não é um bom negócio, e os homens me tratavam como se eu quisesse vender a mim mesma. Minhas pernas e minhas costas não permitiram mais que eu fizesse isso. Lena assumiu o meu lugar, quando seu trabalho no palácio do cardeal lhe permite.

Então, Lena era uma *treccola*, apregoando suas mercadorias na *piazza*, além de empregada. Esse tipo de trabalho, muitas vezes, era um disfarce para a prostituição, uma desculpa para que a mulher

saiße em público quando as decentes ficavam em casa. Ele ficou imaginando se esse era o jogo de Lena. *Outra prostituta? Até quando eu acho que encontrei uma mulher honesta.*

– Qual é a sua profissão, *Signor*? – perguntou a velha. – As luvas que o senhor deu a ela são caras. Suas roupas também são finas, embora agora pareça que o senhor foi surrado e roubado.

Ele riu de sua franqueza.

– Mais de uma vez, minha senhora. Eu sou artista.

A amabilidade fugiu do rosto de Anna. Um artista não era saída para sua filha daquele bairro de prostitutas.

– Ela tem outro admirador. – Lena deixou o pão cair na tigela e olhou de modo fixo e penetrante para a mãe. – Um notário. Ele trabalha para o Santo Ofício. Recebe incumbências diretamente do Santo Padre.

– Talvez eu o conheça de vista – disse Caravaggio.

– Neste lugar? Ele mora numa parte mais agradável da cidade.

Ele estendeu a mão para acariciar o queixo do menino.

– Se ele trabalha para o Santo Padre, é possível que eu o tenha visto no Quirinal.

– O palácio do papa?

– Estou lá todos os dias. Estou pintando o retrato do Santo Padre. – A velha o examinou com a perspicácia das ruas. *A mesma expressão que pintei no papa*, pensou Caravaggio. – Vou receber uma nova encomenda em breve. Quando isso acontecer, eu gostaria de pintar sua filha.

– Eu?

A velha tocou a perna da filha.

– Quando, pelas mãos de Deus e da Virgem Maria, eu for levada desta para melhor, você vai precisar de alguma coisa melhor que um salário de empregada, Lena.

A moça colocou outro pedaço de pão embebido na boca do menino.

– Eu não sou tão relutante quanto a senhora pensa, *Mamà*. Eu gosto deste cavalheiro. – Caravaggio inclinou a cabeça num arremedo de cortesia. – Você vai-me pintar de quê? – perguntou ela.

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro.

– Oh, provavelmente a Madona.

Ela mordeu o lábio.

– Eu?

– Não ria, menina – disse-lhe a mãe. – Você é bonita. Tão bonita quanto aquelas madonas das igrejas.

– Oh, *Mamà*.

– E o mestre vai deixá-la limpa – disse a velha, segurando os dedos sujos da moça. – Você vai ter de ficar parecida com a Madona, não com uma empregadinha.

– Os padres vão achar que estão vendo a Madona pela primeira vez – disse Caravaggio. – Como se ela tivesse descido do céu e tocado neles.

Lena pegou o menino no colo e o alimentou com o restante do pão.

Anna levou Caravaggio até a porta.

- Há muitos padres que gostariam de ser tocados pela minha Lena. Mas, se a Virgem aparecer a eles, vão morrer de culpa.

Ele a ouviu rindo enquanto ia em direção ao Corso.

Nos tempos da Roma Imperial, o estádio do imperador Domiciano era usado para corridas a pé, enquanto as bigas corriam no Circus Maximus, um local maior. Depois que um incêndio danificou o Coliseu, o estádio também recebeu os embates sangrentos dos gladiadores. Sua cobertura de mármore foi pilhada para a construção de igrejas e palácios para os papas, a família Pamphiliy, os Orsini e os Colonna. Mas o tijolo e concreto das arcadas inferiores, onde os antigos visitavam as prostitutas depois das competições do dia, foram incorporados ao andar térreo dos edifícios do que se tornaria um dos espaços públicos de Roma. Como o estádio fora concebido segundo um modelo helênico, os romanos referiam-se a ele usando uma corruptela latina das palavras gregas que significavam “o local de competição”. *In agones*. No dialeto posterior da cidade, a frase se contraiu e mudou, de modo que a praça agora era chamada de Navona.

Ainda era um local de competições, tão intensas quanto os confrontos entre os gladiadores e quase tão violentas. As partidas de bola jogadas em suas pedras ocorriam por dinheiro. Havia poucas regras. Os resultados eram disputados com a mesma pouca fineza dos antigos jogos.

Caravaggio chegou a Navona vindo das quadras francesas de tênis com Onório. Uma pesada bola traçou um arco pelo ar para além da multidão de espectadores que saudavam. E caiu nos pés de uma figura alta usando uma camisa branca e folgada.

Caravaggio procurou enxergar em meio à luz crepuscular.

- Aquele é o Ranuccio?

Outro jogador avançou, procurando atingir a bola de couro. O homem alto pôs o pé no topo da bola e a rolou para o lado. Ao mesmo tempo, abaixou-se e deu um soco direto no nariz do oponente.

- Sem dúvida é o Ranuccio – riu Onório.

Um agenciador de apostas usando um casaco pesado estava na beira do campo. Onório chamou-o.

- Aposto um *scudo* contra a equipe de Ranuccio.

Caravaggio hesitou. Ele não queria reviver o velho antagonismo com Ranuccio.

O agenciador voltou.

- Onório, vou aceitar essa aposta. Ei, você esteve nas quadras de tênis?

- Para esgrimir um pouco. Um cavalheiro espanhol e um soldado de Urbino.

Ranuccio saiu do jogo para beber de um frasco de vinho. Ele parecia ter levado um golpe, pois sua perna direita mancava um pouco a cada passo.

- O espadachim espanhol era bom – gritou Onório. – Ele teria feito gato-sapato de você, Ranuccio.

- Isso é o que você diz – respondeu Ranuccio dando um trago no vinho.

Quando viu Caravaggio, cuspiu no chão.

- Eu teria apostado dez *scudi* que ele o bateria – disse Onório.

- Os dez escudos que o seu amigo ainda me deve? – perguntou Ranuccio, apontando o frasco em direção a Caravaggio. – Eu sei de que espadachim você está falando. Contreras, certo?

– Ele mesmo.

– Eu já o vi lutando. Vou aceitar o seu dinheiro e enfiá-lo no rabo dele antes que consiga atingir um golpe em mim.

Onório avançou.

– Sem chance. Otários como você só valem um vintém. Certo, Michele?

Caravaggio segurou as mãos. *Eu sei onde isto vai acabar. Agora nenhum dos dois consegue parar.* Ele não conseguiria fazer o amigo retroceder. E até Ranuccio teria o direito de desdenhá-lo se ele fizesse isso.

Ranuccio atirou o frasco contra Onório. E agarrou a espada de um dos espectadores do jogo de bola. Uma multidão se fechou ao redor dos dois lutadores. Caravaggio puxou um dos jogadores das costas de Onório e pôs os joelhos nas costelas do homem.

Ele esperou que mais espadas fossem desembainhadas, mas, pelo que pôde perceber, a luta seria com punhos, garrafas e banquinhos da taverna mais próxima. Então viu brilhar o aço entre os corpos dos homens diante dele.

Onório veio para o seu lado com um sorriso largo e os dentes manchados de sangue.

– Ranuccio me deu um direito na boca. – Onório parecia uma criança divertindo-se em uma luta com o pai. – Mas eu fiz um corte nele – disse, erguendo o punhal. Eles saíram da confusão e descansaram na enorme concha da Fonte de Tritão.

Onório enxugou a boca com um lenço branco e cuspiu sangue na água.

– Você deve ter cortado a bochecha – comentou Caravaggio.

Em alguns minutos, a luta tornou a irromper. Os irmãos de Ranuccio tinham-no levado para fora. Ele estava com a mão sangrando, o ferimento envolto na fralda da camisa. E riu ao ver o lenço ensanguentado de Onório. Ranuccio apontou a mão machucada para Caravaggio e fez uma piada com os companheiros. Eles riram e sumiram atrás da Igreja de San Giacomo. Caravaggio achou que, se Ranuccio tivesse visto seu cadáver atirado contra a fonte, ele só teria rido mais alto.

Um porteiro conduziu Caravaggio pelo largo e alto corredor do palácio do Quirinal até os aposentos de Scipione. No ar pairava um cheiro de gesso fresco.

– Esse cheiro...

Chegaram a uma porta dupla aberta.

– O mestre Reni de Bolonha está pintando um afresco na Capela da Anunciação. É esse o cheiro que você está sentindo.

O afresco estava quase pronto. Uma dupla de querubins gorduchos agitava um incensório. A Virgem estava em seu leito, grávida. José continha alguns homens barbados na porta. Tudo havia sido pintado em tons pastéis, como se fosse um Rafael lavado. Caravaggio fez uma careta. Tinha certeza de que todos adorariam a obra.

O porteiro foi até o primeiro banco. Scipione estava de joelhos orando. Ele se levantou e foi em direção a Caravaggio, balançando o rosário. O artista se inclinou bastante. Scipione afastou a mão quase antes do beijo. Seu rosto estava vermelho devido ao vinho que ingerira.

O sobrinho-cardeal levou Caravaggio para fora da capela, com a mão em seu ombro. Era um toque levíssimo, mas parecia penetrar-lhe fundo na pele, como uma carícia indesejada.

– Fique longe dos Tomassoni, mestre Caravaggio.

- Vossa Reverendíssima?
- Eles são poderosos em sua parte da cidade. E isso me é muito útil. Soube que há certa diferença entre o *Signor* Ranuccio Romassoni e você.
- Senhor, não é nada importante. Apenas uma questão de...
- Dez *scudi*. Eu sei. Mas agora também houve derramamento de sangue. Na Piazza Navona.

Caravaggio estava a ponto de dizer que não fora ele que cortara Ranuccio, mas ficou relutante em se desculpar ou admitir que tinha estado presente na briga da *piazza*.

- Parece pouco provável que você e Ranuccio deem um fim a esse conflito com uma desculpa educada. Quero que você ponha término nessa disputa.

- E será que Ranuccio... ?

- Isso será comunicado também ao *Signor* Ranuccio – respondeu Scipione, indo até a janela que dava para o pátio do palácio papal. – Você terá de ficar escondido. A polícia deve fingir que prendeu os envolvidos na briga. Mas só quando você terminar o retrato do Santo Padre. Depois disso, quero alguns afrescos em meu novo palácio, mestre. Para a arcada externa.

Um afresco? Ele podia-me pedir que lhe tecesse um belo lenço ou que lhe cortasse o cabelo.

- Por que o senhor não pede a mestre Reni que o pinte? – perguntou ele, colocando o maior desprezo possível ao mencionar o título do artista. – Eu não pinto afrescos.

- É claro que eu posso pedir-lhe. Ele não se saiu mal com esta capela. E eu ainda não tinha pedido a *você* que o fizesse. Mas por que não?

- Eu faço pintura a óleo.

- O afresco é o maior teste para as habilidades de um artista. Você tem determinar a pintura antes que o cimento seque na parede. Não há tempo para correções ou retoques. Não é mesmo?

- Num afresco, não se pode controlar a luz – enquanto falava de sua obra, o ressentimento de Caravaggio contra as pinturas grosseiras e banais da capela tornou-se expansivo. – Sem dúvida sua arcada é bela, Eminência. A luz do sol brilha sobre ela o dia todo.

- É verdade.

- É por isso que lhe é tão agradável estar por ali.

- Realmente.

- Minhas pinturas são feitas com uma única fonte de luz. Para criar sombras que enfatizam os traços de meus modelos. Ao proceder assim, eu ilustro suas emoções – disse erguendo as mãos diante de Scipione como se carregassem uma lanterna acesa. Os olhos do cardeal seguiram seus dedos. – Se a luz viesse daqui, eu veria um sobrinho cardeal diferente do que eu enxergaria se pusesse a fonte de luz aqui em baixo.

Scipione balançou a cabeça em sinal de compreensão. *Ele nem argumentou que seria apenas um truque da luz, pensou Caravaggio. Ele sabe que usa muitas faces, e todas elas seriam dignas de um retrato.*

Caravaggio fez um gesto em direção ao pátio ensolarado.

- Na arcada, todos os rostos são planos e monótonos, pois a luz é uniforme. Se eu o olhar desta forma, o senhor fica sendo o mesmo se eu estivesse em pé aqui. Como artista, o que posso procurar se todas as perspectivas forem idênticas? Como posso mostrar que o que *eu* vejo é diferente, quando não é? O sol dá vida a tudo, mas não à pintura.

Ele se interrompeu e franziu o cenho. *O que dá vida à pintura? É só a luz?* O rosto de Lena veio-lhe à mente, e ele sorriu.

Scipione deu uma palmada no pulso de Caravaggio.

– É assim que você capta o caráter de um homem.

Caravaggio encolheu os ombros.

– Quando um pintor olha para um homem, este pensa: “O que ele vai me fazer parecer? Será que eu vou-me reconhecer? E se ele me vir como eu realmente sou?”. O olho do pintor esboça a culpa de todos os homens. Por isso é difícil pintar um santo a partir de um modelo vivo.

– Muito difícil realmente. Mas e se a culpa for do pintor?

A confiança de Caravaggio o deixou. Ele encolheu os ombros e olhou para as mãos.

– Então a pintura mostrará até o que o artista não sabia.

Lena o viu na quinta-feira quando saía do mercado de carne atrás do Madama. Ele ficou na sombra sob o muro do palácio como se desejasse não ser visto. Ela foi até o seu lado e o pegou pelo braço.

– Estou esperando para ser sua modelo, mestre Caravaggio. – A voz era leve e alegre. Ela apoiou a cesta na cadeira. O pacote de tripas dentro dela deslizou em sua direção.

– Ainda estou pintando o Santo Padre – disse Caravaggio. – Eu vou procurá-la assim que precisar de uma... – Ela ficou imaginando por que ele gaguejaria diante dela. Ele não parecia dado a esse tipo de coisa. *Será que está com segundas intenções ao se revelar para mim?*, pensou ela. – Assim que eu precisar de uma... – repetiu ele.

– Uma Virgem – completou ela. Ele sorriu, encolhendo os ombros com embaraço. – Parece que estou indo na mesma direção que você – continuou ela. – Você quer me acompanhar? – Começou a caminhar, e ele se pôs a seu lado.

Ela o olhou de soslaio e apertou os lábios, fingindo-se ofendida.

– Será que você não quer mais me pintar?

Ele balançou a cabeça e estendeu a mão para a cesta que ela carregava.

– Deixe-me levar isso.

– Não está pesada.

– Deixe que eu a carregue.

Colocando a mão no pulso da jovem, ele pegou a cesta. Examinou-lhe os dedos. Ela ficou imaginando se ele estava pensando nas luvas que lhe comprara.

– Eu não as uso quando estou trabalhando. – Ele não registrou o que ela disse. E acariciou-lhe os dedos com o polegar. – Minhas mãos ficam sujas, não é mesmo? Olhe só para elas. Estão num estado lamentável. Esta manhã eu estive limpando as salas de espera dos cavaleiros do palácio. Que sujeira eles fazem!

O toque dele era quente demais. Soltou a mão dela.

Entraram na Via della Scrofa. Lena apertou o passo quando a multidão do mercado começou a diminuir, colocando as mãos contra a barriga e balançando os ombros. *Um homem que passa os dias com o próprio papa*, pensou ela, *caminhando ao meu lado*. Olhou para o rosto dele. Seus traços pareciam febris, como se ele já a visse como a Virgem e estivesse inquietos pela presença de Deus. *Talvez a gente tenha de ser um pouco estranha para fazer o que ele faz. O papa deve até esperar por isso. Se um*

homem chegasse a pintar usando meias sem furos e uma jaqueta que não estivesse toda manchada de tinta a óleo, o Santo Padre o expulsaria como impostor.

– Você está com tinta no queixo – disse ela, tomando um pouco da barba negra entre o indicador e o polegar. Correu os dedos até o fim da barba, mas só conseguiu manchar de amarelo o trajeto devido à tinta a óleo. – Não saiu.

– Não vai sair. Se cair tinta a óleo em seu cabelo ou na pele, pode deixá-la por ali mesmo. Pode tentar limpar, mas só vai conseguir espalhar a tinta e torná-la mais impregnada.

– Aposto que eu conseguiria limpá-lo. – A ousadia dela o fez rir. *Com alívio*, pensou ela, *e também com diversão*. – Você não mudou de ideia? Quanto a me pintar?

Ele balançou a cabeça e umedeceu os lábios.

– Lena, talvez eu não possa vê-la durante algum tempo. Eu vou ter de me esconder. A polícia... – Ela esperou que ele olhasse em sua direção, preparando um sorriso coquete para encorajá-lo. Mas ele olhou para a lama que seus pés pisaram. – Apesar disso, já vejo você na pose em que vou pintá-la, assim que estiver livre outra vez – disse fechando os olhos. – Eu vi você como a Virgem. Quando estava em sua porta com Domenico. E também quando estava brincando com ele, caminhando com os pés dele nos seus.

– Isso não se parece em nada com a Virgem.

– Você vai ver. Não faz nenhuma diferença – ele sussurrou.

Ele não é como os outros homens do Jardim do Mal. Não está a fim de minha virgindade. A compreensão e a surpresa aqueceram-lhe o peito como o calor de um braseiro. Ele realmente vê a Madona em mim.

– É claro que tenho que esperar pela encomenda certa – disse ele, erguendo o olhar e notando o espanto no rosto dela. – O que foi?

– Nada. Prossiga – respondeu ela, corando.

– É assim que eu trabalho, entende? Alguém, um cardeal como del Monte, me paga para fazer uma tela para ele, e só então eu seleciono meus modelos para a pintura.

Ela se balançou nos saltos do sapato enquanto esperavam uma brecha no fluxo de carruagens para atravessar o Corso. *Se ele vê a Madona em mim, o que eu vejo nele?* Ele carregava uma espada e morava no bairro mais violento de Roma. Sem dúvida tinha amizade com gente dos piores tipos, como todos os artistas. Mas era gentil; ela sentia isso. *É por isso que ele me procurou. Eu também nunca fui como as outras moças que vivem por aqui. Nós somos diferentes, ele e eu.*

Ela perdeu a noção das coisas, como se estivesse sonhando. Ele lhe tomou o braço para atravessarem a rua, e ela teve um sobressalto como se tivesse despertado do sono.

– Você pode-me visitar enquanto isso – disse ela. – Enquanto estiver esperando uma encomenda.

– O que é que o seu admirador, o notário, vai pensar disso?

Seu olhar desviou-se para o outro lado da rua. Ela não esperava que ele se lembrasse do notário papal que vinha toda semana insistir que ela se casasse com ele. Gostaria de ter explicado que o homem era vinte anos mais velho que ela, que odiava sua arrogância, sua presunção de que o aceitaria apenas por sua posição e riqueza. Agora era difícil encontrar as palavras. Já era difícil para *ela* entender seu próprio ressentimento. Lena deveria acolher com prazer a atenção do homem. Ela era uma serviçal num palácio, que suplementava seus ganhos como vendedora de vegetais na Piazza Navona, e ele era empregado do Santo Padre. O notário podia ter tentado

comprar-lhe a honra por uma noite. Talvez pelo fato de não tê-lo feito ela não gostasse dele. Teria sido mais honesto que a pomposidade com que declarava que só a teria segundo os termos decretados pela Igreja. Ela sentia desdém em suas declarações. Insistindo em sua recusa de comprá-la, ele mostrava acreditar que ela estivesse à venda. Como a maioria dos homens, ele via uma moça pobre como uma prostituta que ainda não tinha encontrado um cafetão.

– Ele é só alguém que minha mãe conhece – disse ela, erguendo a mão em sinal de desânimo. – Quando você pinta, quanto tempo o modelo tem de ficar na mesma pose?

– Três ou quatro horas no máximo. Em um dia, quero dizer. Você teria de voltar várias vezes – disse ele, sustentando o olhar dela. Lena sentiu seus rostos aproximando-se, o caminho lento e arrebatador para um beijo. Ela se moveu na direção dele. As tripas deslizaram para o lado quando a cesta se inclinou. Caravaggio deu um passo para se reequilibrar, a fim de que o conteúdo da cesta não caísse no chão. Os dois riram com timidez.

Anna estava colocando anchovas para secar para fazer uma salada de *puntarelle* quando chegaram à casa de Lena.

– Você trouxe a couve-de-bruxelas, querida?

– Não, esqueci, *Mamá*. Vou voltar para comprá-las.

– É melhor limpar as tripas primeiro. – A velha viu Caravaggio e secou as mãos no avental.

– Mestre, que bom que veio nos visitar – disse ela, com cortesia. Ele olhou para Lena. Os dois sorriram diante da formalidade da mãe.

Lena desembulhou as tripas cinzentas e as espalhou pela mesa.

– Eu preciso ir trabalhar – disse ela. – Ao contrário de você, nunca tenho de esperar muito para receber uma encomenda.

– Eu não disse que *tenho* de esperar muito. Só tenho de esperar pela encomenda *certa*.

Ele já estava saindo para a rua. Ela enrolou as mangas.

– Acho que eu devia ter sido artista. – Ele ergueu o queixo, num gesto interrogatório. – Também é a minha tendência – completou ela. – Esperar pelo certo.

Costanza Colonna resolveu esconder Caravaggio até a polícia papal terminar sua busca pelos arruaceiros da Piazza Navona. Ela o chamou a seus aposentos no palácio Colonna e lhe disse que ficasse na residência de seu filho Muzio, próxima dali.

Caravaggio se agitou diante dela e coçou a barba.

– O que foi, Michele? – perguntou ela.

A cabeça do pintor agitou-se de um lado para o outro.

– Minha senhora... disse ele encolhendo os ombros. – Don Muzio?

– É uma questão de conveniência e urgência, Michele. A briga aconteceu num dos lugares públicos mais importantes de Roma. Sangue foi derramado. A polícia quer efetuar algumas prisões. Eles o deixaram livre até você dar os últimos retoques no retrato do Santo Padre. Mas agora você precisa se esconder.

– Mas Don Muzio... – Costanza lembrou a tensão entre seu filho mais velho e Michele. Quando crianças, o menino atazanava Michele devido à sua origem humilde. Agora eram homens feitos. Com certeza o respeito deles para com ela suplantava essas velhas disputas. – Eu preferiria correr o risco – disse Caravaggio.

Costanza desceu a mão até o forro de couro branco da poltrona em que se sentava. *Por que os homens não levam nada a sério, além de sua honra?* Eles ficam eternamente presos às suas relações de infância. Michele se sentiria tão magoado pelo escárnio de seu filho quanto quando eles eram crianças em seu palácio. *Praga de órfão, era como Muzio costumava chamá-lo.* Assumir o marquesado depois da morte do marido não havia diminuído a disposição do filho mais velho de exibir sua superioridade aos outros. Ele provocava Fabrizio sempre que se encontravam. Michele era ainda mais vulnerável.

Caravaggio passou os olhos pelo aposento como se não confiasse no silêncio do local. *Será que ele está tão atormentado?*, pensou ela. *Agora percebo que ele tem-se sentido desamparado esse tempo todo.* Um estranho em sua casa; isso lhe era lembrado por seu marido, por Muzio e até pelos empregados. *Só Fabrizio e eu o tratávamos bem.*

Mas o amor que lhe oferecíamos não conseguiu extinguir a raiva nele.

- Don Muzio e eu, minha senhora, temos diferenças não definidas – disse Caravaggio.
- O que você quer dizer com isso?
- A senhora se lembra, no oratório?
- Mas isso foi vinte anos atrás.

Ele deu de ombros. *Muzio tampouco esqueceu*, pensou ela. Da última vez em que estiveram juntos, seu filho provocara Michele enquanto eles brincavam no oratório da capela do palácio em Caravaggio. Fabrizio o havia defendido, mas Muzio os acusou de cometerem juntos terríveis pecados contra a natureza. Seu marido ouvira as acusações do claustro. Ele aplicou um forte golpe na cabeça de Fabrizio e deu-lhe um chute no traseiro, que acreditava ter sido desonrado por Michele. Mais tarde, Fabrizio lhe disse que seu marido havia olhado para Michele como os padres olhavam para os heréticos que se recusavam a se arrepender na fogueira. Depois que o marido saiu do Oratório, Michele bateu em Muzio com o candelabro até Fabrizio conseguir contê-lo.

Ela estremeceu como quando o marido entrou em seu quarto para ordenar que Michele fosse mandado embora. Resistiu até ver Michele com os pintores executando o afresco algumas semanas depois. Pareceu-lhe uma oportunidade de restaurar a paz na casa e dar ao menino a oportunidade de uma carreira em que ele não seria atormentado por seu passado.

Será que eu o mandei embora devido à minha revolta pelo que ele fez com Fabrizio? Ela sempre achou que foi uma coisa boa o que fizera por ele. Agora estava em dúvida. Esfregou os dedos com o polegar, como se repassasse as contas de um rosário.

Ela o observou se agitando desajeitadamente sobre as lajotas diante dela, como o menino que havia mandado embora. Agora ela percebia. Tinha havido amor entre ele e Fabrizio, embora ela mesma nunca tivesse conhecido esse sentimento. Uma parte dela não conseguiu amadurecer para além da idade em que foi despachada como noiva. *Eu o fiz sair porque o amor deles me expunha como a criança que eu ainda era. Eu senti o amor materno, mas nunca as emoções de uma amante.* Ela colocou Michele na carruagem do postilhão e o mandou para Milão, na esperança de nunca tornar a pensar no amor que lhe fora negado.

– Muito bem – murmurou ela. – Vou esconder você aqui no palácio Colonna por alguns dias. Eu sou apenas hóspede neste local e arrisco sofrer o desagrado de meu irmão, mas vou providenciar isso.

- A senhora sempre se mostrou muito generosa para comigo – disse ele, inclinando-se com uma formalidade que parecia zombar dela.
- Sinto muito, Michele – sussurrou ela enquanto ele se dirigia para a porta. Caravaggio levou a mão à maçaneta.
- A culpa é minha, minha senhora. Sempre foi. – E, sem se voltar, saiu do aposento.

Naquele verão de 1605, o conflito entre os simpatizantes do monarca francês e do espanhol recrudesceu nas ruas de Roma. Caravaggio tinha testemunhado seu início, a derrota do lutador dos Colonna para o empregado do palácio Farnese. O embate da Praça dos Santos Apóstolos provocou uma noite de brigas nos bairros controlados por essas famílias. E a cidade toda começou a se incendiar. Era como se alguém tivesse posto fogo no tronco de uma árvore, e as chamas se estendessem pelos galhos até os menores ramos e brotos de fruta. Os Farnese e os Colonna. Os homens que viviam nas encostas da colina Quirinal contra os que moravam perto do Campo de Fiori. Franceses versus espanhóis. E um broto entre as muitas contentas prestes a virar folha naquele verão: Caravaggio contra Ranuccio Tomassoni.

Uma tarde, Costanza Colonna recebeu uma mensagem de del Monte: a polícia não estava mais interessada na luta da Piazza Navona; Caravaggio podia sair de seu esconderijo. Ele foi diretamente para a casa de Lena. Ela acabara de chegar de seu trabalho no palácio Madama e estava tirando o lenço da cabeça quando o viu à porta e sorriu. Encantou-o o fato de o brilho que se espalhou pelo rosto da moça ser para ele. Estava acostumado com a admiração, mas reconheceu algo mais no rosto dela. Ela o afastou da porta, chegou-se a ele e o beijou.

Esse teria sido o momento certo para levá-la ao fundo da sala, para trás da cortina à frente da tábua acolchoada que lhe servia de leito. Mas ele se viu a salvo do desejo e até querendo prolongar aquele período de... de quê? De *inocência*, pensou ele. Era uma sensação nova, que o encheu de energia curiosa. *Será isto o que sentem os que não cometeram nenhuma falta?*

- Vamos caminhar um pouco – disse o pintor, pegando-a pela cintura.

Ela escapou dele.

- É isso mesmo que você quer?

Ele olhou para os seios dela, mordeu os lábios de brincadeira e confirmou com um movimento de cabeça.

- Leve-me a um lugar de que você realmente gosta – pediu ela. – Eu quero saber mais sobre você.

- Não vai ser preciso muito tempo para isso. Eu sou um homem muito simples.
- Não é o que as pessoas dizem.
- E o que elas dizem?

Ela girou o dedo na frente, e os dois riram.

Ele a levou à Piazza Farnese. Em cada canto da praça, os arruaceiros se espalhavam à espera de uma briga. Flexionavam os dedos enluvados e tocavam o punho da espada como se pudessem, sem ser notados, desembainhar essas lâminas de mais de um metro.

Pelo menos dessa vez, Caravaggio permitiu-se acreditar que a tensão à sua volta nada tinha a ver com ele. Levou Lena até a entrada em forma de barril do palácio Farnese. Ela olhou para a

flor-de-lis da família entalhada nos caixotões do teto e tocou as colunas de mármore róseo da lateral, roubadas das Termas do Imperador Caracala.

- Por que você está-me trazendo aqui? Será que estão precisando de uma mulher de limpeza?
- Eu quero-lhe mostrar que tenho meus motivos para ser um pouco louco – disse ele girando o dedo em torno da fronte como ela havia feito.
- Você não precisa de uma justificativa para isso, mas estou pronta para ouvir.

Foram então em direção a uma larga escadaria. Ao longo do pátio, outro pelotão de impacientes espadachins fingia descansar apoiado nos enormes pilares. Num patamar, uma fonte despejava seu jorro num antigo sarcófago. Lena borrifou água em Caravaggio. Riu de seu próprio atrevimento. *Ela não está acostumada com a liberdade de ser ela mesma em um palácio*, pensou ele. Rindo, correu atrás dela pelos degraus.

No topo da escadaria, havia uma galeria com pinturas dos maiores mestres do século anterior. Quando Caravaggio esteve ali anteriormente, sempre havia alguns cavalheiros e suas damas admirando a arte. Agora, a longa sala estava vazia. Os espadachins da *piazza* haviam dissuadido os amantes da arte. O gelo da apreensão perturbou sua felicidade.

- Quem é este peixe frio? – perguntou Lena sorrindo.

Era o retrato de um cardeal, distante e alheio, esticando o pescoço fino.

- Alessandro Farnese, pintado por mestre Rafael. Você vê como seu rosto parece sair do quadro? Isto era novo naquela época. Faz com que você se sinta conversando com a pintura, com o próprio homem.

- Acho que eu não ia gostar do que ele tem para dizer.

- Ei-lo aqui outra vez – disse ele, indo até a tela seguinte. Um pontífice corcunda sentado no trono, com seus sobrinhos rendendo-lhe homenagem. – Agora ele está mais velho. Ele se tornou o papa Paulo III. Este quadro é do mestre Ticiano. Veja como ele pintou tudo em tons de vermelho.

- O Santo Padre parece um animal, assustado e prestes a atacar ao mesmo tempo.
- Todos têm a mesma aparência se você os examinar de perto.
- Você não tem essa aparência.
- Você me conhece muito pouco.

Ela tocou o nariz dele com a ponta do dedo, foi para frente e mostrou. Uma Virgem com o menino, Santa Ana e João Batista, e nos pés deles um gato rotundo.

- Gosto deste quadro.

- É de Giulio Romano. Um aluno do mestre Rafael. Ele emprestou esta composição do mestre Leonardo. Nessa época, todo artista começava simplesmente copiando os melhores elementos dos que os precederam. A Madona está muito bem-feita, mas é um pouco vazia, não é mesmo?

- A melhor parte é o gato.

- Vamos chamá-lo de *A Madona do gato*. – Ela imitou um gato ronronando. Ele apontou toda a galeria com o braço. – Todas estas obras estão cheias de símbolos. Elas não se limitam a contar uma história. Você precisa saber o significado do cacho de uvas nas mãos do Batista para entender *A Madona do gato*. Você não pode se limitar ao que o quadro mostra.

- Como é que eu vou saber o que essas coisas significam?

- Os artistas e os homens que compram quadros não se importam com *você*. Venha. Vo- lhe mostrar um homem que deseja tornar as coisas mais fáceis para todo mundo.

Avançaram pela *loggia*. Ele olhou para o pátio e notou que mais espadachins estavam chegando do jardim dos fundos do palácio.

Ele a levou a uma galeria que dava para o Tibre. Era estreita, com apenas dezanove metros de comprimento. Os deuses da mitologia se cortejavam e pelejavam mutuamente ao longo do teto.

- Eles estão no centro, está vendo? Baco e Ariadne. – Ele observou os olhos dela movendo-se lentamente pelas cores luxuriantes. – Você não precisa conhecer as histórias ou mesmo os nomes dos deuses. Mas você sabe o que está acontecendo. Eles estão se casando. Estão conhecendo a alegria do amor. Está bem ali. Você não precisa saber de mais nada. Não é preciso ler os símbolos.

Pensativa, ela deixou que seus dedos pousassem delicadamente em seu busto.

– É por isso que você gosta desta sala?

– Disso e da maneira como ele usa o espaço. Você não sente como se eles fossem todos cair do teto e pousar em cima de você? Eles têm uma consistência real, embora estejam pintados numa superfície plana.

– Você sabe como fazer isso?

– Sim, mas de vez em quando faço a coisa errada. Annibale não cometeu nenhum erro neste teto.

– Annibale?

– Carracci. O mestre de Bolonha que pintou esta obra.

– Você o conhece? Como ele é?

Agradou-lhe que ela perguntasse sobre o caráter do pintor. *Ela vê a humanidade do que ele realizou. Para ela, esta obra não é apenas decoração.* Então olhou para o jardim. Os espadachins remanescentes dirigiam-se para o pátio, afunilando-se na entrada. Teve a primeira intuição de não ter compreendido a situação.

– É melhor irmos embora.

Voltaram para a *loggia*. Os valentões haviam-se reunido em torno de uma enorme estátua de Hércules, da altura de dois homens, na arcada que cercava o pátio.

Ele a puxou pelo braço, mas ela permaneceu imóvel.

– Você disse que ia-me contar seus motivos para ser um pouco louco.

Ele olhou para o pátio.

– Annibale terminou aquele afresco três anos atrás. Maravilhou toda a Roma. Todos os pintores acharam que era a melhor coisa já feita até hoje. Ele trabalhou nela durante quatro anos para o cardeal Farnese. O cardeal nem lhe agradeceu. E mandou um empregado aos aposentos de Annibale com duzentos *scudi*.

– Tudo isso?

Para você, garota, talvez seja.

– Você não entende. Eu recebi essa mesma soma por uma pintura que fiz em apenas três meses.

– Então ele foi enganado.

– O que um cardeal oferece é tudo o que você merece. Não se pode argumentar que um príncipe da Igreja nos enganou. Annibale ficou louco. Quatro anos de trabalho intenso por quase nada. Agora ele fica sentado no escuro e não recebe visitas em casa.

Logo vai estar morto.

– O que você faria se um desses cardeais fizesse isso com você? – Estou esperando para descobrir. É *isso* que me deixa louco.

Os espadachins se encaminhavam para o portão. Caravaggio reconheceu seus rostos das quadras de tênis e do jogo de bola na Piazza Navona. Apressou-se em deixar o palácio. Queria estar longe antes que esses homens fossem para as ruas.

– Pintor – berrou Ranuccio em meio à massa de homens em direção a Caravaggio. – Essa é que a sua nova puta?

Caravaggio afastou Lena.

– Não quero brigar com você, Tomassoni.

– Lamento não concordar – respondeu Ranuccio, com seus irmãos colocando-se a seu lado. Ele se empertigou completamente, uma cabeça mais alto que Caravaggio. – Acho que nunca vi essa vadia.

– Cuidado com a linguagem.

Ranuccio sacudiu as luvas como se Caravaggio tivesse feito uma piada sem graça.

– Belos peitos. Garota, ele já lhe contou o que aconteceu com Prudenza, sua última puta? – perguntou, correndo o dedo pela garganta.

– Você não é nenhum cavalheiro – disse Lena em tom desafiador, mas Caravaggio sentiu o tremor sob suas palavras. Ele tinha de afastá-la de Ranuccio.

– Seu namorado, com certeza, também não é nenhum cavalheiro. Mas é claro que você já sabe disso.

Caravaggio pegou Lena pelo braço e a empurrou em direção à entrada. Ao chegar ao canto, achou que o caminho estivesse bloqueado, mas então viu Onório entre os espadachins que atravessavam o portão.

– Michele, que diabos você está fazendo por aqui?

– Ele está-me educando – disse Lena.

Caravaggio riu aliviado agora que ela estava longe de Ranuccio.

– Vá para sua casa, Lena.

Ela se voltou para ele.

– Michele, não...

– Rápido, antes que a luta comece. Eu não posso sair, não depois do que Ranuccio me disse.

Ela hesitou, como se pensasse no que poderia dizer para dissuadi-lo. Ele sacudiu a cabeça e tocou-lhe o queixo com a ponta do indicador. Ela beijou-lhe o rosto e se afastou.

– Ela é um amor de moça, *carazzo* – disse Onório, dando um tapinha nas costas de Caravaggio. – Então, Ranuccio está no palácio?

Os dois entraram no pátio, a uns doze metros de distância dos homens dos Farnese.

Caravaggio estava intrigado. Uma hora atrás ele se sentia perfeitamente feliz, sozinho nas galerias daquele palácio com uma mulher que o encantava. Agora, um impulso podia significar o fim de tudo. *É assim que sua vida vai passar? É assim que ela vai ser?*

Ranuccio saiu do meio dos homens dos Farnese.

– Para onde foi a sua biscateira, pintor? Eu quero colocar meu chifre nela para que você tenha um par de chifres na cabeça. – Caravaggio levou a mão à boca e mordeu a junta do dedo médio, mostrando os dentes. – Você está mordendo o dedo para mim? Você está-me insultando – disse Ranuccio, desembainhando a espada.

Caravaggio fez o mesmo. Um rápido brilho da lâmina foi visto num relance, fazendo seu corpo vibrar da ponta do braço até o torso.

O primeiro impacto, uma parada, foi quando Ranuccio saltou à frente e atacou. Sua lâmina era cerca de quinze centímetros mais longa que a de Caravaggio, e o alcance também era maior. Caravaggio evitou a espada de Ranuccio, e então investiu e atingiu o bíceps do oponente. O golpe penetrou no tecido do gibão de Ranuccio. O pintor sentiu a ponta de sua espada tocando na carne do outro.

Ranuccio se afastou dele e ficou longe, colocando a mão esquerda dentro da camisa, os olhos pregados em Caravaggio, em alerta e com raiva.

Em torno deles, o duelo se generalizou, com trinta homens de cada lado. A fricção do aço contra o aço era como o soar de sinos desafinados de todos os campanários de Roma, todos ao mesmo tempo.

Ranuccio preparou-se para o ataque e deu uma estocada. Caravaggio deu uma parada girando o pulso, inclinando-se sobre seu joelho direito para desferir sua riposta. Ranuccio mal afastou a cabeça da trajetória do golpe e tornou a atacá-lo.

Para Caravaggio, a lâmina de seu adversário parecia uma garra, uma cobra, a gavinha de uma trepadeira tropical. Sua garganta estava seca, e os pés levaram-no para trás, para fora do perigo. Mas a espada em sua mão o empurrava para frente. A vontade de ferir seu oponente era irresistível.

Os punhos de suas espadas prenderam-se um no outro. Caravaggio abaixou-se e atingiu Ranuccio na garganta. Então ergueu o pé e chutou a rótula de Ranuccio.

Ele sentiu seu alto adversário caindo. Agarrando a mão de Ranuccio que segurava a espada, afastou sua lâmina para o golpe. *Será agora? Vou provar ser o assassino que dizem que eu sou?*

Um golpe atingiu-lhe a têmpora com a força de um coice de cavalo. Ele caiu e rolou no chão. De joelhos, começou a dar golpes cegos para que seu atacante não se aproximasse até ele recuperar os sentidos.

Alguém o agarrou pela gola.

– Estou com você, Michele – disse Onório em seu ouvido.

Ele piscou com força. Um homem que ele conhecia como irmão mais velho de Ranuccio, o soldado Giovan Francesco, estava diante dele. *Deve ter sido ele que impediu o coup de coeur, o golpe fatal.* Sentiu-se aliviado, como um homem libertado das galés. Ele não tinha matado.

Agora Caravaggio estava em pé, mas ainda enxergava dobrado, e sua cabeça pesava. Onório arrastou-o para o portão.

Ranuccio apoiou a cabeça no peito do irmão.

– Não acabou, pintor – disse ele, numa voz arrastada e indistinta.

– Vamos fritar suas bolas, seus imprestáveis – disse Onório, fazendo um gest opara os outros homens dos Colonna para que se retirassem. Alguns chegavam ao portão chupando o sangue dos cortes ou pondo ataduras nos ferimentos. A maioria ria e trocava insultos com os Farnese no pátio. Cruzaram a praça. – Rápido, antes que as patrulhas cheguem – comentou Onório, chamando um espadachim alto, cuja postura refinada parecia não ter sido perturbada pelo duelo. – Ruffetti, nosso amigo precisa de um médico.

Ao se aproximar, o espadachim franziu cenho, horrorizado.

– Tragam-no à minha casa – disse ele.

Caravaggio levou a mão à frente. E a retirou cheia de sangue.

Os inspetores da Corte Criminal encontraram Caravaggio na cama, na casa de Ruffetti, com ferimentos no pescoço e no lado esquerdo da cabeça.

Um dos oficiais puxou uma cadeira para perto da cama.

– Um homem dos Farnese morreu devido aos ferimentos depois da luta no palácio.

– Que luta? – perguntou Caravaggio tocando o curativo na garganta e tossindo.

Os dois inspetores se entreolharam. O que estava sentado, pequeno, magro e de pele cinzenta, ergueu os olhos. O outro coçou a espessa barba negra. Eles estavam acostumados com os rumos que essa investigação ia tomar.

– Uma briga, uma luta de espadas no palácio Farnese esta semana. Os homens dos Colonna entraram no pátio. Foram cerca de duzentos os envolvidos.

Caravaggio quase disse que não eram mais que sessenta. Ele viu que o inspetor foi para a beira da cadeira, esperando ser corrigido.

– São muitos homens. Alguém ficou ferido? – perguntou o pintor.

– Já lhe disse que um dos homens dos Farnese morreu.

– Que Deus tenha piedade de sua alma.

– Dizem que viram você lá.

– De jeito nenhum. Tenho trabalho demais para fazer. Quem disse que eu estava lá?

– Testemunhas confiáveis.

– Então não é ninguém que eu conheça. De qualquer modo, ando ocupado demais para essas coisas. Estou pintando um retrato do Santo Padre.

O homem da cadeira hesitou, mas seu colega inclinou-se sobre Caravaggio, segurando a cabeça da cama.

– Ouvimos dizer que você já terminou o retrato.

– O sobrinho-cardeal e eu estamos escolhendo a moldura para o retrato. Pode perguntar-lhe.

– Podemos fazer isso – disse o investigador barbudo, apontando um dedo para Caravaggio, mas o da cadeira estalou a língua.

– O que aconteceu com você? – perguntou o inspetor mais baixo, tirando do bolso uma tabuinha e escrevendo nela com um estilo.

– Eu me feri com minha própria espada – respondeu Caravaggio, tentando esboçar uma risada de auto depreciação. – Caí da escada perto daqui.

O estilo arranhava a tabuinha.

– Onde?

- Não lembro exatamente onde. O senhor sabe, eu estava um pouco... estava bêbado.
- Bebendo com o sobrinho-cardeal?
- Por Deus, Cosimo! – disse seu companheiro num tom de repreensão. – Alguém o viu?

Ou veio em seu socorro quando você caiu?

- Não havia ninguém por perto na ocasião.
- Por que você veio para cá?
- Tive a sorte de perceber que estava próximo da casa do meu amigo, o *Signor Ruffetti*, o advogado. – Outra troca de olhares entre os inspetores. *É isso mesmo, cavalheiros*, pensou Caravaggio. *Eu tenho amigos que conhecem a lei*. – Não tenho mais nada a dizer.

Ele ouviu seus passos sinistros descendo as escadas. Quando engoliu saliva, pareceu-lhe que a garganta ia explodir em toda direção através do pescoço.

À tarde, Onório lhe trouxe uma garrafa de vinho. Ele se sentou na beira da cama enquanto Caravaggio bebia.

- Um dos homens dos Farnese morreu – disse Caravaggio pousando a garrafa na coxa.

A pele de Onório estava vermelha de excitação, e seus olhos brilhavam.

- Não era ninguém importante.
- O que eles diriam se eu tivesse morrido?
- Diriam que você teria matado Ranuccio quando teve a oportunidade – disse Onório batendo na perna. – Não há nada de errado em ter um pouco de sangue nas mãos. Isso faz de você um homem.

Caravaggio piscou os olhos.

- Foi *você* que matou o homem dos Farnese?
- Passe-me a garrafa, *καζαρο* – disse Onório, com a voz vibrando e exaltada. E derramou o vinho na garganta.

Caravaggio estremeceu. Onório tinha tirado uma vida. Ele parecia irreconhecível para Caravaggio, entrando em um mundo em que seus únicos companheiros eram os mortos.

- Eu fiquei deitado lá, pensando em como cheguei perto da morte – disse o pintor. – Eu podia ter sido morto.

– Você tem razão. Morrer é muito fácil – retrucou Onório, abrindo as venezianas. O sol varreu o quarto como se a escuridão tivesse criado uma camada de poeira.

- Meu pai e meu avô morreram de peste num único dia – murmurou Caravaggio.
- Todo mundo morre. Parece até que a gente morre mais de uma vez, pois a morte é abundante. Parece que quase não há pessoas vivas suficientes para satisfazer toda morte que deve ocorrer.

– Eu agora morri a minha primeira e a segunda vez – disse Caravaggio apontando para a garganta e a cabeça. – Tenho menos mortes a temer.

Quando Onório desceu as escadas assobiando, Caravaggio caiu no sono. Sonhou que estava outra vez lutando com Ranuccio no palácio. Desta vez, ele caía de joelhos, e Ranuccio atravessava-lhe o peito com a espada. Ele caía, com a cabeça batendo nas pedras do pátio, observando a estátua de Hércules, como se ela estivesse a seu lado. Ranuccio corria e passava por ele, perseguindo Lena e rindo. E a alcançava. Caravaggio acordou gritando.

Passos na escada. Ele se sentou na cama, tremendo, suando, a garganta rebelando-se contra seu grito.

Scipione entrou, o bigode mexendo-se de satisfação, como um ator respondendo à sua deixa.

– Um belo grito de horror. Muitas vezes eu evoco essa reação, mestre Caravaggio. Mas agora se acalme. Caravaggio jogou as pernas fora da cama. – Fique onde está. – Scipione estendeu-lhe a mão para que a beijasse. Ele franziu o nariz e retirou o braço depois do mais breve dos toques. – Meu caro, você está num estado lamentável.

– Eu caí de uma escada. E me machuquei com minha própria espada... Scipione segurou a respiração.

– Não estou investigando você, Caravaggio. Pare de se justificar comigo.

– Sim, Eminência.

Scipione se sentou cuidadosamente, como se não confiasse nas cadeiras de um plebeu.

– Foi alguns dias atrás que eu lhe disse para não arrumar confusão com os rapazes Tomassoni.

– Foi, Eminência.

– Eu lembrei a você que o chefe da família Tomassoni é responsável pela guarda do Castel Sant’Angelo. Em tempos de conflito, esse castelo é o refúgio do Santo Padre. Isso significa que o Tomassoni é alguém de quem o próprio Santo Padre depende. – Caravaggio estremeceu, levando a mão à garganta. – Se o Santo Padre tivesse de ir ao Castel Sant’Angelo e encontrasse as portas trancadas ou a guarda... – Scipione acariciou o bigode com o polegar – ... de má vontade, seria uma catástrofe para todos os cristãos.

– Eu sempre estarei em dívida para com o Santo Padre e Vossa Eminência.

O cardeal distendeu os dedos roliços.

– Eu jantei no palácio do cardeal del Monte a noite passada. Conversei com um homem de ciência que me informou serem os humanos a única espécie que se preocupa com a vingança. Eu pensei em você.

Naturalmente.

– Parece que a coisa que nos distingue dos animais é a vingança – prosseguiu Scipione.

– E a crença no Deus verdadeiro, meu Senhor.

– Há muitos que não compartilham dessa crença, e, é claro, morrerão como os animais. Mas você está zombando de mim. Não faça isso. Seu conflito com Ranuccio é humano. Peço-lhe que seja um pouco divino. Que se erga acima dele.

– Vossa Eminência nunca sente desejo de vingança?

– Não se compare a mim. No meu caso, a vingança é divina. Ela tem a sanção do Santo Padre – respondeu Scipione, estendendo a mão para tocar o braço de Caravaggio. – Estou tentando ajudá-lo com o problema de Don Fabrizio Sforza Colonna. Desejo-lhe mostrar minha preocupação como seu patrono. Desejo garantir a felicidade da marquesa Costanza Colonna.

Caravaggio teve vontade de pegar a mão do cardeal e beijá-la, mas Scipione retraiu-se com uma força surpreendentemente fácil. Ele era mais forte do que parecia.

– Preciso subornar os Farnese para fazer com que eles ignorem o assassinato de seu primo por Don Fabrizio. Não me ajuda em nada você ficar brigando no pátio deles.

– Havia muitos homens. Eu não era o único.

– Nada tenho a ver com esses outros loucos. Mas eu encomendei um quadro a você. Do Santo Padre. E desejo obter outros.

– Mas Tomassoni ofende minha honra e...

O tom de voz de Scipione passou, num instante, de sua costumeira suavidade lânguida para a agitação aguda de uma criança contrariada.

– Você é meu homem, maldição! Você tem de se comportar como alguém em quem confio. – Ele se levantou da cadeira, ouvindo suas juntas ranger ao voltarem para o lugar. E se dirigiu à porta. – Depois que se recuperar, vá visitar a família de Cavalletti, o mercador, que sua alma descanse em paz. Eles compraram uma capela em sua memória em Sant’Agostino. – Scipione desceu as escadas. Já estava fora de vista quando acrescentou: – Eles querem uma Madona.

– Minha?

– Do homem de Scipione.

A casa onde a Virgem soube que daria à luz o filho de Deus chegou de Nazaré no tempo dos Cruzados. Os anjos a levaram para evitar sua destruição pelos muçulmanos. Eles a colocaram em Loreto, uma cidade da Marche⁵ com vista para o Adriático. Muitos grandes artistas pintaram o transporte da Casa Santa pelos céus, sempre mostrando Maria junto a seu antigo lar, voando com os serafins. Em seu testamento, o mercador Cavalletti deixou um legado para um retábulo com uma imagem da Madona de Loreto.

Girolamo de’Rossei, cunhado do mercador, levou o contrato para Caravaggio.

– O senhor sabe que não vou pintar a Madona voando como um pássaro – disse o artista. De’Rossi esfregou a folha de papel entre o polegar e o indicador.

– Posso pedir a mestre Baglione que o faça.

– Com certeza, Baglione vai-lhe dar uma Virgem em quem ninguém acreditará.

– O senhor quer dizer que não leva a sério o milagre da Casa Santa?

– Eu levo tudo a sério. Mas não sou como os outros artistas. É por isso que adquiri minha fama.

De’Rossi tentou sorrir.

– Não se preocupe, *Signor*. – Caravaggio pegou o contrato. – Acredito na Madona. Quando a pintar, estarei na própria presença dela.

Inclinando-se sobre a mesa, pegou a pena e assinou.

Lena estava em pé numa caixa com o filho da irmã no colo. Caravaggio trouxe a dupla de velhos mendigos que havia contratado na rua da Taverna do Mouro, fazendo-os ajoelharem-se numa súplica.

– Você está dando banho no menino e alguém bate à porta, Lena. Você quer voltar ao banho, mas sente compaixão por esses simples peregrinos diante de você. Olhe no rosto deles.

– Foi o que aconteceu quando você veio à minha casa pela primeira vez – disse ela. – Mas eu não estou fazendo o papel da Virgem?

– Não tente imaginar como a Virgem se comportaria – disse ele ajoelhando-se atrás dos mendigos. – Olhe para eles, Lena. Eu quero saber o que *você* sente quando os vê.

- Eles parecem pessoas velhas e boas.
- Eles saíram de suas casas para visitar você. Enfrentaram ladrões e a fome. Só para olhar o seu rosto. Você seria capaz de mandá-los embora?
- Não. Mas eu lembro que Domenico começou a sentir um pouco de frio.
- Certo, a Virgem tampouco esqueceria a criança. Então, incline-se um pouco, pois você está pensando no menino que precisa entrar. Mas olhe também no rosto deles.

Ela quase encostou o queixo no ombro, constrangida com a responsabilidade que ele lhe atribuía de ser um canal para a Virgem, mas cheia de compaixão pelos mendigos.

Ele voltou para seu lugar, foi para trás de sua cortina negra e viu a projeção dos modelos na tela. Levou o cavalete para frente para tornar a imagem mais nítida. Quando os focalizou, as figuras tomaram vida diante dele. Uma comoção de alegria o fez cerrar os pulsos e morder o lábio. Demoraria meses para a pintura ficar completa, mas ele já a tinha visto.

No chão castanho-avermelhado que pintara na tela, com o cabo do pincel, assinalou as posições de seus modelos. Os pés sujos do velho projetando-se em direção ao espectador. As maçãs do rosto da mendiga salientadas pela idade e a fome. A mão da criança segurando o veludo escarlate do vestido que Caravaggio comprara para a sua Madona.

O pé de Lena, arcado sobre os artelhos, e a linha das omoplatas tocada por seu queixo.

Depois de alguns talhos da pintura preparatória para marcar as posições dos modelos, ele saiu de seu compartimento. Marcou com giz o local dos pés de Lena, para que soubesse onde deveria ficar na próxima sessão, e fez o mesmo de cada lado dos joelhos dos mendigos. Então, deixou que o menino fosse para o pátio brincar com os velhos, enquanto ele definia o tom do rosto de Lena e sombreava seu nariz e seus olhos.

Depois de um instante, ouviu um gemido discreto.

- Seu pescoço está dolorido?

Ela sorriu.

- Está sim. Posso dar uma olhadela?— Ainda não há nada para ser visto.

Ela balançou os quadris.

- Como é a Casa Santa de Loreto?

- É parecida com a sua casa.

Ela virou a cabeça para o lado, sorrindo e cansada, esperando alguma brincadeira. Observou sua imagem onde estava sendo projetada na tela. Ele quis levá-la para trás da cortina. *Onde ninguém possa nos ver. Exceto a minha Madona.*

- Você é a Virgem. Você mora exatamente onde você mora. Em baixo do reboco caindo da parede e dos lascados do batente – disse ele. – É o lugar onde o Cristo cresceu. Você acha que ele morou num palácio? Ou numa igreja? Que ele era um príncipe?

- Ele era carpinteiro.

- E onde é que os carpinteiros moram? No palácio do Quirinal?

- Um deles mora na nossa rua.

Ele pousou o pincel e a paleta, indo até ela. Tomou-lhe as mãos. Ela esfregou com as pontas dos dedos as tintas na palma da mão dele. Ele prendeu a respiração. *Isto é como receber uma mensagem do céu. Não seria em italiano ou em latim. Viria como uma sensação, e seria compreendida instantaneamente. É como eu me sinto diante de uma grande obra de arte. Sinto tudo, antes de conhecer.*

Ele afastou a cortina para que alguns dos elementos básicos da composição ficassem visíveis para ela.

– Não estou pintando este quadro da maneira como outros pintores pintaram a Madona de Loreto. Não quero que as pessoas digam: “Ah, a Virgem consegue voar e, oh, que bela casa ela tinha”. Eu quero que elas conheçam toda a pureza da alma de Maria e se encham do amor que ofereceu ao mundo através de seu filho. – Ele se achegou mais a ela. Havia expectativa no rosto de Lena. *Ela sabe o que eu vou dizer. Ela sente a mesma coisa. Ela está comigo.* – Para pintar isso, preciso sentir essas emoções. E eu as sinto. Porque eu amo você.

Os olhos de Lena vagaram da imagem de si mesma na tela, incompleta e imóvel, até o rosto animado do homem ao lado dela.

– Se eu conseguir pintar uma coisa para a qual valha a pena olhar novamente, será porque estou pensando em você.



Madona do Loreto

Ela baixou o olhar e deixou que seu ombro tocasse o dele.

– Mas eu não sou, você sabe... Houve um ou dois cavalheiros.

– Eu não disse que você é a Virgem – falou ele, erguendo-lhe o queixo com um dedo. – Eu vejo a ideia dela em você, e você torna essa ideia real. Sem você, ela não existe. E colocou os lábios sobre a boca de Lena.

Del Monte observou-o salientando a borda do degrau sujo sobre o qual a Virgem se voltava com o filho. O cardeal ergueu o barrete e coçou a cabeça.

– Baglione e a Academia não vão gostar – disse ele.

– Se eles gostarem, reduzo-o a tiras com meu punhal – disse Caravaggio inclinando-se perto do quadro.

Del Monte olhou para toda a tela da altura de dois homens.

– É magnífica – murmurou ele.

– Mas... ?

– A Igreja tem regras para a representação de temas religiosos.

– Desde quanto *o senhor* liga para essas coisas?

– Não me interprete mal. Alguns dizem que um dia eu posso ser papa... mas vejo a arte como o maior reflexo da luz de Deus sobre a Terra.

Caravaggio colocou o pincel entre os dentes para que pudesse pegar outro pote de tinta aos pés do cavalete.

– E então?

– Sua Madona tem os dedos dos pés sujos, Michele. A pele tem imperfeições ao redor dos olhos. A Casa Santa, com a qual sucessivos papas têm gastado somas enormes, aqui é retratada como parte de um cortiço.

– Cristo foi pobre.

– Mas o Santo Padre não é. – Caravaggio deu de ombros. Manteve os olhos em suas últimas pinceladas, avaliando-as. – Se a Santa Virgem vive na pobreza, Michele, por que alguém veneraria um homem rico que usa roupas caras e passeia por seu palácio com chinelos vermelhos? – perguntou del Monte, examinando a pintura, o rosto brilhando de admiração que nenhuma minúcia doutrinária suplantaria. – Pelo menos dá para você colocar-lhe uma auréola?

De trás de sua bandeja de pigmentos, Caravaggio tirou um compasso. – Achei que o senhor nunca fosse pedir.

Quando sua Madona ficou pronta, Caravaggio sentou-se diante dela em meio à quietude da tarde. O sol de inverno se punha. Seus raios, passando através das frestas da veneziana fechada, cruzavam o corpo da Virgem como uma carícia celestial. *Nada mais deveria tocá-la*, pensou ele.

A casa estava em silêncio. Ele havia mandado todos para a Taverna do Mouro, dizendo-lhes que mais tarde se juntaria a eles para o jantar. Queria ficar sozinho com ela, antes de entregá-la à Igreja de Sant'Agostinho.

A cicatriz de seu pescoço parecia-lhe uma grossa costura que o mantinha inteiro. *Se essa cicatriz não estivesse aí, eu escorreria pelo chão, uma roupa que não foi costurada*. O cabelo havia crescido por sobre

o corte da têmpora, mas ele sentia alguma coisa em ação por baixo da pele. Seu corpo lutava por reparar o dano que havia sofrido ali. *Talvez o impacto da espada tenha liberado alguma coisa em meu cérebro, para que eu saiba que não existe "próxima vez".* A qualquer momento, ele poderia deixar de existir. Sem nenhuma oportunidade de se explicar, de dizer adeus, de se desculpar. *A última coisa que eu disse a Lena poderia simplesmente ser a última coisa que eu lhe disse.*

Ele viu isso na maneira como pintara a Madona. *Não estou jogando um jogo,* pensou ele. *Aqui está ela. Qualquer um que a vir t mb m saber  exatamente quem eu sou. Mesmo que eu tenha morrido, levado por uma luta ou pela doença.*

Durante os primeiros anos em Roma, suas telas foram extravagantes e satíricas. Ele pintou trapaceiros em jogos de cartas para diversão de cardeais que gostavam de imaginar a escuridão proibida das estalagens e dos marginais que as frequentavam. Rapazes nus mordidos por lagartos, como se a natureza desejasse prevenir sobre os perigos do amor. Rapazes descascando fruta, inconscientes de que alguém pudesse se aproximar sorrateiramente para observar seus colos pálidos, seus dedos delicados. Suas obras eram viscosas, f tidas e indecentes como os bares e as alcovas onde ele passava seu tempo.

Quando ele mudara? O que o direcionara para o caminho que trouxe até esta Madona?

O Descanso durante a fuga para o Egito. Ele mal sabia o que havia feito naquela época, alguns anos depois de ter chegado a Roma. Uma cena da Sagrada Família assistida pela música de um anjo enquanto fugia do vingativo Herodes, pintada com a claridade sonhadora da escola veneziana. Porém, mais tarde, na galeria da dama Olímpia Aldobrandini, ele percebeu que seu cora o estava impresso na tela.

Nessa pintura, exaurida pela viagem, a Mãe Santíssima descansa o rosto na cabeça do beb . O Menino Jesus, t b m meio adormecido, segura-lhe o manto, como se sonhasse estar mamando em seu peito. Anna, uma amiga de Menica, havia servido como modelo para a Virgem. Ela entendera que sua vida de prostituta barata não seria longa. Ainda assim, tinha f  de que poderia haver uma saída. Caravaggio havia ilustrado sua esperança, seu medo e sua aceita o na Virgem esgotada e amorosa. O amor de uma mãe que sabia que seu filho seria sacrificado e, contudo, estava disposta a suportar os rigores do deserto para preservá-lo para esse sacrifício. *Eu vi tudo isso no rosto de uma prostituta.*

Agora, fazia um ano que Anna havia morrido, aos vinte e cinco anos, a pele gasta e cheia de cicatrizes, o cabelo ruivo seco e sem brilho. Ele estava com ela nos momentos finais, e ela ainda apresentava traços remanescentes da bela moça de dezasseis anos que ele pintara como a Virgem. Quando ela expirou, ele mergulhou a cabeça no peito dela, sufocado pelas lágrimas. Ele havia conhecido muitas prostitutas que haviam desaparecido das ruas, e havia-se limitado a um dar de ombros. Contudo, por Anna ele havia ululado, como se ela tivesse inventado a morte, uma novidade maligna exibida numa galeria que só ele podia visualizar.

Ele tocou os artelhos de sua nova Madona com a ponta dos dedos e traçou o arco do p .

Precisava deixá-la partir. Beijou os dedos e desceu as escadas para sair para a rua.

Chegou   Taverna do Mouro. Na penumbra da estalagem, piscou os olhos para conseguir enxergar. Alguma coisa se agitava perto da lanterna do bar. Era uma mão. Lena estava acenando para ele.

Tomaram um bom vinho da ilha vulcânica de Ísquia. Lena se aconchegava no ombro de Caravaggio. Com o copo na mão e os amigos ao redor da mesa, ele sentiu uma onda de entusiasmo que o deixou barulhento e extravagante. Ele amava todos. Do outro lado da mesa, Gaspare se aninhava em Menica. Mário enfiou seu punhal no tampo da mesa entre os dedos de Onório até cortar-lhe a pele. Onório deu um tapa no nariz de Mário e riu quando ele sangrou. Próspero lambeu o ferimento do polegar de Onório e ficou uivando como um cão.

Onório empurrou Próspero para longe e puxou Caravaggio para ele. – Venha jogar comigo. – Caravaggio se livrou dele e tomou mais um pouco de vinho. – Você terminou sua Madona. Agora precisa descansar, como sempre faz quando termina uma pintura.

– Não posso. Scipione me conseguiu uma nova encomenda. Preciso começá-la imediatamente. Esta noite estou comemorando, mas amanhã estarei de volta ao estúdio.

O arquiteto tragou o resto do vinho.

– O que é essa nova encomenda?

– *A morte da Virgem*. Para os Carmelitas Descalços de Santa Maria della Scala.

– Na verdade, não é o seu estilo. A Virgem flutuando para o céu enquanto todos os discípulos erguem os braços e os olhos maravilhados.

Caravaggio bateu no braço do amigo.

– Você está achando que eu sou Baglione, *stronzo*? Não vou pintá-la da maneira tradicional. Vou pintá-la morta. – Onório ficou quieto e atento. – Eu pinteí o Cristo morto – disse Caravaggio. – Por que não sua mãe?

– Você pode mostrar Jesus morto porque sabemos que ele vai voltar. Nenhum artista mostrou a morte da Virgem de outra forma que não fosse uma gloriosa ascensão ao céu. Simplesmente como se ela não tivesse morrido.

– No entanto, é morta que vou mostrá-la.

Os olhos taciturnos de Onório brilharam abaixo da franja de seu cabelo com tamanha malevolência que Caravaggio segurou a respiração.

– Então, a modelo para a Virgem morta vai ter de estar morta. Para ser mesmo convincente.

Embora Onório tivesse dito isso num murmúrio, conseguiu calar Próspero e Mário. Eles o observaram, sabendo e temendo o que estava-lhe passando pela cabeça. Caravaggio pensou no homem que morrerá no duelo do palácio Farnese e em Onório gabando-se inescrupulosamente de que o havia matado.

– Vamos-lhe arrumar uma Virgem já. Vamos sair e matar uma vadia – disse Onório, com os dentes brilhando à luz da vela.

Num único fôlego, Caravaggio ficou sóbrio. Os lábios dele tremiam enquanto tentava formular as palavras que poriam um fim naquilo.

Numa explosão repentina, Onório ergueu os braços e deu um berro.

– Eu peguei você, seu filho da mãe. Eu peguei você – gritou ele, agarrando Caravaggio e dando-lhe um beijo na testa. – Eu peguei você mesmo.

A gargalhada ao redor da mesa foi de alívio e horror. Onório deu um golpe de leve na barriga de Caravaggio. Suas vísceras tremiam, como se a brincadeira tivesse-lhe rasgado o ventre.

– Em nome de Jesus, eu quase morri de susto – disse Mário.

Onório ergueu o torso por sobre a mesa e deu um beijo no rosto de Mário.

Lena tomou as mãos de Caravaggio entre as suas.

– Eu vou posar, Michele. Eu vou ser a Virgem morta.

O pulso do pintor ainda estava acelerado devido à brincadeira de Onório. Sua pulsação se acelerou ainda mais quando ela falou. *Eu não suportaria nem fingir que ela está morta.*

– Eu gostei de ser modelo – disse ela. – Gostei do que você me disse sobre o que a Virgem deve pensar. Que eu podia imaginar os pensamentos da Madona e mostrá-los no meu rosto. Afinal, não vai ser difícil ser a Virgem morta. Eu só tenho de ficar deitada lá.

– Então você devia chamar a Menica como modelo – disse Mário. – É assim que ela ganha a vida.

Menica girou o dedo perto do ouvido.

Lena entrelaçou os dedos com os de Caravaggio.

– Você ainda não me deixou ver *A Madona de Loreto* terminada. Quando posso dar uma olhada nela?

Ele ficou olhando seu copo. Por enquanto, o quadro ainda era dele. *Ela* era dele, no cavalete de seu estúdio.

– Eu também gostaria de ver a sua Madona – disse Gaspare. – Para escrever um poema sobre ela.

Lena não é como essas outras moças que morreram. Eu vou protegê-la.

Caravaggio tratou de se alegrar.

– Permitam-me dizer alguns dos meus versos. Eles não são tão cheios de sentimento como os de nosso verdadeiro poeta, o *Signor* Gaspare, mas talvez sejam mais apropriados para este ambiente.

– Ergueu o copo e deu uma longa tragada. Em seguida, disse:

– *De pôr meu pênis eu gostaria Na Vênus de Botticelli tão esguia.*

Seus amigos gargalharam.

– *Mas a Sacra Famiglia de Michelângelo Só me faz sentir um gelo.*

Onório bateu na mesa com as mãos.

– Isso é poesia de verdade.

Caravaggio prosseguiu:

– *Giovanni Baglione...*

– Lá vem ele – disse Próspero.

– *Giovanni Baglione com sua Ressurreição Não me provoca ereção.*

Mas Caravaggio com sua Santa Catarina Me faz sentir coisa fina.

Mário imitou o movimento do ato sexual no ombro de Próspero.

Caravaggio riu e continuou:

– Mestre Reni pintou Moisés com as tábuas dos mandamentos. *A Madona de Michele me faz ter maus pensamentos.*

Lena riu bem-humorada. Caravaggio apertou-lhe a mão.

– Cavalheiros – disse Gaspare erguendo os braços. – A verdadeira obra de arte é a mulher. Posso? *A dama Menica Calvi...*

– ... um *scudo* para chupar-me – completou Mário rindo.

Gaspare tentou outra vez.

– *A dama Menica Calvi...*

– ... dois *scudi* para foder-me.

O nariz de Lena roçou a barba de Caravaggio.

– Por que você não escreve um poema a meu respeito?

Ele se ergueu tão depressa que sua cadeira empurrou a mesa. Os amigos correram para apanhar suas bebidas. Ele puxou o braço de Lena. Ela foi aos tropeços atrás dele até a porta da taverna. Próspero deu uma vaia e fez um gesto obsceno com o braço.

Caravaggio desceu o Corso tão depressa que Lena teve de correr para acompanhá-lo. O silêncio dele foi súbito e violento, mas ela se manteve calma e despreocupada. Ele a levou a seu estúdio.

Diante de *A Madona de Loreto*, Lena ficou em pé mais imóvel que sua imagem no quadro. No silêncio, pareceu a Caravaggio que conseguia ouvir a saia da Madona enquanto ela movimentava a cintura.

– Mestre Rafael pintou o profeta Isaías em afresco num dos pilares de Sant’Agostino. Quando pendurarem esta Madona naquela igreja, você acha que alguém vai voltar a olhar para a obra de Rafael? É você que eles verão. Ainda quer que eu lhe escreva uns versos de pé quebrado?

Ela balançou a cabeça e se afastou de costas até cair na cama dele.

Depois que fizeram amor, ela se enrolou no cobertor e ficou em pé diante de *A Madona de Loreto*.

– Eles estão orando para ela, estes dois velhos mendigos. Mas ela não está lhes dando a bênção.

Ele se levantou da cama.

– A Madona sabe que precisa levar o menino para dentro. Com a força de sua devoção, eles devem persuadi-la a ficar e abençoá-los. Quero que as pessoas vejam isto na igreja e percebam que *elas* devem extrair a graça da religião. *Elas* têm de trazer a Virgem à vida. *Elas* têm de torná-la real.

– Então, sorte sua que eu não seja a Virgem. Você não precisa fazer esse esforço.

– Sorte minha.

– Sim, para você a coisa é fácil – disse Lena, envolvendo o corpo nu dele nas dobras do cobertor junto com ela. – Os velhos do quadro lembram meus avós – prosseguiu, encostando o rosto no ombro dele. Seu cabelo castanho caía-lhe sobre o peito e os mamilos, estes da mesma cor escuro-avermelhada. Ele correu os dedos pelos cabelos dela. Era a primeira vez que os tocava dessa forma. – *Seus* avós ainda são vivos? – perguntou ela.

Ele se lembrou dos olhos do avô quando seu pai os fechara após sua morte. Dos anos no palácio da marquesa, das brigas com os filhos de Costanza, da frieza de sua família quando ia visitar a mãe melancólica. A mão com que acariciava os cabelos de Lena era a mesma que arrancara as calças de Fabrizio e lhe agarrara as nádegas. *Tudo é diferente*, disse a si mesmo. *Não estou mais preso à vida que vivi, assim como minha arte não está presa às obras pintadas há muito tempo*. Ele balançou a cabeça.

- Não tenho ninguém.
- Nem pai nem mãe? Nem irmãos nem irmãs?
- Ninguém.

Ele a sentiu pressionando a cabeça contra seu peito com mais força.

- Coitadinho – disse ela. – Todos os que você amava tiveram de morrer.

A MORTE DA VIRGEM

As calvas dos apóstolos recebiam a luz de uma janela alta. Para fazer uma brincadeira, Caravaggio usou Onório como modelo para o São João, que se destacava por sua suavidade. No fundo, Menica se inclinava como a Madalena em pranto. Um dossel vermelho era o único sinal de riqueza na moradia pobre em que Caravaggio ambientou a cena de sua nova pintura.

Ele trabalhou na tela durante meses, mas ainda só tinha um esboço escavado na pintura de base com o cabo do pincel onde a Mãe de Deus deveria estar deitada. Ele não conseguia pintar Lena como um cadáver deitado na tábua simples de uma cama. Quando a via, sempre se lembrava da vida, e não da morte.

À medida que *A morte da Virgem* avançava, a gravidez de Lena começou a aparecer. Ele ia ao mercado da Piazza Navona para encontrá-la. A fim de se abrigar da umidade do inverno, ela se aninhava numa capa pesada, anunciando o preço das cebolas empilhadas na cesta a seus pés. O frio lhe afetava a garganta, e ela começava a tossir com as mãos na barriga. Um jovem mercador passou por ela empurrando uma carroça vazia. Disse-lhe algumas palavras, olhando com malícia para sua barriga de grávida e passando a língua nos lábios. Ela colocou a ponta do dedo médio no queixo para lhe devolver o insulto.

Quando Caravaggio chegou, a palidez de sua pele o deixou alarmado. *Esperei todo esse tempo pelo amor*, pensou ele. *Agora posso senti-lo, pois tenho medo de perdê-la. Talvez isso seja justiça*. Era como se seus sentimentos por Lena tivessem de ser avaliados com relação às suas amargas lascívia do passado.

– Meus pés estão inchando – disse ela. – *Mamá* diz que isso acontece no fim da gravidez. É melhor você se apressar e me pôr no seu quadro, ou vai ter de trocá-lo para uma Madona com o menino.

A respiração quente do pintor era expelida como fumaça. Ele a imaginou reclinada e morta no vazio do quadro, pondo um fim a seus sofrimentos. Como poderia pintá-la morta? Ele sempre

pintara modelos vivos. Lembrou-se, então, da piada macabra de Onório na estalagem. Respirou ofegante e fechou os olhos.

– Michele? Alguma coisa errada?

Ela ergueu a cesta com ambas as mãos para impedir que ele a tocasse. Ele estava assustado porque o pensamento da morte de Lena o aterrorizava e o satisfazia. *Eu ficaria destruído, mas é o que vou acabar recebendo pelo tipo de vida que tenho vivido.*

– Eu não devia deixar você vir; o mercado não é lugar para uma mulher na sua condição.

– Alguma coisa aconteceu entre você e o Ranuccio? – perguntou ela.

– Não, não foi nada. – *Eu sou a única pessoa que me aterroriza*, pensou ele carregando a cesta para fora da *piazza*.

Quando a deixou em casa na Via dei Greci, a mãe de Lena lançou-lhe um olhar de desprezo antes de fechar a porta. *É isso que eu mereço. Ela sabe que nunca vou-me casar com a filha. Eu sou como os outros pilantras do Jardim do Mal.* Mas, enquanto se afastava arquejante em meio ao frio, imaginou Lena erguendo-se do leito de morte que ele pintara para ela. Ela iluminava sua tela indigna. Ele foi para a Taverna do Mouro e beijou Menica com tamanho entusiasmo que ela riu e corou.

– Eu vou ser pai – disse ele.

No dia seguinte, voltou à *piazza*, determinado a levar Lena embora do mercado. Queria levá-la para seu estúdio, acender o fogo para aquecê-la e tornar a pintá-la. Um charlatão berrava em cima de uma plataforma de madeira, brandindo um pote de pó que ele afirmava curar vermes. A filha do curandeiro tocava violino batendo o pé ao lado dele. Ela tremia e sua pele estava cinzenta. *Lena parece doente*, pensou Caravaggio. *Será que eu permiti que ela continuasse a vender vegetais na piazza só para parecer doente o suficiente para representar o cadáver da Virgem em minha pintura?* O trapaceiro ergueu a voz para ser ouvido acima do falatório das mulheres que discutiam ali perto.

– Vendo um rabanete que tem o poder de curar dor de dente – berrou ele.

Caravaggio seguiu a barulheira infernal até o canto onde sua garota ficava. Lena estava oscilante, com a mão na cabeça. Um trio de mulheres, as cabeças cobertas com xales e os rostos com véus, estava brigando com ela. Uma das mulheres havia-lhe dado uma pancada forte na barriga.

Ele irrompeu por trás da mulher que havia batido em Lena e a empurrou. Ela cambaleou e se virou para ele.

– Ah, é você, pintor. Meu Ranuccio vai dar cabo de você e de sua puta de rua.

Uma raiva súbita e incontida o fez tremer. Pegou algumas cebolas de Lena e atirou-as contra as mulheres dos Tomassoni. Todas atingiram o alvo, e as mulheres correram para longe, gritando e xingando. Lena sentou-se no chão, ao lado da cesta, oscilante e com os olhos fechados.

Ele se agachou ao lado dela.

– Deixe-me levá-la daqui. Este trabalho vai dar cabo de você, Lena – disse ele e, pensando no momento alegre em que rira com Menica, decidiu fazer sua proposta. – *Amore*, quero que você e eu nos...

– Elas não me atacaram porque estou vendendo cebolas, Michele – disse ela, com o rosto de uma palidez esverdeada e as mãos cinzentas.

Ele lhe tocou o ventre. Na condição dela, aquele golpe da mulher dos Tomassoni podia tê-la matado. Seu olhar ficou nublado e distante.

– Não vá.

Ela se encolheu e gemeu.

Sua esperança de ser pai e até a possibilidade de se casar com Lena não passavam de ilusão. Sua ligação com ele colocou-a em perigo.

Ranuccio, com certeza, havia mandado as mulheres de sua família atacarem Lena, com a intenção de provocar Caravaggio para um duelo.

– Deixe-me levá-la para casa.

– Primeiro pegue as cebolas que jogou naquelas mulheres.

– Não posso fazer isso. Está além de minha...

– Pegue-as, Michele – disse ela, numa voz aguda, tremendo e apertando a barriga.

Ele recolheu as cebolas, ardendo de vergonha. Depois, ergueu Lena. E sentiu sua fraqueza quando ela se apoiou em seu braço.

– Faltou uma, mestre – disse Baglione, sentado na borda da fonte de Tritão. Erguendo uma cebola na mão, girou-a contra a luz. – Um pouco suja. Mas isso a torna perfeita para uma de suas obras. Natureza morta com legumes descolorados e frutas podres – acrescentou, atirando a cebola a Caravaggio pelo chão.

Lena pegou no queixo de Caravaggio, virando-lhe o rosto para o dela. – Me leve para casa, querido.

No dia seguinte, ele corria pelo Corso. Quase sem perceber, estava chamando o nome dela. O avental branco, salpicado de tinta, esvoaçava atrás dele. Um cavaleiro, em sua montaria, fez um gesto para um amigo como se estivesse levantando um caneco de cerveja. Seu amigo girou o dedo junto à frente.

Na casa da Via de Greci, Menica balançava o sobrinho de Lena nos joelhos. Mãe Antognetti murmurou súplicas chorosas quando Caravaggio foi para trás da cortina onde Lena jazia na cama.

Ela dormia num estado de exaustão que lembrava o corpo sacrificado do Cristo num crucifixo. A pele apresentava o tom doentio do amarelo de água em que se cozinhou massa; o cabelo estava seco e desgrehado. Um braço tombava da beira da cama; o outro se apoiava no estômago da jovem. Seu vestido vermelho estirava-se pelo torso. Os pés estavam inchados. A carne abaixo do queixo era frouxa, único local em que ela armazenara um pouco de gordura para alimentar o feto. Rugas túrgidas cercavam-lhe os olhos, como se essa fosse a primeira vez que dormia.

Ele a imaginara assim quando sonhou com o nascimento, gasta e exaurida. Ele a havia imaginado apoiando-se no cotovelo, embalando o bebê junto ao seio e descansando enquanto seus amigos admiravam a criança. Mas o Senhor havia levado seu filho. *Meus pecados merecem esse castigo*, pensou ele. A punição foi infligida ao corpo de Lena, mas tinha o objetivo de afligir a alma monstruosa de Caravaggio.

Ficou observando-a por um longo tempo. Ela abriu os olhos uma vez e sorriu para ele como se o sorriso tivesse exigido toda a energia que possuía, então tornou a dormir. Quando ele percebeu que estava registrando a imagem dela na memória para que pudesse pintá-la como a

Virgem morta, olhou para as mãos e chorou, pois sabia que sua arte, tanto quanto Deus, o queria solitário.

A mãe de Lena apertou-lhe o ombro. Ele o movimentou para afastá-la e veio para fora da cortina.

O menino saiu do colo de Menica e correu para Caravaggio. Menica olhou para ele.

– Domenico, você quer brincar com o tio Michele?

Ele avançou para a porta.

– Estarei com Onório – murmurou ele.

Menica atravessou o Tíbre com Lena para ver *A morte da Virgem* em Santa Maria della Scala. Embora ela raramente saísse do Jardim do Mal, conhecia o caminho através das ruas estreitas e pobres do Trastevere. Os carmelitas dirigiam um lar para as mulheres decaídas em seu mosteiro ao lado da igreja. Menica costumava ir ao local sorrateiramente com algumas prostitutas surradas, quando seus cafetões estavam nas tavernas, para deixá-las na Casa Pia. Ela mesma nunca ficara ali. Não precisava das orientações dos carmelitas descalços. Ela conhecia vícios que a Igreja ainda estava por condenar.

Lena caminhava lentamente. Talvez ainda estivesse fraca devido ao aborto, mas Menica achou mais provável que a moça estivesse com medo de encontrar Caravaggio. Nessa manhã ele estaria com os carpinteiros na igreja instalando o quadro. Em um mês, ele só havia-lhe dirigido algumas palavras.

Na porta da igreja, os olhos de Lena ficaram húmidos. *Michele tem mais duas semanas para consertar as coisas*, pensou Menica; *depois disso suas lágrimas cessarão e ela se endurecerá*.

Os carpinteiros haviam erguido os espaldares para o levantamento. Quatro tábuas toscas no topo do espaço e, cerca de cinco metros abaixo, mais quatro para sustentar a base do quadro. As bordas se afinavam um pouco, formando as duas pontas de uma oval. Os homens ergueram a tela sob a orientação de Caravaggio. Sua voz ecoou pela igreja. *Ei-lo no comando*. Ela olhou para a moça titubeante a seu lado. *Pode-se imaginar que um homem cujos quadros são tão anticonvencionais, que parece ter tanta força a ponto de ser capaz de estabelecer seus próprios rumos, não seja como os outros homens. Mas ele fica tão perplexo quanto o restante de seu sexo diante das necessidades de uma mulher*.

Quando se aproximaram da tela, Lena pôs as mãos no rosto. O corpo da Virgem atravessava a base do quadro, deitada como Lena quando perdera seu bebê.

Caravaggio viu as mulheres. Menica achou que ele teria voltado aos seus trabalhadores se Lena estivesse sozinha. Em vez disso, ele veio até elas de modo relutante, como se desejasse dizer adeus para sempre à moça fungando atrás das mãos. Ele girou um dos calcanhares diante delas, com a irritação transparecendo no rosto.

Menica seguiu os olhos de Lena. A cor verde-jade da morte estava no rosto da Virgem. *Ela só tinha visto a si mesma como a tranqüila Madona de Loreto. Não esperava por isto*.

– É a coisa mais triste que você já fez, Michele.

Caravaggio olhou para o quadro como se ela tivesse mencionado uma qualidade que ele não notara.

– Acho que ele mostra que você ainda se importa com Lena – acrescentou Menica.

Um brilho ofendido nos olhos dele mostrou que o pintor se espantou por ela pensar assim.

- Deixe-me mostrar-lhe – disse ele, indo em direção a Lena, mas ela se afastou.
- Pensei que você me fosse pintar morta – disse ela, enxugando os olhos com a manga. Menica percebeu a raiva debaixo do soluço. *Eu estava errada. Ela já se endureceu.* – Em vez disso, você me mostrou pior que morta.
- É... é a Virgem – gaguejou Caravaggio. – Ela é a personificação do amor. Menica, diga a ela. *Você* entende, não é mesmo?

Menica correu a mão pelas costas de Lena e balançou a cabeça. Elas contornaram o refúgio para as mulheres decaídas e foram até o rio. Atravessando a Ponte Sisto, passaram pelas enregeladas lavadeiras que esfregavam a roupa suja nos bancos de areia. Então voltaram ao Jardim do Mal.

- Ele não tem boas ideias originais – disse Baglione –; assim, precisa pintar tudo copiando da natureza, pelo menos da natureza como ele a vê.

O abade do mosteiro dos carmelitas colocou as mãos dentro das mangas do hábito.

- Não tem boas ideias originais?
- Caravaggio pinta apenas a aparência superficial das coisas – disse Baglione, correndo um olhar de desaprovação por *A morte da Virgem*. – Meu caro abade, o que deveria ser mostrado na morte de Nossa Senhora? O corpo de uma mulher cuja alma o deixou?
- De modo nenhum. Ela deveria estar cheia de graça.
- Porque...
- Porque está ascendendo aos céus. Levada por uma força além da vida e da morte.
- É claro que o senhor tem razão. Sua gloriosa assunção à abóboda celeste.
- Embora eu deva acrescentar que a Igreja ainda não definiu se a Madona morreu antes de sua ascensão, ou se foi transportada ainda viva.

Baglione fez uma cara de desagrado, tocando as extremidades do bigode.

- Os apóstolos teriam ficado em torno do cadáver de uma prostituta inchada?

O abade se dirigiu à nave da igreja. Algumas dezenas de pessoas tinham cruzado o rio até Trastevere para ver a mais recente obra de arte de Santa Maria della Scala. Fazia apenas um dia que o quadro havia sido pendurado. O abade achou-o uma pintura impressionante, mas mestre Baglione não concordava. Reconhecendo o famoso pintor, os observadores aproximaram-se para ouvir sua opinião. O abade achava Baglione vaidoso e pomposo, mesmo comparado com outros artistas de cuja companhia ele era ocasionalmente obrigado a compartilhar devido à sua tarefa de manter os afrescos e as estátuas de sua igreja. Mas Baglione recebera encomendas do Vaticano. Se ele condenasse uma pintura, ela poderia causar problemas para os patronos do mosteiro e pôr em risco todas as boas obras de seus monges.

- Eu não sou um entendido em arte, mestre Baglione – disse o abade hesitante. Ele simplesmente não podia rejeitar a pintura. Isso ofenderia o sobrinho-cardeal. Fora o próprio Scipione que arranjava a encomenda para Caravaggio.

O artista franziu o cenho.

- Prossiga.
- Suas razões teológicas também estão corretamente baseadas – disse o abade, mordendo um canto do lábio.

– Sem dúvida – disse Baglione, aproximando-se da tela. Fazendo um gesto em direção aos espaços escuros em torno da Virgem, ele acrescentou: – O senhor percebe como Caravaggio esconde todos os seus erros na sombra?

– Erros?

– Há muitos deles aqui nos detalhes – comentou Baglione pondo-se nas pontas dos pés, como se tivesse acabado de descobrir mais uma falha na pintura. – A modelo, por sinal, é uma moça do Jardim do Mal que é sua... – Baglione baixou a voz, mas falou num tom suficientemente alto para extrair uma exclamação chocada dos observadores – ... prostituta, uma mulher decaída com quem não é casado, embora ela tenha recentemente abortado o filho dele.

O abade desceu o único degrau ao lado do altar como se tivesse sido empurrado.

– Um de nossos grandes teólogos escreveu que a prostituição atende aos interesses públicos da mesma forma que as costureiras, não é mesmo, padre abade? É canalizadora dos maus impulsos que, de outra forma, poluiriam as mulheres respeitáveis. – Sim, sim, eu conheço a passagem de Tomás de Aquino.

Baglione dirigiu-se à multidão que agora se reunira sob a pintura, convidando-a solenemente a aderir à sua justificada indignação.

– Nunca pensei que uma de nossas santas igrejas se transformaria na cloaca em que tal esgoto despejasse a sua sujeira.

O abade coçou os braços finos. Ele tinha trazido uma prostituta para sua igreja. Ele havia maculado a casa de Deus.

Alguma coisa pousou em seu ombro e o agarrou. Ele gemeu. Será que a vingança divina já estava caindo sobre ele? Tremendo, ele se voltou em direção ao altar.

Mas era Baglione, pressionando-lhe o ombro com a mão enluvada. – Ajude-me, mestre Baglione – gaguejou o abade.

Del Monte perfumou-se com âmbar cinzento do estômago de um cachalote para disfarçar o cheiro antecipado de taverna que vinha de Caravaggio. Ele lamentava o que tinha a lhe dizer. Constatara a alma dolorida de seu antigo protegido em cada centímetro de *A morte da Virgem*. A Santa Mãe de Deus nunca se ergueria até a glória, ao lado de seu filho; ela estava morta, e os que a cercavam lamentavam como pessoas sem fé. *Quando é que ele vai chegar?*, perguntava-se o cardeal. *Em quantas tavernas meus homens terão de procurá-lo?* Derrubou mais algumas gotas da secreção de almíscar de um alce por sua gola de renda e inalou.

Caravaggio entrou no estúdio e avançou. Era evidente que lhe custava algum esforço manter-se ereto. As calças, que lhe desciam até os joelhos, estavam empoeiradas com a cal que os estalajadeiros espalhavam em seus estabelecimentos. O gibão estava manchado de óleo de oliva e molho. Todo seu corpo pulsava com movimentos curtos e aparentemente incontrolláveis. Contudo, a mandíbula estava tão fortemente cerrada que del Monte achou que poderia ouvir os dentes do homem rangendo como as tábuas de um navio numa tempestade. Ele sentiu um ligeiro cheiro de suor quando Caravaggio inclinou-se para lhe beijar o anel, o que o fez baixar o nariz para o almíscar de sua gola.

– Lamento informar-lhe que os carmelitas descalços rejeitaram sua pintura, mestre Caravaggio – disse ele.

Caravaggio fez uma careta.

– Ótimo – sussurrou ele com brevidade.

– Mestre Baglione...

Um palavrão murmurado.

– Ouviram mestre Baglione dizer que você esconde seus erros com sombras. – Um bufo de desprezo, a mão apertando com força o punho da espada. *Ele costumava ter um empregado para carregá-la*, pensou del Monte. *Agora a usa como se a qualquer momento pudesse sacá-la.* – O cardeal Scipione pediu-me que encontre um comprador para a pintura rejeitada.

– É mesmo? – respondeu o artista, mal abrindo os lábios.

Espero que ele não arrote em mim.

– Pensei em Rubens, o pintor flamengo que está servindo como agente para o duque de Mântua em certas compras. Ele é seu admirador.

Caravaggio apenas deu de ombros e engoliu saliva nauseado, como se estivesse se esforçando para não vomitar no estúdio do cardeal. Del Monte fechou os lábios. *Pelo menos ainda me respeita muito.*

– Michele, você entende a seriedade do que aconteceu?

– O senhor se refere ao caso da vadia grávida?

– Exatamente.

– Na verdade, ela não é vadia. E nem está grávida. Pelo menos não está mais.

– Os carmelitas, incentivados por certos artistas, sugerem que teria sido mais apropriado pintar a Virgem levada aos céus pelos anjos.

– Quando vejo gente voando, normalmente é porque fiquei tempo de mais na taverna – disse Caravaggio, abrindo os braços, agitando-os e deixando-os cair. Seu sorriso era desanimado.

– Pelo amor de Deus, até o mestre Carracci pintou a morte da Virgem como um momento de alegria.

– Espero que ele tenha-se arrependido. De qualquer modo, Annibale é bom, mas eu não sou ele.

Ele já me contestou outras vezes, pensou del Monte, *mas nunca desta forma.* Caravaggio havia-se trancado por trás dessa fachada tumultuada como se estivesse fechado com uma cortês para passar o fim-de-semana. Tudo que ele pintava provocava controvérsia; a crítica à sua obra não podia ser motivada apenas por sua conduta. *Deve ser aquela moça.*

– A arte de nossas igrejas não tem por objetivo nosso prazer. Ela deve ser inspiradora. Se você não pintar a Virgem ascendendo misticamente ao céu, os frequentadores da igreja podem deixar de acreditar que isso tenha acontecido.

– O corpo não ascende. O senhor não ouviu falar em alma? É ela que ascende aos céus – disse Caravaggio, fechando os olhos e olhando para dentro de si mesmo. De repente, abriu-os, como se estivesse em pânico, examinando a sala como se temesse que seu espírito tivesse sido roubado enquanto falava. – O que sobra é um monte de ossos.

Del Monte pensou na possibilidade de Caravaggio ter-se apresentado a ele deliberadamente naquelas condições, quase como um cadáver, o exemplo vivo do que ele desejava que as pessoas vissem em *A morte da Virgem*. Um corpo, abusado e gasto, nada significando, e uma alma que fazia de si mesma a arte mais pura.

– Na verdade, já ouvi falar na alma – disse o cardeal. – E temo muito pela sua.

No palácio Colonna, Caravaggio cruzou o jardim secreto por um caminho de pedrinhas. O sol do início da manhã evaporava a umidade da noite em tufo de vapor saindo do lado musgoso dos pinheiros. Um bosque de pés de tangerina perfumava o ar e pontuava a dura luz com brilhantes frutos de inverno. Com a boca seca pelo vinho da última noite, ele desejou a doçura dos frutos. Mas, do palácio, alguns empregados estariam espiando. Não quis provocar embarço para a marquesa, apanhando frutas do príncipe. O homem da marquesa deve ser bem comportado. *Aqui, pelo menos*, pensou ele.

Costanza Colonna ergueu-se de uma mesa de granito disposta entre os pés de tangerina. Ela usava um lenço escuro na cabeça, disposto apenas uma fração acima da linha do cabelo, de modo que algumas madeixas delicadas pudessem tombar sobre a testa. Sobre o ventre, ele segurava uma pele de marta para afastar os insetos.

Ela ergueu o queixo bem acima do rufo do pescoço e fez um sinal para Caravaggio. Ele lhe beijou a mão, que achou fria, e com um sorriso esfregou-lhe os dedos com o polegar para aquecê-los.

– Minha senhora, quais são as notícias de Don Fabrizio?

Seu rosto flutuava insubstancial à luz fraca. *Como a Virgem que os carmelitas descalços teriam preferido que eu pintasse.*

– Eu sofro como se meu filho já estivesse morto, Michele – sussurrou ela.

– Imploro-lhe que não fale isso, minha senhora. Falei de Fabrizio com Sua Eminência, o sobrinho-cardeal.

– E ele lhe deu alguma esperança?

– É complicado. A luta entre os Colonna e os Farnese... a senhora sabe.

– Ele está esperando para ver quem vence? – Caravaggio tocou o punho da espada. A doçura do perfume das tangerinas no ar agora o deixava bilioso. Desejou uma bebida para acalmar o estômago. – Devo confiar que os Colonna vençam, pelo bem de meu filho – continuou Costanza. – Mas quem vai vencer a batalha de sua nova obra, Michele, agora que os carmelitas decidiram que não é o tipo de Virgem que eles desejam? – perguntou ela apertando as mãos, sua feição tensa e perturbada.

– Será o *seu* tipo de Virgem, minha senhora?

Sob a tentativa de soar alegre, sua voz revelava uma impaciência sombria. Costanza contraiu-se. Ele tentou tranquilizá-la com um sorriso, que só conseguiu ser tímido, pois sua boca estava amarga e contorcida.

Fora ela que o colocara no caminho da arte, ao observá-lo apreciando os pintores de afrescos em seu salão em Caravaggio. Ele sabia que ela havia reconhecido certo brilho em seu rosto que só então se iluminara. Lembrava-se da sensação do pincel em sua mão quando o mestre dos afrescos lhe dera a oportunidade de aplicar um pouco de cor. Castanho, para a bota de um santo. O cabo de madeira do pincel parecia tão natural na concha formada por seu polegar e indicador que ela parecia ter sido talhada da mesma madeira.

Costanza se aproximou com Fabrizio, Muzio e o filho mais velho; só então o mestre dos afrescos fingiu tê-la notado.

– Seu filho é um pintor natural – disse o mestre.

– Ele não é filho dela, seu idiota – repreendeu Muzio.

O pincel estremeceu na mão de Michele. O mestre, que esperava obter o favor da dama elogiando o menino, olhou-o como se ele tivesse contado uma mentira.

– Não obstante, é um artista natural – disse Costanza.

– Parece uma bota de verdade, Michele – disse Fabrizio agachando-se ao lado dele. – É maravilhoso.

Costanza decidira que ele seria aprendiz de um pintor de Milão. Michele estava havia sete anos na casa de Costanza e já tinha catorze anos de idade. Ele não podia negar que a carreira de artista era uma perspectiva atraente ou que ela havia sido generosa ao pagar a mestre Peterzano de Milão para orientá-lo. Mas, durante seu treinamento, desejara estar em casa com ela e Fabrizio. Achava que voltaria como administrador de sua casa quando crescesse. Contudo, isso significaria assumir o papel formal de empregado, confirmar-se na posição inferior com que Muzio o atormentava. Parecia não haver volta para casa ou, como ele agora via a coisa, não haver casa nenhuma. Em Milão, ficava imaginando se Costanza o havia mandado embora para se ver livre de um menino que não mais desejava em sua casa. Especulava que, por trás de sua afabilidade, havia um desprezo nato pelo vulgo, pelo menino que havia corrompido seu querido Fabrizio. Quando tomava vinho demais, Michele sentia que tudo isso se confirmava. Era quando ficava impotente diante de sua raiva, discutindo e brigando nas tavernas milanesas. Costanza o mandara para Roma a fim de escapar dos problemas que provocara em Milão, mas isso pareceu outra expulsão, e ele se tornou ainda mais arredo.

Pintar o fazia sentir-se inteiro, cheio de alegria e tocado por uma alguma coisa sagrada. Mas sua condição de artista ainda era ínfima, equiparada aos artesãos sem instrução. Sempre que perdia o autocontrole, o rosto do homem diante dele se transformava no olhar desaprovador do mestre de pintura afresco para o qual seu talento artístico era menos importante que sua origem humilde, e então Caravaggio tinha de arrebentar as feições que o lembravam do lar que havia perdido.

Costanza apertou a pele de marta.

– Seu retrato do Santo Padre foi bem recebido?

– Ainda conto com o favor do sobrinho-cardeal. Isso pesa mais que um cliente insatisfeito – disse ele, tocando-lhe a mão. Ela mal notou o gesto. Ele gostaria de ter-lhe contado sobre Lena e o bebê, mas não quis aumentar suas preocupações. Sua voz tremeu de medo e culpa do que não conseguia dizer. – Ainda sou pintor de Scipione. Minha influência sobre ele aumentará com o passar do tempo. Tenha certeza de que ele se ocupará de Fabrizio.

Ela o observou, a boca ligeiramente entreaberta. Caravaggio percebeu que ela sabia o que ele sentia. Ela sempre notava os menores detalhes de seus sentimentos. Como se sua alma fosse o orvalho que evaporava do musgo de uma árvore.

Costanza cobriu o rosto e murmurou uma prece. Quando terminou, tomou a mão de Caravaggio. Ela o levou até a extremidade do jardim e parou para admirar uma gruta, uma colagem de esculturas clássicas, todas escavadas das antigas Termas de Diocleciano.

– Quando estive aqui a última vez com Fabrizio, ele gostou mais desta – disse ela, tocando as dobras pesadas da carne acima das cadeiras de um Posêidon sem pernas.

– Fabrizio nunca entendeu muito de arte. Nesta estátua, parece que todo o torso está deslizando para a virilha.

– Alguém já teve um corpo desses? Pelo menos alguém que também fosse gordo, aqui, aqui e aqui? – disse ele, batendo no ventre, no peito e nos braços musculosos da escultura. – Michelângelo exagerou neste tipo de coisa. Agora outros artistas baseiam suas figuras nos erros que ele cometeu.

– Mas ele foi um grande artista.

Caravaggio deu um grunhido.

– O velho doido usava modelos masculinos para suas figuras femininas. Eu uso mulheres para criar mulheres.

– Por que não copiar o que Michelângelo fez?

Caravaggio encontrou seus olhos. Ela os sentiu apertando-a.

– Eu quero saber com que as mulheres se parecem, e não com o que eu desejo que elas pareçam.

Os dois entraram no palácio e subiram de braço dado para os apartamentos de inverno. Os tetos haviam sido pintados com afrescos representando a Batalha de Lepanto. O pai de Costanza caminhava sobre prisioneiros turcos. Ela se deteve ao lado de um longo tapete vermelho capturado da cabine da nau capitania do comandante turco. Ele apresentava um desenho de flores amplas de sete pontas, meandros de vinhas e botões delicados. Caravaggio parou para pôr a mão no tapete. Parecia perdido em suas próprias lembranças sanguíneas.

– Quando meu pai estava exibindo este tapete como espólio de sua vitória – disse Costanza –, você nasceu, Michele. Você me pareceu um presente para comemorar a nova honra de minha família. E ainda é. – Caravaggio inclinou a cabeça. Sua mão se abriu sobre os intrincados desenhos do tapete. Ele estava em silêncio. Ela apontou com um gesto para a galeria de quartos abaixo. – Meu pai recebeu este palácio como pagamento por essa vitória. Mas eu prefiro ser a mulher que recebeu você em sua casa a receber como presente a maior mansão de Roma.

Ele olhou para ela com os olhos vidrados.

– Se você nos olhar com atenção, é amor que vai encontrar nas mulheres, Michele – disse ela, tomando-lhe a testa entre as mãos e beijando-a. – Fico feliz que esteja procurando.

Quando Caravaggio entrou na praça dos Santos Apóstolos, os carregadores de água dos Colonna estavam vindo do Tibre com o suprimento noturno do palácio. Seus cântaros derrubavam água fria do rio nos flancos dos jumentos e nas pernas dos homens. O último passou com os dentes tiritando tão alto que Caravaggio, a princípio, achou que fossem os cascos dos jumentos batendo nas pedras. Ele usava um tapa-olho. Caravaggio reconheceu o lutador que tivera o olho arrancado pelo empregado dos Farnese diante do palácio. O homem caminhava bamboleante ao lado de seu jumento, encurvado e triste. Perder aquela luta tinha-lhe roubado mais que o olho.

A honra, que era tão vital para os outros homens, parecia destrutiva para Caravaggio. É o amor que deve ser encontrado numa mulher. As palavras de Costanza deixaram subitamente claro que Lena precisava dele. Mas ele hesitava, inseguro quanto a ir até ela à medida que a noite caía. Eles mal tinha- se falado desde a perda do bebê. Todos os perigos que ela enfrentara – a inimizade dos Tomassoni, os percalços do nascimento – tiveram origem nele, que deixara de protegê-la. Ele

se voltara para Onório e as tavernas, quando deveria tê-la apoiado. Agora, será que ela não estava achando que ele surgira apenas para uma incursão à sua cama?

Sua confiança fraquejou e ele foi para a Taverna do Turco. Sentou-se sozinho no canto mais escuro. O álcool o percorria como uma maré nauseante, arrastando seus pensamentos de Lena para todos os seus ressentimentos. O que é que del Monte dissera? *Ouviram Baglione dizer que você esconde seus erros na sombra*. Aquele idiota. As sombras revelam as coisas em sua maior clareza. O rosto de um homem, à luz do dia, está cheio de detalhes. Pode-se passar horas lendo o que ele tinha para nos dizer, porém sem entender nada. Na escuridão da taverna, só se pode detetar o brilho malevolente de um olhar, ou o súbito vislumbre malévolo de um dente. As sombras destilam um homem até que se chegue à sua maldade básica. Ou aos sofrimentos mais dignos de nossa paixão.

As velas refletiam-se nos rostos dos clientes da estalagem. Alguns se debruçavam sobre a comida, abatidos e cansados. Outros despejavam vinho na boca com uma alegria maníaca. Hematomas sombreavam-lhe a pele, e os olhos cintilavam em meio ao pus. *Baglione não sabe do que está falando*, pensou Caravaggio. Erros não podem ser escondidos na escuridão mais que à luz do dia. Os homens suavam, tossiam, recetáculos vociferantes de sujeira e doença, mas havia neles algo de eterno. Um artista não limpava um corpo de suas imperfeições terrenas para mostrar o que havia em baixo. Ele via diretamente através delas.

Então, Lena voltou a ele. Ela avançou flutuando para a luz da vela sobre sua mesa e retrocedeu, como se fosse um cadáver carregado pela maré em torno dos ancoradouros do Tíbre. Sua voz suspirava como a água batendo contra as margens.

– Por que você não mostrou paixão por ela, seu bastardo? – gritou ele, batendo no peito. Uma onda de silêncio circunspecto espalhou-se dele pela estalagem. Ele havia pintado Lena morta porque não sabia como viver com ela. *Se ela estivesse morta, eu me sentiria trágico e poderia chorar meu amor impossível. Em vez disso, devo encarar meu fracasso em estar com uma mulher viva*. Tornou a se dirigir a si mesmo, mas desta vez num sussurro. – O que você sabe de paixão? – E foi para a porta. – Será que você não consegue demonstrar paixão para com ela? – Subiu cambaleando a Via del Babuino. – Lena, Lena – murmurava ele. A bebida que ingerira tinha sido mais do que imaginava. Amaldiçoou-se por não ter conseguido ir diretamente a ela do palácio Colonna. Os cavaleiros que passavam pareciam rir à custa dele, e as carruagens desviavam para o lado da rua para atropelá-lo. *Vou corrigir tudo*, amore.

Ao se aproximar da esquina da rua de Lena, a multidão diminuiu. Caravaggio notou um chapéu extravagante movendo-se em direção a ele para além de um grupo de marinheiros espanhóis. O homem do chapéu parou ao lado de uma lanterna. Era Baglione, e ele então viu Caravaggio. As penas de pavão da aba do chapéu flutuavam como se ele procurasse uma saída.

Caravaggio avançou, colocando uma pedra do tamanho de uma laranja em cada uma das mãos. Uma súbita pulsação na cabeça e na nuca tomou conta dele, como se fosse um soldado prestes a entrar em combate. A primeira pedra atingiu a aba do chapéu de Baglione e foi parar nos degraus da Igreja dos Gregos. Baglione correu para a Via dei Greci. O arremesso acalmou um pouco de sua tensão, e Caravaggio correu para a esquina com um sorriso de raiva crescente. – Volte aqui, Baglione, seu merdas.

A pedra seguinte só resvalou pelos pés de Baglione. *Ele é rápido*, pensou Caravaggio, *ou a bebida me deixou lento*. Pegou outra pedra e atirou-a.

Lena o observava de sua porta, pálida e aflita, com um balde de água suja na mão.

– Oh, maldição – sussurrou Caravaggio. Ele cambaleou pela rua, com um sorriso nefasto nos lábios. – Eu fiz aquele bastardo correr.

Ele balançou a cabeça e esvaziou o balde na sarjeta.

No final da rua estreita, algumas tochas iluminaram o chapéu ridículo. Baglione gesticulava na direção de Caravaggio, frenético, recuando enquanto insistia que a patrulha policial prendesse o rival. Caravaggio deixou cair a pedra e chutou-a para longe com o lado do pé.

– Lena, eu quero fazer as coisas certas – disse ele num sussurro.

A moça levou a mão à testa. Do cômodo atrás dela, Domenico chamava-a pelo nome.

– Vá dormir, querido – disse ela. – É tarde.

– É Michele que está aí na rua? – perguntou o menino.

– Já disse para você ir dormir.

– Eu o ouvi falando.

– Não, não é ele. É outra pessoa. O que você acha que está fazendo? – sussurrou ela para Caravaggio.

– Vim para lhe dizer que tenho agido mal.

A cabeça dela inclinou-se em direção ao ombro. A rua estava escura. Ele não conseguia ver o rosto dela, mas captou um desprezo magoado em sua voz.

– Então você atira pedra num homem? Para me mostrar que tem agido mal?

– Não era um homem qualquer. É o Baglione. Ele é...

– Você não conseguiu-me dar atenção quando eu estava doente e tornou a falhar agora.

– Não é bem assim.

A voz dela suavizou-se.

– Não estou preparada para isto, Michele. Não estou preparada.

Ele olhou para a patrulha. Os policiais aproximaram-se dele.

– Vá para dentro, Lena.

– Michele...

– Sinto muito. Mas não quero você envolvida nisto.

– Posso ver sua licença para portar espada, *Signor*? – perguntou o cabo no comando da patrulha, abrindo seu longo casaco negro e pondo as mãos na cintura.

Lena fechou a porta sem fazer barulho.

Caravaggio reconheceu o homem. Ele já o havia interpelado muitas vezes.

– Ah, é você, Malanno.

– *Signor* Merisi, boa noite. Não é nenhuma surpresa confrontar-me com seu rosto encantador.

Safado insolente. Caravaggio pôs a mão dentro do gibão e tirou uma folha de papel dobrada.

– O senhor vai ver que tenho licença para carregar espada, como membro da casa do cardeal del Monte.

Malanno pediu a um guarda que se aproximasse com uma tocha para que ele pudesse ler. E, desapontado, chupou os dentes.

– Está em ordem – disse ele e, enquanto dobrava o papel, olhou para a porta de Lena. – Posso acompanhá-lo a seu destino, *Signor Merise*?

– Não estou indo a lugar nenhum.

– O senhor deve estar indo a algum lugar.

– Tudo bem. Estou indo ao palácio Colonna.

Caravaggio olhou para o cabo. A tocha acima de seu ombro sombreava as feições de Malanno. Ele estendeu-lhe a licença.

– Aqui está.

O pintor estendeu a mão para pegar o papel. O policial afastou a mão, brincando, de modo que Caravaggio só pegou ar. Por fim, agarrou o papel e sentiu o hálito do cabo, que ainda exalava seu jantar. Malanno riu para seus guardas. Antes de colocar a licença no gibão, Caravaggio correu o papel diante dos lábios e murmurou:

– Enfie o papel no rabo.

– O que o senhor disse? – Caravaggio estalou a língua. *Nada*. O cabo pôs a mão no chapéu.

– Então, boa noite, *Signor*.

Ele ficou observando-os enquanto se afastavam. A luz se apagou atrás das venezianas da casa de Lena. Ela não queria ouvir falar nele. E havia perdido a oportunidade de se acertar com ela. Sua mandíbula pulsava de tensão. Ele tornou a murmurar:

– Você e todos os que estão com você podem enfiá-lo no rabo.

Dessa vez, os guardas ouviram-no com clareza. A patrulha se deteve. Malanno olhou de soslaio à luz da tocha.

Scipione Borghese rabiscou uma nota no final da carta e a pôs de lado. Seu secretário polvilhou areia de uma caixa de prata para secar a tinta. O cardeal sentiu alguns grãos nos dedos e os repeliu com irritação. Esbarrou na carta, que esvoaçou até o chão. O secretário dobrou um joelho para apanhá-la.

Um criado colocou uma pele nos ombros do sobrinho-cardeal. Scipione pegou outro papel de sua escrivaninha e o leu, jogando-o no fogo. Então sentou-se numa cadeira de madeira curva. Sem olhar para cima, fez um gesto em direção à lareira. O criado bombeou um fole de ferro para atizar as chamas.

– Traga-o aqui – disse Scipione.

A porta da extremidade do aposento se abriu. Ele ficou observando o fogo e ouviu os passos avançando através de seu estúdio. Estendeu a mão. Caravaggio ajoelhou-se para beijá-la.

Scipione deixou o papel cair na cadeira ao se erguer. Olhou para Caravaggio como se ele fosse uma antiga relíquia escavada do solo do Fórum. O artista parecia extenuado. Suas roupas estavam sujas e precisando de conserto. *Não*, pensou Scipione, *elas deveriam ser totalmente substituídas. Ele parece abatido e com fome. É palha que está saindo do cabelo no topo da cabeça? Se ele fosse uma antiguidade, duvido que eu o acrescentasse à minha coleção. O homem deve ter passado frio nas masmorras da Tor di Nona*. E virou as costas para o fogo para aquecê-las.

– Pelo menos, desta vez, você não arrumou uma briga com um membro dos Tomassoni – disse Scipione. – Mas não é de meu agrado que faça comentários rudes à patrulha noturna quando bem lhe aprouver.

Caravaggio hesitou e, em seguida, inclinou-se.

– Agradeço humildemente a Vossa Eminência Reverendíssima.

Scipione permaneceu imóvel. Alguma coisa na voz do pintor não suava humilde. Era um tom ressentido, até superior. Ele acariciou a barba e aspirou profundamente o perfume de óleo de jasmim de seus dedos.

– As pessoas me dizem que você é um assassino. Ou, se ainda não é, logo será. Dizem que você também tem relações com meninos – acrescentou ele, baixando os cantos dos lábios e erguendo o queixo como se quisesse demonstrar que via o assassinato e a sodomia com equanimidade. – Dizem que se pode achar a prova disso em sua arte.

– Todas as pinturas estão cheias de morte e meninos nus – disse Caravaggio. – É que ninguém nunca tinha-se dado conta disso antes de *eu* pintar pessoas mortas e jovens nus.

– Parece que nem todos desejam vê-los.

– Eu refaço *A morte da Virgem*, se Vossa Eminência desejar.

– Eu não quero isso.

– Os carmelitas descalços...

– Vão continuar sem bom gosto e sem sapatos – disse Scipione, mostrando com um movimento da cabeça o papel que estava na cadeira. – Ao contrário deles, eu tenho discernimento.



A morte da virgem

Caravaggio apanhou o papel e o leu. Dobrando o joelho diante de Scipione, beijou-lhe a mão, desta vez com fervor.

O cardeal tirou a palha do cabelo de Caravaggio e a enrolou entre os dedos.

– A Confraria de Sant’Ana dos Palafreiros terá prazer em adquirir uma pintura sua, como você pode ver.

– Para a igreja deles perto do Vaticano?

Scipione gostou do choque. *Se pelo menos minha posição me permitisse usar este poder de provocar surpresas com mais frequência*, pensou ele. *De provocar surpresas agradáveis*. Ele apertou os lábios e retorceu o bigode.

– Para a própria basílica do Santo Padre.

– Para a Catedral de São Pedro?

Scipione observou o brilho de ambição e exultação na pele de Caravaggio. A Catedral de São Pedro era o lugar mais importante para uma encomenda. Um artista podia se comparar aos grandes mestres que estavam ali expostos. *Para a glória de Deus?*, matutou Scipione. *Bem, por que não?*

– Acredito que a Confraria vá querer uma espécie de repetição de *A Virgem com o menino e Santa Ana*, do mestre Leonardo. Desnecessário dizer que espero que você não faça isso.

– Fico humildemente grato a Vossa Eminência. Humildemente. *Assim está melhor*, pensou Scipione. *Soa mais como deve ser*.

O menino Domenico rolava uma bola de couro pelo chão de terra batida.

Caravaggio atirou-a pela volta, mas sua atenção não estava na brincadeira. Ele observava Lena, incerta, escondendo o rosto na meia-luz da casa da mãe.

– Eu fiquei com medo quando vi você atirando pedras na rua, Michele – disse ela.

O ressentimento soprou nele como um hálito frio. Ele não tinha saída a não ser pedir perdão a ela por uma briga em que tinha sido a parte ofendida. A bola caiu em seu colo. Ele a apertou.

– Sinto muito – murmurou ele. O menino correu, ergueu a bola com um fio solto e a jogou contra o queixo dando risada.

– Você me assusta quando se zanga. Você treme como um velho – disse Lena, mordendo a junta do dedo.

– É uma questão de honra, Lena. – Ela estava chorando. Ele a pegou pelo ombro, com um toque hesitante, mas deixou que sua mão continuasse nela. – O que você quer que eu faça? Que eu seja um camponês medroso? Eu sou um cavalheiro. *Melhor* que um cavalheiro, pois tenho habilidades maiores que o uso de minha espada. Contudo, os nobres falam comigo de modo arrogante, como se eu tivesse que lhes cair o pátio. Eu *preciso* ser levado a sério.

– Pelos homens?

– O que é a vida sem um pouco de perigo? – perguntou ele, tentando rir, mas a pergunta era hesitante e amarga.

– O mundo em que vivemos já não é suficientemente perigoso?

– Perigoso, sim. Mas a doença e os acidentes são como a comida que comemos todos os dias. O perigo que é ativamente procurado tem o sabor de um prato de rara delicadeza.

Os olhos cor de avelã de Lena o sondaram. Ele tinha certeza de que ela ouvira o vazio de suas palavras. E se sentiu como se tivesse citado Onório.

– O que traz honra para os homens envolve o sofrimento de outrem. Eventualmente, você também vai sofrer por causa dela. Eu temo por você, Michele – disse Lena baixando as mãos do rosto como se estivesse limpando a sujeira do dia. – Ontem eu vi uma estrela cadente. Sua cauda apontava para a fortaleza do Santo Padre enquanto caía. Todos dizem que isso é sinal de tempos difíceis que estão por vir.

Os olhos dela estavam cheios de arrependimento. A franqueza deles desconcertou Caravaggio. Fillide e Menica não teriam deixado transparecer sua tristeza. Lena não escondia a dela.

Ocorreu-lhe que ele era mais parecido com Lena do que imaginara, pois lhe faltava a capacidade de seus amigos do Jardim Mal de disfarçar o que sabiam. Estava tudo em suas pinturas. As mortes testemunhadas nas brigas de rua e o medo deplorável nos olhos de seus autorretratos. Ele ergueu a cabeça. Sua boca abriu-se com a surpresa.

– O que foi, Michele? – perguntou Lena.

Um sorriso curioso e lento. Lena era perigosa, pois não carregava sua vergonha como as ataduras das feridas de um leproso, que escondem mas não curam. Menica e Fillide, ou mesmo a gentil e falecida Anna, teriam compreendido a honra que o levou a atacar Baglione. Elas poderiam até tê-la admirado. Lena viu-a apenas como algo que se colocava entre eles.

– Quero pintar você outra vez – disse ele. Ela fungou e enxugou o nariz no punho. – Lena, eu pintei *A morte da Virgem* daquela maneira porque senti uma dor profunda quando você perdeu o bebê.

Ela balançou a cabeça. Uma mulher traz suas cicatrizes enterradas sob a pele. Não como a lívida marca de uma lâmina, mas como a moleira macia de uma criança antes de os ossos se fundirem. Uma vulnerabilidade invisível que só podia ser detetada com uma cuidadosa exploração.

– Eu vi você quando estive quase morta – disse ele. – Senti-me responsável pela maneira como as mulheres Tomassoni atacaram você. Por me amar, você quase morreu. As pessoas me dizem que eu sou um encenqueiro que vai acabar matando alguém.

Quando eu a vi, desejei manter todos os perigos de minha vida longe de você.

– O que quer dizer isso?

– Ranuccio me odeia. Ele vai fazer tudo o que puder para me atingir.

– Há muitas maneiras de morrer, Michele. Não podemos ter a esperança de antes sermos amados?

Ele caiu de joelhos, segurou-a pela cintura e pôs as mãos em seu colo. Respirava como se tivesse acabado de emergir da água.

Domenico encostou a cabeça nele sorrindo e colocou-lhe o bracinho nas costas.

Ele os pintou como uma família. Lena como a Madona, a saia erguida para fazer o trabalho doméstico, inclinando-se para segurar Domenico, o pé descalço pisando a cabeça de uma serpente, mostrando como matá-la. O menino nu representava o Cristo, e a víbora esmagada sob seu peso a imagem do mal.

Caravaggio colocou a mãe de Lena ao lado deles como Sant’Ana, a avó complacente do Salvador, fazendo uma pausa no serviço doméstico para observar a destruição do mal.

Quando pintou Lena como a Virgem morta, Caravaggio representou-a conforme bem entendeu. *Como se ela fosse uma prostituta*, pensou ele. *Talvez eu tenha-me comportado desse jeito com todas as mulheres que conheci*. O amor entre eles agora parecia puro e limpo. Sem que ele pedisse, ela fazia coisas para agradá-lo.

Ele nunca tinha sido tão feliz. Alguma coisa se libertara nele. Atribuía isso à vida que os Antognetti haviam trazido a seu estúdio e a seu amor por eles. A maneira como Lena fazia cócegas no menino quando Caravaggio não estava olhando, o fascínio da criança pelos espelhos do pintor, o orgulho da mãe pelo talento do homem da filha. Ele também conseguia ver seu contentamento na pintura, sentindo-o em seu pincel. Na tela, cada dobra das saias das mulheres lhe parecia inteiramente verdadeira. Ele queria entrar na pintura. Sabia que a Madona o saudaria com satisfação. Apesar de todos os erros de sua vida, ela colocaria sua cabeça contra o peito, como Lena fazia todas as noites.

Ele raras vezes parava de trabalhar ou saía de casa, e estava feliz por isso. Onório o informara da tensão nas ruas, as multidões reunindo-se fora dos palácios para brigar ou atirar pedras. O perene conflito entre os Farnese e os Colonna, o papa prevaricando entre os dois lados, os cadáveres encontrados toda manhã mordidos por cães nos esgotos a céu aberto.

– Eu fico fora desses conflitos – disse Onório, um dia que chegara com notícias de outra briga de rua.

– Não estou reconhecendo você – falou Caravaggio da escada do cavalete, onde estava dando textura ao teto acima de sua Madona, um verde áspero como cobre oxidado.

– De vez em quando, alguém pede para ter a cabeça aberta, e eu o satisfaço. Mas, na maior parte das vezes, não dou a mínima atenção. Sem você, não tem graça. – A vergonha que atormentava Caravaggio depois de seus azares era desconhecida por Onório. Ele aceitava sua própria fúria. Ela estava na natureza das coisas e confirmava que a vida nunca era mais ou menos imoral que ele. Onório estava em sintonia com o mundo imperfeito. Os que acreditavam numa existência melhor ou que reprimiam o que fluía de dentro de si, segundo ele, eram os mesmos idiotas que se sacrificavam por uma causa perdida. Ele engoliu mais uma tragada de vinho, esvaziando o que estava no fundo do copo. – Ranuccio sempre está lá quando a encrenca começa.

Caravaggio pôs o pincel entre os dentes e começou a trabalhar com os dedos.

– É mesmo?

– Ele me perguntou por você.

– Mande-lhe minhas lembranças.

– Vou insultá-lo com graça e dizer que é da sua parte.

Caravaggio se inclinou.

– Você é muito gentil.

– Ele não esqueceu os dez *scudi* que você lhe deve – disse Onório, tornando a encher o copo. – Nem o duelo que travou com você no palácio Farnese.

Caravaggio desceu a escada. *Nem eu esqueci*, pensou ele. *Mas a lembrança me faz tremer quando penso em tudo que agora tenho a perder*. Ele fez um gesto em direção ao quadro.

– O que você acha?

Ele pintara o cabelo de Lena com um toque de vermelho que não tinha notado ao pintá-la como *A Madona de Loreto*. Fazia-a parecer menos grega, mais suave. Seu rosto era largo e delicado, afinando-se até o pequeno queixo que ele adorava segurar entre o polegar e o indicador. A pele ao redor dos olhos era cinza devido à exaustão do trabalho pesado. O queixo também exibia uma sombra escura. Embora ela nunca se queixasse da saúde, ele ficava imaginando até que ponto ela era forte.

– Uma encomenda para a catedral de São Pedro, o centro da cristandade.

Onório ficou andando de um lado para o outro diante do quadro.

– Realmente apropriado, pois você tem-se comportado como um monge desde que teve aquele encontro com Baglione e a patrulha noturna. – Caravaggio deu de ombros. – Mas, ao mesmo tempo, você tem-se preparado para baixar as calças para a Igreja inteira. – Onório apontou para as unhas da Madona. Elas tinham as pontas pretas de sujeira. – Sua obra é impressionante. Na verdade, eu chego a sentir o mau cheiro da choupana onde esses camponeses moram. Mas o que você acha que os cardeais vão achar disso? Eles que têm a barba perfumada e roupa de cama limpa toda semana?

– Eu espero elevá-los.

Onório riu e balançou a cabeça.

– Venha se divertir. Está havendo matança de javali no pátio do palácio Colonna.

– Uma coisa que também eleva muito. Mas não, obrigado.

Tornando a fechar as venezianas, Caravaggio observou Onório descendo a rua estreita até a Piazza dos Santos Apóstolos. Para além do final da rua, uma multidão estava se formando. Seu murmúrio entusiasmado chamou-lhe a atenção, e ele quase gritou para que seu amigo esperasse. Na praça, quatro homens subiam ao ringue, usando armadura na cabeça e no torso. Um enorme javali saiu correndo por um alçapão e avançou contra eles. Um homem de pés descalços e uma clava em cada mão esquivou-se. A multidão berrava cada vez que o javali investia.

Caravaggio cruzou os braços sobre o peito. Ele estava sozinho com seu trabalho, enquanto os homens gritavam na multidão, numa camaradagem desordenada. Ele estava afastado dos outros desde que as coisas deram errado com Fabrizio. Pensou no momento em que o marido de Costanza ouvira a acusação de sodomia contra Fabrizio e o menino Merisi, ordenando que Fabrizio negasse a lascívia e o pecado em que se envolvera com Michele. Mas Fabrizio permaneceu calado. Michele viu que isso seria demais para o homem furioso e que seu amigo estava para ser repudiado. Ele não tinha pai e não permitiria que Fabrizio compartilhasse seu destino; então falou no lugar do amigo:

– Eu obriguei Fabrizio a isso – disse ele. O marquês bateu em Fabrizio por ter sucumbido, mas Michele sabia que era uma punição purificadora. Em breve, o marquês agiria como se Fabrizio nada tivesse sofrido, e Michele teria de ir embora.

Na *piazza*, o javali levou ao chão um dos atacantes com armadura. Os outros bateram no animal, afastando-o para um dos cantos do ringue, enquanto o homem caído se levantava.

Dois dias depois de sua *A Madona da serpente* ter sido pendurada na basílica papal, Caravaggio recebeu uma mensagem do cardeal del Monte de que ela poderia ser removida do local. Ele se apressou em atravessar o Tíbre e abriu caminho entre os peregrinos de Páscoa diante da Praça de São Pedro. Avançando entre as pilhas de material usado para o final de sua construção, ele entrou na maior igreja de Roma.

Cruzou a nave até chegar ao altar de Sant’Ana. Um sombrio grupo de homens cercava sua pintura. Reconheceu-os como membros da *Fabbrica*, o comitê encarregado de supervisionar as obras encomendadas para a Basílica de São Pedro. Homens ricos e prelados, alguns deles seus patronos e admiradores. Eles o saudaram constrangidos, como se ele fosse um parente problemático chegando bêbado a um funeral.

Del Monte o intercetou. Alguém estava se dirigindo aos outros. Caravaggio ficou na ponta dos pés para ver quem era.

– Que diabos Baglione está fazendo aqui? – perguntou ele.

O cardeal pôs um dedo perfumado sobre os lábios de Caravaggio.

– Michele...

Os homens voltaram seus olhares. *Eles conhecem minha obra e me disseram que a amam*, pensou ele. *O que eles estão fazendo aqui com Baglione?*

Seu rival subiu um degrau em direção ao altar, de modo que ficou diretamente diante da pintura. Na altura de sua cabeça, o pé de Lena esmagava a serpente.

– Cavalheiros, o que devemos fazer com esta feia Madona? – Baglione viu Caravaggio e vacilou.

Del Monte colocou a mão na manga de Caravaggio, segurando-lhe o braço com força.

– Ela não é feia. – A voz de Caravaggio ecoou pela basílica. – O rosto dela é o mais belo de toda a arte.

Baglione tamborilou na tela com as juntas dos dedos.

– Ela é uma camponesinha suja. Seus traços são apropriados para uma prostituta do Jardim do Mal, e falta-lhe a dignidade da Madona.

– Nem Cristo seria digno de uma mãe tão perfeita quanto ela – gritou Caravaggio. – Quem quiser ver uma Virgem mais bonita precisa ir até o céu.

Del Monte levou a mão à cabeça. Deu um longo suspiro resignado e voltou os tristes olhos cinzentos para Caravaggio. Os homens da *Fabbrica* murmuraram com indignação. *O que eles vão fazer com a minha pintura?* Caravaggio girou à sua volta, suplicante, apologético e ultrajado.

– Você está aqui para destruir a pintura – declamou Baglione como alguém que tivesse decorado bem uma fala. – Você despoja a arte de toda dignidade e vai cavá-la no lixo dos bairros mais baixos de Roma. Olhem para a Sant’Ana, a mãe da Virgem. Você a retrata como uma velha encarquilhada, uma velha relaxada e repulsiva. Na mais santa de nossas igrejas. Um insulto ao túmulo de São Pedro, ao crânio de Santo André e a todas as outras relíquias sacras.

– Você se considera um artista? – berrou Caravaggio. – Você não serve nempara preparar meus pigmentos.

– E Nosso Senhor nu. Nu. Que esgoto nojento é sua imaginação, Merisi, para engendrar uma imagem tão desrespeitosa do Salvador.

Perfumes cálidos exalavam das vestes dos homens ricos. De seu próprio corpo, Caravaggio detectava um miasma de suor, sujeira e raiva. Afinal, o que ele havia trazido para a igreja deles? Seria o amor que acreditava pintar? Ou será que realmente cometera o ultraje do qual Baglione o acusava? Não havia calma em sua mente, não conseguia pensar no que havia criado. Seu cérebro girava, e o desespero pulsava em todos os seus membros. O silêncio dos ricos especialistas o chocava. Será que não conseguiam ver o que ele tentara expressar?

– Esta pintura não provém da minha imaginação – disse ele. – Apenas dos meus olhos. Eu vi esta mulher caminhando com os pés de seu sobrinho sobre os dela. Uma brincadeira, percebem? Eles estão rindo. Estão cheios de amor. Vocês não acham que a Virgem amava seu filho?

– Esta composição, mestre Caravaggio, implica um elemento físico no amor da Virgem – falou Del Monte num tom tranquilizador aos homens ao seu redor.

– Entre mãe e filho.

– Claro, mas não se trata apenas de uma mãe e um filho. Esta é a Virgem e Nosso Senhor.

– É a mesma coisa.

O cardeal Ascânio Colonna, o presidente da *Fabbrica*, ergueu a mão pedindo silêncio. *O irmão de minha marquesa*, pensou Caravaggio. *Ele vai-me apoiar. Eu sou um homem dos Colonna.*

– Como membro mais velho do Santo Ofício da Inquisição – disse Ascânio –, estou encarregado da manutenção do Índice dos Livros Proibidos, a lista das obras imorais cujos erros teológicos corrompem os fiéis. Obras sujeitas à destruição onde quer que as encontremos. O senhor pode se considerar feliz, mestre Caravaggio, que o Santo Padre nunca tenha encomendado o mesmo índice referente às pinturas.

Caravaggio estendeu a mão, como se fosse segurar a de Del Monte, mas a recolheu e a apertou contra a coxa. *Estou sozinho.* Ele olhou para a pintura. *Lena, observe Lena. Ela não vai desprezar você como estes homens.*

Baglione passou afetado por Caravaggio. Embora tentasse parecer compenetrado, o farrapo de barba em forma de triângulo sob o lábio inferior estremecia de triunfo. Os patronos observaram Baglione com impaciência. *Ele não os impressionou. Mas eu fui longe demais*, pensou Caravaggio. *Eu os impossibilitei de me defender e dei a meu inimigo a oportunidade de me desgrçar.* Ele estivera tão ocupado com sua reação aos menoscabos sem sentido contra sua honra nas tavernas e nas quadras de tênis que se esquecera de preservar a única coisa que realmente importava: sua arte. Caravaggio se virou para a sua Madona. O rosto de Lena mostrava-se paciente e cheio de compaixão.

O cardeal Ascânio dirigiu-se à porta. Baglione e a maioria dos membros da *Fabbrica* saíram com ele. Del Monte permaneceu.

Caravaggio escancarou os braços sobre sua tela e colocou as mãos nas saias da Madona e de Sant'Ana, como se se agarrasse às suas pernas em busca de apoio.

A porta da igreja se fechou com um estrondo.

– A culpa é minha. Admito que previ isto há muito tempo – disse Del Monte. – Eu devia ter prevenido você.

Caravaggio colocou as costas da mão contra os olhos.

– O que o senhor quer dizer com isso?

– Minhas encomendas pessoais a você são uma coisa. Eu lhe garanto toda aliberdade que posso conceder a seu gênio – disse del Monte erguendo os braços como numa súplica. – Mas suas encomendas públicas estão ficando cada vez mais ousadas. Depois do *São Mateus*, você passou a alfinetar os artistas do velho estilo como Baglione até que eles comesçassem a odiá-lo. Você é uma ameaça a tudo pelo qual eles trabalham.

– Não me importo nem um pouco com eles.

– Mas você precisa de outros artistas a seu lado. O cardeal Ascânio não sabeneda de arte. Não mais do que entende das obras que manda para o Índice dos Livros Proibidos. Ele se orienta pela opinião de artistas e colecionadores famosos. Eu falei por você. Mas todos os principais artistas de Roma estão contra você.

– Nem todos. A maioria deles rouba o meu estilo. Até Baglione.

– Será que eles não gostariam de ter seu rival mais talentoso fora de cena? Eles não vão defendê-lo. Eles produzem uma obra que tem elementos de seu estilo, mas sem ideias provocativas – disse o cardeal aproximando-se de Caravaggio. – O nosso amigo *Signor* Giustiniani conserva o seu *Amor vitorioso* por trás de uma cortina na última sala de sua galeria. Quando a abre, seus convidados ficam chocados e encantados. E até excitados. Você acha que é isso que a *Fabbrica* deseja que as pessoas sintam aqui enquanto o Santo Padre celebra a missa diante delas? Esta Madona é substanciosa demais para a Igreja. Você tem de mostrar mais respeito.

– Com relação a quê? À arte como Baglione a vê?

– Lamento dizer-lhe, mas é isso mesmo. Pela arte.

– A arte é uma prostituta que está sendo tratada como uma dona de casa idosa echata – disse Caravaggio. – Seu marido tem relações com ela sempre do mesmo jeito. É hora de alguém jogá-la contra a parede e lhe dar...

– Michele, lembre-se de onde você está – gritou del Monte.

– ... a boa trepada que ela merece.

Del Monte ergueu os olhos para a Madona.

– Sem dúvida é você que vai fazer isso.

– Sim, sou eu mesmo – disse Caravaggio. – Tenho alguma experiência com prostitutas.

Del Monte levou a mão ao bigode. Sua raiva tinha sido momentânea. Agora ele se mostrava solícito.

– Se a arte é uma dama desse tipo, você acha que ela vai gostar desse tratamento?

– Essa é a questão. Não me importo com o que essa vadia chamada Arte possa ou não apreciar. Estou disposto a pagar, a satisfazer meu desejo. Mesmo que ela saia por aí espalhando que eu não sou nem delicado nem fino. Uma prostituta tratada como dama fica insuportável.

Del Monte deu um assobio surdo.

– Acredite se quiser, mas sua estranha alma tem a chave para o espírito de outras pessoas. Os seguidores do herético Lutero querem ouvir Deus falando diretamente com eles. A Igreja Romana acredita que as pessoas devem entrar em contato com Deus apenas em suas basílicas. Nelas, devem testemunhar Sua presença em suas pinturas. Sua alma de artista tem de sentir Deus, para que você possa mostrá-Lo a nós.

– Pensei que minha alma fosse importante para que eu pudesse realizar encomendas para o cardeal Scipione.

– Isso só o mantém fora da cadeia. Talvez um dia eu consiga evitar que sua cabeça seja separada do corpo – disse o cardeal examinando a Madona. – Ela é magnífica, Michele. Você confundiu os limites da arte dentro da igreja. Mas realizou algo perfeito.

Infelizmente, essa não é a questão.



Madona da serpente

– Qual é a questão? O senhor quer que eu a mude?

O cardeal olhou para a Madona e seu filho nu.

– A *Fabbrica* já decidiu. A pintura deverá ser removida. Não é adequada para a Basílica de São Pedro. Vou achar um comprador para ela. – Caravaggio deixou-se tombar sobre o degrau abaixo

de sua tela. Pôs as mãos no cabelo apertando as têmporas com frustração. — Nesse ínterim — completou del Monte, essa sua arte estará na rua. Como as outras prostitutas.

A rejeição a outra de suas pinturas mandou Caravaggio de volta ao Jardim do Mal e à vida desvairada e depravada que ali se escondia à noite. A Taverna do Mouro, a Taverna do Lobo, as Tavernas da Torre e do Turco, os bordéis ao redor das ruínas do Mausoléu de Augusto. O olhar de Onório brilhava com uma alegria raivosa, feliz por ter seu amigo de volta. Caravaggio, amargo, rouco e sem papas na língua, queixava-se da *Fabbrica*, dos cardeais e do papa, até que Onório colocou-lhe a mão na boca por medo da Inquisição.

Maldito Baglione, pensou ele. *E del Monte, que devia-me defender. E Scipione, o sobrinho-cardeal, que tipo de protetor é ele? E Costanza... Não, ela não está pedindo demais. Mas que os outros todos se danem.*

Toda noite, sua mandíbula ficava dolorida devido à tensão que recebia. E ele estava constantemente vermelho e exaltado em função do álcool. Del Monte e Scipione pareciam rodopiar diante de seus olhos à medida que se deslocava de uma mesa para outra da estalagem, atirando dinheiro em Baglione, que desaparecia na tela da *Madona da serpente*, dançando uma *villanella* com Lena.

Sempre que Caravaggio chegava à casinha da Via dei Greci, encontrava Lena impaciente por suas aparições cambaleantes tarde da noite, suas imprecações contra a *Fabbrica*, suas tentativas bêbadas de fazer amor com ela. Acordava na cama na parte traseira do quarto, o cérebro parecendo rebentar devido à ressaca, com Domenico mexendo em seus pés e fazendo-lhe cócegas. Lena olhava para ele, amuada e frustrada, da mesa da cozinha, e ele tornava a cair no travesseiro, imaginando o quanto a havia empurrado na cama durante a noite.

No final de maio, o Vaticano deu uma festa em celebração ao primeiro aniversário da coroação do papa Paulo. À tarde, uma corrida de barcos no Tibre terminou na margem com uma briga entre as equipes. Um remador deu um soco em alguém e foi morto a punhaladas. À noite, as ruas estavam cheias de gente que havia celebrado o dia inteiro. Todos bêbados e atrevidos. Toda gargalhada soava desenfreada, como se vociferasse uma ofensa.

Caravaggio e Onório saíram da Taverna da Torre e atravessaram o Jardim do Mal até as quadras de tênis. Na rua ao lado do Palácio de Florença, um jogo estava em andamento. Uma corda estendida de um lado a outro da rua marcava o centro da quadra. Cerca de onze metros de cada um de seus lados, uma linha de giz traçada sobre as pedras da rua marcava os fundos da área do jogo. Os espectadores alinhavam-se ao longo das paredes da rua, fazendo apostas quanto ao resultado do jogo, que terminou quando Caravaggio e Onório chegaram.

— É o nosso amigo, o *Signor* Ranuccio — disse Onório. — Parece que ele acabou de ganhar.

Ranuccio apanhou a bola, um casco de couro envolvendo uma lâ comprimida com uma bolotinha de chumbo no centro. Ele a atirou para o alto com sua raquete de cabo comprido e ergueu os braços. A multidão entrou na quadra, em busca das apostas. Alguns dos que haviam apostado contra Ranuccio atiravam esterco da rua contra o perdedor.

Ranuccio olhou por cima das cabeças dos apostadores.

— Pintor, que tal dobrar aqueles dez *scudi* que você me deve? Tudo ou nada? — perguntou ele, com um sorriso escancarado e alegre, o que fez Caravaggio o odiar ainda mais.

Caravaggio entregou sua capa a Onório. Ele havia sofrido todos os insultos que podia de poderosos diante dos quais tinha de conter a raiva. Mas não tinha de suportar a provocação de Ranuccio. Os dez *scudi* nada significavam. Só queria acabar com Ranuccio, empurrar seu rosto contra a sujeira e encher-lhe a boca até que ele se afogasse, como se estivesse sufocando todos os esnobes da *Fabbrica* e também Baglione.

– Dê-me uma raquete.

Ranuccio, como de praxe, fez o sinal de que iria sacar. Era uma das poucas regras do jogo que ele podia invocar.

Caravaggio devolveu o serviço. Seu tiro resvalou pela parede do palácio. Ranuccio se abaixou para rebater a bola, mas Caravaggio atirou-a bem no centro da quadra. Algumas pessoas da multidão aplaudiram. A maior parte delas berrou seu desprezo por Ranuccio.

Ele ainda não sabe, pensou Caravaggio. Ele acha que estamos só jogando tênis. Mas logo vai entender o que está acontecendo.

Depois de apenas alguns pontos, Ranuccio estava suando muito e seu fôlego era curto.

– Você devia ter descansado antes de iniciar outro jogo – disse-lhe Onório. –

Ou devia ter desafiado Michele para um jogo de cartas, para poder ficar sentado. – Ranuccio mostrou-lhe o indicador em riste. – Você gasta toda sua energia copulando com suas putas – continuou Onório para que a multidão o ouvisse. – Você tem menos facilidade com desportos que são jogados de pé.

Giovan Francesco, o irmão mais velho de Ranuccio, deu um empurrão em Onório. Os dois trocaram ameaças.

Ranuccio sacou. E tentou defender a bola de Caravaggio. Seu tiro tinha a intenção de rebater na parede do palácio, mas atingiu a borda de uma janela. A bola voltou para ele, e o ponto foi para Caravaggio.

O pintor sentiu uma tranquilidade interna. A excitação vinha antes de uma competição, e o medo numa fração de segundo, quando a derrota era inevitável. O tempo entre esses dois momentos era preenchido pela concentração instintiva e absoluta da caçada. Seus olhos sem expressão estavam fixos em Ranuccio.

No ponto seguinte, Caravaggio mandou sua bola para o fundo da quadra, quase sobre a linha de giz. A toda velocidade, Ranuccio correu para ela, mas errou e foi de cabeça contra a parede, para divertimento da multidão. Seu irmão levantou-o do chão. Ranuccio olhou para Caravaggio, os pés separados, a raquete segura com força, como se fosse uma arma.

Agora ele sabe por que estamos jogando, pensou Caravaggio.

– Meu saque.

Ranuccio atirou-lhe a bola de volta.

O jogo estava tenso, os lances curtos, cada homem atirando a bola com tal força que seu oponente mal conseguia devolver o tiro. Chegavam rapidamente ao ponto decisivo. Ranuccio havia colocado Caravaggio na defensiva. Ele avançou até a corda e rebateu com força. Caravaggio esticou-se para também rebater. A bola ricocheteou na cabeça de um espectador. O desvio fez com que Ranuccio errasse, e a bola caiu atrás dele. O homem apanhou a bola e preparou-se para sacar. Caravaggio foi até a corda.

– O jogo é meu, Tomassoni. – Ranuccio grunhiu um suspiro e tornou a se preparar para sacar. – Ei, *coglione*, você perdeu – disse Caravaggio.

– A bola rebateu na cabeça daquele idiota – retrucou Ranuccio limpando o suor da testa machucada. – Não valeu.

– O que você está dizendo? Os espectadores fazem parte do jogo.

– Não, de jeito nenhum.

– Onde é que você acha que está jogando? Na quadra do rei da França? Isto é um jogo de rua. Você conhece as regras.

– O jogo não acabou – disse Ranuccio indo até Caravaggio. – A bola não *ricocheteou* na cabeça daquele homem. Ele pôs a cabeça na trajetória da bola e a atirou para além de mim. E fez isso deliberadamente. Isso não está nas regras.

Um tremor de fúria incontida percorreu Caravaggio, o choque que se seguiu à agitação que ele fora forçado a reprimir na presença de seus ricos patronos.

– Você mente sem sentir vergonha.

Do lado da rua, os espectadores discutiam o lance. O homem cuja cabeça fora atingida pela bola se declarava inocente, mas os que haviam apostado em Ranuccio voltaram-se contra ele.

– Ainda não acabamos – gritou Ranuccio.

– Cale a boca. O jogo está acabado. Agora você pode dizer adeus aos seus dez *scudi* – respondeu Caravaggio, batendo no ombro de Ranuccio com o cabo da raquete.

Ranuccio o repeliu.

– Seu sodomita imundo.

– Depois de dar um beijo de despedida em seu dinheiro, você pode-me beijar aqui – disse Caravaggio, virando-se e batendo no traseiro.

Com um movimento do pulso típico dos espadachins, Ranuccio o atingiu na omoplata com a armação da raquete. Caravaggio girou e atingiu o peito de Ranuccio. Os dois continuaram a se atacar com as raquetes até que Onório e o irmão de Ranuccio se puseram entre eles.

Caravaggio espetou um dedo em Ranuccio.

– Vou buscar minha espada, seu cretino. – E brandiu a raquete como se fosse uma espada.

– Você sabe onde me encontrar. Vou abrir você de cima a baixo.

Caravaggio correu para pegar sua arma. Sua respiração era cada vez mais ofegante. *É agora*, pensou ele. *Tem de ser agora. Depois que passar, vou ficar livre.*

Na esquina, o homem que havia desviado a bola de Caravaggio se apoiava na parede do palácio. Seu nariz estava sangrando e ele olhava espantado o sangue em sua mão, como se fosse um texto escrito numa linguagem secreta.

Já com as espadas na mão, passaram correndo por um jogo de *pallone* a caminho da casa dos Tomassoni. Um dos jogadores bateu com seu protetor de braço no nariz de um rapaz do time adversário que cometera o erro de observar a bola evoluindo pelo ar.

– Você viu aquilo? – perguntou Onório rindo. Então percebeu a concentração total e tensa de Caravaggio. – Não, é claro que não viu.

Mário alcançou-os no caminho.

– Ouvi falar num duelo. Tomara que o pessoal dele também venha. Assim, Onório e eu poderemos transformar a coisa numa briga geral. Michele, tente algumas fintas, um recuo e uma estocada. Então, dê um passo largo com a perna esquerda e fure-lhe a virilha com seu punhal.

– Você é obcecado com a virilha, não é mesmo, siciliano? – disse Onório batendo no ombro de Mário. Os dois riram como meninos a caminho de assistir a um jogo, entusiasmados e despreocupados.

Caravaggio não estava ouvindo nada. A escuridão da noite se intensificava. Ele deslizava pelas ruas, com as sombras envolvendo-o. Ranuccio não seria capaz de identificá-lo. Ele correria para a luz e mataria seu homem.

Na entrada da residência dos Tomassoni, sua respiração acelerou-se, e ele sentiu toda sua força pronta para o que viria. Mataria o seu homem. *Ele o mataria.*

– Saiam, se vocês forem homens – berrou Onório, apanhando uma pedra e atirando-a contra uma janela do primeiro andar. No instante em que ela atingiu a veneziana, ouviram-se passos pesados no interior da casa.

Caravaggio desembainhou a espada. Um punho dourado de Ferrara, uma lâmina de Toledo, a chanfradura brilhando ao longo de seu comprimento como uma veia de gelo. Ele a avistou quando Ranuccio desceu para o pátio, flanqueado pelo irmão e por outro soldado. Com a mão esquerda, sacou um punhal do comprimento de seu antebraço.

Enquanto os outros trocavam insultos, Caravaggio só conseguia ouvir sua própria respiração e o sangue pulsando-lhe na cabeça. Sua boca estava seca. Sua mão apertou o punho da espada. O polegar e o indicador encontraram-se na travessa para controlar a lâmina, protegidos pela copa ampla. Segurou o punhal com a outra mão, com o polegar ao longo do centro da lâmina, com o lado cego virado para ele.

Ranuccio avançou. Os dois homens estenderam as espadas, o pé direito adiante, a ponta das armas para cima e em guarda. As pupilas de Ranuccio pareciam longas fendas nas íris de cobalto, como nos olhos de uma cabra. Caravaggio ficou imaginando se não estaria lutando contra alguma besta maligna, mas percebeu que seu oponente era um homem de tal modo enlouquecido pelo medo e pela exaltação que se mostrava deformado.

Caravaggio havia praticado esgrima com tanta frequência com Onório e observado tantos duelos nas quadras de tênis francesas que seus movimentos eram instintivos, como se fossem lembrados por seus músculos. Mas ele se impôs lembrar sua postura. Tinha de estar seguro de que não esqueceria sua técnica na ânsia de matar. Separou os pés, alinhando-os com o torso, girando a cintura para manter os dois ombros diante de Ranuccio, o braço direito à frente, e o esquerdo em guarda com o punhal. Contraiu os músculos do ventre para deixar os pés leves.

Enquanto giravam um em torno do outro, Caravaggio observava o corpo de seu oponente. Ele poderia aparar os golpes facilmente se percebesse os sinais emitidos pelo braço e pelo torso de Ranuccio antes que este desferisse o ataque. Era muito difícil saber quando ele segurara uma espada pela primeira vez, bem como não ficar hipnotizado por sua ponta mortífera enquanto ela girava a uma distância de um braço diante de seu rosto. *Cuidado com o braço*, sussurrava ele para si mesmo. *Observe o torso volumoso desse grande safado. É como se ele estivesse gritando: Agora vou atacar e atingir você.*

Ranuccio ergueu o peito uma fração de centímetro. Caravaggio aparou o golpe antes que o oponente estendesse completamente o braço para desferi-lo. Ranuccio tornou a tentar, perplexo e furioso com a obstinada defesa de Caravaggio. A pesada espada brilhou ao se afastar, com um contato delicado, quase de pluma, enquanto Caravaggio girava o pulso para cima e afastava a lâmina que descia para longe de seu ombro.

Caravaggio atacou, a ponta da lâmina objetivando os olhos. Ranuccio afastou-a com um movimento rápido para a esquerda. Ele pulou e se abaixou. *O idiota deve ter atacado com um giro do pulso, pensou Caravaggio. Devia ter mantido a ponta da espada em minha direção. Ele poderia até ter contra-atacado. Ou ele está nervoso ou não é muito bom.*

Tentou relembrar a primeira luta entre os dois no palácio Farnese. Não conseguia lembrar como Ranuccio se movimentara, mas sabia que o havia derrotado. Então afastou essa luta da mente. Aqui estava ele e, desta vez, era uma luta de vida ou morte. E sussurrou uma *Ave-Maria*.

Avançando com um pequeno salto, Ranuccio desferiu outro golpe alto. Caravaggio o aparou com sua lâmina. Passou o pé esquerdo por sobre o direito, afastando-se do golpe. Com um giro do pulso, a ponta de sua espada ergueu-se acima da arma de Ranuccio. Com o mesmo movimento, avançou um quarto de passo e sentiu a ponta da lâmina atingir a parte superior do braço de Ranuccio.

Então afastou-se. Ranuccio ficou sobre um joelho e levou o dedo ao ferimento. A dor substituiu a raiva em seu rosto.

Giovan Francesco estava a apenas alguns metros do irmão, mas gritou:

– Ranuccio, lembre-se de tudo que lhe ensinei.

Os Tomassoni mais velhos eram soldados, pensou Caravaggio. Lutaram em defesa da fé, pelos Farnese, em Flandres e na Hungria. O problema de Ranuccio é que nunca teve a chance de provar sua masculinidade. Toda a sua bravata é só bobagem.

– Você não é um bom professor, Giovan Francesco – exclamou Onório rindo. Esse trouxa não conseguiria espetar uma puta com a saia na cabeça. Bom golpe, Michele. Mantenha esse idiota em movimento. Ele não vai conseguir atingir você.

Ranuccio deu um rosnado, erguendo-se do chão e avançando num só movimento.

– Olhe a sujeira – gritou Onório.

Com a mão que segurava o punhal, Ranuccio lançou uma nuvem de esterco e poeira que havia recolhido do chão. Caravaggio piscou com força e limpou o rosto com a manga.

Ranuccio foi para cima dele e desferiu um pesado golpe. Caravaggio quase largou a espada, que foi para a esquerda. *Graças a Deus ele não me atingiu, ou agora eu estaria frito.*

Seus olhos ainda estavam embaçados, mas o instinto o levou para a direita. *Fique atrás de sua espada.* Levantando a guarda, tornou a sentir um golpe de Ranuccio. Através da poeira nos olhos, mal conseguia ver. Não a lâmina, mas o braço e o corpo. *Lá vem ele de novo.* Outro passo para a direita, e desta vez Caravaggio desferiu um golpe que atingiu o alvo.

Ranuccio praguejou. Um corte na cabeça, acima da orelha.

– Sorte sua ele não ter conseguido ver onde você estava, Ranuccio, ou esse teria sido o seu fim – berrou Mário. – Seu safado trapaceiro.

Caravaggio deu uns passos para trás e piscou com força para tirar dos olhos a poeira que restara. Uns doze passantes haviam-se reunido, pondo-se atrás dos duelistas e seus padrinhos.

Todos estavam em silêncio. Mesmo em Roma, onde o sangue era uma diversão, eles sabiam que estavam por presenciar a morte de um homem, o que os silenciava.

Erguendo o braço da espada, Caravaggio avançou sobre Ranuccio. Fingiu hesitar e fez com que seus olhos expressassem medo. Queria que Ranuccio pressentisse uma oportunidade. E Ranuccio se deixou enganar. Mostrando os dentes, ele atacou. Caravaggio relaxou o pulso e deixou que Ranuccio baixasse sua lâmina. A força de seu próprio golpe fez com que o homem perdesse o equilíbrio, inclinando-se para a direita de Caravaggio.

Então, o pintor atacou. Um passo à frente com o pé esquerdo. Em seguida, executou um arco elevado em direção à cabeça de Ranuccio. O golpe resvalou-lhe o topo da cabeça e o derrubou no chão.

– Belo golpe, Michele – disse Onório.

Ranuccio ficou de costas, ergueu-se nos cotovelos e cuspiu nas botas de Caravaggio.

– Esta é a sua punição por ter-me insultado – disse Caravaggio em voz alta, para que todos os assistentes que estavam nas sombras da Via della Scrofa soubessem que ele havia lutado por sua honra.

Então deu um passo para trás. O rosto de Ranuccio relaxou. Caravaggio viu que a feia expressão de desafio do momento anterior era apenas a expectativa da morte, e que Ranuccio agora acreditava que lhe seria permitido continuar vivendo.

Ao colocar a mão na cabeça ferida, Ranuccio mal movimentou os lábios, mas Caravaggio conseguiu ouvi-lo.

– Vou fazer a puta da sua Lena se deitar com todos os homens do Jardim do Mal.

As costelas de Caravaggio se contraíram. Com uma única estocada, sua lâmina mergulhou em Ranuccio, apesar de ele ter tentado escapar do golpe. A lâmina atravessou-lhe a virilha.

Ranuccio se dobrou e rolou no chão. Caravaggio sentiu o músculo e a pele se romperem na espada, como se sua mão estivesse escavando a carne viva.

Com um grito súbito, o irmão de Ranuccio saltou adiante. Desembainhando a espada, avançou contra Caravaggio. Agora não se tratava mais de um duelo. Era uma luta, e Giovan Francesco fora um herói no campo de batalha. Caravaggio avançou contra seu atacante, mas a resposta de Giovan Francesco foi simples e eficiente. Parada e riposta num único movimento alto, a partir do interior da linha da espada de Caravaggio. O pintor ouviu o atrito das duas lâminas, um milhão de minúsculos contatos, com o som aumentando à medida que a espada de Giovan Francesco deslizava pela dele. Então, a ponta atingiu-o abaixo da orelha. Ele afastou a cabeça e seu escalpo ficou frio.

Onório investiu contra Giovan Francesco para desequilibrá-lo e saiu com Caravaggio nas costas. Mário pôs-se a seu lado, a espada em riste.

Ranuccio sentou-se no chão, dobrado sobre si mesmo. Abriu os olhos, com as pálpebras separando-se lentamente, chorando e vermelho. As mãos segurando a virilha. O sangue a escurecia e encharcava-lhe as calças turquesa. O rosto estava coberto de vergonha, como um homem constrangido pela incontinência.

Onório chutou um repolho podre da sarjeta. O lixo da rua salpicou o rosto do espadachim ferido.

– Descanse em paz.

– Eu não estou morto – disse Ranuccio.

– Logo vai estar, *cazzolo* – respondeu Onório, aparando outro golpe de Giovan Francesco.

Ranuccio falou movimentando os lábios brancos. Seu rosto ficou sério, como se fosse o de um pai explicando alguma coisa simples, embora vital, para uma criança pequena.

– Eu não quero morrer.

Caravaggio abriu a boca, mas não tinha certeza se queria consolar Ranuccio ou desculpar-se. A morte havia sido uma questão de honra para eles. Agora era outra coisa, o derramamento de sangue na rua, escorrendo entre as pedras e encharcando os vegetais derrubados pelos vendedores a caminho do mercado.

Mário e Onório enfrentavam os espadachins dos Tomassoni enquanto desciam a rua. Caravaggio foi até a esquina equilibrando-se nas pernas vacilantes.

A última coisa que ouviu ao se virar para a escura rua lateral foi o grito de agonia quando os porteiros dos Tomassoni ergueram Ranuccio.

Ele cavalgava com a mão segurando firmemente a rédea de sua mula de carga. O animal avançava com facilidade sob seus poucos pertences e materiais de pintura. Seu chapéu havia sido puxado para baixo a fim de esconder o curativo no escalpo, e sua capa estava disposta de forma a cobrir-lhe o queixo. Ele partiu na direção sul, passando pelo velho Fórum Imperial, onde vacas pastavam, para a Porta de San Giovanni. Os guardas se abrigavam na sombra. Colocado nos tijolos marrons das muralhas aurelianas, havia um anúncio de “procura-se”. Nele, Michelângelo de Caravaggio era mencionado como o bandido que assassinara Ranuccio. Em qualquer lugar dos estados papais, o homem que apresentasse a cabeça decepada de Caravaggio às autoridades poderia reclamar uma recompensa. Para enfatizar a vergonha de sua sentença e persuadir quem o conhecesse de que ele não deveria ser ajudado, o cartaz o representava de cabeça para baixo, suspenso pelos pés.

O rosto do cartaz, mostrado em ignomínia, era uma versão simplificada do que ele mesmo pintara. Seu autorretrato como observador do martírio de São Mateus, olhando por sobre os ombros com piedade e afastando-se da cena do assassinato do homem santo. A pintura que o havia tornado famoso em Roma. *A polícia emprega amantes da arte para fazer seus cartazes de “procura-se”*, pensou ele com amargura.

Os cascos dos cavalos ecoaram sob o portão, e então ele já estava nos campos. Roma ficava para trás, assim como Lena. Caravaggio não lhe pedira que fugisse com ele. Ele havia condenado sua alma imortal, que talvez já estivesse condenada. A alegria lhe seria sempre negada. Tampouco desejava que ela corresse riscos, amortalhada pelas sombras malignas de seu espírito caprichoso. *Não posso levar Lena comigo, sabendo que logo vou sofrer outra expulsão*, pensou ele. *E não posso esquecer que os Tomassoni estão atrás do meu sangue. Seria perigoso demais envolvê-la.*

Ele deixou Lena sem qualquer explicação. Temia que, se tivesse-lhe contado para onde ia, ela poderia ter desejado segui-lo até o inferno voluntariamente.

II
MALTA
UM NOME ESCRITO EM SANGUE
1607

O RETRATO DO GRÃO-MESTRE

Na proa da galera, Caravaggio piscou devido ao brilho do sol refletido nas ondas. Os pulmões se encheram como se ele inspirasse o ar do distante horizonte. Só agora entendia como o medo o havia assaltado nas ruas apinhadas de Nápoles, onde passara o último ano. Por toda parte havia as sombras indignas de confiança, com os assassinos à espreita. As ruas atrás da Sanità provaram que Baglione estava errado – a escuridão não encobria nossos erros; ela desnudava nossa vulnerabilidade.

O mar aberto dava-lhe uma sensação de segurança. Ali não havia suspeitos ruídos de passos ecoando, nem soldados correndo do novo Bairro Espanhol com garrafas e punhais. Ele sequer estava preocupado com os que lhe gritaram do cais, dizendo: “Deus o proteja das galeras dos corsários árabes”, ou com o fato de terem-lhe ordenado que carregasse sua espada, em caso de ataque, até desembarcarem em Malta. Os piratas escravizavam os que capturavam, mas Caravaggio deixara de ser livre desde que matara Ranuccio.

Sob seus pés, nos dois deques, escravos trabalhavam em seus bancos. O barulho dos remos era uma suave voz de tenor contra o baixo regular de sua respiração. O nauseabundo odor de suas defecações emanava das escotilhas. O mar transformava seu tom esmeralda em verde oliva. Ele praguejou. Como os infelizes do porão, ele também poderia estar acorrentado.

Olhou para o comprimento do navio. Maior que as galeras de Gênova, Espanha e Veneza, cento e oito remos e duas enormes velas, o calado raso para incursionar nas enseadas onde os piratas tinham seus covis. *A Capitana*, a nau capitânia do novo Almirante dos Cavaleiros de São João de Malta: Fabrizio Sforza Colonna.

O filho de Costanza surgiu de baixo do toldo escarlate que cobria o deque da popa do navio. Ele colocou um braço fraternal sobre os ombros de um de seus cavaleiros de sobrecapa vermelha e deu uma ordem ao timoneiro. Os dentes brilhavam como as ondas ao sol. A pele começava a recuperar as cores depois do tempo que passara na prisão. Relaxado e confiante como um anfitrião entre os convidados em sua própria sala, ele passava entre os marinheiros.

Alguns soldados jogavam dados no convés. Fabrizio tentou uma jogada e se inclinou para ler o resultado. Praguejando com bom humor, ficou feliz com a risada de seus marinheiros diante da derrota de seu comandante.

Pondo-se ao lado de Caravaggio na proa, ergueu a perna para se equilibrar contra o peso da carranca.

– Sinto-me como quando você e eu corríamos pelos campos de amoras, só nós dois. Sem ninguém nos dizendo o que fazer.

– Naquela época, a liberdade também era uma ilusão.

Fabrizio apertou os lábios. Caravaggio lamentou suas palavras. Seu amigo estivera numa cela por quase dois anos. Ele deveria ser perdoado por se sentir como uma criança em sua sensação de liberdade.

– Não era uma ilusão para mim – murmurou Fabrizio.

Caravaggio ouviu a lembrança de frágeis memórias na voz do novo Almirante.

– Você tem razão ao dizer que, naquela época, estávamos livres de todos. Por certo tempo, pelo menos. – As secas colinas da Calábria surgiram no horizonte a alguns quilômetros. Ele desviou o olhar para o brilho das ondas.

– Vamos ficar livres outra vez, em Malta. Como fazíamos naquela época.

O rosto de Caravaggio se endureceu. *Será que ele acha que vou voltar à sua cama tão facilmente?*

– Estou indo a Malta porque dei minha palavra a sua mãe.

– Então você tem um compromisso.

– Eu tenho um compromisso.

Os soldados berravam cada vez que os dados caíam. Um deles inclinou-se para trás, empurrado pelo perdedor enraivecido. Fabrizio os repreendeu, e a luta terminou. O jogo prosseguiu num silêncio taciturno.

– Não culpe minha mãe, Michele. É uma oportunidade para você. O Grão-Mestre concordou em me contratar, em troca de sua presença em Malta. Sua arte vai trazer prestígio à nova cidade que ele está construindo. Eu fui perdoado por matar o homem dos Farnese, e você vai receber umas boas encomendas. O que mais *Mamà* poderia fazer?

Caravaggio lembrou o alívio no rosto de Costanza enquanto ela explicava o trato. Ela o havia chamado a seus aposentos no palácio de seu primo, o príncipe de Stagliano, onde ele se hospedara durante o ano que passara em Nápoles. Ela parecia estar dez anos mais jovem, e Fabrizio era a causa disso. Lembrou, então, como ela costumava brilhar quando passava pelos dois meninos nos jardins de sua propriedade. *Eu sempre esperava ser o motivo dessa alegria*, pensou ele. *Como eu era tolo. Fabrizio é sangue dela*. E olhou para os belos e sinceros traços do homem a seu lado. *Ainda desejo isso. Mas sou como um peregrino que compete com o Filho de Deus pelo amor da Virgem*.

– É claro que você teve encomendas em Nápoles. *Nossa Senhora das Mercês*, no Pio Monte, é uma obra-prima – disse Fabrizio. – Mas lá você corria um grande perigo.

Os Tomassoni não vão encontrá-lo em Malta.

Nossa Senhora das Mercês. Outra Madona com os traços de Lena. Desta vez exaurida e com a pele cinzenta, transbordando a compaixão que Caravaggio desejava.

– Sim, Malta é tão remota, tanto quanto as Índias.

A pele de Fabrizio era lisa e fresca. Ele usava a confiança como uma capa bordada em seu ombro, livre e elegante. Afastando da testa o cabelo cor de palha e dourado, ele mordeu o lábio. Os olhos hesitantes buscaram o olhar de Caravaggio.

– Você pensa nele, Michele?

– No homem que eu matei? – Fabrizio confirmou com um movimento de cabeça, e o cabelo tornou a cair sobre uma de suas sobrancelhas. – Ele é mais implacável que seus irmãos vingativos – disse Caravaggio. – Ele me persegue por toda parte. Sem dúvida, vai-me perseguir também em Malta.

– Às vezes, parece uma morte maior ter sobrevivido a um duelo que ter sido o perdedor – comentou Fabrizio. – Não lhe parece, de vez em quando, que sua liberdade e felicidade expiraram com ele?

– Eu perdi a liberdade e a felicidade no dia em que deixei a casa de sua mãe – disse Caravaggio. – Ao longo dos anos, às vezes eu tornava a sentir isso, mas, acima de tudo, tinha a

sensação de ser um homem pesado num pântano. – Desde aquele golpe na virilha de Ranuccio, todos os dias e a cada pincelada Caravaggio sentia sua alma em perigo. Então colocou a mão no ombro de Fabrizio. – Quando a liberdade lhe é oferecida, você só reconhece as restrições. Você acaba por tirar a vida de um homem, talvez apenas para verificar se pode transgredir o maior dos mandamentos de Deus impunemente. Você e eu estamos ligados às coisas mais sagradas pelo que fizemos.

Fabrizio riu com tristeza.

– Um teste de Deus?

– Não – respondeu Caravaggio com voz surpresa. – Uma dádiva.

Fabrizio segurou o pulso de Caravaggio e o apertou.

O pintor correu os olhos pela embarcação para lembrar o cuidado que deveriam tomar quando estivessem juntos.

Fabrizio removeu a mão.

– Scipione quer que você fique em Malta só o tempo suficiente até ele com seguir obter o seu perdão dos Tomassoni. A família ainda exige vingança pela vida de Ranuccio – disse ele, esticando o pescoço para conferir se os quatro navios seguiam alinhados ao dele. – Em Malta, você estará a salvo dos Tomassoni. Mas cuidado com os cavaleiros, Michele. Eles juraram viver como monges, com a exceção de estarem dispostos a matar os turcos infiéis. Alguns parecem se dedicar mais a matar que a orar.

– O que isso tem a ver comigo?

– Esses cavaleiros são todos nobres. Um nobre alemão precisa exibir quatro gerações de nobreza em cada um dos lados da família para entrar na Ordem. Um francês deve estar livre de sangue plebeu em todos os quatro avós, e os cavaleiros espanhóis e portugueses têm de provar que não são maculados por sangue judeu.

– E você?

– Nós, cavaleiros italianos, devemos ser nobres em todas as quatro linhagens por duzentos anos.

No porão lá em baixo, ouviu-se o chicote estalar sobre os escravos em seus remos.

– Então, na verdade, eles não são monges – disse Caravaggio. – São príncipes.

– Príncipes e piratas saqueando os navios turcos. Quando voltam ao porto, divertem-se com as putas e nas tavernas. Os cavaleiros mais velhos exercem um controle bastante frouxo. Lá no Jardim do Mal, Michele, você podia atingir gente na cabeça, e o cardeal del Monte o tirava da cadeia. Se você arrumar uma briga com um desses cavaleiros, previno-o de que isso equivalerá a declarar guerra às melhores famílias de toda a Europa. O próprio papa pensa duas vezes antes de escrever uma mensagem rude a um cavaleiro. Banque o artesão humilde. Fique longe deles.

A voz de Fabrizio era como o zumbir de um mosquito, tão distante que quase pareceu um devaneio da imaginação de Caravaggio, até que, num súbito crescendo, já havia pousado em sua pele e dali partido antes que pudesse esmagá-lo. *O artesão humilde.*

– Como você acha que passei o último ano em Nápoles? – disparou ele.

Fabrizio balançou o dedo.

– Já lhe disse para não argumentar com um príncipe.

Dois marinheiros se aproximaram, vindos do deque dos remadores. Estavam carregando o corpo flácido de um escravo. Sua pele era manchada e descascava devido à desnutrição. O pano que lhe envolvia a cintura estava sujo de excremento, e as coxas e as mãos estavam lívidas e cheias de escaras provocadas pelo banco e pelo remo. A língua se lançava fora dos lábios rachados como se buscasse sustento no ar.

O chicote havia reaberto as velhas escaras nos ombros do escravo. Delas desciam filetes vermelhos pelas costas suadas, como se seu corpo mal tivesse energia para morrer.

O escravo gemeu quando os marinheiros o empurraram para cima da grade de estibordo. O pescoço pendeu. Os marinheiros jogaram sua carga pela lateral, cronometrando o lançamento para que não interrompesse a batida dos remos lá em baixo. E deram um pequeno viva para celebrar a queda perfeita. O ar se purificou como se o homem fosse um balde de dejetos noturnos despejado na água.

A fachada do palácio do Grão-Mestre em Valletta era simples e austera. O edifício se estendia ao longo da praça onde o cimo da colina baixava até o hospital, a vocação original dos cavaleiros quinhentos anos atrás em Jerusalém. Cruzando o portão, Caravaggio passou por um pátio luxuriante de palmeiras e laranjeiras. Uma rampa erguia-se até os aposentos do Grão-Mestre, para que os cavaleiros subissem com suas pesadas armaduras com menos esforços do que uma escada demandaria. O corredor até a sala do Sacro Conselho era pavimentado de mármore cinza e avermelhado. O pintor aguardou por sua audiência.

A porta se abriu. A reunião do Sacro Conselho terminara. Dela saíram os cavaleiros mais velhos das nacionalidades em torno das quais a Ordem se organizava: da França, de Auvergne e da Provença; de Aragão e Castela; da Itália e da Alemanha, além de um secretário que representava os poucos velhos cavaleiros ingleses que permaneceram depois que seu rei Henrique se voltou contra a Igreja Romana. Suas expressões eram reservadas, intensas e sutis.

Caravaggio entrou na sala do conselho. Na parede do fundo, um afresco representava a chegada dos cavaleiros a Malta e a construção de Valletta.

Um homem alto e descarnado, usando o hábito vermelho dos cavaleiros, o examinou. Os olhos eram injetados e de um tom de laranja pálido semelhante a mariscos na casca flutuando num ragu. Ele olhou de soslaio para Caravaggio e os olhos desapareceram, com sua vermelhidão parecendo apenas dois ferimentos no rosto. *Através desse filtro*, pensou Caravaggio, *o homem só consegue enxergar sangue*. O cavaleiro estava com a mão no punho da adaga em seu cinto. A barba era desgrenhada e esparsa, como a espuma na superfície conturbada de uma lagoa.

– Irmão Roero, deixe-nos a sós.

Um homem mais velho falou de um balcão de madeira emoldurado pelo afresco da parede dos fundos. O cavaleiro mais jovem passou perto de Caravaggio, as narinas tremendo, como se estivesse tentando sentir algum odor que entregasse o pintor. O homem saiu, fechando a porta atrás dele.

Caravaggio deu um passo adiante em direção ao velho que vestia o gibão negro usado pela maioria dos cavaleiros mais idosos. Seu rosto era enrugado; o cabelo e a barba, brancos e curtos. Sua mão desfiava as contas de um rosário. Caravaggio começou a ajoelhar-se diante dele, mas seus olhos melancólicos voltaram-se para outro lado da sala do conselho, assinalando que não era ele que Caravaggio procurava.

O Grão-Mestre da Ordem estava sentado em seu estrado no fundo da sala. Alof de Wignacourt usava os paramentos de seu ofício, um gibão entrelaçado de ouro e uma capa bordada com Nossa Senhora de Liesse. Os lábios eram finos, e o rosto tinha a pele manchada, como se alguma pressão pulsasse por baixo dela. O dedo indicador tocava uma grande verruga do lado do nariz, e ele observou a aproximação de Caravaggio como se estivesse em suas ameias avaliando a tática de uma formação inimiga.

– Vossa Alteza Sereníssima – disse Caravaggio, ajoelhando-se no degrau do estrado. – Michelângelo Merisi suplica-lhe que o aceite em seu serviço.

Wignacourt estendeu a mão. Quando Caravaggio nela pousou os lábios, foi como se beijasse a luva de uma cota de malha.

– Você não vai-me trazer nenhum problema, não é mesmo, mestre Caravaggio? Já me bastam os problemas com o Sacro Conselho. Não dê motivo para eu ficar zangado.

As palavras autoritárias foram ditas num tom de tamanha solidão que Caravaggio, a princípio, achou que não havia entendido o italiano com sotaque francês de Wignacourt. Olhou de soslaio para o outro cavaleiro, que tinha-se colocado a seu lado. O velho de negro piscou.

– Vossa Alteza Sereníssima testemunhará toda minha gratidão por receber... – Caravaggio quase disse refúgio, mas não quis reconhecer que estivesse tão à mercê de Wignacourt – ... permissão para admirar os feitos de engenharia executados pelos cavaleiros na construção de sua nova capital nesta rocha.

Wignacourt deu um peteleco na verruga.

– Vocês, artistas, são uns tipos encrenqueiros. Aquele afresco ali é de Perezd’Aleccio. Um pouco como a sua história. Fugiu de Roma depois de uma agressão uns dez anos atrás. Foi para Nápoles e depois veio para cá. Agora não pode sair daqui. Não está mais a salvo em nenhum outro lugar. Vinganças, entende? E nós? Presos a um velho maluco e decrépito.

Caravaggio apontou o dedo para a pintura na parede.

– A arte dele, com certeza, é diferente da minha.

O outro cavaleiro sorriu.

– Há um outro artista. Como é o nome dele? – perguntou o Grão-Mestre. Um florentino, como você, Martelli.

– Ele se chama Paladini – disse o cavaleiro.

– Paladini, é isso mesmo. Condenado às galés por uma encrenca na Toscana. Acabou aqui. Já faz vinte anos. Gente esquisita, vocês, pintores.

– Como vocês, cavaleiros – acrescentou Caravaggio, fazendo Martelli rir novamente.

Wignacourt levantou-se. Sob as vestes, seu joelho movimentava-se para trás e para frente. Seu corpo sólido tremia de tensão.

– Sempre houve uma atmosfera de insurgência entre os cavaleiros da Ordem. O Grão-Mestre anterior tentou contê-la, enfrentando a rebelião. Eu? Fiz coisa melhor.

Caravaggio lembrou o que Fabrizio havia-lhe dito sobre os príncipes e os piratas da Ordem. *Se o Grão-Mestre tem por objetivo fazer esses homens se comportarem como os monges que deveriam ser, sua tarefa está longe do fim.*

– Gostaríamos de prestar homenagem à obra do Grão-Mestre – disse Martelli –, fazendo um novo retrato dele para o palácio.

Wignacourt tentou parecer sério, mas os cantos de sua boca tremeram de orgulho.

– Aprecio o gesto do Irmão Antônio. Comece com o retrato quando mandarmos, mestre. Depois, tenho outro projeto para você. Eu gostaria que meus cavaleiros tivessem mais tempo para a contemplação e menos para as distrações – disse o Grão-Mestre segurando o cotovelo de Caravaggio. O Irmão Antônio tomou-lhe o outro braço. Ele foi conduzido gentilmente pelos dois cavaleiros.

– Sua Alteza Sereníssima enfrentou os turcos na Batalha de Lepanto – explicou o Irmão Antônio. – Eu participei do Grande Cerco contra o exército do sultão. Aqueles tempos desesperados propiciaram-nos a compreensão da vida e da morte... e da vida que está por vir. Se não vivíamos para Deus antes dessas batalhas, a Ele pertencemos inteiramente depois de termos sobrevivido a elas, por Sua vontade.

– Os noviços de nossa ordem devem se preparar para os sacrifícios das batalha se para as santas ordens – disse Wignacourt. – De que forma? Pela contemplação da arte, da inspiração.

– Pode-se dizer que a proximidade da morte afugentou os impulsos e os desejos menos dignos de todos nós, os cavaleiros mais idosos – disse o Irmão Antônio, apertando o cotovelo de Caravaggio. – Queremos que um terror igualmente inspirador seja instilado em nossos novos cavaleiros. Por você.

– O que o faz pensar que eu sei...

Wignacourt fez um gesto de desdém.

– Quer ler as cartas que a marquesa de Caravaggio me escreveu sobre sua luta com o *Signor* Ranuccio? Sobre a morte dele? Se as cartas não forem suficientes, Irmão

Antônio, aqui presente, passou recentemente por Nápoles. Ele viu sua obra por lá. E gostou dela.

– Eu reconheci o que você pintou – disse Martelli. – Vi seu sofrimento e sua esperança de salvação.

– Que os nossos jovens cavaleiros também a vejam, mestre – disse Wignacourt tocando nos botões do gibão de Caravaggio e aproximando o rosto. – Deixe que eles a vejam, e você será feito cavaleiro de nossa Ordem.

Caravaggio olhou espantado. Os dois velhos o observavam com um prazer de conhecedores, como mercadores certos de algo que vale seu preço alto.

Caravaggio levou seus materiais ao palácio para pintar o retrato de Wignacourt.

No centro da sala destinada a seu estúdio, ficou olhando a armadura em que o Grão-Mestre desejava ser retratado. Ergueu a viseira e imaginou sua própria face olhando para ele. E sussurrou uma prece com o fervor de um guerreiro antes da batalha. Ser armado cavaleiro o livraria da ameaça de pena capital. Seria um perdão para sua alma e seu corpo. Então segurou os ombros da armadura como se fossem os de um velho companheiro e olhou-a com a firmeza de um homem que entra numa luta mortal. Ele pintaria quadros de tal ordem nesta ilha que os cavaleiros o fariam um dos seus. Ficaria livre. E salvo.

Wignacourt entrou na sala com o cavaleiro corpulento chamado Roero. A corrente de ouro indicativa do cargo em torno do pescoço do Grão-Mestre parecia suficientemente pesada para ancorar as galeras no porto.

– Mestre Caravaggio, é um dia abençoado por Deus Nosso Senhor. Nesta manhã consegui persuadir o dono de mais um bordel a fechá-lo.

Caravaggio tentou fazer uma expressão admirada. E ficou imaginando que beco agora abrigaria as prostitutas que haviam sido expulsas de seus quartos.

– Nosso mestre é um artista – disse Roero numa voz áspera, seca como a de alguém que acaba de despertar. – Talvez sua novidade o desagrade, Vossa Alteza Serena.

As prostitutas ficariam sem emprego, não fossem os pintores.

Wignacourt fingiu examinar os pincéis de Caravaggio.

Os olhos injetados de Roero brilharam suspeitos através da vermelhidão vítrea que os amortalhava. *Então o Grão-Mestre traz seu cão de guarda para me aguilhoar um pouco*, pensou Caravaggio. *Para testar meu temperamento.*

– O senhor quer dizer que os pintores usam prostitutas como modelos?

– De jeito nenhum. Não foi o que eu quis dizer.

– Ah, entendo. Então acho que o senhor não credita a principal fonte de renda de uma prostituta aos artistas, mas aos soldados como o senhor.

Roero baixou a voz arenosa e rosnada.

– Não me compare a um soldado comum, ou a um mero artesão como o senhor. Eu sou o conde della Vezza. Minha linhagem ostenta a nobreza do tempo.

Caravaggio fez uma profunda reverência. *Quando eu for cavaleiro, não vão mais ouvir esse tipo de arrogância. Serei igual aos filhos de Costanza, e também a este bastardo.*

– Humildemente, peço o perdão de Vossa Senhoria.

Wignacourt levou a mão à barba.

– Talvez o Irmão Roero se refira a notícias de Roma. De seu envolvimento com as damas do Jardim do Mal.

– Foi *contra* um cafetão que travei o duelo de honra pelo qual agora sofro o preço de minha cabeça.

– Espere-me na antecâmara, Irmão – disse o Grão-Mestre fazendo um gesto para que Roero saísse. Com outro olhar penetrante dirigido a Caravaggio, Roero saiu para o corredor, fechando a porta atrás dele.

Wignacourt pegou uma grande cabeça de javali embalsamada e passou-lhe a mão pelas cerdas.

– O Irmão Roero é muito cioso quanto à minha segurança. Ele tem pouco respeito pelos que não podem alegar ascendência nobre. Não se perturbe com seu zelo – disse ele, abrindo a porta. Com as costas voltadas para Caravaggio, acrescentou: – Mas tampouco o ignore. Amanhã, comece o retrato.

Depois que ficou sozinho, Caravaggio fechou todas as venezianas e acendeu a lanterna.

No final da tarde, a tela estava preparada. Caravaggio esfregou os olhos, que estavam cansados e doloridos. Ele ficou imaginando se Roero não lhe havia passado uma infecção. Estava para voltar para a Estalagem dos Cavaleiros Italianos quando um mensageiro entrou.

Caravaggio virou a lanterna. O mensageiro ergueu o braço para proteger os olhos do brilho da luz. O pintor baixou a lanterna, afrouxando os dedos com o choque. Sobre o gibão do mensageiro, via-se uma cruz negra e branca, com cada braço terminando em um trifólio representando a Santíssima Trindade. O brasão de armas da Inquisição.

O mensageiro baixou o braço e olhou para Caravaggio, enquanto a luz oscilava diante dele.

– Michelângelo Merisi de Caravaggio? O pintor romano?

– Quem deseja saber? – murmurou ele.

– Você é ele? – Caravaggio abriu os braços e os deixou tombar. – O Inquisidor Leonetta della Corbara convoca-o à sua presença amanhã – disse o mensageiro.

Caravaggio sabia que não valia a pena perguntar por quê. Fosse ele testemunha ou acusado, só saberia disso quando estivesse diante da Câmara do Tribunal.

O arco da lanterna foi ficando menor e mais rápido. As batidas de seu coração também. Ele tocou a textura da tela em branco no cavalete. O Grão-Mestre teria de esperar outro dia pelo seu retrato.

Nessa noite, Caravaggio deitou-se em seu catre, temeroso da Inquisição, olhando para o alto teto da Estalagem dos Cavaleiros Italianos. Quando finalmente adormeceu, sonhou com Nápoles. Tinha ido ao Pio Monte della Misericordia para assinar o contrato para a *Nossa Senhora das Mercês* quando passou por dois carcereiros tirando um cadáver da prisão. Os pés do morto estavam deslocados, com as solas exangues rodeadas de sujeira. Os carcereiros jogaram o corpo nos degraus do tribunal de justiça ao lado. Os dois se espreguiçaram e piscaram devido à luz do sol matinal.

Nápoles era um lugar perigoso, onde os que passavam pelas ruas não interagiam com estranhos. Mas Caravaggio saiu da confusão sórdida da rua e se aproximou dos carcereiros.

– Vocês vão deixá-lo aqui?

Um dos homens franziu o sobrolho.

– Quem?

Caravaggio apontou para o cadáver.

– Ele.

– Alguém da paróquia virá enterrá-lo – disse o homem, e os dois carcereiros se afastaram.
– No devido tempo.

Um cachorro castanho e sarnento mordeu a panturrilha do cadáver.

Caravaggio deu-lhe um chute. O cão enterrou os dentes no osso e rosnou, como se Caravaggio fosse um rival que desejasse se alimentar do homem morto. Outro chute e outro grito, que fizeram o animal se afastar.

Caravaggio se agachou ao lado do cadáver e fechou-lhe os olhos com a palma da mão. Sentiu um movimento no rosto do homem, o que o fez retroceder. Alguma coisa lhe tocou os dedos. Com a respiração suspensa, viu os piolhos espalhando-se pela barba do homem. Com um movimento brusco, tirou-os da palma da mão.

Na Estalagem dos Cavaleiros Italianos, ele se revirou nu entre os lençóis, suando através da anagem do catre e molhando a palha dentro dele. Seu sonho agora passava dos degraus da prisão para as ficções insondáveis do pesadelo. O cão continuava a destroçar o cadáver. Caravaggio o afastava. Os piolhos se espalhavam por todo seu corpo. E fervilhavam pelos traços de seu pai falecido. Então ajoelhou-se junto ao corpo, esperando que alguém viesse enterrá-lo. Mas ninguém vinha. Os olhos de seu pai se abriram. Cada vez que Caravaggio os fechava, as pálpebras tornavam a erguer-se, como se o pai desejasse observá-lo.

– Ainda estou vigiando, *Papà* – soluçou ele.

Então o sonho o levou à Igreja do Pio Monte. Ele dava algumas pinceladas finais em sua *Nossa Senhora das Mervês*, os realces nos dedos dos pés do cadáver que era carregado para a cena a fim de representar o dever cristão de enterrar os mortos. A cada pincelada, ele se agitava e sentia cócegas, como se os pés do morto fossem os seus. Os carcereiros entravam na igreja e o erguiam. Ele teria protestado, mas não podia nem se mexer nem falar. Eles o jogaram na vala comum das vítimas da peste. Uma silhueta de mulher erguia-se junto à vala. Ela jogou cal sobre o morto.

Sentando-se na cama, tossiu como se fosse para limpar o pó de cal da garganta. Ainda se acreditando num sonho, olhou em volta do quarto. Era Lena que estava junto à vala. Lentamente, entendeu onde estava. Em um quarto vazio. Lamentou ter acordado. Preferiria estar morto e tê-la com ele.

Fora do palácio do Inquisidor, um maltês caminhava usando um chapéu alto como castigo imposto pela Inquisição. O chapéu fora pintado com a imagem de um pecador ajoelhando-se diante de Satã. Incentivado por demônios, o Diabo preparava a grelha para atormentar a vítima aterrorizada com seu forçado. O homem subia lentamente a rua, para divertimento dos passantes, cabisbaixo de vergonha.

Um balcão acima do portão ostentava as armas da Inquisição, o único adorno da fachada do palácio. Um padre dominicano levou Caravaggio até o alto das escadas. Ele abriu uma porta baixa e virou rápido a cabeça.

– Por aqui.

A porta fora construída para impor humildade e instilar medo. Caravaggio teve de se abaixar muito para entrar na Sala do Tribunal.

Um notário estava sentado junto a uma escrivaninha baixa sob uma tela simples representando a crucificação. Entre duas janelas com venezianas, o Inquisidor esparramava-se em seu trono. Este fora instalado no centro de uma cadeira de couro de cinco lugares, com um encosto alto de carvalho e um crucifixo dourado acima da cabeça do Inquisidor.

Jogado para a direita, o corpo disforme dentro de uma sotaina negra, o representante da Inquisição Romana ergueu os olhos, um sinal para que o notário comesçasse.

– Você é Michelângelo Merisi, pintor romano? – perguntou ele mergulhando a pena no tinteiro. Quando Caravaggio respondeu que era o pintor em questão, o notário começou a tomar notas, traduzindo-as em latim à medida que avançava. – Venha para frente e encare o Inquisidor.

O Inquisidor della Corbara ajustou o capucho negro. À luz esquelética, sua pele mostrava-se profundamente sombreada, como se um giz negro lhe tivesse sido aplicado em torno dos olhos, sob as maçãs do rosto e na fenda do queixo. Os lábios eram finos, redondos e estriados como um esfíncter. Ele se mexeu como se fosse endireitar o alto das costas. Então reclinou-se para voltar à posição relaxada.

– Sem dúvida, você é o maior artista a chegar a estas humildes praias – disse ele com a mão na boca. Ele era desmazelado e furtivo como um gato de rua maltratado. Respirava pelo canto da boca. – Você tem alguma ideia de por que está aqui? – perguntou ele, sem dar oportunidade de resposta. – Tenho perguntas que quero-lhe fazer. Mas elas não serão registradas.

O notário fechou o livro de anotações e saiu da sala.

Um sorriso afetado tomou conta do rosto do Inquisidor, semelhante a uma nuvem que cobre a Lua. Lentamente o sorriso foi sumindo, como se um enigma particular estivesse sendo resolvido, como um jogador de xadrez prevendo a vitória cinco jogadas adiante.

Caravaggio já havia enfrentado juízes e até a possibilidade de tortura muitas vezes. Contudo, sempre o fizera com um senso de sua própria astúcia e um prazer quase teatral em seu desempenho. Diante de della Corbara, ficou perturbado ao se dar conta de que suas pernas estavam tão bambas quanto no dia em que o *Capitana* se agitou nas vagas do Estreito de Messina.

O Inquisidor se levantou como uma marionete erguida por fios. E colocou as mãos nas mangas da batina.

– Venha comigo.

Os dois avançaram pelo saguão. O pé esquerdo de della Corbara era voltado para fora. Seu queixo quebrado devia ter sido mal curado. A cada passo, o pé tocava o chão uma batida depois do que se esperava. No topo da escadaria principal, as paredes estavam cobertas com os braços de armas das famílias dos dezoito Inquisidores que haviam precedido della Corbara em Malta. Abaixo deles havia uma enorme coleção de telas representando a morte dos grandes mártires cristãos.

– Existem muitas formas de matar um homem, não é mesmo? – comentou o Inquisidor passando os olhos pela galeria. – Mas você conhece bem a arte de matar.

– Realmente, não sou nenhum santo.

– Ótimo. Pois você já pintou martírios suficientes para saber o que acontece com os santos – disse della Corbara, movendo os lábios para baixo. – De qualquer modo, o que é a morte para nós? Uma tossida, um espirro ou um encontro com um estranho violento podem ser o prelúdio de nossa morte. Como os mártires – acrescentou ele, avançando pela galeria, passando sob as pinturas. – Eis aqui São Sebastião, morto cravado de flechas. Santa Ágata, com os seios cortados. E São Lourenço, queimado numa grelha.

– É horrível.

– Lourenço não achou. Ao morrer, brincou com seus perseguidores para mostrar que dava boas-vindas ao martírio: “Virem-me, pois já estou assado deste lado”, disse ele – acrescentou o Inquisidor, com uma risada vulgar.

Agora que estava fora da Sala do Tribunal, Caravaggio relaxava um pouco.

Talvez não estivesse sendo investigado. Ao olhar para os traços encurvados e furtivos do Inquisidor, lembrou-se de ser cuidadoso. *Este homem seria capaz de processar alguém por seus sonhos*, pensou ele, *e Deus sabe que os meus não passariam pelo exame do mais generoso dos sacerdotes.*

– Não estou querendo dizer que a história seja horrível – disse ele. – Nessas questões, o senhor é meu guia, padre. O que quero dizer é que estas pinturas são muito ruins.

Della Corbara agitou a cabeça de um lado para o outro.

– Realmente, elas não são do meu agrado. Eu vi sua *Santa Catarina de Alexandria* em Roma, na galeria do cardeal del Monte. Sua tela faz o espectador penetrar nos pensamentos da santa.

– Fico-lhe grato por isso, padre.

– Embora isso possa ser uma heresia por si só. Uma santa deveria ser mais misteriosa.

Caravaggio forçou o olhar a se desviar das telas medíocres, para se concentrar no homem que estava em pé na sombra a seu lado. *Só porque ele usou a palavra heresia de brincadeira, isso não significa*

que não riria das chamas enquanto eu queimasse. Ao lado dele, quase chego a sentir o calor, como se ele fosse a pira.

– Está nos olhos. Tenho razão? – perguntou della Corbara. – É assim que você faz a coisa? Não com gestos extravagantes ou com rostos beatíficos olhando para o céu, como todo esse lixo aí. Nas suas pinturas, os olhos nos dizem tudo o que precisamos saber – prosseguiu ele olhando no rosto de Caravaggio. – Quando *voce* pinta um martírio, seus santos pensam demais. Eles deviam apenas sofrer. O perigo, você sabe, é que os fiéis, nas igrejas, também comecem a pensar. – O padre foi para a luz no topo das escadas. – Mas em que eles *estão* pensando? Em seus santos, no momento da morte – acrescentou ele, olhando para o céu. – Na galeria de del Monte, também vi algumas de suas primeiras telas. Aquelas com os efebos. Ao contrário dos santos, que proclamam seu martírio, seus rapazes gritam por algo bastante diferente. Imagino que os Senhores dos Cavaleiros de São João apreciariam essas pinturas.

Caravaggio fingiu examinar as telas penduradas na parede. Seus olhos se voltaram para o Inquisidor. *Aí está a armadilha.*

O sorriso do Inquisidor era esmaecido e desdenhoso.

– Ouvi dizer que lhe pedirão que pinte São João, o santo patrono da Ordem dos Cavaleiros.

– Não sei do que o senhor está falando. Eu devo pintar o Grão-Mestre.

Della Corbara coçou as sobrancelhas com suavidade.

– A doutrina da Igreja aplica-se às imagens dos santos, não aos retratos de velhos soldados fanfarrões. O que significa que essas pinturas podem ser julgadas heréticas.

Caravaggio sentiu a garganta seca. Em Roma, Baglione tinha expressado sua insatisfação na linguagem do crítico de arte, o que levava à rejeição das pinturas de Caravaggio, mas isso nunca fora uma ameaça à sua pessoa. Agora um Inquisidor estava interpretando sua arte.

– Herética? Por quê?

– Assim que pintar o santo, você estará em minhas mãos. Vai-me ser fácil mostrar-lhe que sua representação viola as orientações do Concílio de Trento. E eu terei outras perguntas a lhe fazer. Sobre os hábitos dos cavaleiros e de seus líderes. Espero que essas perguntas sejam respondidas, para eu não insistir em minhas dúvidas sobre sua arte.

Caravaggio sentiu um tremor de apreensão por Wignacourt e Martelli. *E por mim também*, pensou ele. *Se os cavaleiros acharem que sou informante da Inquisição, isso vai-me custar o pescoço.* Della Corbara fez um sinal afirmativo com a cabeça, como se estivesse traduzindo a trilha de angústia que cruzou o rosto de Caravaggio.

– O Santo Ofício considera muito precioso ter mais... controle sobre os cavaleiros. Para reduzir sua independência. Trata-se de uma ordem rica – disse o Inquisidor descendo a ampla escadaria até o primeiro lance. Caravaggio juntou-se a ele, inseguro e apoiando-se no corrimão suave e entalhado. – É claro que você vai tirar algum proveito disso. Além de escapar das chamas da heresia. Sabe, eu apresento meus relatórios diretamente ao chefe do Santo Ofício da Inquisição – continuou della Corbara. – Ao sobrinho-cardeal Scipione.

Caravaggio se sentiu como um cordeiro nas mandíbulas de um lobo. Foi por isso que Scipione o mandara para Malta? Para plantar um espião dentro da Ordem dos Cavaleiros?

– Todos nós nos situamos entre os animais e os anjos, mestre Caravaggio – explicou o Inquisidor tomando-lhe a mão e conduzindo-o até o último lance de escada. – É minha função erguer os que mergulham fundo demais. Se eu lhe pergunto alguma coisa, é só para que eu possa salvar as almas dos que erraram. O poeta Dante mostrou-nos que a justiça de Deus é absoluta. É inútil, escreveu ele, ser um homem de bom coração que às vezes peca. Um pecador é um pecador, para sempre destinado ao inferno, apesar de outras coisas que faça corretamente. Caravaggio vacilou. O Inquisidor segurou-lhe o braço. Sua força era surpreendente, e ele sorriu ao notar que o pintor percebera isso.

– Contudo, nossa proximidade com os animais dita que a Inquisição pressuponha a culpa. Eu investigo e, se isso não traz nenhum resultado, torturo até o acusado gritar “Eu sou culpado”. Então, a pressuposição de culpa é removida.

– Apenas pela confissão da culpa.

– Bem, ninguém é inocente – disse o sacerdote, apertando-lhe o braço quando atingiram o final da escadaria. – Se você é um bom cristão, não precisa ter medo de mim. Você quer ficar pintando para esses brutamontes da Ordem o resto de sua vida? – perguntou ele, chegando mais perto. Seu hálito roçou a barba de Caravaggio. – Você sabe de alguma coisa ruim. Sinto o cheiro disso.

– É apenas o óleo de linhaça que uso para diluir minhas tintas.

– É o cheiro ruim dos segredos. Mas ele não tem de impregnar você. A purificação pode ser pela dor ou pelo fogo. Mas também pela simples confissão – falou o Inquisidor, arrastando-o pelo corredor até uma passagem estreita. – A câmara de tortura. – Caravaggio resistiu à investida do Inquisidor. – Não se preocupe, não é para você – disse della Corbara. – Não agora.

Dois torturadores seguravam um africano manietado. O notário estava em sua mesa registrando o interrogatório. Sentado em um dos cantos da sala, um médico aguardava para cuidar dos ombros do homem depois do deslocamento que ocorreria após o *strappado*.

O africano olhou para Caravaggio como num pedido de resgate. Quando Caravaggio afastou o olhar, o queixo do homem tombou-lhe sobre o peito.

– Tenho aqui muitos muçulmanos como esse, bem como bruxas maltesas. Os judeus, é claro, têm dinheiro, de modo que os cavaleiros os conservam para pedir resgate. – O Inquisidor fez um gesto para os torturadores. – Eu pago a estes malteses para trabalharem para mim. O médico também recebe cinco *scudi*.

– Eu achei que se encontrariam pessoas que torturassem por nada. Apenas pelo prazer de ouvir um homem gritar.

– Sem dúvida. Mas eu prefiro saber que o único a apreciar os tormentos do prisioneiro é Nosso Senhor, para que Ele logo possa proporcionar a revelação da confissão. As outras pessoas daqui se limitam a cumprir suas funções, a fazer o trabalho de Deus – disse o Inquisidor, emitindo um sinal para que o africano fosse erguido. Os torturadores giraram a roda e começaram o içamento. O africano gritou pela Virgem quando seus pés se ergueram no ar. – Quem vem depois deste? – perguntou o Inquisidor ao notário.

O escrevente elevou a voz para ser ouvido acima dos gritos do africano.

– Um maltês cujo vizinho afirma tê-lo visto comendo carne de porco na Quaresma.

O Inquisidor fez um gesto para que se desse mais uma volta do *strappado*. O africano berrou.

– Ótimo. Se o indivíduo pode comprar carne de porco, pode nos oferecer alguma coisinha – disse della Corbara girando os dedos como um batedor de carteiras e piscando o olho.

Enquanto se afastava rápido daquele lugar, Caravaggio imaginou o rosto exausto de Lena que ele pintara como a Madona em *Nossa Senhora das Mercês*, baixando o olhar com resignação. O africano podia berrar por ela o quanto quisesse, mas foi Caravaggio que ela ouviu.

Os olhos de Wignacourt estavam inquietos, voltados para Nicholas, seu loiro pajem francês, que pousava ao lado dele segurando o elmo e a sobre malha de cavaleiro. Ele parecia prestes a abraçar o rapaz.

Em seu cavalete, Caravaggio observava de trás da cortina. Ele entendeu que o Inquisidor queria que testemunhasse que os cavaleiros eram sodomitas. *Isso lhe daria o poder de arrancar o que quisesse desses homens, toda sua influência e riqueza. Até mesmo de destruí-los, como já acontecera com seus irmãos Templários.*

Ele disse a si mesmo para se concentrar no trabalho. Esse rosto nervoso e enganador, à beira de uma sedução proibida, não serve para o retrato do Grão-Mestre. *Seria como se eu estivesse oferecendo provas, conforme deseja o Inquisidor, e os cavaleiros também tomariam conhecimento disso. Que Deus me ajude se eu tiver de enfrentá-los.*

– Vossa Alteza Serena – disse ele, saindo de trás da cortina. – Quem é o senhor? Um príncipe do Sacro Império Romano? Um nobre da Picardia e da França? Um veterano de guerra do confronto naval de Lepanto? Um administrador, um homem de Deus? Um guerreiro, um comandante? Qual deles é o senhor?

– Todos eles. O que você quer dizer com isso?

– Não, essas coisas são *o que* o senhor é. Eu perguntei *quem* é o senhor.

Wignacourt bateu as mãos com impaciência.

– Seja claro, homem.

– Eu posso mostrar *o que* o senhor é por meio de sua armadura, o bastão de seu ofício, a sobrecapa de cavaleiro que seu pajem Nicholas segura. Mas só posso mostrar *quem* o senhor é pela expressão que eu pintar em seu rosto – respondeu ele, aproximando-se do Grão-Mestre, com o olhar incidindo diretamente nos olhos azuis aquosos. – O senhor precisa me mostrar o homem que inspira seus soldados. Imagine-se diante dos cavaleiros no momento da batalha. Quem é o homem que os comanda? Que qualidades eles veem quando olham para o senhor? Por que eles se permitem ser comandados pelo senhor?

Wignacourt ergueu a cabeça e respirou profundamente. Austero e rude, inspirado. E também pomposo.

Isso dá conta do Inquisidor. Caravaggio pegou o queixo do Grão-Mestre com dois dedos e virou-o para a esquerda. *E isso dá conta da verruga em seu nariz. Vamos ao trabalho.*

Um cozinheiro maltês da Estalagem dos Cavaleiros Italianos posava com a armadura do Grão-Mestre. O irmão mais novo do rapaz sentava-se na sombra moendo os pigmentos.

Os detalhes do metal tomariam mais de uma semana, com seus retoques de brilho, a curva do peitoral, as juntas da armadura. Caravaggio pintou um toque brilhante de branco acinzentado em cada uma das pequeníssimas linhas da cota de malha por sobre as placas dos quadris. E ficou

feliz por ter a oportunidade de trabalhar em silêncio, sem ter de se comportar diante do Grão-Mestre. Se fizesse esse homem feliz, poderia ser redimido pelo grau de cavaleiro. Além disso, talvez pudesse se reunir a Lena. Mas, enquanto não fosse cavaleiro, seria indigno até de pintá-la. Ele sentia vergonha, medo, solidão, falta de amor.

Como um assassino merece ser.

Caravaggio baixou a paleta. Fez um sinal para os rapazes da cozinha de que o dia estava terminado. Os dois começaram a desmontar a armadura.

Um assassino cujos pensamentos, todos eles, eram de morte, por mais que tentasse voltá-los para o amor. Ele via Ranuccio, morto na ponta de sua espada. As punhaladas que mataram Prudenza. Anna, morrendo de sífilis. Lena, sozinha. O que teria acontecido com todos se ele nunca tivesse entrado em suas vidas? *Sou um doce padre, pensou ele, seduzindo alguém quando o açúcar lhe toca a língua, mas corroendo-lhe as entranhas.*

Ficou em pé diante da pintura do Grão-Mestre e sentiu desprezo. Estava bem-feita, mas distante de sua alma. Só havia uma coisa que ele podia pintar, não importa quem povoasse suas telas. *Daqui por diante, deve ser a morte, pensou ele. Até a morte ser purgada de mim. Ou até que ela me leve.*

Wignacourt entrou, com as faces coradas pela caçada. Martelli e Nicholas, o pajem, estavam a seu lado. Roero esperava na entrada com um falcão em sua mão enluvada. A tez pálida brilhava com um suor doentio, como um homem com febre.

O Grão-Mestre inclinou-se para examinar o elmo. Caravaggio o havia pintado nas mãos do pajem.



Retrato de Alof Wignacourt

– Por Deus, parece que o rapaz está segurando uma cabeça decepada – berrou ele. O rosto de Caravaggio ficou sério e agressivo. – O senhor transformou o rapaz numa Salomé loura, mestre – disse o Grão-Mestre, apontando para Nicholas.

– Talvez, Vossa Alteza Serena, a cabeça decepada esteja na mente de nosso amigo Caravaggio – disse Martelli –, já que ele está condenado à morte nos Estados Papais. – E colocou uma mão reconfortante nas costas de Caravaggio. O artista se esquivou como se atingido por um punhal.

– O que você acha, Nicholas? – perguntou Wignacourt.

O jovem pajem olhou para Caravaggio.

– O mestre captou seu heroísmo, Sire.

A mandíbula do Grão-Mestre enrijeceu-se, estimulada por sua própria imagem. E estendeu a mão distraidamente, tocando o pescoço do rapaz. Seus dedos detiveram-se em seu curto cabelo loiro.

– E você, Nicholas, veja como ficou bonito ao meu lado.

O rapaz ficou olhando para o chão. Caravaggio sentiu um tremor de alarme.

No retrato, Nicholas parecia quase ter sido pintado num plano diferente daquele do Grão-Mestre. Ao lado da dureza da armadura de Wignacourt, as roupas do pajem eram macias, os punhos de renda delicados, as calças vistosas à medida que desciam até as meias escarlates. Ele se destacava, como se fosse o verdadeiro tema da obra, carregando uma mensagem em seu olhar conhecedor.

Eu percebi o perigo, mas, mesmo assim, atraí exagerada atenção para o rapaz, pensou Caravaggio. *A pintura é quase tão clara quanto as provas que o Inquisidor me pediu. Você só tinha de mostrar o que via, não é, Michele?*

Caravaggio buscou o rosto de Roero. *Temo que o cão de guarda não goste de minha obra.* Roero estava tão quieto quanto o falcão em seu pulso.

Em sua excitação, Wignacourt virou-se para o lado.

– Martelli, o que você acha do quadro? – O exame que o florentino fez do figurado Grão-Mestre foi superficial. Ele correu a língua pelo interior da bochecha, considerando a representação do pajem. – E então? – perguntou Wignacourt. – Ele me captou?

Martelli cruzou os braços por cima da sobrecapa.

– Captou, Sire. Com toda exatidão.

A DECAPITAÇÃO DE SÃO JOÃO BATISTA

Às sextas-feiras, como símbolo de humildade, o Grão-Mestre e seus cavaleiros mais velhos assistiam as pessoas que chamavam de Nossos Senhores, os Doentes. O violento sol do Mediterrâneo espalhava listras de luz através das janelas altas. Ali, os melhores e os piores passatempos dos cavaleiros eram proibidos. Não havia nem jogos nem leitura em voz alta. Além dos gemidos dos moribundos e das divagações dos que deliravam, a longa enfermaria ficava em silêncio.

Martelli levou Caravaggio ao hospital. No final do corredor, Wignacout cerimoniosamente despiu-se dos símbolos de seu poder, com a ajuda de nobres cavaleiros reunidos em torno dele. Ele pôs de lado a corrente que indicava sua posição e entregou a Fabrizio a bolsa representando a caridade do Grão-Mestre, enquanto assumia o papel de penitente comum servindo os pacientes.

Ao lado dele, Roero empurrava um carrinho com caldo e aletria. Ele encheu uma tigela de prata e, com uma grave inclinação, passou-a para Wignacourt. O homem cujos títulos incluíam o de Guardião dos Pobres de Jesus Cristo levou o alimento a um infeliz balbuciando sob lençóis manchados, como todo Grão-Mestre havia feito desde que os cavaleiros cruzados fundaram seu primeiro hospital em Jerusalém, cinco séculos antes.

Martelli pegou um prato e foi em direção a um dos leitos. Caravaggio ergueu o paciente sobre seus cotovelos. Martelli deu-lhe a sopa, e ele a tomou com lábios ressequidos, murmúrios de compaixão que mal eram ouvidos devido ao desesperado sorver do doente.

– O Grão-Mestre gostou do seu retrato – sussurrou Martelli a Caravaggio. O pintor pousou a cabeça do inválido em seu catre.

– Sinto-me muito gratificado.

– Ele mandou mensagens ao papa solicitando o perdão para você.

Uma onda de alívio agitou o peito de Caravaggio.

– Você está vendo? – disse Martelli – Aqui ninguém fica sem perdão. – O paciente sob os cuidados de Wignacourt engasgou com a sopa e seu rosto ficou de um vermelho brilhante. Os médicos da escola de medicina jesuítica correram em socorro do Grão-Mestre. – Quase ninguém – acrescentou Martelli.

Roero estendeu um prato de estanho com sopa. Caravaggio hesitou e, depois, aceitou-o.

– Aquele ali – disse Roero. Seus olhos injetados vertiam pus.

Caravaggio foi até um rapaz louro que estava deitado e muito quieto. Os ombros estavam nus, e o peito, coberto por ataduras. Martelli olhou para Roero, e Fabrizio murmurou alguma coisa, mas o cavaleiro só levou a mão aos olhos e encheu outra tigela.

O homem na cama olhou para Caravaggio com olhos vazios. Quando viu o prato de estanho, tentou erguer-se e falou numa língua gutural que o pintor não reconheceu. O paciente tombou de volta no travesseiro e começou a suar.

- Quem é ele? – perguntou Caravaggio.
- Um cavaleiro alemão.
- Então a tigela está errada. A de um cavaleiro deve ser de prata.
- Roero fez de propósito. O estanho é um sinal para este infeliz. É por isso que você quis

protestar, não é mesmo, Irmão Jobst?

A garganta do alemão trabalhou com desespero. Martelli enxugou-lhe o suor com um pano.

- O que aconteceu com ele? – perguntou Caravaggio.
- Foi ferido em duelo.
- O pintor ficou observado a luta do homem.
- Seu oponente?
- Era um cavaleiro francês.
- Era?

Martelli refrescou a fronte do alemão com água.

- Mas não é mais.
- Então, a punição...

– Ser amarrado num saco e atirado ao mar. E desonrado. Essas questões de honra são mais importantes para um homem como Roero que a própria vida. – A respiração pelo nariz do alemão era lenta e ruidosa, como se fosse um odre sendo apertado. – Não foi à toa que Roero escolheu você para servir este homem – disse Martelli. – Embora Jobst seja nobre, sua ofensa o desnuda de toda nobreza. Ele foi condenado como plebeu.

Caravaggio deixou cair sopa no punho. Depois de praguejar, limpou-o nas calças.

– Roero quer que eu testemunhe o que acontece com os que não seguem as regras da Ordem.

– Talvez – disse Martelli, murmurando uma oração pelo cavaleiro alemão. – Acho mais provável que ela tenha desejado que você visse um homem morrer. E fechou os olhos do cavaleiro alemão.

Fabrizio passeava pelo pequeno pomar de laranjeiras nos fundos de sua residência. Para seu tempo de serviço de dois anos, o Almirante das Galeras recebera uma casa agradável no sopé da colina onde ficava o palácio do Grão-Mestre. Com cinco quartos no piso inferior e dois no superior, a residência era principalmente destinada à administração da armada. Além disso, para seu uso pessoal, ele tinha uma pequena capela dedicada a São Caetano, onde, toda manhã, Fabrizio havia rezado para descobrir uma forma de proteger Caravaggio. Ele percebera a ameaça a seu amigo na crueldade com que Roero o observara quando da morte do cavaleiro alemão.

O perfume das laranjeiras provocado pelo calor encobria-lhe o espírito como se fosse um odor de morte. *Até o ar que respiro precisa ser purificado*, pensou ele. *Será que nunca conseguirei suportar a realidade?* Então deu um chute de leve na base de uma fonte murmurante. *Não, eu conheço a vida com uma clareza que poucos conhecem. É isso que a torna insuportável.* Ele tinha matado um homem, transpassando-o num duelo. Esse crime cimentara seu parentesco com Caravaggio. Quando crianças, eles haviam compartilhado tantas coisas. Agora compartilhavam o mais terrível mistério: a anulação da vida de um ser humano. Mas a morte, mais que tudo, havia estabelecido a ligação entre eles. A perda do pai de Michele havia aproximado os dois, quando Costanza levava o menino

para sua casa. Perturbava Fabrizio saber que a mortalidade sempre tinha sido a ligação entre ele e seu amigo mais antigo. O que poderia romper esse elo? Uma outra morte? Pegando uma laranja do galho mais próximo, pressionou-a contra o nariz.

– Logo ela vai estar podre – disse atirando a fruta para um canto do quintal.

Olhando para o sol, inquietou-se, pensando que a simples caminhada da Estalagem Italiana para a casa do Almirante punha Caravaggio em perigo. Roero podia provocar uma briga com ele a qualquer hora, pensou, fechando os punhos. Fabrizio havia desapontado tanto a mãe; agora ele não podia falhar em proteger o homem que ela criara como filho.

Protegê-lo como Michele o havia protegido. Fabrizio tinha cerca de nove anos daquela primeira vez, uma criança sem malícia. No meio de um jogo com os irmãos mais velhos, ele não percebera que a competição do esconde-esconde havia-se transformado numa caçada impiedosa. Muzio, seu irmão mais velho, o havia encurralado e o espancava com uma vara. A maldade da risada do irmão fora uma traição muito maior que a dor. Michele veio em seu socorro e atacou Muzio, afastando-o de Fabrizio. O pai chicoteou Michele por sua ofensa contra a hierarquia da casa.

Seus olhos arderam com lágrimas de tristeza. *É o que você se lembra de sua infância*, pensou ele. *A sensação de solidão em sua própria casa. E agora, mais uma vez, você está sozinho entre os cavaleiros. Sozinho. Com a exceção de Michele.*

Ele se recompôs quando ouviu passos na casa.

Caravaggio atravessou as lajotas do quintal. Beijou o rosto de Fabrizio e se sentou a seu lado no banco de pedra.

– Você conhece minha obrigação para com minha mãe – disse Fabrizio hesitante. Ele temia que Caravaggio o mandasse se calar assim que mencionasse Roero.

– Ela não é menor que a minha – retrucou Caravaggio, erguendo um dedo e sorrindo. – Ah, você está preocupado com esse safado piemontês.

– Roero é um homem maldoso.

– Você está preocupado por mim? Ou será que só está querendo agradar sua mãe, a marquesa? – perguntou Caravaggio erguendo o queixo. – Não tenho motivo para temer Roero.

Fabrizio balançou a cabeça. A honra precisa ser mantida, mesmo entre dois homens que são como irmãos.

– Tome cuidado. Você sabe por que ele implica com você.

– Sei mesmo?

– É a sua origem, Michele.

Caravaggio deu um suspiro de desprezo.

– Ele não é o primeiro nobre a me ver como plebeu.

– E veja o que aconteceu da última vez. – Caravaggio cofiou a barba. O gesto queria expressar despreocupação, mas havia uma tensão em seus dedos, como se ele estivesse prestes a arrancar os pelos em desespero. – Venha morar aqui – continuou Fabrizio. – Você estará seguro e ficaremos juntos como em nossa juventude.

– Eu estou bem na Estalagem Italiana – respondeu Caravaggio com rispidez.

Fabrizio se retraiu. *Será que ele pensa que eu o quero em minha cama?*

- Lá você está correndo risco. Aqui, terá minha proteção.
- Eu tranco a porta.
- Mas as pessoas com quem você se relaciona...
- Os cavaleiros? O que há de errado com eles?
- Eles são assassinos.
- Já você e eu... – disse Caravaggio, deixando a observação em suspenso. Fabrizio estalou a língua. Por um instante, esquecera que havia matado um homem. Caravaggio colocou-lhe a mão na perna. – Aqui você não tem espaço para que eu trabalhe. A Ordem vai-me fazer mais uma encomenda.

Era disso que Caravaggio não podia abrir mão, e Fabrizio não o ignorava. Sua pintura seria o pagamento exigido por Wignacourt para torná-lo cavaleiro, e essa honra o livraria de uma sentença de morte. Mas, ao aceitar o título de cavaleiro, Caravaggio se transformaria num alvo dos cavaleiros nobres, que desejavam preservar a pureza da Ordem. Fabrizio lembrou as provocações de seus irmãos e a maneira como eles deixavam Michele com raiva quando era um pobre menino órfão. Um homem como Roero não poderia saber que tristeza e raiva profunda ele despertava em Michele. *Ou talvez todos soubessem, exceto Michele. Ele ainda acha que existe uma saída da armadilha que o destino lhe armou em Malta.*

Fabrizio bateu na cabeça.

- Sinto muito, Michele.
- O que você quer dizer com isso?

Fabrizio estava exausto devido às novas responsabilidades de comando, à sua preocupação com o velho amigo, ao medo de desapontar a mãe depois de ela ter garantido sua liberação de uma cela.

– Estou sozinho, Michele – disse ele numa voz trêmula, frágil e débil, como aluz de uma única vela numa sala escura.

– Não é bem assim. Eu estou no fim da rua – afirmou Caravaggio levantando-se e mexendo no cabelo de Fabrizio. – Tenho trabalho a fazer. Vejo você logo, Almirante.

A bonomia forçada das palavras de Caravaggio perturbou Fabrizio. Era como se ele tivesse exposto seus sentimentos a um tio distante, e não a um homem que havia amado. Ele o observou desaparecer na escuridão da casa. E olhou para as árvores. Não conseguia mais sentir o cheiro das laranjeiras.

Wignacourt convidara os cavaleiros para admirarem seu retrato na câmara do Sacro Conselho. Ele usava uma gola de aço e uma ombreira. Seu manto era guarnecido de zibelina, e um quepe violeta salientava seu rosto castigado pelo sol. Ele fez um sinal na direção de Caravaggio, que se ajoelhou a seus pés e beijou-lhe a mão.

– Um grande adorno para a nossa Ordem e a nossa ilha, mestre – anunciou ele.

Os cavaleiros passaram diante do retrato. Wignacourt percebeu a admiração deles.

O Inquisidor se adiantou. Olhando para o retrato, deu uma risada à socapa.

Vencendo a multidão de cavaleiros, chegou a Caravaggio.

- Como é que você consegue? – Caravaggio olhou-o intrigado. – Como é que você consegue tamanha semelhança? – perguntou Corbara. – É gênio puro? Será que você acordou um dia

e descobriu que seus desenhos de infância tinham-se transformado em magistrais representações da vida?

Caravaggio examinou o rosto do Inquisidor em busca de algum indício de sua verdadeira intenção. Della Corbara fez com que seus traços se cobrissem de total inocência. – Eu só quero saber.

- Bem, eu uso um espelho para criar uma imagem na tela. A partir dela, traço a forma de minha composição.
- Um espelho?

A surpresa do Inquisidor desconcertou Caravaggio. Era raro que alguém o inquire sobre suas técnicas. Ou lhe diziam que ele era um gênio ou o condenavam como charlatão. Quase ninguém lhe perguntava como ele realmente trabalhava.

- O espelho projeta o tema na tela, embora invertido.
- Que tipo de espelho? Um refletor? Uma pedra polida?
- O senhor está falando de feitiçaria, padre della Corbara. Eu uso o espelho com uma finalidade prática. Não o enterro numa encruzilhada no meio da noite com feitiços e encantamentos.
- No entanto, tenho ouvido falar que artistas de Roma estão fazendo experiências com uma *câmera obscura*. Um instrumento mágico para projetar uma imagem em movimento numa tela com o uso de espelhos.

A sensação desagradável de que fora enganado para fazer uma confissão tomou conta de Caravaggio. Um espelho seria o suficiente para acusá-lo de herético, fazendo com que o Inquisidor o torturasse e exigisse informações sobre os prazeres do Grão-Mestre? *Se eu for torturado, o que vou confessar?*

- Esses implementos são menos mágicos do que o senhor supõe.
- Com certeza, é feitiçaria e bruxaria projetar uma imagem em movimento.
- É perfeitamente natural. Uma questão de ciência.

O Inquisidor ergueu o queixo.

– Você conheceu os homens de ciência a serviço do cardeal del Monte, não é mesmo? Lembro-lhe que a ciência é a essência da bruxaria, pois procura explicar os milagres do Senhor por meios diferentes dos que estão estabelecidos na Bíblia Sagrada.

Você usa uma câmera obscura?

Wignacourt levava os cavaleiros mais velhos até a porta do salão.

- O senhor é bem-vindo ao meu estúdio. Lá vai verificar que não uso artefactos estranhos.

O Inquisidor segurou o braço de Caravaggio enquanto seguiam os cavaleiros que saíam da câmara do Sacro Concílio.

- Você acha mesmo que eles vão-lhe conferir o grau de cavaleiro? – perguntou o Inquisidor, saboreando a surpresa de Caravaggio. – Estou sempre bem informado a respeito de tudo, não é mesmo? A origem é a razão de suas vidas. Os cavaleiros duques suplantam os condes, que suplantam os marqueses – acrescentou ele, pondo um dedo no peito de Caravaggio e dizendo: – Os marqueses suplantam você.

– E quem suplanta um Inquisidor? – perguntou Caravaggio, apontando para cima. – Somente Ele?

- Às vezes. Olhe, talvez eu possa convencê-lo de que você tem outro motivo para colaborar comigo. Posso mandá-lo de volta a Roma. Não existe alguém por lá que lhe interesse? Ouvi falar de uma mulher chamada Lena. – O Inquisidor disse o nome num murmúrio contido, como se estivesse com uma mulher à noite, sussurrando sílabas sobre seus seios. O olhar de Caravaggio brilhou. Della Corbara apertou os lábios. – Você janta comigo?

Com relutância, Caravaggio fez um gesto para que o Inquisidor fosse à frente. Della Corbara claudicava de maneira pronunciada. O ombro direito formava uma corcova para equilibrar a perna esquerda deformada. Era como se a proximidade de tantos nobres altos e fortes forcesse o Inquisidor a se curvar mais em direção ao chão. Caravaggio o seguiu, com uma sensação de que ele estava sob um encantamento, um feitiço que funcionava como um veneno lento.

Instalaram-se numa mesa de uma hospedaria do outro lado da praça. Os três dominicanos que serviam della Corbara sentaram-se com eles.

- Vamos ver como a outra metade vive? – O Inquisidor chamou o garçom. – Carne. Alguma coisa maltesa – disse ele, com a jovialidade forçada de um viajante que gostaria de estar longe, num lugar familiar.

- Em geral os malteses comem coelho – disse Caravaggio.

- Nada de coelho, em nome de Deus – retrucou della Corbara. – Não suporto esse lixo camponês. Prefiro peixe.

- Não temos peixe, padre – disse o garçom.

- Uma ilha sem peixe? O garçom hesitou. – Bem, rapaz. Por que vocês não têm peixe?

- Os pescadores precisam trabalhar nas galeras da Ordem. Os cavaleiros só os deixam voltar a pescar no final do verão, e durante dois meses. Então é época de *lumpuki*.

- O que vem a ser isso?

- O peixe é assado numa massa, com cebolas, alcaparras, alho...

- Pare! Você está-me deixando com fome – disse della Corbara, segurando o estômago e rindo. – Não quero ouvir mais. É uma tortura – prosseguiu ele batendo no braço de Caravaggio. – É como ser erguido no *strappado*.

Os malteses estavam saindo da hospedaria da maneira mais discreta possível. *Um bêbado encenqueiro com uma espada não limparia um ambiente tão depressa quanto um Inquisidor*, pensou Caravaggio.

Della Corbara observou o êxodo.

- Não há nada a temer, não é mesmo? Não agora que vocês sabem quem eu sou. Caravaggio torceu o nariz como se tivesse sentido um cheiro desagradável.

O rosto magro de della Corbara teve um estremecimento.

- De vez em quando, vem-me à mente um pensamento pecaminoso que alguém me confessou e fico imaginando se eu já não o tive.

- Sem dúvida, o senhor ouve o que deseja ouvir.

- Suas pinturas mostram todos os grandes pecadores, Judas e Salomé, os assassinos dos mártires. Você os faz da sua espécie, pois também foi um assassino. Mas você também busca alguma coisa além da morte. Tenta pintar a redenção. O único problema é que você não sabe

como ela é. Eu desejo ajudá-lo e, em troca, você me ajudará a ser promovido a um novo posto em Roma. Se eu não me fizer notar aqui, posso acabar queimando bruxas na Calábria.

– O senhor iria gostar disso.

O Inquisidor coçou o nariz.

– Você já viu um corpo depois de uma execução na fogueira?

– Não. Mas sobra um corpo para ser visto?

– Você acha que os homens assam melhor que os carneiros? O corpo é uma casca, mas tem forma humana – explicou o Inquisidor, inclinando-se para frente e, como se estivesse agarrando um pássaro que deseja voar para longe, apertou o pulso de Caravaggio. – Pela vida do Santo Papa, sei que você vai-me ajudar. Nós dois iremos a Roma.

Caravaggio olhou para a mão pálida em seu pulso. O Inquisidor conhecia o que o perturbava tão bem quanto ele próprio.

A expressão de della Corbara passou de mansa a agressiva, mostrando os dentes, como um homem excitado, mas ao qual é negada a sedução.

– Eu sei o que você quer. Eu sei como se tivesse arrancado a alma de seu peito, tendo-a estendido num atrel e a lido em voz alta em meu estúdio. Você não sabe como é a redenção? Dê uma olhada. Eu sou ela.

Caravaggio afastou-se. Sentiu o cheiro de carne assada vindo da cozinha. Ele não era como este Inquisidor. Ele seria um cavaleiro. *Caso contrário, serei sempre o menino atormentado no quintal da marquesa. Amargo como este sacerdote.*

O garçom trouxe um prato de *braggioli*, ovo e bacon enrolados numa fatia de carne, frita e cozida no vinho com cebolas.

Della Corbara olhou o alimento com desaprovação e agitação, como se lhe tivessem apresentado a cabeça decepada de um de seus desafetos. Ele misturou as taças sobre a mesa como um jogador.

– O diabo está disputando um jogo pela sua alma. Tem certeza de que você pode superá-lo?

À medida que a fumaça da carne quente subia pelo rosto do Inquisidor, Caravaggio teve a certeza de que poderia desenhar Satã, e até mesmo enganá-lo.

– Só com o senhor ao meu lado, certo? Sem dúvida, um Inquisidor triunfa sobre Satã.

Della Corbara empurrou seu prato para longe.

Caravaggio hesitou nos degraus da catedral sob o sol escaldante. Roero o aguardava por trás das maciças portas duplas e fez-lhe um sinal. Uma cruz duas vezes maior que um homem erguia-se junto à porta. Roero estendeu um dedo em sua direção.

– Está vendo esse crucifixo, pintor?

Um Cristo de pele cor de azeitona fora pintado na cruz.

– É uma bela obra – disse Caravaggio.

– É de um discípulo de Rafael. Você deve reconhecer o estilo. – Roero se aproximou. – É de Polidoro de Caravaggio. Seu grande antecessor.

Mesmo no frescor do interior da igreja, Caravaggio sentiu o sangue ferver. É assim que os mártires se sentem. Mesmo que seu fim não esteja próximo, eles sentem seu calor consumindo-os. *Estou marcado para morrer.*

Um meio sorriso cruel curvou o lábio de Roero.

– Com certeza você sabe como Polidoro morreu setenta anos atrás. Ele foi assassinado. Na Sicília. Quando tentava voltar para Roma, de onde havia fugido. – Ele ia extraindo as palavras, com um prazer maldoso desacelerando-lhe a língua.

Caravaggio afastou-se do cavaleiro próximo ao crucifixo. Ocorreu-lhe que toda sua violência tinha raízes no medo. Mas o que ele deveria temer? Este nobre pernóstico, rindo dos outros na sombra? Balançou a cabeça. *Tenho mais motivos para viver que tremer diante dele.*

– Polidoro foi assassinado por um servo que roubou sua carteira. Essa foi a motivação de alguém que matou um gênio.

O riso de Roero se transformou numa expressão de ultraje.

Talvez isso tenha sido pouco exagerado, pensou Caravaggio, *mas é uma boa ideia enfrentar a arrogância com uma superioridade ainda maior.* Ele sorriu para si mesmo antes de entrar no oratório.

Do altar, Martelli fez-lhe um gesto. Sua mão desviou a luz do sol que entrava por uma janela alta.

O velho cavaleiro fez Caravaggio ajoelhar-se. Sussurrando uma prece, fez o sinal da cruz sobre seu peito e olhou para a parede vazia atrás do altar.

– Sob o chão deste oratório estão os restos mortais dos cavaleiros que tombaram durante o Grande Sítio – disse Martelli. – Eram meus companheiros. Eu também estaria aí se Nosso Senhor não tivesse-me poupado para outros propósitos.

– Que Deus o livre e guarde, *Signor*.

– Eu poderia citar muitas realizações desde essa época. Eu fui Almirante de nossa esquadra e expulsei os infiéis dos mares. Orientei noviços e jovens cavaleiros nas tradições da Ordem.

– É com grande valor que o senhor realiza tudo o que se dispõe a fazer, *Signor*.

– Ainda não. A maior realização está em suas mãos – afirmou Martelli, tirando uma carta de seu gibão e entregando-a a Caravaggio, que se levantou com um resmungo e a mão nas costas.

Caravaggio leu o nome do sobrinho-cardeal Scipione na carta.

– *Signor?*

– Você pintou o Grão-Mestre. Está na hora de fazer uma contribuição para a nossa igreja.

– Será uma grande honra, *Signor*.

– O Grão-Mestre deseja que você pinte o martírio de São João. Para esta parede atrás do altar – disse Martelli tomando o braço de Caravaggio. – Eu lhe disse que tinha alguma coisa a mais em mente para você.

Um santo. Exatamente como previu o Inquisidor. Della Corbara vai tomar o meu santo e declarar que sua representação viola as regras da Igreja. Então ele me terá em seu poder. Caravaggio examinou a imensa parede a ser preenchida com sua tela. *Que pintura vai ser essa?*, pensou ele.

– É escuro aqui.

– Você já pintou outras igrejas. Elas são todas escuras.

– Estas janelas são muito altas e estreitas. O lugar parece uma masmorra.

— Como é que a Bíblia descreve a morte de São João? *O rei chamou um soldado da guarda e deu ordens de que lhe trouxessem sua cabeça. Ele foi e o decapitou na prisão, trazendo sua cabeça numa bandeja.* — Martelli pôs a mão no ombro de Caravaggio. — O Batista foi decapitado numa masmorra. Então, pinte uma masmorra para esta nossa masmorra.

Caravaggio avaliou as imensas pedras. Seria preciso muito tempo para ele pintar alguma coisa suficientemente grande que não desaparecesse na parede. Ele havia pintado São João como um jovem no deserto. Agora teria de o fazer na hora de sua morte? Deu de ombros. Tinha vivido aquele momento. Talvez fosse hora de arrancar aqueles poucos segundos de si mesmo, do local atingido pelo terror em que ele os havia enterrado. E tornou a tremer. O que estava em sua mente era irresistível. Preencheria a parede, mesmo que a pintura não fosse maior que a mão de um homem. *A tela vai aterrorizar ou inspirar as pessoas, pensou ele. Depende da culpa de cada uma delas.* — Eu fico honrado, *Signor*.

— Leia a carta.

Caravaggio desdobrou o papel. A escrita clara do escriba do Grão-Mestre, todas as letras com a mesma espessura e tombadas para a direita a sessenta graus.

Santíssimo Pai:

O Grão-Mestre da Ordem do Hospital de São João de Jerusalém deseja honrar uma pessoa virtuosa e merecedora que tem o desejo e a devoção de se dedicar a seu serviço e ao da Ordem. Ele humildemente suplica a Vossa Santidade que se digne garantir-lhe a autoridade e poder para adornar com o hábito do cavaleiro a pessoa favorecida e nomeada por ele, a despeito do fato de ele já ter cometido homicídio em uma peleja. Ele implora receber este pedido como favor excepcional, pois é seu grande desejo honrar essa pessoa tão virtuosa e merecedora e conservá-la. Que o Senhor o proteja por muito tempo.

Wignacourt havia assinado a carta com uma letra menos segura que a de seu secretário, com a pena tendo pontilhado o papel de tinta sob seu nome.

Caravaggio estava prestes a perguntar a Martelli quem era essa pessoa virtuosa e merecedora, mas o velho tomou-lhe os ombros e o chacoalhou.

— Você será cavaleiro, meu rapaz. Assim que o Santo Padre se manifestar.

Caravaggio curvou-se. Era como se o tutano de seus ossos fosse pura tensão e seu alívio o tivesse deixado oco e fraco. Com esta carta, ele poderia estar a salvo do homem — fosse quem fosse — que o mataria.

Martelli puxou-o para mais perto e o levou para fora do oratório.

Quando saíam, Caravaggio olhou para o crucifixo. Um dia ele voltaria a Roma, o que nunca acontecera a Polidoro assassinado. E voltaria como cavaleiro, como homem livre.

Martelli acompanhou Caravaggio até a Estalagem dos Cavaleiros Italianos. O velho parou junto ao portão para conversar com o *pillier* dos Cavaleiros de Castela. No pátio, Roero andava em torno do poço, os punhos cerrados. *Eu conheço esse tipo de raiva, pensou Caravaggio. Ele tentou me assustar na catedral e falhou. Mas não vai deixar passar isso em branco.* O rapaz da cozinha saiu para pegar água e olhou para Roero com cautela.

Caravaggio cortou pela esquerda para chegar à escada, evitando outro confronto. Mas Roero o chamou e seguiu Caravaggio até o claustro.

– Lembre-se de que sua pintura de São João é para os cavaleiros, e não para um bando de estetas efeminados de Roma. – *Ele sabe da minha encomenda. Estes cavaleiros estão tão ávidos de meus segredos quanto o Inquisidor.* Roero se aproximou. – Eu ouvi falar dos belos meninos que você pintou para os cardeais e os mercadores de Roma. Também vi você por aí com esse ajudante de cozinha. Tenho certeza de que não são seus pigmentos que ele anda moendo – disse ele estendendo o polegar em direção ao rapaz junto ao poço. – Não quero nenhum poema escrito sobre sua pintura de São João como aqueles sobre seus quadros com efebos. Não quero ouvir que *ele vai deixá-lo em fogo.*

Ele sabe que vou ser cavaleiro e me odeia por poluir o sangue puro de sua Ordem, pensou Caravaggio. *Não se deixe arrastar para uma briga, Michele.*

Roero fechou o punho dentro da luva e atingiu Caravaggio no ombro. O pintor cambaleou contra a parede. Roero olhou para ele. Caravaggio pôs a mão em seu ferimento. Ele sabia que era pedir demais a si mesmo. Sua honra, como a de qualquer homem, valia tanto quanto sua alma.

O cavaleiro puxou um punhal da cintura.

– Vou picar sua carne. Depois vou arrebentar seus ossos.

A resposta de Caravaggio veio num reflexo.

– Vou arrancar-lhe as bolas, seu palhaço empertigado. – Desapontado consigo mesmo, deuse conta de que havia usado uma linguagem vulgar. Mas era tarde demais.

Os dois se aproximaram. Caravaggio ergueu a mão para agarrar o punhal quando Roero atacou.

Ouviu-se uma voz de mulher no pátio:

– Senhor Roero, ele está desarmado. – Roero não respondeu. A mulher tornou a gritar: – *Signor Giovanni, no.*

Roero vacilou. Os dois lutadores olharam para onde a mulher estava. Ela segurava a mão do rapaz da cozinha. Era um ano ou dois mais velha que ele, mas, pela semelhança, era sua irmã. Segundo a tradição maltesa, ela usava um xale preto na cabeça.

Seus olhos eram profundos, com cílios longos como patas de insetos.

– Um homem desarmado, *Signor Giovanni* – disse ela, num tom repreensivo, porém gentil.

Martelli entrou no pátio. Roero repôs o punhal na bainha. Olhando com desprezo para Caravaggio, foi até a moça. O rapaz da cozinha pôs-se na frente dele, mas Roero o empurrou para o lado. Ele ergueu o braço direito. A moça não se mexeu. Então deu-lhe um tapa tão forte que o golpe a deslocou dois passos para a esquerda antes de recuperar o equilíbrio. A moça caiu no chão.

– Como ousa pronunciar meu nome, sua vagabunda? – falou Roero.

A moça aparou o sangue que lhe saía do nariz. *Parecia que ela queria dizer mais coisas,* pensou Caravaggio. *Imagino que esta não seja a primeira vez que Roero a tocou. Afinal, ela sabe o primeiro nome dele, e duvido que suas carícias sejam mais delicadas que o tapa que lhe deu.*

Roero saiu pelo portão. Martelli pôs uma moeda na mão do rapaz da cozinha.

– Leve-a ao boticário.

– Venha, Carmena – disse o rapaz, ajudando a irmã a se levantar e levando-a embora.

Martelli cerrou os lábios.

– É melhor você andar armado por enquanto, Michele. A honra não impede que um cavaleiro como Roero ataque um homem desarmado, como você pôde ver. Não dá para contar com a puta dele para impedi-lo uma próxima vez.

Caravaggio subiu as escadas até seu estúdio e tirou o punhal do baú. Lembrou-se da sensação de liberdade que lhe veio quando leu a carta do Grão-Mestre no oratório. *Parece que só vou ser salvo por mim mesmo*, pensou ele. E colocou o punhal dentro do gibão.

Os dados rolavam. Martelli tamborilava sobre suas fichas do lado extremo do tabuleiro de gamão, deslizando um rosário de lápis-lazúli na outra mão. Caravaggio pegou a caneca dos dados. O velho florentino não observou seu oponente enquanto ele se movia. À luz da lanterna, seu olhar era interior, reprisando todos os embates com o inimigo e os ferimentos que recebera, todos os encontros com Deus no passado e o que estava por vir. Caravaggio sorriu com certa amargura. *Nunca joguei com alguém com quem fosse tão fácil trapacear e, contudo, sinto que desejo que ele ganhe.*

Imaginou Martelli recordando um jogo similar numa vigia solitária durante o cerco turco da ilha. Isso ocorrera mais de quarenta anos antes, e Martelli tinha, mais ou menos, a idade de Caravaggio. *O que ele viu saindo da escuridão? Coisas que o ameaçavam ou o inspiravam?*

Tomou um copo de vinho enquanto era a vez de Martelli jogar.

– Você teve muito trabalho com o rosto do Grão-Mestre no retrato, mestre Caravaggio?

– Não mais que com os outros objetos presentes na tela, *Signor*. – Caravaggio não pôde evitar a defensiva do profissional que deseja receber crédito por cada estágio de sua obra.

– Ora, vamos. Eu o observei em seu estúdio. Vi como circundava os olhos deles durante horas com tons muito diferentes. Você procurou representar mais do que o simples modo com que a luz caía no rosto do Grão-Mestre. Você buscava uma luz interior.

– Ela está lá para todos verem, Sire. O desafio é retratá-la.

– A essência do homem?

– A essência.

Martelli movimentou suas peças. Para sua surpresa, Caravaggio viu que o cavaleiro tinha colocado quase todas em sua casa.

– Quando eu era um jovem cavaleiro, aprendi todas as mais elaboradas técnicas da esgrima – disse Martelli com a mão em riste, *en garde*, embora estivesse segurando um rosário, e não uma espada. – *Carazione*, o movimento da lâmina de um lado da espada do oponente para o outro. Sempre mantendo-se em *misura larga*, dentro da distância de uma estocada. Defendendo-se contra o *mandritto squalebrato* com um *dritto falso*, de modo que, quando a espada de seu oponente atacar o lado esquerdo de sua cabeça, você possa cortar da direita para o alto da esquerda e executar sua riposta instantaneamente – disse ele, fazendo a mímica dos movimentos enquanto falava.

Caravaggio murmurou algo em sinal de compreensão. Ele conhecia os termos, pois havia praticado as técnicas.

– Eu baseio meu manejo da espada nos gestos fidalgos do cortesão – continuou Martelli.

– Mas, depois de ter participado de algumas escaramuças, parei com tudo. No Grande Cerco, usava meu ombro para desequilibrar meus oponentes e acabava com eles com o mais letal dos golpes. – Ele puxou Caravaggio pelo ombro e colocou a mão no lado de seu peito. – Uma adaga na axila. Assim.

Caravaggio tremeu, tamanha foi a súbita parcimônia do pretense golpe de Martelli. *Agora eu sei por que ele não tem de se preocupar com as trapaças no jogo.*

– Na muralha de nosso castelo que dá para o mar – disse Martelli, recebi um golpe de um turco e perdi minha espada. Ele estava pronto para acabar comigo. Eu o agarrei com firmeza junto a mim, de modo que não pudesse manipular a arma, e mordisquei o pescoço. – Martelli segurou Caravaggio e colocou a boca ao lado de seu ouvido, sussurrando de maneira firme e íntima: – Nós cambaleamos por alguns degraus, mas conservei meus dentes na veia dele, até ele se exaurir em sangue e morrer.

A respiração de Caravaggio acelerou-se, como se a forma da memória do velho o levasse para o combate que ele descrevia.

– Eu quase sufoquei enquanto o mordia. Não foi uma atitude muito fidalga, mas funcionou. Eu provoquei a morte dele. E não tentei fazer com que ela parecesse mais nobre do que foi – disse Martelli, recuando e apertando os lábios. – Um jovem acredita que pode mudar o mundo com sua fé, pelo modo como maneja a espada e até como usa suas roupas. Quando você mata seu primeiro homem, aprende que o mundo é o que é. Suas ilusões morrem com seu oponente. Tudo o que você pode fazer é esperar que, depois da morte desse homem, *você*, pelo menos, possa mudar.

Caravaggio foi se sentindo relaxado enquanto o velho florentino falava. Parecia-lhe ter esperado um longo tempo para ouvir aquela voz. Era estranho sentir alegria quando a conversa era sobre a morte.

– Aprendi a não glorificar nada. Nem a maneira como eu atacava e contra-atacava. Por outro lado, eu me dizia para não transformar os santos em ídolos. O fim deles foi a morte, como o de qualquer outro ser humano. A lição máxima é não se idealizar. Tente ser um homem melhor, mas não se preocupe em ser um homem perfeito. – Martelli se emperdigou. – Quando você pintar São João, não falseie nada, Michele. Não deixe que a coisa se transforme num exercício de técnica. Descubra a maneira de pintar o que é interior – disse ele, estendendo o punho e batendo-o contra o coração de Caravaggio. Então afastou o tabuleiro de gamão. – Meu modo de jogar.

Caravaggio mandou coser quatro telas numa só, com a largura de seis passos e duas vezes a altura de um homem grande. Fixou o tamanho d'*A decapitação de São João* depois de estudar a pedra calcária lisa por trás do altar do oratório de um ponto de vista favorável. Ela tinha de ser daquele tamanho, para que o incidente representado ficasse claro para os fiéis que se sentassem nos fundos do local. Mas não tão grande que os personagens por ele pintados parecessem maiores que o natural. *Quando os noviços olharem a cabeça do Batista sendo decepada, quero que se sintam como espectadores de algo real*, pensou ele. *Quero que saibam como é matar e como temer a morte, como eu, ameaçado por uma sentença.*

Caravaggio revestiu a superfície da tela com cola animal, empurrando o pincel para dentro das junções entre as telas unidas, sentindo prazer na forma como a tela balançava em sua armação a cada pincelada. Em seguida, aplicou uma camada de vermelho-alaranjado, que misturou com um pouco de amarelo-ocre e amarelo-terra. Sobre essa segunda camada, colocou outra de um marrom mais escuro, obtido de negro-carvão e vermelho-ocre. As camadas apareciam através da pintura final, com seus subtons dando vida e luz à masmorra em que a morte do santo ocorreria.

Enquanto aguardava a chegada dos modelos, sua energia estava transbordante. Teve de caminhar um pouco para se livrar dela, ou não seria capaz de manter sua mão firme junto ao cavalete. Deixou o ajudante de cozinha filtrando os pigmentos com finos sacos de linho e foi para a rua usando seu avental de pintor. Passou pela Estalagem Castelhana e entrou nos jardins onde os cavaleiros praticavam esgrima.

Do outro lado do porto, o estandarte da Ordem flutuava nas ameias do castelo. A cruz branca bruxuleava contra o fundo vermelho. Ele ficou imaginando se fora naquele lugar que Martelli tinha mordido o pescoço do turco.

A agitação do vento calmo parecia misturar as cores da bandeira. Não se viam linhas precisas. *Se eu pintasse dessa forma, poderia dar a impressão de movimento, de um evento acontecendo*, pensou ele. *Eu captaria a própria vida*. Significaria menos pinceladas, pois ele teria de imitar a inabilidade do olho de focar de maneira precisa o lugar em que a bandeira se erguia em um dado momento da brisa ondulante. Assim que ele captava a imagem no mastro, ela sumia, flutuando para frente ou para trás, agitando-se como a superfície da água do porto.

A mordida no pescoço, pensou ele. *Em lugar das elaborações da mais fina esgrima*. Martelli havia chamado o conflito de puro, sem adornos. Caravaggio deu um sorriso largo. Ele não colocaria nenhum adorno em sua nova pintura. Tudo atrairia a atenção do espectador para o momento do martírio. Revelando-se, em movimento. Ele iria direto ao sangue.

Caravaggio passou pela igreja de Nossa Senhora das Vitórias e voltou à Estalagem Italiana. No canto inferior esquerdo da tela, viu onde os situaria. Quase conseguia contar as pinceladas de que precisaria. Alguém entrou no estúdio atrás dele.

Mas o pintor estava paralisado pela cena a pintar.

De Ponto, o diácono dos cavaleiros, tirou o manto.

– Quem vai ser São João?

O rapaz da cozinha pousou o amarelo-ocre que estava peneirando.

– O mestre Caravaggio disse que eu vou ser o Batista.

De Ponte tirou a faca e bateu com ela na cicatriz branca que corria por sua barba.

– Então venha aqui e me deixe degolá-lo – disse ele, dando um tapinha nas costas do rapaz assustado e rindo. – Não fique tão assustado, filho. Eu vou posar como o carrasco. – Depois de uma hesitação, o rapaz voltou para suas tintas.

Duas mulheres, três homens. De Ponte como o carrasco, um cavaleiro siciliano chamado Giacomo como o carcereiro. O rapaz da cozinha como o santo, e sua irmã como Salomé recolhendo a cabeça do Batista numa bacia. A mãe dos dois posou como uma espectadora assustada. Todos vacilavam em suas poses, desacostumados com a imobilidade exigida por Caravaggio. Ele tentava persuadi-los a relaxar os músculos, mas a cena nunca estava de seu agrado. O rapaz olhava para o céu como se estivesse num dos martírios de qualidade inferior da galeria do Inquisidor. A velha erguia as mãos, implorando a misericórdia divina como um ator numa peça de moralidade fora de moda.

– Vamos partir do começo – disse Caravaggio, aproximando-se deles. – Relaxem. – Todos agitaram os membros doloridos. – Vamos encenar a história da morte do santo. Começando com a chegada de Salomé e sua serva.

Em seguida, fez com que se movimentassem pela cena. O carcereiro leu a sentença de morte. O carrasco fez o santo se ajoelhar diante dele, desembainhando a espada para lhe cortar o pescoço e inclinando-se para serrar a cabeça. Salomé abaixou-se para recebê-la.

— Outra vez — disse Caravaggio, observando-os repetir a sequência três vezes, orientando suas reações à medida que avançavam. Insistia para que olhassem para dentro de si mesmos, que *fossem* a pessoa representada. — Está acontecendo aqui. Não pensem na cena. Não representem o que lhes foi lido da Bíblia. A história vai conduzi-los.

De Ponte captou a coisa de imediato, e foi ele que ajudou a fixar o momento. Ele atingiu o pescoço do Batista, e Caravaggio ficou imaginando se esse poderia ser o instante que pintaria o prazer de matar. Então percebeu uma inesperada centelha de arrependimento no olhar de de Ponte. *Essa é a minha cena*, pensou ele. *Quando me lembro do modo como matei Ranuccio, não é a convicção absoluta e o ódio que me vêm à lembrança. É a culpa e o arrependimento que senti quando o moribundo olhou para mim. Ele me passou toda a monstruosidade do mundo, mesmo tento partido para a paz eterna.*

Caravaggio conduziu-os para aquele instante. Mais três repassadas, cada uma iniciando mais próxima do momento que ele escolhera. Para o rapaz da cozinha, ele disse:

— Você acabou de ser decepado. Qual teria sido seu último pensamento?
— Que o Messias está chegando?
— Não, não, não como São João. Como você. Você é morto numa masmorra. A última coisa que vê é o chão sujo. — Uma aceitação angustiada passou pelo rosto do rapaz. Era o material de que Caravaggio precisava para sua arte, mas também era o rosto devastado de sua própria culpa. A excitação fez tremer todos os seus membros. — É isso mesmo — gritou ele para o rapaz.

Fabrizio foi à Estalagem Italiana para ver o que Caravaggio já havia executado de *A decapitação*. — Você mudou seu estilo, Michele. Isto é diferente das obras que vi em Roma.

— O pincel não pode parar — disse Caravaggio. — Eu mudei.

Fabrizio ficou em pé por um longo tempo diante da tela, coçando o queixo, o rosto intrigado e, depois, iluminado, surpreso e alegre.

Caravaggio também contemplou a cena. O Batista estava com o peito contra o chão. Seu carrasco inclinava-se sobre ele com os dedos no cabelo da vítima. Pela mudança de expressão de Fabrizio, Caravaggio entendeu que ele havia conseguido. Pintara o que aconteceu antes e depois desse momento de arrebatamento. A pintura era todo um episódio, marcado pela suavidade das pinceladas e pelo drama da composição.

Com o rosto meio iluminado pela lanterna diante da tela, Fabrizio fez uma careta na direção do santo moribundo.

— Eu sempre penso nesse instante, Michele. — Caravaggio sabia o que ele queria dizer. — Eu me senti plenamente justificado quando matei aquele membro dos Farnese.

— Eu sei.

— Quando você matou Ranuccio...? — *Eu penetrei em outro mundo*, pensou Caravaggio. Fabrizio girou a mão como se estivesse assinalando a passagem de tempo que parecia ocorrer na tela. — Muitas vezes penso nos momentos anteriores e posteriores ao crime com arrependimento. Mas o instante em que o matei, nunca consegui revê-lo. Até agora. Ele pousou a mão no encosto de uma cadeira e inclinou-se pesadamente, como se estivesse exausto. — Você é tão bom em nos

mostrar o momento da morte. Você parece conhecê-la intimamente. Mas você entende o que significa estar vivo? Eu fui perdoado por matar o Farnese. Ninguém deseja minha vida. Contudo, quando olho para sua pintura, fico sufocado pela culpa, pelo medo e pelos presságios. Deve ser terrível ser você, Michele.

– E é minha culpa?

– Não fique zangado, Michele. Só existe outra ocasião em minha vida que significou tanto para mim quanto aquele instante em que me tornei um assassino – disse Fabrizio, com seus olhos pálidos erguidos, brilhando à luz da lanterna com uma antiga expressão de espera. Voltando-se para Caravaggio, pôs-lhe a mão no pescoço e o atraiu para si. Seus lábios se encontraram e os corpos se encostaram. Fabrizio gemeu com a voz pura de um menino, com toda a aspereza da garganta do homem suavizada.

Caravaggio conhecia esse som dos tempos de menino. E se lembrou do que sentia com o amigo em seus braços. Mas ele também conhecera o medo que viera depois, a solidão ao deixar a casa de Costanza, a pobreza de seus primeiros anos em Roma. Ele pagara caro pelo prazer que ouvia na voz de Fabrizio.

Ele afastou o amigo. Fabrizio insistiu em ficar junto a ele, mas foi empurrado pelo peito.

– Vá embora.

– Não, Michele.

Quem vai me bater desta vez?, pensou Caravaggio. *Quem vai-me pôr para fora e me dizer que é para o meu próprio bem, enquanto este homem continuará vivendo como um príncipe?*

– Eu disse para você ir embora.

Quando ficou sozinho, Caravaggio apagou a lanterna. E lembrou-se da pergunta de Fabrizio. Sim, ele sabia o que era estar vivo. Só um artista, um assassino ou Deus poderiam saber, os que criam ou os que destroem. *São eles que conhecem o preço de cada respiração.*

Caravaggio estava fazendo suas orações quando sentiu a temperatura do estúdio diminuir. Ele tremeu e abriu os olhos. O Inquisidor estava examinando *A decapitação*, com um olhar brilhante de avaliação, como um santo enganador.

– É assim que *voce* vai terminar? – perguntou Corbara. Caravaggio recitou outro *Pai-Nosso*.

– Acho mais provável que seu corpo desapareça e nunca seja encontrado – disse o Inquisidor. – O que você acha que é pior? Morrer como o Batista numa masmorra escura? Ou contemplar o céu, as flores e o mar quando sua cabeça é separada do corpo por um caçador de recompensa?

– *Et ne nos inducas in tentationem, sed libera nos a malo. Amen.*

– *Amen*, – repetiu o Inquisidor, cruzando as mãos sobre o estômago. Parecia o gesto emprestado de um sacerdote mais bem alimentado. Seu corpo era magro, e o cordão de seu cinto ameaçava deslizar das cadeiras para o chão. – Ouvei dizer que você teve uma altercação com o irmão Roero no pátio lá em baixo. Como clérigo, não estou sujeito às regras da vingança. Talvez eu possa interceder para que o rancor não se inflame.

– Com certeza o senhor teria defendido o cavaleiro. Ele é membro de uma ordem sacra, como o senhor.

– Roero não respeita a Igreja. É bem verdade que ele executa a vontade do Santo Padre ao combater os infieis. Mas eu não incluo assassinos desse tipo como verdadeiros homens da Igreja.

– Um Inquisidor não deveria falar tão levemente de assassinato.

– Diante de um homem que tira lucro da pintura do assassinato de um santo? Por que não? – perguntou o Inquisidor andando diante da tela.

Caravaggio pegou um pincel seco para dar textura ao ocre e à cor de queimado na parede da masmorra de São João. O ruído das pinceladas soou alto no quarto silencioso.

– Na sua tela, o Batista está morto – disse della Corbara –, mas você ainda não pintou seu sangue. Imagino que tenha finalmente alcançado os limites de sua imitação das coisas naturais.

– O que o senhor quer dizer com isso?

– Talvez o sangue esteja demais à mão. Próximo demais ao seu, que pode ser derramado como o do Batista pela ordem de um rei.

– O papa não é rei.

– É mais que isso. O que torna seu destino ainda mais visguento.

– Eu ainda não pinte o sangue. E daí? Eu vou pintá-lo.

– Seu São João, com certeza, está morto. Morto no chão de um pátio sujo, pálido e inerte. Não está ascendendo aos céus, como os santos normalmente fazem na arte – disse o Inquisidor, passando o polegar pelo lábio mais uma vez. – Se nem o Batista parece estar indo para o paraíso celeste, você deve duvidar de *suas chances* de salvação.

– Se eu me preocupo com minha salvação, isso é prova de que acredito na misericórdia de Deus. Se eu não acreditasse, não me importaria nem com meus pecados nem com minha alma.

– Então, que Ele o abençoe – retrucou o Inquisidor, levantando a mão para uma bênção.

Caravaggio teve um estremecimento. Ele sentiu o gesto do homem, não uma absolvição benigna, mas uma intimação indesejada para prová-lo.

– Por que o senhor voltou aqui? Eu não farei o que o senhor quer. Não vou lhe dar informações contra os cavaleiros, mesmo que o senhor me diga que esta pintura vai contra as orientações da Igreja.

O Inquisidor examinou as mãos e as deslizou para dentro das mangas de seu hábito.

– Os duelos, tais como o que você travou com o *Signor* Ranuccio, estão sob a jurisdição da Inquisição. Eu poderia fazer com que o extraditassem para Roma. Nem o Grão-Mestre poder-me-ia deter.

– Então por que o senhor não faz com que o extraditem também?

Della Corbara tirou as mãos bruscamente das mangas da batina e deu um tapa no rosto de Caravaggio.

– Porque eu preciso de uma testemunha para o seu terrível crime – gritou ele.

Caravaggio cerrou os punhos, mas se conteve. O golpe tinha sido o fim da lógica do Inquisidor. Fora a raiva, e Caravaggio sabia que isso representava desespero.

– Perdoe-me. O diabo é mais esperto que eu. Ele me prepara armadilhas – disse o Inquisidor, erguendo as mãos para se desculpar.

– Eu achava que vocês trabalhassem juntos.

Della Corbara aproximou-se dele e baixou a voz até ela se tornar um sussurro rouco:

– Você quer ser o cão que tem o privilégio de entrar na grande sala e comer o que cai da mesa do dono. Mas estes cavaleiros nunca permitirão sua entrada, porque você é um lobo – disse ele, apontando para seu queixo fino –, e os lobos caçam em grupos.

Você vai acabar precisando de mim. Lembre-se disso.

O Inquisidor saiu do estúdio. Caravaggio retornou às paredes da masmorra.

Caravaggio estava pintando os negros dentes de chumbo das chaves do carcereiro quando Martelli afastou a cortina da câmera obscura. O cavaleiro trazia uma carta. E se mostrou imediatamente interessado na tela.

– Você pintou a adaga do carrasco depois que eu a vi pela última vez – disse ele. Um destaque de tinta branca e espessa marcava a borda da lâmina. O florentino sofrera cortes muitas vezes. Coçou as cicatrizes por baixo do gibão.

– Você sente o toque do carrasco? – perguntou Caravaggio sorrindo.

– Não duvido que o reconheça. Na verdade, estava pensando em você.

– Até agora, eu fui o carrasco.

– Você não precisa ser nem o carrasco nem o condenado de agora em diante – disse Martelli brandindo a carta. – Você vai ser armado cavaleiro.

Caravaggio beijou a mão do velho.

– Eu temia que se o Santo Padre se recusasse...

– Nós o embarcaríamos para Roma acorrentado? Bem, eu tenho certa influência sobre o Grão-Mestre e sou um velhote safado e determinado. Suponho que o Santo Padre percebeu que não deixaríamos que isso acontecesse. Leia a carta. Caravaggio desdobrou-a.

Ao nosso amado Alof de Wignacourt, Grão-Mestre da Ordem Hospitaleira de São João de Jerusalém.

Papa Paulo V.

Amado filho, saudações. Os méritos de vossa especial devoção para Conosco e a Santa Sé persuadiram-nos a favorecer-vos acedendo aos pedidos que lhes permitirão demonstrar gratidão aos que vos prestam obediência ou que são tidos em vossa graça e favor. Assim, atendemos à solicitação a nós submetida favoravelmente ao vosso interesse, e em virtude deste documento e de nossa Autoridade Apostólica, concedemos e garantimos à vossa autoridade receber como Irmão no grau de Cavaleiro Magistral a pessoa por vós favorecida, que será selecionada e nomeada por vós, embora tenha cometido assassinato em uma desavença, e oferecer-lhe o hábito de Irmão no grau de Cavaleiro Magistral, para que possais conservá-lo em vossa Ordem.

Emitido na Igreja de São Marcos sob o selo do Pescador.

A carta pareceu esquentar em suas mãos. Caravaggio ficou preocupado que ela pudesse se incendiar e se reduzir a cinzas com a força de seu sentimento. Devolveu-a a Martelli.

– Como cavaleiro, você não pode ser mandado de volta a Roma. Terá a proteção da Ordem – disse Martelli, dobrando a carta e colocando-a em seu gibão. Então abraçou Caravaggio. – Michele, você seria feito cavaleiro mesmo se este *São João* fosse uma pintura menor. Mas ela é surpreendente.

Caravaggio examinou a tela. Cada pincelada pareceu liberá-lo. *Martelli sabe*, pensou ele. *Realizei minha obra de maneira tão direta quanto sua descrição do assassinato de um homem.*

Os dois compartilharam um silêncio segredo. Os dedos de Caravaggio formigavam devido ao contato com a carta do papa. Um perdão. Talvez ele pudesse voltar aos Estados Papais, para Roma, para Lena. Agora tudo era possível.

Na parte inferior do quadro, o rosto descarnado do Batista o encarava. Só faltava pintar o sangue fluindo do pescoço do moribundo.

Caravaggio foi à residência do Almirante na hora do jantar. Enquanto descia a encosta para além do palácio do Grão-Mestre, lutou para controlar o orgulho por sua elevação a cavaleiro. *Ficarei livre da sentença de morte*, pensou ele. *Posso voltar para Lena e trabalhar em paz*. Mas, quando entrou nos escritórios vazios do andar térreo, percebeu por que seu primeiro impulso foi contar a novidade a Fabrizio. *Não serei mais um empregado dos Colonna*, pensou ele. Agora poderia hipotecar sua amizade a ele e Costanza. Ela não mais seria exigida como obrigação devido à posição dos dois.

A doçura do pomar de laranjeiras era como uma pele perfumada no calor da noite. Lembrou-lhe o sabor do beijo de Fabrizio. O pintor subiu as escadas.

Os secretários do Almirante haviam voltado a suas estalagens para jantar, de modo que Caravaggio passou pelo estúdio de Fabrizio em direção a seus aposentos privativos. A porta estava entreaberta. Atrás dela, um par de meias escarlates se espalhava pelas lajotas marrons.

Caravaggio se deteve. Então ouviu um grunhido abafado e a risada sôfrega de um homem. Empurrou a porta para abri-la totalmente.

Fabrizio estava ao lado da cama, as calças baixadas até os tornozelos e a camisa aberta. Ele vislumbrou as pernas delgadas de Nicholas, o pajem do Grão-Mestre. As faces do rapaz estavam coradas, e um vazio trêmulo cobria-lhe o rosto.

Ao ver Caravaggio, o rapaz saiu de baixo de Fabrizio, juntou as roupas e fugiu correndo. O prazer sumiu do rosto de Fabrizio.

— Como você vê, Michele, continuo a corromper garotos.

Caravaggio olhou ao redor do aposento. Era um pouco diferente do quarto em que Fabrizio e ele se envolveram pela primeira vez. Os dois tinham a idade de Nicholas. *Se isto foi culpa de Fabrizio*, ele disse para si mesmo, *então por que eu é que estou-me sentindo humilhado?* O orgulho por ser feito cavaleiro, a amizade com Martelli e a sensação de que Lena não estava perdida, tudo se dissipou. Ele estava de volta ao quarto de Fabrizio no palácio dos Colonna em Caravaggio. Tinha treze anos de idade, e o filho de seu amo levou-o para a cama e o aliviou de todo sentimento de culpa e da lascívia que haviam impedido suas tentativas amorosas até então.

Havia um traço de esperança e nova excitação no rosto de Fabrizio.

— Venha, Michele. Qual é o problema? Não me diga que você não está fazendo a mesma coisa com aquele auxiliar de cozinha maltês que usa como assistente. Ou será que você está com ciúme? Com ciúme do garoto.

Caravaggio estapeou Fabrizio e caiu em cima dele, dando-lhe murros, afogando-se com as lágrimas, até que Fabrizio conseguiu soltar as mãos e correr para longe.

Ficou deitado na cama, com toda sua raiva consumida. E chorou, pois queria ter contado sua alegria a Fabrizio. *A única coisa que ele vai compartilhar comigo é algo que poderia obter com facilidade desse pajem*.

Caravaggio correu para as escadas. Ao passar pelos escritórios, ouviu Fabrizio chamando-o. *Eu vou ser cavaleiro. Quando os Colonna gritarem meu nome, não terei mais de responder.*

Já tarde da noite, a sentinela assobiou uma melodia oriental fora da Estalagem dos Cavaleiros Italianos, com a lanterna balançando na cintura. Caravaggio correu a lanterna ao longo de sua tela para espantar os mosquitos. Então espremeu um pouco de marrom-queimado de um tubo de bexiga de porco e mergulhou um pincel médio em óleo de linhaça para afinar a tinta.

Tocando com a ponta do dedo no ocre sombreado que usara para as pedras da masmorra de São João, verificou se a tinta secara. Ela estava seca e pronta para receber uma camada de esmalte. Mergulhando o pincel no marrom e na linhaça, ergueu-o em direção à tela.

De longe, o esmalte teria uma aparência fina e transparente, como se fosse a borda da poça de sangue debaixo do pescoço cortado do santo. Mas quem chegasse perto veria o que ele havia feito. Pela primeira vez em suas pinturas, no sangue do santo espalhado pela mesma decapitação que durante tanto tempo ameaçara ser seu próprio destino, do qual a Cavalaria logo o salvaria, Caravaggio assinou seu nome como cavaleiro e monge: *Irmão Michelângelo.*

Pareceu-lhe que todo o sangue que tinha visto em brigas e duelos o encharcara. Mas esse sangue não trazia nem morte nem dor. Ele o enchia de vida. Fervia dentro dele e respingava na tela, seu sangue e o sangue dos homens com quem ele havia lutado e o que ele havia matado. Ele escreveu nele seu nome, pois poderia sangrar para sempre, e seu corpo ofegaria ainda mais, quente e vivo.

Deixando cair a paleta, juntou as mãos. Orou para que Lena sentisse o sangue correndo nele e que ele os unisse como se corresse nas veias dos dois. *Meus Deus, façaí com que ela esteja viva,* murmurou ele. *Que ela esteja tão cheia de vida quanto eu.*

Enquanto Caravaggio passava pelos cavaleiros de hábitos negros no oratório, Martelli deu-lhe um sorriso resolutivo. Agora ele seria um deles. Ele seria cavaleiro.

O pintor subiu os degraus do altar, estranhando o peso da armadura sobre seus ombros e seu peito. Abriu os braços um pouco para que não se ajoelhasse em seu manto. Atrás do Grão-Mestre, sua pintura da morte de São João acompanhava a parede. Leu seu nome em sangue e inclinou a cabeça.

Wignacourt recitou a cerimônia de investidura. Instou Caravaggio a seguir uma vida de perfeição cristã e obras sociais, a se dedicar à Virgem e a São João. O Grão-Mestre segurou a cruz branca da Ordem bordada num pano de linho. Caravaggio beijou-a. Se estivesse sozinho, teria enterrado a cabeça no pano, exultante. *Não se esqueça,* disse para si mesmo, *que sua alegria é tanto por escapar da morte quanto pela elevação de sua condição. Você se uniu a pessoas a quem as leis não se aplicam.* Olhou para os cavaleiros italianos ao lado do altar. Fabrizio virou a cabeça, como se o olhar de Caravaggio fosse um golpe físico.

– Recebe o jugo do Senhor – disse Wignacourt –, pois ele é suave e leve, e sob ele encontrarás repouso para tua alma. Não te prometemos iguarias, mas apenas pão e água, bem como um modesto hábito de monge.

Wignacourt fez um sinal para o pajem Nicholas, que se aproximou carregando uma almofada vermelha com uma corrente de ouro. O Grão-Mestre colocou a corrente em torno do pescoço de Caravaggio e o fez levantar-se.

- Também lhe ofereço a doação de dois escravos – sussurrou Wignacourt.
- Vossa Alteza Serena é por demais generoso.

O Grão-Mestre fez um gesto indicando o que estava por trás de seu ombro: *A decapitação de São João.*

- Uma obra-prima, Irmão Michelângelo.
- O senhor me honra com isso.



Decapitação de São João batista

Os italianos voltaram à sua estalagem, onde Caravaggio tomaria seu lugar como cavaleiro. No portão, Martelli deu-lhe as boas-vindas e pediu que se sentasse num tapete simples. Então deu-lhe pão e sal, símbolos da vida ascética de um monge. Enquanto Caravaggio comia, Roero cutucava os dentes com a ponta de um punhal.

Um cavaleiro de Siena chamado Irmão Giulio tomou um longo trago de vinho.

– Esta aqui é boa: o duque de Brie, filho ilegítimo do duque da Lorena, está num jantar. Um cavaleiro da corte francesa lhe diz: “Duque, que és divino eu adivinho, queres-me passar o vinho?”. O duque lhe passa o vinho. No outro extremo da mesa está um cavaleiro alemão sem nenhum refinamento. Seguindo o exemplo rimado do francês, ele diz: “Duke, que tens uma cara

bastarda, podes-me passar a mostarda?” – arrematou ele, batendo com o copo na mesa e dando um grito de satisfação por sua piada.

Caravaggio tomou seu vinho e se serviu de uma jarra sobre a mesa enchendo seu copo até a boca. Roero o observava por cima de seu copo, os olhos vermelhos e flamejantes.

Que ele me olhe, pensou Caravaggio. *Ele não é o primeiro a me dirigir um olhar ameaçador, e tenho minha nova condição de cavaleiro para me proteger. Agora eu janto com estes cavaleiros como igual.* Seu olhar brilhava devido ao vinho e ao sucesso de *A decapitação*, vermelho como um garoto levemente embriagado pela primeira vez. E fez um brinde ao humor do Irmão Giulio.

- Você gosta de uma piada, não é mesmo? – disse Roero.
- Gosto, por que não? – respondeu Caravaggio, engolindo o vinho.
- Você acha uma piada fazer uma pintura para o nosso oratório com um ajudante de cozinha nu e uma prostituta maltesa?

Os cavaleiros ao redor da mesa fizeram silêncio. O Irmão Giulio tossiu e tentou contar outra piada.

- O duque de Brie vai caçar urso com uma besta...
- Uma vadia em nossa igreja – disse Roero, com as sombras talhando cicatrizes em seu rosto.

Mesmo se dizendo para ficar quieto, Caravaggio abriu a boca e disparou:

- Você é o indicado para dar prova da profissão da moça, Roero. *Você não conseguiu se conter, Michele. Quando o fizeram cavaleiro, eles restauraram todo o orgulho estúpido que escapou de você com o sangue de Ranuccio. Um pouco de vinho e uma provocação desse bastardo e você destrói tudo.*

- Ora, vamos, Irmãos, qual de nós ainda não esteve com uma prostituta? – perguntou o Irmão Giulio.

- Esse cafetão lombardo é cavaleiro? – disse Roero. – Isso me dá nojo.

Caravaggio sentiu o velho pulsar de adrenalina e soube que uma briga aconteceria. Ele fora arrebatado pelo turbilhão do orgulho e jactância em que os homens vivem.

- Você tem duzentos anos de nobreza em ambos os lados da família, mas sua alma é de camponês.

Roero riu com triunfo.

- O máximo que você conseguiu se aproximar da nobreza, pintor, foi mexer a paleta da marquesa Colonna com seu pincelzinho de pelo de porco.

Um movimento súbito e o punhal de Caravaggio roçou o ombro do cavaleiro.

Roero voltou para o seu lugar.

O Irmão Giulio cambaleou em direção a eles.

- Por que eu não termino de contar a piada sobre o duque e o urso?

Roero desembainhou o punhal e deu uma estocada. Caravaggio aparou o golpe e o atingiu na orelha. O ímpeto de Roero o fez atacar novamente, e Caravaggio sentiu a ponta de seu punhal penetrar abaixo da omoplata do cavaleiro rival.

Cambaleando como se tivesse sido atingido pelo aríete de proa de uma galera a toda velocidade, Roero olhou para o tecido rasgado de seu gibão. Uma mancha vermelha espalhou-se do material negro para a cruz branca da Ordem em seu peito.

Quando o puseram lá dentro, o luar iluminava as paredes de pedra, filtrando-se por um postigo no teto. Agora, tudo era silêncio, frio e escuridão. *Pelo menos não arrastei Lena para este perigo comigo*, pensou ele. Ajoelhando-se para orar, percebeu que havia cometido um erro ao deixá-la em Roma. Ele procurara protegê-la, mas fugira da única alma que poderia consolá-lo. E tinha certeza de que, com Lena, nunca repetiria sua violência. Ela podia ter sido sua redenção. Seu orgulho por se tornar cavaleiro o levava a essa masmorra cônica escavada na rocha do castelo de Sant'Angelo. Seu orgulho destruíra tudo. Exceto seu amor por Lena. Nem ele conseguia atingi-lo.

O postigo foi erguido e Caravaggio piscou em meio ao sol da manhã, distinguindo os traços astuciosos de Leonetto della Corbara. *Um estranho Cristo para trazer este Lázaro de volta ao mundo dos vivos*. Os olhos do Inquisidor tremeluziram, num desvio de um minuto, como se ele estivesse calculando o valor do homem no buraco abaixo dele. Fez um gesto impaciente e uma escada baixou até a masmorra para que ele descesse.

O Inquisidor levou a manga de sua sotaina negra ao nariz. Caravaggio apontou para o lado da cela oposto ao balde das necessidades do prisioneiro. Della Corbara sentou-se contra a parede, estremecendo devido ao contato de suas costas com a rocha bruta.

- Dentro desta *guva* infame. É quase como o inferno.
- Eu consigo me acostumar.
- Pode-lhe faltar tempo para isso.

O Inquisidor tirou um papel da manga. Desdobrando-o, segurou-o contra a luz que tinha do postigo.

– Um perdão. Um perdão em branco. Normalmente eu os vendo por algumas centenas de *scudi*, como você vende sua pintura. Estou-lhe oferecendo este grátis.

– Não exatamente grátis.

– Bem, você pode obtê-lo. Se fizer o que eu desejo. Os cavaleiros vão expulsá-lo da Ordem. Lá se vai a sua proteção, o perdão que pensara ter conseguido. Conte-me o que eu desejo saber sobre como eles vivem.

– Não estou em liberdade para atendê-lo, padre – disse Caravaggio, fazendo um gesto ao seu redor.

O Inquisidor moveu o lábio inferior como se sugerisse que a masmorra era apenas uma trivialidade.

- Você quer ir para casa?
- Deus é o nosso último lar e nos conduzirá até ele.

Della Corbara deu uma gargalhada ruidosa e levantou um dedo aprovador para Caravaggio. O rosto de um guarda apareceu lá em cima, curioso e desaprovador.

– Não me cite Santo Agostinho – disse o Inquisidor. – Ele nunca esteve preso na *guva* de Malta, mestre Michele. Se ele tivesse ficado preso aqui, teria aconselhado a você que confiasse nos amigos, e não apenas em Deus.

– *Signor?* – chamou o guarda lá em cima. – É com o senhor, padre. – Della Corbara fez uma expressão severa e despachou o guarda.

– Michele, agora você não tem escolha. Se ficar aqui, os cavaleiros vão expulsá-lo por ter ferido um membro nobre da Ordem. Você ficará desprotegido. Vão mandá-lo para Roma para ser executado pelo outro crime, a morte de Ranuccio. Mas eu posso requerer sua custódia. –

Caravaggio balançou a cabeça. Ele não acreditava que o Inquisidor pudesse enfrentar os Cavaleiros. E sentiu simpatia pelo desespero do padre.

Della Corbara exibiu uma exasperação momentânea, como um pai cansado de uma criança obstinada. Ao se levantar, o Inquisidor bloqueou a luz. Seu hábito e a rocha eram negros. – Estou falando com você como amigo, Michele. Se você sair daqui, coloque fé no amor. Temos a esperança de que o amor seja eterno, mas sabemos que não podemos contar com isso. E é isso que faz o prazer do amor tão intenso.

O Inquisidor sempre parecera a parte orgulhosa do mundo, diante da qual Caravaggio tinha que se pôr à disposição e exibir o peito. Na derrota, o sacerdote exibia-lhe sua fraqueza, e Caravaggio se sentia nu diante dela. A frieza das pedras da masmorra o fez tremer.

No palácio do Grão-Mestre, os cavaleiros mais velhos sentavam-se em torno de uma pesada mesa de carvalho no formato de uma curva aberta. Como Almirante das Galeras, Fabrizio tomou assento no Conselho Venerável. Devido ao pouco tempo de serviços à Ordem, sua cadeira estava próxima do final da ferradura. Os *piliers* de cada nação entre os cavaleiros estavam distribuídos ao lado de Wignacourt, que se sentava de maneira relaxada em seu trono, a mão coçando o queixo, os dedos disfarçando sua feição conturbada. À sua direita, Martelli estava ereto e tenso, com uma raiva que mal parecia conter.

Os cavaleiros tinham ouvido as provas dos investigadores, mas, antes de decidirem a expulsão de Caravaggio da Ordem, Martelli insistira que Roero recontasse a história da luta durante o jantar.

O pajem de Wignacourt passava ao redor da mesa com uma vela, acendendo os candelabros à medida que a sessão avançava noite adentro. Quando acendeu a vela diante de Fabrizio, sua mão tremeu. Fabrizio sorriu com amabilidade, mas o garoto apressou-se a acender as outras velas. Ele se amaldiçoou pelo que fizera com o pajem, por ter revelado o homem que era a Michele. Se pudesse ter-se escondido todos esses anos depois de ter estado com Michele pela primeira vez, de que sofrimentos outros teriam sido poupados? Sua mãe, Michele, o pajem. Amaldiçoou o pai por tê-lo espancado pela primeira vez, e ficou imaginando quando o encontraria e em que círculo infernal.

Roero contou sua versão da história, com um tom de horror na voz. Fabrizio achou-a uma revoltante encenação. Roero já havia praticado muitas outras violências piores que as de Michele e se jactava delas.

O pajem jogou a vela na lareira e assumiu seu lugar atrás do Grão-Mestre. Sua mão delicada inconscientemente circundou a borda de um jarro de água gelada sobre um carrinho ao lado dele. Fabrizio, sem fôlego, observou o gesto. O garoto levou o dedo molhado aos lábios, sugando a água. Quando notou Fabrizio o observando, colocou as mãos nas costas. O desprezo que Fabrizio sentira por Roero agora dizia respeito a si mesmo.

– Como teve início a discussão no jantar, Irmão Roero? – perguntou Martelli em voz baixa, mais numa ameaça que numa pergunta.

- Eu critiquei a pintura dele – disse Roero. – *A decapitação de São João* no oratório.
- O que o senhor criticou exatamente?
- O fato de seu modelo para Salomé ter sido uma prostituta maltesa.

- Como *o senhor* sabe que ela é prostituta?
- Com que outro tipo de mulher um artista se envolveria? Com toda certeza ela não é apropriada para o olhar de nossos noviços.

Caravaggio estava aquém de qualquer proteção. Nem Martelli tinha o poder de deter o julgamento. Fabrizio gostaria que sua mãe estivesse lá para falar em favor de seu protegido. Mas estalou a língua. Que fraqueza invocar a força de uma mulher num momento como este. Ele relembrou o desespero com que Caravaggio o havia jogado na cama em sua residência. Fabrizio havia-se sentido repellido e abraçado ao mesmo tempo.

O relato de Roero parecia interminável. Fabrizio levantou-se silenciosamente. Esperou algum sinal de Martelli, mas a atenção do velho cavaleiro estava toda concentrada em Roero.

Fabrizio caminhou lentamente pelo pátio do palácio. *Que eles fiquem lá sentados e julgando. Para mim, Michele não é nem cavaleiro nem artista. Não vou-me submeter a seus códigos de comportamento. Eu o julgo por outro critério, e esse ele nunca desrespeitou.*

O som de um tumulto acima dele despertou Caravaggio. Ele ficou imaginando que horas seriam. Quando o postigo foi aberto, a noite estava no auge de sua escuridão.

Roero veio para dar um fim em tudo. Ele deixou tombar as mãos e relaxou o corpo.

- Michele, vamos embora – disse Fabrizio baixando-lhe uma escada.

Ele subiu. Os escravos que o Grão-Mestre lhe havia dado estavam ajoelhados ao lado do corpo do guarda. Um deles ergueu a clava para tombá-la sobre a cabeça do soldado, mas Fabrizio segurou-lhe o punho.

- Eu disse aos dois que você lhes daria a liberdade se eles o ajudassem. – Os africanos olharam para Caravaggio como se fossem presas raivosas. Então empurraram o guarda inconsciente para dentro da *gufa* e fecharam o postigo. – Eu o aconselho a não escrever os documentos da emancipação deles até que o tenham levado à Sicília. Caso contrário eles podem jogá-lo no mar – disse Fabrizio empurrando-o em direção às ameias.

Um arpéu de ferro prendia uma corda num posto de sentinela vazio. Fabrizio fez sinal aos africanos para que descessem a muralha. Eles mergulharam silenciosamente na escuridão lá em baixo, com suas formas indistintas contra a água que espumava nas rochas.

- O Conselho Venerável vai expulsar você da Ordem, Michele – explicou Fabrizio. – O Grão-Mestre não tem outra escolha a não ser extraditá-lo para Roma.

- Este resgate... é um risco para você.

Fabrizio desviou o olhar com a resignação de um homem para o qual todos os perigos pertenciam ao passado.

- Minha mãe protegeu você a vida toda, Michele. Eu prometi a ela que cuidaria de você em Malta. – Caravaggio esgueirou-se por cima da muralha e segurou a corda. E buscou os olhos de Fabrizio. O nobre sorriu. – É como os jogos que brincávamos no pátio de minha mãe quando crianças. Conserve as lembranças daqueles tempos com você, ainda que outras familiaridades sejam dolorosas de lembrar.

- Eu também desejei você. Tentei esquecer isso, mas não consigo.

- Não se consegue esquecer nada para sempre, Michele. Essa é a maldição do mundo – disse Fabrizio, agarrando o punho de Caravaggio. – Segure a corda sob o seu braço. Desça com

o movimento das duas pernas ao mesmo tempo. Baixe algumas pedras de cada vez. – Caravaggio sentiu ternura na força com que Fabrizio segurou-lhe o braço. – Lá em baixo, siga os escravos até o ponto combinado. Há um barco esperando lá. Um de meus marinheiros vai levá-lo até a Sicília.

– Não vou esquecer isto, Fabrizio.

– Nem o Roero. Tenha isso em mente para orientar seu comportamento. Agora você o terá em seu encalço, bem como os Tomassoni. – Fabrizio verificou se os vigias não estavam se aproximando. – Quando eu estava na prisão, planejei uma fuga. Eu queria fugir da morte. Michele, você parece procurá-la.

As mãos de Caravaggio escorregaram pela corda com firmeza, enquanto ele avaliava a velocidade de sua descida. Lá em baixo, o mar fervia, como se estivesse ansioso por ele. Depois da descida, seguiu os africanos silenciosos ao longo da água. Atrás dele, ouviu o arpêu de ferro mergulhar na água onde Fabrizio o havia deixado.

Um barco a remo de bordas altas se agitava no fim da trilha. Os escravos olharam para a base da fortaleza, em cujas cavernas infecundas eles tinham sido cativos.

O homem de Fabrizio preparou-se para partir.

– Mexam-se, pelo amor de Deus – sibilou ele.

Os escravos se encarregaram dos remos. O marinheiro deu um empurrão para mover o barco e assumiu a cana do leme. Caravaggio olhou para as ameias na esperança de ter um vislumbre do filho de Costanza.

Em uma hora, as luzes das lanternas de Malta, todos os cavaleiros e as obras que ele ali pintara desapareceram no horizonte.

III

SICÍLIA E NÁPOLES

1608

A CABEÇA DE GOLIA

A FLAGELAÇÃO

Ao amanhecer, ele estava sozinho. Os contornos de seus poucos pertences, o cavalete que construíra ao chegar a Palermo, o reflexo da luz da manhã nas tachas que prendiam a tela à sua armação: essa era a vida que estava junto a ele. O sol iluminava esses objetos, mas nenhuma companhia humana o observava recair sobre seu rosto.

Caravaggio estava deitado de bruços, completamente vestido e com os braços abertos, como alguém atacado por agressores que se aproximaram pelas costas e, portanto, sem serem vistos. No calor do verão, ele suava a noite inteira, vestido e armado para uma retirada rápida caso seus atacantes aparecessem. Quando poderia novamente fechar os olhos sem ter medo de não ver o amanhecer? As formas moviam-se nas sombras e ele as observava, segurando a respiração. As venezianas estalavam à medida que a madeira dilatava com o calor dos primeiros raios solares. Até esses ruídos lhe punham o coração em sobressalto.

Talvez seus assassinos chegassem hoje. *Eu quase lhes daria as boas-vindas pela companhia.*

Ficou imaginando os santos no amanhecer do dia de seu martírio. Eles foram consolados de maneiras por ele desconhecidas. Estavam todos certos do destino de suas almas. Mas, quando ele pintava suas mortes, via os corpos que deixavam para trás. Carne trucidada, sem sangue.

Inclinou-se sobre sua bandeja de pigmentos.

– Bom dia, meus únicos amigos – murmurou ele. A argila cavada perto de Siena, cheia de ferro e produzindo um óleo marrom-amarelado, ou queimada num forno para obter o marrom-avermelhado que ele adorava usar. Vermelho-ocre das colinas da Toscana e o branco de São João, feito de cal viva por monges florentinos. Terra verde de pedreiras próximas a Verona. O mais caro de todos: o azul-ultramarino, obtido do lápis lazúli moído proveniente do país dos Khan, para além da Pérsia. Tocou em todos eles. Eram como um unguento refrescante sobre um ferimento.

Descendo as escadas, foi até a cozinha. Um velho monge franciscano colocou uma tigela de sopa rala de repolho diante dele.

– Como vai indo sua *Natividade*, mestre Michele?

– Quase terminada. – Caravaggio havia terminado a tela dois dias antes. Demorara a concluí-la, com medo do que poderia encontrar se tivesse de abandonar o estúdio.

– Que Deus o abençoe, mestre. Para onde o senhor irá depois que ela estiver terminada?

O repolho picado da sopa era esparso. Ele notou uma casca de feijão flutuando no caldo, mas, quando mergulhou a colher nele, não encontrou nem traço do grão.

– Ainda não pensei nisso, Irmão Benedetto.

Só quando estava trabalhando é que não se sentia como se estivesse rolando uma encosta. Tentou não pensar no futuro, pois sabia dos perigos e das dificuldades que tivera de encarar. Ele não poderia explicar isso ao monge. Os franciscanos buscavam a mortificação da carne entre os

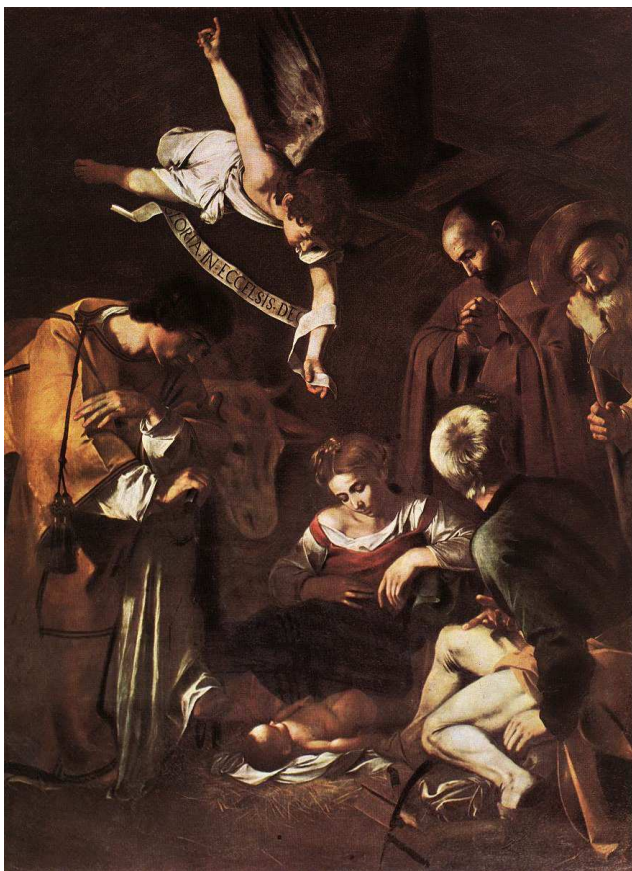
pobres. Pelo que sabia, o Irmão Benedetto havia tirado a casca do feijão e jogado o grão fora quando fizera a sopa.

– Seja lá aonde eu for, Irmão, vou sentir falta de sua comida. Onde mais vou encontrar estas suntuosas iguarias?

Benedetto riu.

– Você é uma pessoa estranha, mestre Michele – disse ele, inclinando-se sobre a faca para cortar uma fatia de pão de farinha de espelta barata. As padarias davam o pão aos franciscanos quando já estava duro demais até para ser mergulhado em caldo. – O Irmão Camillo disse que você ficou zangado com ele outro dia, quando sugeriu que você lavasse suas roupas. – Caravaggio sorvia a sopa. – Você lhe disse que *eles* poderiam vir pegá-lo enquanto estivesse nu. Quem são *eles*, mestre?

– Estalajadeiros que querem que eu roube suas preciosas receitas para eles.



Natividade com São Lourenço e São Francisco

Ele subiu as escadas até o estúdio. Havia pintado esta *Natividade* para o oratório de São Lourenço, com a intenção de dar à Virgem o rosto de Lena. Mas, quando a pintou olhando para o bebê nu na palha, foi incapaz de reproduzir seu rosto pálido, suarento e sofrido depois que perdeu o filho deles. Em seu lugar, pintou os traços da moça maltesa de *A decapitação*.

Nas poucas vezes em que fora a Palermo, a suspeita o tinha exaurido. Toda porta por que passava e toda sentença que ouvia pareciam uma armadilha, uma forma de ele se entregar, de se dar a conhecer a seus assassinos. Chegou a achar que vira um dos irmãos Tomassoni na rua. Correu atrás do homem, mas não conseguiu alcançá-lo.

Então fugiu ao achar ter visto Roero diante do palácio do vice-rei espanhol. Enquanto corria, ficou imaginando se perdera o juízo. *Não faz diferença. Eles virão atrás de mim mesmo que eu esteja louco.*

No meio do dia, começou a pensar que até a casca de feijão tinha sido uma ilusão, e que a sopa não continha mais que água descolorida. Tocou os ossos do rosto sob a barba e achou-os proeminentes. As costelas também lhe pressionaram a pele quando ele ergueu a camisa para olhar-se. A fome suplantara seu medo.

Saindo para a rua, rumou em direção ao palácio normando para encontrar uma estalagem.

Depois de tantos dias na escuridão do mosteiro, o sol parecia penetrar em seu crânio. Aturdido, apoiou-se na parede externa de uma loja de tortas. Os olhos turvaram-se; tudo ficou escuro. O cheiro da massa assando deixou-o desesperado e fraco.

Quando sua visão retornou, as cores eram brilhantes e chapadas, como as primeiras camadas de tinta e óleo de uma pintura, antes de receberem os sombreados.

Um cão saiu correndo da loja de tortas com uma salsicha na boca. O cozinheiro o perseguiu e amaldiçoou. Depois, olhou para Caravaggio e ficou quieto. Limpando a garganta, voltou para a loja. Uma mulher passou com uma cesta. Ela desviou o olhar. Caravaggio olhou para a rua piscando os olhos. Pessoas sorridentes inclinavam-se quando o olhavam no rosto. *O que eles estão vendo?*, ele perguntou-se. *Eles sentem repulsa. Como se tivessem visto um gato ferido depois de atropelado por uma carroça. Eles conhecem meu destino e não querem pensar nele.*

Seguindo o cozinheiro até o interior da loja, colocou uma moeda no balcão e comprou uma *focaccia* recheada. Colocou a comida na boca. A língua ficou enrolada entre os macios pedaços de baço, bofe e cartilagem da garganta de vitela. Da entrada da loja, olhou para o outro lado da rua através de uma massa de carroças e pessoas. E viu um homem que usava a sobrecapa vermelha dos Cavaleiros de Malta.

Roero estava olhando para o complexo franciscano. Estreitando os olhos protuberantes, o cavaleiro atravessou a rua e entrou no oratório.

Caravaggio cuspiu o pão e as carnes, correndo para o pátio dos franciscanos. Em seu estúdio, pegou um saco pequeno, onde jogou os pincéis e os pigmentos que ainda não havia triturado. Prendeu a espada na cintura e pegou seu cinto para dinheiro da caixa trancada de couro espanhol gravado onde o guardava.

Desceu correndo os degraus e saiu pelo portão. Da esquina, viu Roero saindo do oratório e subindo a escada para o estúdio. Agradecido pela fome que o fizera sair, sussurrou uma bênção para o caldo ralo do Irmão Benedetto.

No porto, o próximo navio era uma galera mercante com destino a Nápoles. Uma vez a bordo, agachou-se atrás de um barril, tentando localizar Roero, o olhar fixo e a pele tensa. Os marinheiros o evitaram enquanto se preparavam para levantar âncora. Gaivotas voaram por sobre o convés até resolverem perseguir o sol poente. O navio partiu para o mar.

O palácio do príncipe de Stigliano, às margens da baía de Nápoles, dominava Chiaia e a eclipse da baía até as grutas de Posilippo. Durante vários anos, a marquesa de Caravaggio havia-se hospedado com seu primo, o príncipe, para poder cuidar dos negócios envolvendo suas propriedades e sua herança ao redor da cidade. Costanza Colonna estava sentada num banco de pedra ao lado da fonte do jardim, enquanto Caravaggio a atendia. Ela passava os dedos por duas cartas em seu regaço. As unhas eram pálidas e cinzentas. Ela estava tensa. Alguma coisa nas cartas a atormentava.

– O vice-rei espanhol ouviu falar de sua chegada a Nápoles – disse Costanza, limpando a garganta. – Suas ordens são para que você termine *A flagelação de Cristo* que deixou incompleta. – Caravaggio concordou com um grunhido. O quadro para a igreja de San Domenico o havia deixado sem inspiração. Ficou contente quando o abandonou ao tomar o navio para Malta. – Todo mundo quer alguma coisa de você, não é mesmo? – disse Costanza.

E a senhora, o que a senhora quer?, pensou ele.

Ela ergueu a mão em direção a ele, mas os dedos se fecharam e Costanza levou a mão de volta ao regaço. Então levantou-se e começou a caminhar ao redor da água.

– Está vendo esta balaustrada ao redor da água? Ela está gravada com os brasões de algumas das mais poderosas famílias em terras italianas. Os Carafa, os Stadera, os Morra, os Capua, os Orsini. Esses clãs guardam você, Michele, em atenção a mim, pois sou parente de todos eles. – Os peixes movimentavam-se no fundo marrom da fonte. – Vamos fazer você voltar para Roma, de volta para Lena – disse Costanza, estendendo-lhe uma das cartas. – É dela. Quando responder, lembre a ela que Nápoles é o local onde Boccaccio conheceu seu amor, Fiametta. O poeta disse que, para desfrutar o amor, ele precisa ser sensual, ilícito, doce e difícil.

– Ele não conheceu nem metade disso – afirmou Caravaggio, devolvendo-lhe a carta. No verso, acima do selo, estava o nome de Lena. Seu entusiasmo misturou-se à suspeita. Poucos sabiam onde encontrá-lo, e Lena era analfabeta. A carta podia ser uma armadilha. Suas mãos tremeram. *Ela está viva, e posso ter esperança.*

– Eu também preciso de você, Michele. Tanto quanto ela – disse Costanza, cujo colo ficou vermelho. – Por causa de Fabrizio.

– E só por ele?

Ela girou a aliança que lhe fora dada pelo marido há muito falecido. Sua voz ergueu-se, numa repreensão.

– Você sempre comeu o pão de minha casa. Será que agora estou pedindo demais de você?

– Não é preciso que a senhora peça nada para eu lhe executar qualquer serviço.

– O Irmão Antonio Martelli me escreveu de Malta – disse ela, erguendo a outra carta, como se fosse um diagrama de toda culpa que ela já sentira. Um marinheiro foi interceptado ao voltar da Sicília numa barça alguns dias depois de você ter escapado da masmorra dos cavaleiros. O marinheiro foi levado por um cavaleiro chamado Roero. Ele não resistiu muito tempo às torturas do homem e, enquanto estava vivo, confessou ter sido Fabrizio que o tirou da *guia*.

– Fabrizio – disse ele, cobrindo os olhos com as mãos. – O que aconteceu com ele?

– Se esse Roero tivesse ido ao Conselho Venerável, o Irmão Martelli disse que Fabrizio teria sido suspenso por alguns meses. Mas Roero juntou alguns amigos para prender Fabrizio. Você se lembra do Irmão Giulio?

– Um contador de piadas.

– Ele agora é tema das piadas. Fabrizio recusou-se a ir sem reação. Ele transpassou o Irmão Giulio com seu florete e o matou – disse Costanza, irrompendo num soluço. – Meu filho está padecendo na masmorra da qual ajudou você a fugir.

Caravaggio lembrou-se da pena pela morte de um cavaleiro: o saco costurado e atirado no mar.

Da mesma forma que Lena ficara próxima dele com a carta que a condessa tinha na mão, a outra carta mostrou seu amigo mais antigo em perigo de vida.

– Todas as minhas preces, minha senhora, serão para Don Fabrizio, bem como todas as minhas obras – disse ele, voltando os olhos para a península de Sorrento, como se fosse para localizar o corpo do amigo trazido de Malta pelas correntes. Ao longe, na baía, os dois picos entalhados da ilha de Capri eram de um índigo enevoados.

Na rua, Caravaggio sentia-se rejeitado, como se a multidão em Nápoles estivesse cega e só avançasse em seu caminho às apalpadelas. Duas mulheres brigavam numa banca de vegetais no topo da colina que levava ao palácio espanhol. Crianças com o nariz escorrendo e os olhos vermelhos lacrimejantes corriam entre os vendedores. Seus joelhos eram esfolados e cheios de cicatrizes, e seus corpos cobertos de sujeira, como se algum moralista tivesse tentado pintar roupas sobre sua nudez com lama. As pessoas eram ferozes, os rostos ossudos e alertas, reagindo a qualquer movimento e aproximação com medo, preparadas para atacar e receber um golpe. Elas se moviam como gatos: alguns passos rápidos e, em seguida, a busca pelo próximo lugar seguro, correndo para lá a fim de tornar a avaliar as ameaças.

Eu sou um assassino, pensou Caravaggio, mas posso ser o homem mais inocente num raio de muitos quilômetros. Então, tocou na carta dentro do gibão. E soube, de imediato, onde a leria.

Ele foi para a parte mais antiga da cidade. Desde seu retorno a Nápoles, ainda não tinha visitado a igreja que conservava a maior de suas obras. Entrou em ruas estreitas formando quarteirões paralelos, ainda como as haviam definido os primeiros colonizadores gregos, e atravessou a Spaccanapoli, a longa e reta cicatriz que dividia a cidade em duas.

Fora das tavernas, napolitanos erguiam longos punhados de *maccheroni* e os colocavam na boca, a cabeça inclinada para trás, como se pudessem fazer a comida passar diretamente através da garganta para atingir o estômago, como engolidores de espadas. O lamento da *zampogna* elevava-se acima do barulho da multidão, numa melodia aguda acompanhada por uma gaita de fole grave que reverberava em toda a caixa torácica do pintor.

Caravaggio correu para um banco diante do altar do Pio Monte. Lena olhava para ele com paixão. Ela era sua *Nossa Senhora das Mercês*, a Virgem que ele havia pintado olhando para as ruas repletas de Nápoles. Então abriu a carta e a leu.

Querido Michele,

Quem lhe está escrevendo por mim é seu amigo Próspero Orsi. Estou-lhe dizendo isso para que você possa acreditar no que vou-lhe contar, e não achar que outra pessoa, e não eu, está-lhe dizendo as palavras que você lê. Prosperino manda-lhe lembranças, enquanto anota minhas palavras.

Durante muito tempo, não ousei entrar em contato com você. Eu achava que você não me queria. Um dia você partiu e, embora Prosperino me dissesse que você fugiu porque matara o Signor Ranuccio, eu sabia que você estava pronto para partir não importava o que acontecesse. Não estou dizendo que você matou o Signor Ranuccio para ter uma desculpa para me abandonar, mas sei que não lhe foi difícil ir embora.

Esta semana, ouvi dos cavaleiros do cardeal del Monte, enquanto eu trabalhava no palácio Madama, que você tinha voltado de Malta para terras italianas. Talvez você não queira saber de mim. Nesse caso, destrua esta carta. Mas eu preciso dizer-lhe que gostaria que você não tivesse partido e que sinto sua falta à noite — Prosperino fingiu corar, mas eu estou corando porque nunca fui uma mulher leviana, nem me transformei numa durante sua ausência.

Eu amo você, Michele. Se suas viagens lhe mostraram que eu sou quem você ama e que você cometeu um erro quando me deixou em Roma, então venha até mim.

Não posso sair de Roma, caso contrário iria até você, embora a estrada para Nápoles seja perigosa por causa de todos aqueles bandidos. Preciso tomar conta de Domenico, que está debilitado e com febre, e de minha mãe, que ficou cega e não consegue mover o lado esquerdo do corpo.

Minha saúde tampouco anda boa, amore. Meu trabalho é duro, pois preciso ir à praça Navona vender minhas verduras, e as mulheres Tomassoni por vezes me repudiam e me batem. Mas o administrador do cardeal del Monte me manda fazer trabalhos leves em consideração a você, o que me dá a esperança de que finalmente o cardeal acredita que você me ama.

Volte para mim, amore — e não faça essa cara, Prosperino. Se você tiver-me esquecido, Michele, não me escreva para dizer isso. Mas tampouco volte a Roma. Eu não conseguiria ficar no mesmo lugar que você, mas sem você.

Muitas vezes vou a Sant'Agostino e fico diante de A Madona de Loreno. Você tinha razão: agora ninguém presta atenção ao afresco do mestre Rafael. Todos vêm ver somente a sua pintura. Embora eu tenha ficado lá durante várias horas, ninguém se aproximou para me dizer que eu me pareço com a Madona. Talvez meu rosto esteja cansado demais, ou esses últimos anos não tenham sido gentis comigo.

Mas eu penso naquela época em que você me pintou, quando me mostrou a pintura terminada e me levou para a sua cama – Prosperino!; eu sou a sua Madona, e estarei com você em espírito aonde quer que seu trabalho e seu coração o levem. Que seja a vontade de Deus que eles me tragam você de volta.

Sua Lena.

A moça havia feito uma marca parecida com a letra L debaixo de seu nome. Caravaggio ouviu a voz dela vindo do papel frio e chorou. *Eu queria protegê-la e por isso a deixei para trás*, pensou ele. *Mas sem ela sou um desastre.* Ele tinha de estar com ela.

Tinha que ter sua sentença de morte anulada, para poder estar com ela.

A carta tinha um *post-scriptum*. Ele enxugou os olhos com o punho da manga e começou a lê-lo.

... Prosperino, o pintor de grotescos, saúda seu caro amigo, o maior dos pintores de Roma, Michelângelo Merisi de Caravaggio.

Michele, não diga à moça que estou escrevendo isto. Ela acredita que são só algumas palavras de amizade. Ela me procurou para eu escrever para você, e eu percebi que lhe custava entrar em contato com você. Ela tem certeza de que você quis abandoná-la, embora há muito tempo eu tenha-lhe dito o contrário. Mas estive em Veneza para uma encomenda, e, enquanto estive fora, outras pessoas – as mulheres dos Tomassoni e Fillide – tentaram convencer Lena de que você nunca a amou.

A saúde dela também está precária, Michele. A pele está cinza, da cor da vassoura de limpador de chaminés, e mais escura que cinza sob os olhos e ao redor da boca. Seus lábios são como chumbo, embora me custe-lhe contar que eles também ficaram manchados do sangue que ela tossia enquanto ditava a carta.

Soube que você tentou se livrar da sentença de morte contra você. Essas coisas levam tempo. Onório continua exilado em Milão, aguardando seu perdão, e Mário também está na Sicília. O irmão de Ranuccio está fora de Roma pelo mesmo motivo. Para sua segurança, espero que ele não saiba onde você está. Vou-lhe enviar esta carta por meio de del Monte e não vou perguntar onde ela vai encontrá-lo. Implorei a del Monte que intercedesse em seu favor junto a Scipione. Ele se irritou com o meu pedido, pois disse que constantemente pensa em seu caso, e que o sobrinho-cardeal não precisa de lembretes de um artista de terceira linha. Eu implorei que ele me considerasse como sendo apenas de décima linha, desde que mantivesse o interesse por você.

Vou fazer o que puder para Lena, Michele, embora eu não esteja em boa situação financeira. Tenho ajudado a esposa de Onório. Ela é muito insistente, pois nosso amigo não lhe manda nada do

exílio, e ela tem cinco filhos para alimentar. Enquanto isso, Baglione e sua panelinha ficam com todas as encomendas que poderiam ter sido minhas. Você precisa voltar para Roma, Michele.

Seu amigo que sente falta de todos os problemas que você lhe provocava.

Próspero Orzi.

Caravaggio ergueu os olhos para sua pintura. A Virgem segurava um jovem Cristo no topo da tela. Ele havia dado ao menino os traços de Domenico, mas achou que havia nele algo do filho que poderia ter tido se a gravidez de Lena vingasse. Caído de joelhos, pressionou a carta contra o coração. Se desse mais alguns retoques na imagem, pensou ela sairia da tela, tomaria seu rosto entre as mãos e diria: “ Por que você não deu esse toque final dois anos atrás?”. Ela poderia estar com ele se ele fosse artista suficiente para exigir que ela sáísse da pintura.

Ele ficou em pé. *Vou transformá-la em realidade.*

No Carità, nos limites do distrito volátil dos soldados espanhóis e suas prostitutas, ele entrou numa estalagem chamada Cerriglio. A fumaça da lenha queimada lhe fez arderem os olhos. Sentou-se com uma garrafa de vinho e bebeu rapidamente. Virou-se para os bebedores vizinhos e ergueu o copo. Ele recebera uma carta de Lena. Ele era amado.

Serviu-se dos bolinhos de uma cesta, embrulhados em uma folha de alga para salgá-los antes de fritos. Pediu mais uma garrafa de vinho. As prostitutas no canto da mesa voltaram-se quando o ouviram gritar. Uma delas se levantou para se aproximar dele, mas sua atenção foi desviada para a música que vinha da rua.

Um músico de olhar triste entrou no local, tocando uma *tarantella* numa pequena gaita, com os dedos correndo pelos orifícios de ar. Um cego entrou atrás dele marcando um compasso de seis por oito num pandeiro e cantando com voz rouca num dialeto que Caravaggio não entendia. As prostitutas se puseram a dançar, balançando-se numa perna. Com o outro pé, marcavam o compasso batendo os tamancos no chão.

A prostituta que estava indo para a mesa de Caravaggio pegou-o pelo braço.

– Vamos lá, bonito.

Foi-lhe difícil distinguir os traços da moça. O vinho o tinha atordoado mais depressa do que imaginara. A luz cinzenta que vinha das janelas brilhou sobre sua trança, presa de orelha a orelha, como Lena fazia. Sua altura era a mesma de Lena, e também tinha suas pesadas sobranceiras gregas. Em breve Caravaggio estaria novamente com Lena. Encontraria um jeito de se juntar a ela em Roma. Esvaziou o copo e, rindo, levantou-se para dançar.

Os dois puseram-se lado a lado, os braços erguidos acima da cabeça. *Lena*. Ele tomou outro copo, a cabeça girando. *Eu sou amado*. A prostituta ergueu uma perna e colocou-a entre as coxas dele, acima do joelho, aproximando sua virilha dele enquanto dançavam. Quando ria, seu hálito rescindia a leite e à muçarela. Ele dobrou o joelho para trazê-la para mais perto.

Uma das prostitutas trouxe uma *tricaballacca*⁶, agitando os punhos de modo que os pequenos martelos laterais batessem contra o central, fazendo os toques produzidos pela madeira soarem acima do ritmo da música. Os dançarinos emproavam-se e giravam, como se estivessem se livrando do veneno da tarântula, como haviam feito os que inventaram a dança. Caravaggio sentiu seu corpo livrando-se de alguma coisa que ele sabia que o estava matando tanto quanto o veneno de uma aranha. Atirando a cabeça para trás, gritou o nome de Lena, rugiu e gargalhou. A prostituta derramava vinho em sua boca.

A noite tartamudeava. Dividida em momentos desconexos pelo vinho e o fervor de sua libertação do medo e da solidão. Entre instantes em que ele sabia o que estava acontecendo em torno de si e os espaços em branco e perdidos entre esses instantes.

Lançou os dados num banco com um soldado espanhol e reclamou quando caíram no chão.

Tentou as cartas num jogo de *calabresella*⁷, xingando um pescador que escondeu o valete de copas e tirou um rei de ouro da manga.

Comeu uma *focaccia* tão gostosa que se sentiu compelido a incomodar o cozinheiro com elogios tão copiosos à iguaria que a prostituta teve de arrastá-lo de volta à mesa.

Ele se deitou sob ela em seu quarto fétido, grunhindo, gritando e agarrando-lhe os seios.

Chorou e resmungou, sem saber o porquê, enquanto se aninhava nas costas dela para dormir.

Quando despertou, ela estava nua, arrancando os fios rebeldes do contorno do couro cabeludo, como faziam as mulheres para que fossem consideradas bonitas. Ela voltou o rosto do prato de estanho polido que usava como espelho e sorriu.

Os lençóis estavam frios devido ao suor. Ele baixou as pernas no chão.

– Bom dia, bonitão – disse ela.

– Como é o seu nome? – perguntou ele, sentindo o estômago revirar quando tentou pegar as ceroulas.

– Stella. Pelo menos você não perguntou o que está fazendo aqui.

O ritmo saltitante da *tricaballacca* prosseguia. Ele franziu o cenho, imaginando como a tarantela prosseguia noite adentro. Então percebeu que o que estava ouvindo era produzido por sua dor de cabeça, tão forte que soava como percussão.

– Por Nossa Senhora e todos os lobisomens!

– Eu não preciso perguntar o seu nome – disse a mulher. – Vou chamá-lo de *o’ntufato*.

– Não entendo esse diabo de dialeto napolitano.

– Significa “o zangado” – explicou. – Na noite passada, você teve tantos altos e baixos que parecia o membro que chamamos de “pai de seus filhos” – acrescentou ela, imitando o movimento de um pênis ficando ereto, caindo e tornando a ficar ereto. – De repente você começava a conversar com um cara tão animadamente que pareciam amigos de infância. Em seguida, começava a xingá-lo e lhe atirava o copo na cabeça.

– Meu Deus, não dá para acreditar! – disse ele, colocando as calças.

– Havia uns tipos durões na estalagem ontem à noite. Você insultou tantos, que teve sorte de sair de lá ainda com o nariz inteiro na cara.

– Ninguém o cortou fora para que eu o perca lentamente para a sífilis.

Ela lhe beijou o topo da cabeça.

– Não fique com medo de pegar a doença francesa de mim. Você não vai estar por aqui tanto tempo para morrer assim lentamente, *o'ntufato*.

Quando saiu da taverna, Caravaggio desceu o amplo *boulevard* construído por um antigo vice-rei de Toledo. Um grupo de mosqueteiros espanhóis ficou silencioso quando ele se aproximou. O mais alto deles molhou os lábios e bateu as luvas contra as mãos. Caravaggio esperou que viessem até ele, sem tempo sequer para imaginar por que o atacariam. Fazendo uma careta de antecipação, ficaram aguardando a briga com prazer. Então seus olhos se deslocaram dele para alguma coisa além de seus ombros. Num instante, percebeu que não tinham a intenção de lutar com ele. Estavam aguardando o espetáculo de outro combate.

Caravaggio girou para o lado. Sua capa se agitou atrás dele. A espada de seu atacante ficara presa em suas dobras. Ele desatou o nó que segurava a capa e sacou o punhal.

Gian Francesco Tomassoni soltou a espada da capa.

– Sorte sua, seu safado, você sempre usar preto. Não vão nem precisar lhe comprar uma roupa nova para o seu enterro – disse ele, levantando a ponta da espada e dando uma estocada.

Caravaggio aparou o golpe com o punhal, arfando quando a longa lâmina passou rente a seu ombro. Com um rápido passo, estava em posição de ataque. E perfurou Tomassoni na virilha.

O cabo da espada desceu sobre sua cabeça. Ela ter-lhe-ia rachado o crânio se ele não tivesse desviado. Sentiu a orelha queimar e ficar amortecida; então, percebeu que havia sido atingido ali.

Caravaggio se afastou. Em sua impetuosidade, Tomassoni escorregou no lixo da rua e caiu de costas. Os espanhóis riram e o ridicularizaram. Um deles atirou um bolo de rum comido pela metade, acertando a boca de Tomassoni.

Furioso, Tomassoni levantou-se, cuspidando o bolo e limpando as migalhas do bigode.

Caravaggio passou correndo pelos espanhóis e entrou numa estreita rua lateral. Esgueirou-se entre as crianças que brincavam nuas na lama e nos sacos de mercadorias na porta das lojas. E virou à esquerda, em busca da segurança do palácio Stigliano. Ouviu os gritos de Tomassoni abrindo caminho atrás dele e as vozes de crianças e mulheres que o xingavam.

Aos tropeços, avançou por uma alameda abobadada, batendo contra objetos invisíveis, espantando gatos e ratos. Nos bairros ricos de Nápoles e junto ao porto, o sol estaria brilhando, alimentando a baía com opalina brilhante e salpicando as vilas caídas com o brilho da pele de uma mulher jovem. Mas o sol compartilhava com os ricos a mesma coisa: o medo de entrar no Bairro Espanhol. As ruelas eram escuras como casas de jogo. Abandonado pela luz, Caravaggio avançava cada vez mais depressa pelas vielas.

No fim da rua, encontrou um pátio. Abaixo de um campanário atarracado, três altos arcos levavam a uma igreja. Correndo para a penumbra, escondeu-se atrás do altar de uma capela lateral.

Quando ouviu passos à porta, respirou longamente para se acalmar. E flexionou os dedos em torno do cabo do punhal.

- Você acha que eu quero matá-lo, pintor? – Foi como se o fantasma de Ranuccio tivesse falado na igreja. O mesmo sotaque, o timbre que era compartilhado pelos irmãos. – Se eu tivesse a intenção de lhe tirar a vida, hoje você já teria sido morto meia dúzia de vezes. – Tomassoni caminhou pela nave. – Na semana que vem, realizarão uma procissão até a catedral. Os pecadores vão andar de joelhos atrás do sangue de São Genaro, orando para que ele torne a ficar líquido.

Você precisa se juntar a eles, para expiar seus pecados. Ah, mas não é o perdão que você deseja, não é mesmo, seu ateu safado? Bem, não se preocupe, eu acabei de obter meu perdão do Santo Padre pela minha parte no duelo. Seu *cumpà* Onório também foi absolvido da culpa. Você é o único que continua a fugir.

Caravaggio ouviu o barulho surdo de material pesado repentinamente atirado para trás. *Ele está-me procurando atrás das tapeçarias.*

- Minha família quer que os Colonna paguem uma compensação pela morte de Ranuccio, pois você é cria deles. Não vou matá-lo antes de recebermos o dinheiro. Mas isso não quer dizer que eu não possa-lhe dar um *sfregio*, a cicatriz da vergonha – disse o perseguidor, em meio a um grunhido de frustração e esforço, bem como ao barulho de uma mesa tombada. – Onde você está, seu bastardo? – berrou Tomassoni com raiva.

Um monge apareceu na entrada da igreja. Com sotaque espanhol, dirigiu-se a Tomassoni.

- Não se descontele. Você está na casa de Deus, meu filho.

Tomassoni embainhou a espada e pôs a mesa em pé.

- Peço seu perdão, padre – disse ele, numa voz rouca e envergonhada.

- Deixe uma doação para Santa Maria do Pilar e vá embora.

Caravaggio ouviu uma moeda caindo num prato de metal e os passos de Tomassoni saindo pela porta.

O monge se aproximou da capela lateral e esperou. Caravaggio saiu de seu esconderijo e baixou os olhos.

– É melhor você sair pela sacristia e pela parte de trás do mosteiro – disse o monge, coçando sua tonsura e pondo as mãos dentro das mangas do hábito branco. Ele ostentava a cruz dos trinitários, cuja missão era libertar escravos tomados pelos mouros. – Há um homem na porta principal esperando por você.

– Talvez seja melhor eu encará-lo. Eu vou ficar bem, padre – afirmou Caravaggio, dirigindo-se à entrada.

O monge segurou-o pelo braço com firmeza.

– Não estou falando daquele assassino. É outro homem que está lá. Um cavaleiro. – Caravaggio tremeu. Roero viera em seu encalço. – Por aqui – disse o monge, conduzindo Caravaggio por uma escada em espiral. Enquanto passavam pela galeria acima do claustro do mosteiro, ele olhou pela janela. Abaixo dele, no pátio diante da igreja, Roero estava encostado numa coluna, usando o gibão vermelho dos cavaleiros.

Caravaggio sentiu um golpe no peito, como se um punho se fechasse em torno de seu coração. Seguindo o monge até a parte posterior do mosteiro, saiu para a rua.

Estudou sua *A flagelação de Cristo* incompleta. Jesus se contorcia diante da grande coluna à qual estava atado como se apenas lhe fizessem cócegas. Os dois torturadores, um a seu lado e o outro a seus pés, não pareciam mais envolvidos em infligir dor que o reverente doador da pintura, um certo *Signor* de Franchis, que se agachava no lado oposto do Salvador flagelado. Caravaggio sugou os dentes e franziu o cenho. A pintura devia à obra de artistas precedentes. Era como se ele tivesse anotado as coisas em estenografia, coisas que todo colecionador de arte já conhecia. Coisas que não eram verdadeiras.

Durante vários dias, tentara mudar o tom da tela, mal se ausentando de seu estúdio. Roero e Tomassoni estavam ambos em Nápoles, e era melhor ficar dentro das paredes do palácio e trabalhar. Ele só conseguira aumentar sua aversão pela obra. Teria abandonado a pintura por completo se não houvesse uma parede vazia esperando por ela em San Domenico, próximo do altar-mor, e o vice-rei espanhol que governava Nápoles não tivesse ordenado que ele preenchesse aquele espaço. A coisa toda o fazia sentir-se destituído de energia, constrangido e aborrecido. Queria estar a caminho de Roma, para Lena. Seu descontentamento o tornava impaciente.

Baixando a paleta, puxou o avental pela cabeça. Colocou o gibão, enfiando uma bolsa dentro dele e prendendo o punhal no cinto. Então saiu para as ruas banhadas de luz crepuscular até a taverna Cerriglio.

- Olá outra vez, *o'ntufato* – disse Stella, aproximando-o da mesa onde as prostitutas se reuniam. Ela tinha um andar sem nenhuma graça, os pés planos espalhados nas sandálias, e suas cadeiras eram rijas, de modo que ela parecia claudicar.

Os braços pendiam-lhe pelos flancos, como se ela estivesse remando no ar. O andar equilibrado de uma mulher nobre teria apenas uma fração da beleza que Caravaggio descobriu na deselegância de Stella.

- Eu não conseguia trabalhar. Não conseguia-me concentrar – disse Caravaggio, pedindo uma garrafa de vinho e alguma coisa para comer.
- Quer que eu livre sua mente das preocupações? – perguntou ela, sentando-se ao seu lado, pondo um braço sobre seus ombros e apertando os seios contra ele.
- Até você acharia isso uma tarefa difícil.

Ela riu. Havia alguma coisa errada em seu rosto. Ele olhou para sua boca. Os dentes eram minúsculos e desiguais.

- Meus dentes de leite – disse ela. – Eles nunca caíram.

Os dentes de uma criança inocente no rosto pintado de uma prostituta. Ele ficou esperando que a boca emitisse o choro de uma criança com fome, mas, em vez disso, ela deu uma risada rouca e uma mordidinha no pescoço dele.

O estalajadeiro trouxe uma garrafa de *aglianico*⁸ tinto e um prato de alcachofras. Ele dividiu a refeição com Stella. Ela ergueu o copo.

- Que o sangue de São Gennaro corra como este vinho. – *O milagre*, lembrou Caravaggio, *a ampola de sangue seco das veias do santo que se liquefaz três vezes ao ano na catedral*. Ele ergueu o copo com um sorriso maroto. – Você é cético, *o'ntufato*? – perguntou Stella. – Se o sangue não virar líquido, é mau para Nápoles. Sempre que o milagre falha, o Vesúvio entra em erupção, algum exército vem nos invadir, as colheitas são um desastre ou ocorre outro surto de peste.

- Não se preocupe com isso – disse Caravaggio. – O sangue sempre corre quando estou por perto.

Um tremor de medo passou pelo rosto da moça.

Ele deixou algumas moedas na mesa, tocou o rosto dela com a mão e dirigiu-se à porta.

- Se o sangue do santo não correr, você pega um pouco do meu.

A lua era um crescente minúsculo. Ele caminhou pela escuridão quase absoluta. Parou para ouvir, caso estivesse sendo seguido. Tinha sido loucura deixar a segurança do palácio tão tarde. Caravaggio sugou o sabor do vinho da ponta do bigode e resolveu seguir caminho pelas ruas estreitas do Bairro Espanhol. Lá haveria menos gente, e ele poderia notar, com mais facilidade, se alguém o estava seguindo.

Subiu dois quarteirões e virou à esquerda na direção de Chiaia. Uma tocha solitária ardia a uns cem passos à frente. Avançou com cuidado, tateando o caminho ao longo das paredes das construções emudecidas.

À luz da tocha tremularam as silhuetas de quatro homens. Vozes alteradas soaram pelas fachadas das casas.

Ao se aproximar, Caravaggio viu que um dos homens estava acorrentado, e sua camisa havia sido transformada em farrapos. Outro homem estava de cócoras junto à parede, segurando a tocha. Os outros dois seviciavam o cativo. Eles o chutaram atrás dos joelhos, o que o fez cambalear. Um deles deu um puxão na corda ao redor dos pulsos do prisioneiro e o arrastou para trás. O homem gritava numa língua que Caravaggio não conseguiu reconhecer. Soava gutural e sussurrada como a que se falava em Malta. *Árabe*, pensou ele. *É um escravo*.

O homem que segurava a corda ergueu o pé e chutou a parte inferior das costas do escravo, puxando a corda com uma das mãos e agarrando o longo cabelo escuro do homem com a outra. Em seu rosnar havia uma intensidade tão demoníaca que os dentes de Caravaggio bateram de medo.

Eles riam e escarneciam do escravo. O homem com a corda ergueu os braços do escravo e tornou a chutá-lo nas costas. Um grito de agonia ecoou pela rua.

Caravaggio foi lentamente até a esquina, confuso e com medo. Ele gostaria de pôr um fim àquilo, mas eram três, e ele só tinha um punhal.

O segundo homem desferiu uma série de golpes na parte de trás do pescoço do escravo. A cada impacto, o torso contorcido da vítima saltava da escuridão para o forte brilho da tocha. Os músculos do peito e da barriga do escravo pulsavam sob a luz.

O homem que segurava a corda passou-a para o companheiro.

– Minha barriga está-me matando – disse ele. Na sombra ondulante de uma entrada, ele baixou as calças e grunhiu em meio ao espocar da diarreia. O homem se levantou e prendeu as calças. – Posso cagar até morrer, mas quero ser mico de circo se não sobreviver a este safado. – Ergueu o escravo contra a parede e apertou-lhe o pescoço.

Caravaggio sentiu a própria garganta apertada, como se estivesse sendo esganado. Lembrou-se de *A flagelação* em seu estúdio no porão. O que ele faria se tivesse estado na masmorra onde os legionários atormentaram Nosso Senhor? Ele se arriscaria para salvar o Cristo? Seria esse o momento de se redimir?

Estava para se aproximar da luz da tocha quando ouviu passos vindos da outra esquina da rua.

Uma capa ondulou assim que o recém-chegado se aproximou do grupo. Seu braço se ergueu, com o alaranjado da chama fazendo brilhar um florete.

– Larguem esse infeliz, seus canalhas.

Caravaggio reconheceu o tom raivoso e arrogante.

— Caia fora — disse o estrangulador.

Roero cortou o tendão da perna do homem com um hábil movimento do pulso.

Um dos bandidos fugiu imediatamente. O mais jovem, que segurava a tocha, levantou-se para correr. Mas Roero o deteve, encostando-lhe a ponta da arma no peito.

— Me dê essa tocha. Levante este homem e o ajude a andar.

O rapaz passou a tocha para Roero. Ele olhou para o escravo no chão, apoiado contra a parede, e para o homem que o havia torturado, contorcendo-se na sujeira, apertando a perna ferida, sem fôlego de tanta dor.

- Levantá-lo? — perguntou o rapaz. — A quem você está se referindo?

- Vou-lhe facilitar as coisas — disse Roero, atravessando o coração do atacante ferido com a espada. — Está claro agora?

Roero foi até a alameda com a tocha. O rapaz o seguiu, carregando o escravo que se arrastava.

Se Roero não tivesse sido distraído pela violência contra o escravo, teria sido Caravaggio a sentir a ponta da espada do cavaleiro. O alívio o levou até o palácio Stigliano tão depressa através da escuridão que ele mal parecia tocar a lama e as pedras. Em seu estúdio, pôs-se a trabalhar imediatamente.

Abriu a tela, ampliando-a com uma extensão que fizera atrás da moldura original para permitir um pouco de material extra, caso desejasse mudar a composição enquanto trabalhava. Ampliou a moldura em cerca de trinta centímetros e encheu os orifícios das tachas originais com reboco. Isso lhe abriria espaço para mais um torturador do Cristo. Pintou o reverente patrono ajoelhado, que originalmente estava no lado direito do quadro.

Caravaggio trabalhou a noite toda e o dia seguinte. Concentrou-se na luz sobre o torso do Cristo, relembando o choque que sentira cada vez que um golpe era desferido no escravo no Bairro Espanhol. No rosto do torturador à esquerda de Jesus, pintou a maldade aterradora do homem que morrera pela espada de Roero. O segundo torturador estendia a perna contra a panturrilha do Cristo, obrigando-o a assumir uma posição dolorosa e desequilibrada, enquanto o outro lhe puxava o cabelo e preparava o golpe seguinte.

À última luz da tarde, sentou-se em uma banquetta em seu estúdio, tragando vinho de uma garrafa. Ainda havia muitas pinceladas a fazer, mas no momento bastava. *A flagelação* estava inundada de crueldade e dor. Cheirava mal como um assassinato num beco. Ele olhou para o prazer malicioso estampado no rosto do homem junto ao ombro de Jesus. E ficou imaginando se era isso que as pessoas viam em seu próprio rosto quando a raiva o dominava. O pensamento causou-lhe vergonha.

A NEGAÇÃO DE SÃO PEDRO

Costanza trouxe uma carta para Caravaggio em seu estúdio. Ela o encontrou reclinado no catre, como se estivesse observando as tintas a óleo secando na *Salomé com a cabeça de São João Batista* em que estivera trabalhando por uma semana. Sua intenção era mandá-la de navio para Wignacourt, na esperança de que o quadro o agradasse tanto que o Grão-Mestre ordenaria a Roero que voltasse a Malta.

– Boas novas do cardeal del Monte de Roma – disse Costanza, tentando ler a expressão de Caravaggio à meia-luz. O que ela encontrou foi apreensão, pura e animalesca. – Você deve ser perdoado. – Ele respirou ruidosamente, como se tivesse temido inalar o ar até a chegada dessa mensagem. – O cardeal escreveu que Scipione deve pagar aos Tomassoni. Em troca, eles não vão mais ameaçar sua vida.

Tomando as mãos de Costanza, ele as beijou.

Ela sentiu a pressão de seu toque como se ele a tivesse tocado por inteiro.

– Você ainda não está em Roma, Michele.

– Vou ser cuidadoso – disse ele, beijando-lhe a mão mais uma vez, e correu pelas escadas para encontrar alguém que ficaria feliz por ele.

Na entrada da taverna Cerriglio, pousou os dedos na carta de del Monte dentro do gibão. Passou pela primeira sala e sob o arco da parte interna da taverna, que as pessoas distintas a cessavam através de uma porta lateral para evitar serem vistas num lugar tão duvidoso. Foi direto para o pátio dos fundos, cujas paredes eram decoradas com provérbios celebrando os prazeres da comida e do vinho. Stella estava sentada à beira de uma pequena fonte, entrelaçando o cabelo ao sol. Reflexos de mogno brilhavam nas longas ondas avermelhadas que saíam da aba de seu chapéu amplo e sem copa. Ela percebeu a alegria em seu rosto.

– *O'ntufato* – disse ela –, eu vou achar um apelido diferente para você.

Stella abriu a veneziana. O sol penetrou, através dos globos oculares de Caravaggio, na secura latejante de sua cabeça. Ele rolou para o seu lado da cama, contendo-se para não vomitar.

Stella já estava usando seu vestido cor de púrpura.

– Vou pedir ao Ugo que reserve uma *focaccia* para você. Vai acalmar o seu estômago. – Ele olhou-a com uma expressão de desagrado. Ela balançou a cabeça. Havia um toque de amargura em seu sorriso. – Se eu ganhasse um ducado toda vez que vejo essa expressão nervosa de “o que eu fiz a noite passada?” no rosto de um homem, já teria um dote suficientemente grande para me transformar numa duquesa.

– Não vejo você como uma nova nobre. Você é mais do tipo que se candidata a um convento.

– Você continua sarcástico. Portanto, sua ressaca não deve ser tão grande. Você está se perguntando sobre o que aconteceu, então deixe que eu lhe conte: você não se envolveu em

nenhuma briga na noite passada e pegou no sono enquanto eu estava tirando a roupa. Não consegui acordá-lo por mais que tentasse. Parecia que você não dormia há anos. – Ele pensou em lhe contar a verdade, mas não encontrou motivação suficiente para lubrificar a língua. – Desça quando quiser comer – disse ela, fechando a porta.

Depois de se vestir, a preguiça o deixou num segundo, e ele ficou alerta. A carta de del Monte não estava mais com ele. Procurou-a pelo quarto, arrastando os poucos móveis de Stella pelo chão e revirando os vestidos dela num baú. Não estava lá. A náusea o deixou tonto. Precisava comer alguma coisa e recompor-se para conseguir raciocinar direito a fim de encontrar a carta. E desceu para comer.

A *focaccia* estava pastosa e de gosto amargo. Recostou-se para comê-la e bateu a cabeça num grande queijo redondo que havia sido pendurado para maturar. O cozinheiro notou sua expressão de desgosto. Enrolando outra bola de massa, polvilhou-a com alecrim e a levou ao forno.

- Está difícil de engolir, não é mesmo?

Caravaggio coçou a cabeça e olhou de maneira acusatória para o queijo.

- O que há de errado com a *focaccia*, Ugo?

- O *sirocco* soprou durante a noite. Percebi assim que me levantei. Ele me causa pressão nos ouvidos. Me deixa louco. Mas não são só as pessoas que ficam irritáveis quando esse vento húmido sopra. Ele muda o jeito que os ingredientes da *focaccia* reagem entre si.

- Você está brincando!

- É verdade. Preste atenção hoje, Michele. Todo mundo se comporta mal quando o *sirocco* sopra sobre Nápoles. Até a minha massa.

Caravaggio tomou um copo de vinho e começou a subir a ladeira diante da estalagem. As nuvens sopradas pelo *sirocco* pareciam forçar a descida do sol. Sua luz brilhava nos telhados e nas pedras húmidas. O pintor piscou e tentou enxergar o lado sombreado da rua. No impenetrável dialeto napolitano, todas as vozes ao redor dele soavam ameaçadoras. De repente ele se deu conta de sua vulnerabilidade.

A silhueta de um homem aproximou-se dele pela direita. O sujeito tocou-lhe a ponta do queixo com os dedos. Caravaggio levou a mão ao punhal, mas alguém que se aproximara pela esquerda agarrou-lhe a mão.

Dois outros homens o seguraram por trás. Sua respiração ficou ofegante enquanto ele se debatia. O sol lhe ofuscava os olhos.

Alguma coisa fria correu por sua face direita. Um raio de sol fez brilhar a ponta de um punhal. Ele havia sido cortado. Os homens que o seguravam chutaram-lhe as pernas. Quando ele se dobrou, acertaram-lhe as costelas com os joelhos, rindo baixinho.

Mais um golpe no rosto. Ele não viu a arma, mas sentiu que o ferimento era mais fundo. O golpe ressoou-lhe pelo crânio. O ar tempestuoso penetrou pelo corte e congelou-lhe o osso.

Ele se lembrou da carta, da liberdade de que em breve gozaria. Procurou reconhecer Roero ou Tomassoni – qual dos dois comandara o ataque. *Acerte-o, e os outros fujirão.* O brilho do sol o cegava. E deu uma cabeçada no homem diretamente à sua frente. O indivíduo vacilou, caindo nas sombras baixas onde Caravaggio conseguiria ver-lhe o rosto. Giovan Francesco Tomassoni levantou-se rosnando, com a ponta do punhal na garganta de Caravaggio.

Um urinol de terracota atingiu Tomassoni em cheio no rosto. O urinol se espatifou no chão e o homem retrocedeu, completamente zozzo. Os outros largaram o pintor e levaram Tomassoni embora. Saíram xingando uma pessoa que não era Caravaggio.

— *O'ntufato*, você esqueceu a sua carta — disse Stella, inclinando-se em sua janela do andar superior da Cerriglio, com um papel na mão. — Por que é que você a deixou cair no meu penico?

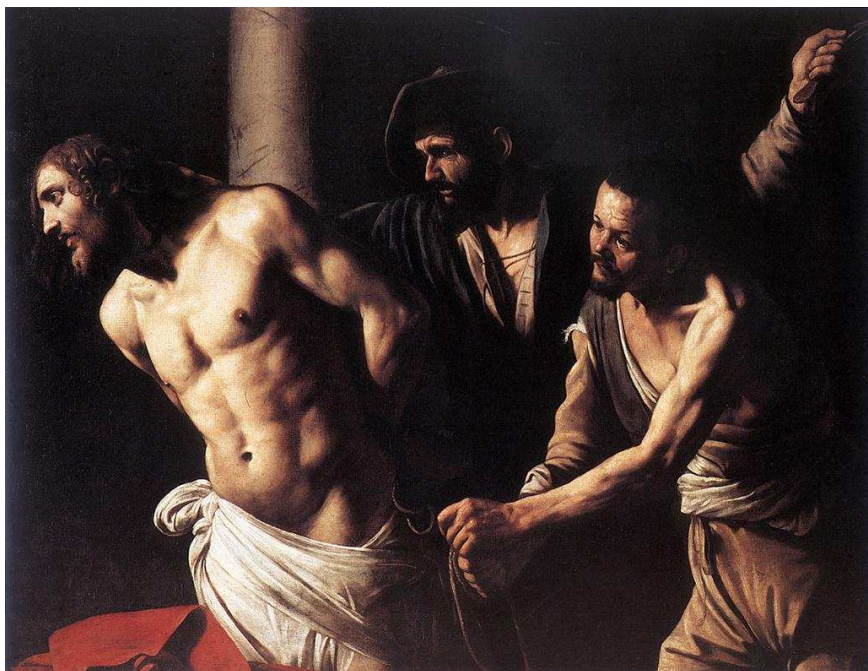
Caravaggio ficou sentado na rua, imaginando se ia morrer. A moça desceu em seu socorro, e pôs um pano no ferimento em seu rosto.

— É grave? — perguntou ele. Ela fez uma careta de anuência. — Grave o suficiente para fazê-la ficar muda.

— Vamos dizer que você pintou seu último autorretrato — disse ela. A menos que você queira mesmo fazer o estômago das pessoas revirar.

Del Monte levou Caravaggio à igreja de San Domenico para ver *A flagelação* em sua capela atrás do altar-mor. A linha dos cabelos do cardeal havia recuado para baixo de seu barrete desde que o artista saíra de Roma. A boa vida deixava-lhe o rosto quase do tom de suas roupas escarlates. Quando saíram da carruagem, ele viu os ferimentos abaixo do olho direito do pintor à luz do dia e desviou o olhar com um estremecimento.

Subiram a escadaria íngreme até a igreja, guardada por meia dúzia de homens com o libré Stigliano. Costanza os obrigara a escolher guarda-costas entre os empregados do palácio que cortavam a grama dos jardins para vender como feno. Ela estava convencida de que os Tomassoni voltariam a atacar.



A Flagelação de Cristo

– Em Roma, disseram que você morreu – afirmou del Monte, fazendo uma pausa junto à porta da igreja para recuperar o fôlego.

Caravaggio observou a praça, os palácios dos duques de Velletti e Casacalenda, bem como o do príncipe de San Severo. *Ele está tentando localizar Tomassoni*, pensou del Monte. *Ou, pelo que sei, alguma outra pessoa. Nunca lhe faltaram inimigos.*

– Eles o mandaram para operar um milagre e me devolver a vida? – perguntou Caravaggio piscando os olhos, como se tivesse um argueiro neles.

– Não é provável que alguém *me* confunda com o veículo dos prodígios de Nosso Senhor – respondeu del Monte, entrando na igreja e atravessando a nave. Ele se deteve diante de *A flagelação*, os dedos coçando a barba branca e apoiando o peso em um dos quadris. – A possibilidade de você estar morto fez com que o sobrinho-cardeal por fim se apressasse. Segundo Scipione, este tipo de arte... – disse ele apontando para o Cristo atormentado – ... Deveria estar em Roma, e não em Nápoles. Na verdade, deveria estar em sua galeria pessoal, e não numa igreja.

– Lena também acha que eu morri? – Del Monte sentiu-se transportado para o quadro. A vida que ele reproduzia era tão precária que sentiu o desespero de Caravaggio antes mesmo que se aproximasse dele e apertasse seu braço de maneira insistente. – Ela acha que estou morto?

Del Monte hesitou. Ele não parecia disposto a admitir que havia-se preocupado com uma empregada que lavava o chão de seu palácio e tirava o pó das molduras dos quadros. Ela era a mulher de Caravaggio, o que a tornava alguém que ele incluía em seus planos, mas sua dignidade o impedia de um contato mais intenso.

– Mandei um recado a ela dizendo que viajei a Nápoles para investigar.

– Eu cometi um erro. Nunca deveria ter saído de Roma. Ela não tem boa saúde. E precisa de mim. Leve-me de volta. Para Roma – pediu Caravaggio, colocando as pontas dos dedos no ferimento que se estendia por seu rosto. – O senhor, com certeza, está percebendo o que vai-me acontecer aqui.

– Se fosse só sua alma que precisasse de penitência, eu lhe garantiria uma indulgência do Santo Padre, e todos os seus pecados seriam perdoados. Mas, como você mesmo constata, seu corpo também está em perigo – disse del Monte, apontando para a cicatriz abaixo do olho de Caravaggio e o corte lívido que lhe descia pelo rosto. – Nenhum documento do Santo Padre constitui um amuleto contra o mal, a menos que todos os arranjos políticos já estejam bem estabelecidos.

O olho de Caravaggio oscilava, deslocando-se para o lado, como se a punhalada em seu rosto tivesse prejudicado algum nervo controlador dentro da órbita. Ele praguejou e cobriu o olho com a mão.

Del Monte lembrou os primeiros dias de triunfo de Caravaggio depois das telas com o tema de São Mateus da Igreja de São Luís dos Franceses. Os caprichos do pintor eram cheios de orgulho e desprezo, mas del Monte esquecera essas falhas. Ele percebera que não passavam de um escudo para o medo e a solidão. Agora seu protegido estava privado até dessas defesas. A arrogância de Caravaggio havia-se esvaziado, como se seus anos de fuga tivessem exaurido a glândula que a produzia e distribuía.

O cardeal examinou as pinceladas na panturrilha do Cristo, onde o músculo se retesava à medida que o pé virava.

- É uma pena que não possamos levar esta *A flagelação* para o Scipione.
- Em vez dela, leve a mim.
- Uma excelente obra de arte teria melhor acolhida. Uma espécie de entrada. Você pode ser o prato principal.

– Então eu tenho uma coisa para ele. – Voltaram para o palácio Stigliano. No estúdio, Caravaggio puxou o pano que cobria a pintura de um homem calvo e barbudo, uma mulher e um soldado. O homem levava as mãos ao peito e retraía o queixo, negando alguma acusação. – São Pedro.

Del Monte aproximou-se da tela. E olhou Caravaggio de soslaio. *O homem toma tantas decisões erradas, pensou ele. Como consegue produzir uma arte tão sensata, ter uma compreensão tão grande de como são as pessoas, e contudo não ser um santo?*

- É tão direto, Michele – disse ele, deixando que as mãos seguissem as pinceladas como um músico regendo uma orquestra. – Pedro quase se parece com *você*, quando você ficar velho.
- Espero viver todo esse tempo.

Michele emprestou seu próprio rosto a Pedro no momento de sua desastrosa negação do Cristo, pensou del Monte. O santo apontava para o coração para mostrar sinceridade, mas era apenas a manobra mentirosa de um homem desesperado. Em sua sinceridade, del Monte viu que ele era atormentado pela culpa. Seus olhos não se detinham no rosto do soldado que o interrogava. Eram distantes, olhando por cima do ombro do soldado.

Del Monte virou-se para Caravaggio com surpresa. *Ele tem vergonha de si mesmo.*

- São Pedro superou sua culpa. Lembre-se disso, Michele. Ele foi fundar a Igreja em Roma.
- Onde encontrou a morte.

No estúdio escuro, o rosto de Caravaggio estava coberto de sombras. Seus ferimentos marcavam-no como um homem ofendido. Brilhavam como pontos de prata num pano negro.

O cardeal chamou seu pajem e mandou-o enrolar o *São Pedro*.

- Vou levar isto para Scipione quando partir de Nápoles. Escreva-lhe uma carta agora. Prometa-lhe outras três telas como esta. Ele vai ficar tão aliviado por você estar vivo que vai querê-lo de volta a Roma imediatamente.

- E quanto a Fabrizio? O filho da marquesa, que está preso em Malta?

Del Monte viu a culpa no rosto de Caravaggio, exatamente como a tinha lido em sua representação de São Pedro. *Será apenas a lealdade de alguém ligado a uma família que o faz falar em defesa desse Colonna? Deve haver mais alguma coisa...*

- Infelizmente para Don Fabrizio, os talentos dele são de uma natureza menos decorativa que os seus. Mas vou ver o que posso fazer.

- Ele me salvou em Malta.

Del Monte ajustou o barrete.

- Agora escreva a carta.

Caravaggio se ajoelhou junto a um baú de roupa de cama para usá-lo como escrivaninha. O pajem removeu as tachas das bordas do *São Pedro*. Quando o rapaz começou a enrolá-la, Caravaggio olhou para cima.



A negação de São Pedro

– Assim não – gritou ele. – Que diabos! – O pajem deixou cair a tela. – Enrole com a pintura para fora – disse Caravaggio numa voz selvagem. – Se enrolar com a pintura para dentro, as tintas vão se comprimir e danificar a obra.

Del Monte colocou a mão com gentileza no ombro do pajem e ditou a última linha da carta.

– Seu servo e homem humilíssimo, devotado e agradecido, Michelângelo Merisi de Caravaggio. Pode-se acrescentar o seu nome a essas palavras, não?

Caravaggio lançou um olhar apolagético ao rapaz.

– Humilde, devotado e agradecido – disse ele, enquanto tornava a mergulhar apenas no tinteiro. – Seu homem.

Del Monte tirou um papel da manga. Estava amarrado com uma fita vermelha e selado com a impressão de seu anel. Entregou-o a Caravaggio.

– Aqui está seu salvo-conduto pra Roma. Vou deixá-lo aqui com você. Vai fazer com que você passe pela inspeção portuária em sua chegada. Não o use até eu lhe dizer que é seguro voltar.

Caravaggio equilibrou o documento aberto em suas mãos, o rosto surpreso e cansado. Del Monte achou que sua maneira de tocar o papel deveria ser tão delicada quanto a de um homem acariciando o rosto da amante.

DAVID COM A CABEÇA DE GOLIAS

Caravaggio recuou instintivamente quando Costanza tocou-lhe as feridas com o pano. O punhal de Tomassoni ainda zumbia dentro de sua cabeça. *Mas eu venci o desafio*, pensou ele. Agora havia o salvo-conduto de del Monte. Ele logo voltaria a Roma e para a única mulher pela qual achava que valia a pena viver. Assinara o nome numa carta humilhante a Scipione, mas teria sido bom se humilhar se ela o levasse de volta a Lena.

Seu homem. Ele estava cansado da vida de capacho do primo de Costanza.

– Espere, Michele – disse a marquesa, erguendo o pano mais uma vez.

– A senhora não precisa fazer isso, minha senhora.

– A ferida ainda não está limpa – disse ela, prosseguindo delicadamente na limpeza do ferimento que descia do olho até o lábio. – Se infeccionar...

– A senhora está preocupada que eu possa morrer?

– Uma infecção poderia... – falou ela e se deteve, reconhecendo a acusação em sua voz. – Michele, o que você está querendo dizer?

– Eu vou viver. Vou voltar para Roma – disse ele, numa voz desafiadora em que se misturavam ressentimento e frustração. *Fui colocado em perigo por esta mulher, e ela me mantém sempre servil e humilhado*.

– Claro que vai, Michele.

– Vou fazer com que Scipione dê ordens aos cavaleiros para que libertem Fabrizio – afirmou ele, sem esconder o sarcasmo. Ela atirou o pano na bacia de água em seu colo. Seu rosto estava afunilado e pálido, como um desenho feito a pena fina e tinta aquosa. A preocupação com Fabrizio a abatia e a consumia por dentro. – Não precisa negar – continuou Caravaggio. – A senhora não precisa fingir que se preocupa comigo.

– Isso que você está dizendo é horrível.

– É razoável que a senhora se preocupe. A senhora não teria nada com que barganhar se eu morresse. É muito natural. Afinal, a senhora é mãe de Fabrizio.

– E o que eu sou para *você* – perguntou ela, elevando a voz. Seu corpo tremia. Ela ergueu a bacia e a espatifou no chão. O grito da marquesa fez arrefecer a cólera que ele sentia. Pensou na jovem que o tinha levado embora quando o pai morreu. Ela esteve com ele todo esse tempo. E o compreendera com tão pouco esforço quanto Lena.

– É o mínimo que você pode fazer por Fabrizio depois do que fez a ele – murmurou ela.

O que ela quer dizer com isso?, ficou ele imaginando. *Alguma coisa que aconteceu em Malta?*

Ela percebeu sua confusão e acrescentou:

– Quando vocês eram meninos.

Ela acha que fui eu. Que eu seduzi Fabrizio. Ele estava para cuspir as palavras que sabia que a magoariam, que Fabrizio é que desejara o toque *dele* , mas sua garganta se fechou. Retrocedeu o pensamento para o quarto de Fabrizio quase trinta anos antes. De quem partira a iniciativa? Talvez sua memória o tivesse protegido contra sua culpa. *Eu sempre achei que me sacrifiquei por ele. Que permitiu que o pai de Fabrizio acreditasse que eu seduzira seu filho inocente*. Os ferimentos do rosto de Caravaggio

latejaram e seu pescoço se contraiu. *Eu estava dizendo a verdade? Tudo isso é por minha causa?* Ele piscou os olhos. *Não, com certeza não foi assim que aconteceu.*

Costanza mordeu o lábio superior e colocou as mãos no regaço.

– Perdoe-me. Sim, você vai voltar para Roma. Você tem razão. – Ele teve vontade de sair e deixá-la sozinha. *O que é pior: ter a cabeça a prêmio como eu*, pensou ele, *ou saber que, a qualquer momento, o menino que saiu de seu próprio ventre vai ser morto?* – Os que mais o amam veem você com mais clareza que você mesmo – disse ela.

– Sou um pintor. Quem pode ver melhor que eu?

– Uma amante. Uma mãe. Ou Deus. A visão Dele é a mais clara de todas. Com Fabrizio, você era menino e se comportava como tal, mas sentiu a culpa de um homem. Você não consegue se deixar perdoar.

– Mas Fabrizio...

– Se você não sabe que ele o ama, então não sabe de nada.

Ele levou a mão à frente.

– Nós pecamos tanto, minha senhora, Fabrizio e eu. Costanza se aproximou e beijou-lhe os ferimentos.

O pé rechonchudo do Batista pousava sobre uma tora na margem da tela. Caravaggio circundou os dedos do pé com um âmbar profundo, acrescentando sujeira às unhas. Ele se afastou da pintura, a primeira das obras que levaria a Roma para o cardeal Scipione. O jovem São João estava reclinado numa cepa, o abdome carnudo dobrado contra o cajado e um drapejamento flutuante e vermelho. Ao lado dele, o carneiro, o símbolo do santo, erguia o focinho para comer a folha de uma árvore.

– Você não acha que ele está um pouco gordinho para um asceta que vivia de gafanhotos no deserto?

Caravaggio pousou a paleta e o pincel. Virando-se para as escadas atrás da porta de seu estúdio, desembainhou o punhal.

– Um santinho gordo. Quase convencional. Lá em Roma todo mundo está pintando unhas sujas, exatamente como você. Já nem posso mais chamar isso de um toque pessoal de Caravaggio. – Leonetto della Corbara sorriu de maneira afetada ao se aproximar da tela. Reconduzindo o punhal de Caravaggio à bainha, ele abraçou o pintor. E continuou a abraçá-lo, mesmo enquanto ele tentava se desenvencilhar. – Mas imagino que os pintores que copiam seu estilo lá em Roma não interromperiam seu trabalho para pegar uma arma.

– Sim, eu sou único.

O Inquisidor colocou as mãos nas mangas do hábito negro. Sua barba de um ou dois dias por fazer cortava-lhe a pele cinzenta do rosto. Os olhos eram ávidos e hesitantes, como os de um homem em dúvida de que uma mulher ainda esteja desesperada por amá-lo.

– Fiquei feliz em ouvir do cardeal del Monte que os relatos de sua morte eram tão exagerados quanto a reputação do mestre Baglione – disse ele, com uma risada nervosa. – Mesmo assim, as infecções podem triunfar quando um homem é ferido. Estou duplamente feliz por ver que você ainda está vivo.

– Talvez eu já esteja morto. Parece que estou-me defrontando com muitos fantasmas do meu passado. Del Monte e agora você.

– Talvez você tenha ido para o céu.

– Eu não esperaria encontrá-lo por lá.

Della Corbara pareceu ofendido. Era uma tática que já havia empregado, mas Caravaggio ficou surpreso ao ver a expressão hesitante.

O Inquisidor foi até uma cadeira de madeira curva.

– Sente-se, mestre. O rosto do sacerdote era grave e, por um instante, ele não parecia estar fingindo. Caravaggio segurou os braços da cadeira com força. – Michele, Lena morreu.

Caravaggio dobrou-se para frente, como se um punhal tivesse sido cravado nele.

Della Corbara colocou a mão no ombro do pintor que tremia. O toque do Inquisidor era trêmulo e exploratório, como um rato em busca de comida.

– Eu não acredito – disse Caravaggio, com os ferimentos de seu rosto parecendo se abrir e arder. – Como ela morreu?

– Ela pegou friagem ao vender seus vegetais na Piazza Navona. Parece que seus pulmões estavam fracos. Em poucos dias... – a mão desagradável subiu para a parte posterior do pescoço de Caravaggio. – Mas pense bem, Michele. Ela tinha 28 anos. Não é uma idade tão prematura para Nosso Senhor levar para o seu seio uma pobre mulher vivendo em circunstâncias tão humildes. Vamos conversar sobre como posso ajudá-lo junto ao cardeal Scipione.

– Para que eu preciso de sua ajuda agora? Lena está morta. O que sobrou para mim em Roma?

– A redenção. A grandeza como artista. – Caravaggio afastou a mão do Inquisidor. – Muito bem, que tal conservar sua cabeça em cima do pescoço? – disse della Corbara. – Pois está claro que muito breve você estará morto – acrescentou ele, apertando o dedo contra o rosto cheio de cicatrizes de Caravaggio. O artista gritou de dor. – Tenho habilidade com a tortura, Michele. Mas não sou impiedoso.

Caravaggio sentiu como se seus músculos se afrouxassem a cada segundo. A respiração pareceu-lhe um fardo insuportável. O rosto se contorceu como o de uma criança zangada tentando arrancar uma lágrima.

- Ela possuía uma bela alma.

A mão de della Corbara pousou ao redor do pescoço de Caravaggio, como se fosse puxá-lo para um beijo.

– Venha para Roma. É o que você quer. Por você.

– Eu não quero mais nada.

– E as suas pinturas? O que você quer que as pessoas pensem quando veem suas obras? A inocência e as almas dos mártires? Ou o assassinato? – perguntou o Inquisidor, subindo a mão para o cabelo de Caravaggio e acariciando-o. – Venha para Roma e resgate suas pinturas. Mesmo que você não se considere digno de salvação, sua obra precisa ser salva. – Della Corbara pôs-se a mexer num almofariz que estava em cima da mesa. – Você trabalha a partir da natureza. Mostrando o que vê, revela o significado mais profundo de seu tema. Mas que tal se você fosse comissionado para pintar o Conselho dos Dez que governa a República de Veneza?

- O que você quer dizer com isso?

- Graças a uma peculiaridade da história da *Serenissima*, na verdade há dezassete homens no Conselho dos Dez. Se você pintar o Conselho, você pintaria dez homens para que todos reconhecessem o famoso Conselho dos Dez? Ou pintaria dezassete homens, permitindo que todos imaginassem o que você havia pintado?

- Você está tentando-me confundir?

- Eu sou um inquisidor. Pode ter certeza de que estou sempre tentando confundi-lo disse o Inquisidor erguendo-se com severidade. – Mas como Leonetto, o filho do mercador de Salerno, quero adverti-lo. Se acha que a natureza pode ser observada e reproduzida numa tela, você se esquece de que os segredos das pessoas não são facilmente reconhecíveis. Não existe nenhum *chiaroscuro* no coração, nenhuma luminosidade emergindo das sombras. A alma permanece inteiramente na escuridão. Só Deus a traz para a luz. – Ele foi até a porta. – Depois que você saiu de Malta, o sobrinho-cardeal me chamou a Roma para relatar o que havia acontecido. Lá fiquei conhecendo Lena. E contei-lhe histórias sobre você. Eu lhe dei a absolvição antes de ela morrer, Michele. Ela está na companhia de Cristo – continuou ele, dirigindo-se para a porta.

Caravaggio sentiu o peito apertar. Ele percebeu a armadilha que lhe fora preparada. Não por della Corbara ou Scipione, nem por Tomassoni ou Roero. Tratava-se de obra do Altíssimo, e sentiu Suas mandíbulas prestes a abocanhá-lo.

- Se você quer ir para o Céu e se reunir com Lena, precisa redimir-se aos olhos da Igreja. Caso contrário, sabe onde vai parar – disse o Inquisidor, baixando o indicador e o mínimo. O sinal do diabo. – Termine as pinturas que o cardeal Scipione pediu. Então, pode ir a Roma e ser perdoado diante de Deus. Estarei em Nápoles por duas semanas me ocupando de outros assuntos para a Santa Inquisição. Volte comigo para Roma. Vamos orar juntos pela alma de Lena diante do retrato que você fez dela como a *A Madona de Loreto*.

Della Corbara subiu os degraus. Já estava fora de vista quando Caravaggio ouviu sua voz: – Nesse ínterim, vou rezar por você. Você parece estar pronto para morrer. Mas não deixe que minhas preces sejam em vão.

Caravaggio olhava-se no espelho, preparando-se para seu autorretrato. A boca pendia aberta, como se ele tivesse acabado de correr e precisasse mais do que o ar costumeiro. Seu olho danificado movia-se acima do ferimento do rosto. A imagem no espelho ficava borrada, e ele piscava de frustração. O horror do que vira tomou conta de seus traços. Seu pai tinha visto a morte vir em busca de seu espírito no quarto da pestilência. Logo ela viria também para ele.

Caminhou bamboleando pelo quarto como um homem que se tivesse levantado cedo demais. O porão parecia uma masmorra. Ele precisava de ar. Subiu até os portões do palácio e se apoiou nas pilastras da entrada, respirando com dificuldade.

Um grupo de mulheres desceu a colina do palácio real e dos velhos bairros, dançando e cantando.

– O sangue de São Gennaro se liquefez – gritavam elas. – Deus salve o santo e seu milagre. É um sinal, pensou ele. *Você sabe o que tem de fazer.*

Um dos porteiros do Stigliano saiu pelo portão para observar as mulheres passarem.

- O sangue do santo se liquefaz. Estamos todos salvos por mais um ano – disse ele. A brisa da tarde impregnou o ar com o cheiro do sal da baía. Caravaggio ficou observando as mulheres prosseguirem dançando até a praia, onde começava a maré alta. – Vamos dar graças pelo sangue – falou ele, e voltou ao estúdio para escrever um bilhete.

De manhã, Caravaggio foi até a beira do mar. Caminhou firmemente para longe da cidade, até chegar à praia estreita de Chiara. Os pescadores se reuniam em torno de seus pequenos barcos, conversando com a animação de homens que passavam as noites navegando sozinhos na escuridão da baía. Discutiam o preço de seus pescados com as mulheres e puxavam punhados de camarões cinzentos e polvos cor de coral de seus baldes.

Um homem estava encarapitado num dos barcos da praia. Seu silêncio o distinguia dos pescadores que riam. Quando Caravaggio se aproximou, ele se levantou e tirou a capa. Os pescadores se afastaram assim que viram a cruz da Ordem dos Cavaleiros de São João de Malta em seu peito.

Das pedras acima da praia, Caravaggio tocou a pálpebra inferior de seu olho bom e desceu a mão, o sinal napolitano para perguntar *Você entende?*

Roero umedeceu os lábios e mostrou os dentes. Como para mostrar que ele também aprendera os gestos da cidade, ergueu a mão, unindo as pontas de todos os dedos, com um insistente e pequeno movimento do pulso. *Venha logo.*

Em seu estúdio nos porões do palácio Stigliano, Caravaggio terminou as pinturas para o cardeal Scipione mais depressa do que imaginara. As três telas estavam lado a lado, e ele pintava as figuras de uma delas assim que a tinta secava nas outras, passando para a seguinte para executar os novos detalhes logo que as tintas a óleo estavam suficientemente estáveis.

O Inquisidor chegou quando ele estava esboçando o corpo de um jovem na última tela. O modelo, um auxiliar de cozinha do palácio, segurava uma cesta de maçãs com o braço estendido e olhava para ela com tristeza.

- O que é isto? Uma natureza-morta triste com frutas? – perguntou Corbara.

- Não importa o que ele está segurando – respondeu Caravaggio, sem sair detrás da cortina e ajustando o espelho côncavo que estava usando para projetar o torso do rapaz. – Só quero o peso das frutas, para que eu possa mostrar os músculos do braço funcionando.

Della Corbara contraiu os lábios, observando a luz que vinha da lanterna refletindo pálida no bíceps magro do rapaz.

- Estou feliz por você começar a ver as coisas do meu modo.

Caravaggio abriu a cortina e ergueu o queixo.

- O cardeal Scipione vai ficar muito satisfeito comigo. E del Monte também.

O pintor inclinou-se profunda e graciosamente. Quando se ergueu, sua expressão era plácida e implacável. O Inquisidor estava calmo.

- Prossiga, mestre – murmurou ele. – Partimos para Roma em dois dias. Vejo você no barco

- Mal posso esperar.

O tom insolente do artista fez della Corbara se deter. Observou-o com curiosidade e, em seguida, impaciência. Então começou a subir as escadas.

O jovem modelo segurava a espada num ângulo suave por sobre as pernas, enquanto Caravaggio trabalhava no reflexo de luz em seu centro e ao longo do exterior da lâmina. Costanza observava do pé da escada. Caravaggio ainda não pintara os traços do rapaz. O rosto que ela via era o de outra pessoa. Não conseguia localizar os lábios cerrados e os olhos tristes. No final do braço estendido, o rapaz segurava uma cabeça. Esta tampouco apresentava detalhes. Da escuridão do fundo, ela surgia como uma massa de cabelos desgrehados e uma barba. A cor básica do rosto, de um marrom amarelado, estava secando.

– É *David com a cabeça de Golias*, não é mesmo, Michele? – perguntou ela.

– É isso mesmo, minha senhora – respondeu Caravaggio, sem interromper seu trabalho.

Ela já tinha visto muitas representações de David antes, mas nenhuma como esta.

David, em geral, era uma figura triunfante, o vencedor usando elmo do velho mestre Donatello, ou o gigante musculoso do divino Michelângelo que ela vira numa praça em Florença.

– Do jeito que você o pintou, David parece tão triste, Michele. – Costanza tentou relembra os traços de Caravaggio quando criança. *Há mais de um traço fisionômico*, pensou ela, *do menino que eu tomei a meus cuidados tantos anos atrás*. – É você, Michele?

Ele se pôs a andar em torno dela. Ela se afastou chocada. A ferida no rosto dele, o olho torto, os ombros caídos e as cicatrizes pareciam-lhe ameaçadores.

– O menino se parece com você quando pequeno – disse ela, apontando para o quadro com um dedo trêmulo.

– A senhora está enganada. – O modelo saiu de sua posição e levou a mão para pegar uma fruta de uma tigela ao lado dele. Jogando uma uva para o ar, aparou-a com a boca. – Fique quieto – disse Caravaggio. E acrescentou, molhando o pincel na paleta: – Minha senhora, preciso continuar com meu trabalho. Vou passar a noite toda aqui.

Preciso terminar em tempo para viajar com o padre della Corbara amanhã. – Será que a tinta vai secar até lá? Não vai dar tempo, com certeza.

– Minha senhora, por favor – disse ele, arrastando os pés e parecendo encabulado por ter erguido a voz. – Existem maneiras de embalar uma tela de modo que ela não seja danificada, mesmo se a tinta a óleo não estiver completamente seca. Agora, por favor, minha senhora.

Quando ela começou a subir a escada, ele se inclinou para dar os realces das dobras da roupa no ombro do rapaz. Ela tinha certeza de que este *Davi* seria uma obra-prima. Ele subverteria as convenções segundo as quais o rei bíblico há muito era representado. Costanza observou os músculos das costas de Caravaggio se moverem sob seu leve avental. E sentiu amor por esse homem, cujo gênio poderia até salvar Fabrizio. Também reconheceu amor na intensidade de seu trabalho. *Não importa o que aconteceu tantos anos atrás. Meus meninos se amavam. O amor permanece.*

– Michele – chamou ela.

A cabeça do pintor se inclinou para trás, e ele deu um suspiro de impaciência.

– Obrigada, Michele.

Os olhos dele, devido à posição da lanterna do teto, estavam na penumbra, mas ela se sentiu atraída para eles. E ficou imaginando se Michele queria que ela penetrasse naqueles caminhos escuros, para segui-los diretamente ao coração que com tanta frequência tinha-se ocultado dela.

O menino jogou outra uva no ar. E riu quando ela resvalou por sua boca e rolou pelo chão.

– Boa noite, minha senhora – disse Caravaggio, voltando para sua tela.

Abaixo do balcão do palácio Stigliano, a carroça estava carregada com suas poucas posses. Caravaggio jogou uma tela enrolada na parte de trás e foi até Costanza. Ele estava andando arcado. Sua coluna vertebral parecia ter afundado nas cadeiras, como se a realização das pinturas para Scipione houvesse-lhe exigido a energia de toda uma vida.

– Você está com o salvo-conduto do cardeal del Monte? – perguntou a marquesa, tomando-lhe as mãos.

– Estou, minha senhora.

– Em um dia você estará em Roma, livre de todo mal, perdoado por... por aquela luta. Um homem livre.

O papa pode perdoar meus pecados, pensou Caravaggio, *mas é a Deus e a Lena que devo dirigir minhas súplicas mais sinceras*. Ele se inclinou diante de Costanza.

A mulher o trouxe para perto dela e colocou a boca sobre a cicatriz de seu rosto. Uma pontada de solidão o atingiu. Ele lhe beijou os lábios e os dedos dela apertaram mais os dele.

– Também está levando as pinturas para o cardeal Scipione? – perguntou ela.

Ele foi até o lado da carroça e bateu a mão na trama escura das telas, amarradas com cordinhas.

– O *São João*, a *Madalena* e o *David*. Vou acondicioná-las adequadamente quando estivermos no barco. Agora estou ansioso por chegar ao porto – disse ele, saltando para o assento ao lado do cocheiro. Quando as mulas se preparavam para sair, Caravaggio colocou a mão no ombro de Costanza. – Em breve a senhora verá Fabrizio.

– Se Deus quiser, e nunca mais tornaremos a nos separar. E nunca mais tornarei a pedir outra coisa a você. Desde menino você se sacrificou por mim. – Ele tentou protestar, mas ela lhe colocou a mão nos lábios. – Eu sei que você saiu de minha casa pelo bem de Fabrizio. Mal posso avaliar o que isso lhe custou. Você não me deve mais nada.

Isso será verdade em breve, pensou ele. Seu olho ferido se deslocou, e ela se transformou apenas num borrão, com as mãos no peito até a carroça sair pelo portão.

As mulas se viraram em direção à praia. Caravaggio observou a baía curvando-se em direção à espessa neblina verde de Posilippo. A água tinha um vibrante brilho dourado. Agora era o mar o dono de seu destino.

Quando o cocheiro chegou ao fim da estrada, virou as rédeas em direção a Santa Lúcia e o porto. Caravaggio segurou-lhe o pulso.

– Por aí não.

Com um dar de ombros, o homem agarrou as rédeas e fez meia-volta.

Subiram a colina e passaram por trás do palácio Stigliano e pelos limites do Bairro Espanhol. Caravaggio direcionou o cocheiro para um portão numa fachada longa e simples. Sussurrou algumas palavras ao homem, deu-lhe uma bolsa de moedas e saltou. Atravessou o portão e cruzou um ensolarado pomar de limoeiros e tangerineiras. Murmurou a melodia de uma antiga canção bolonhesa. *Você é a estrela que brilha. Mais que qualquer outra dama*. No final do pátio, quatro homens armados apoiavam-se na parede de uma capela. Seus rostos eram duros e hostis. Acima deles, uma bandeira vermelha agitava-se no ar quieto e húmido. A cruz branca da Ordem dos Cavaleiros de Malta.

Em seu estúdio, Costanza escrevia ao Grão-Mestre dos cavaleiros. Ela o informava de que Caravaggio havia retornado a Roma sob a proteção de del Monte e assumiria uma função no

palácio de Scipione. Ela queria que o homem detentor da chave da liberdade de Fabrizio soubesse que havia assegurado um influente aliado no círculo papal e que achava que agora seu filho deveria ser posto em liberdade. *Com toda humildade, saúdo-o e peço a Deus por sua total felicidade*, encerrou ela. *De Nápoles, 18 de julho de 1610.*

A interminável encosta do Vesúvio subia até sua assustadora cratera do outro lado da baía. *O pico de uma montanha fumegante*, pensou ela. *De todas as coisas.* O sol brilhava sobre a água com uma intensidade que a fez sentir-se mais como alguém do norte, estranha a esta casa de loucos sulista de cores e multidões vívidas. A distante cidade de Caravaggio, onde ela passara sua vida adulta, era pequena, com tempo húmido e nublado a maior parte do ano. Da rua lá em baixo subia o dialeto rouquenho e grasnado de Nápoles, e ela teve vontade de estar em casa.

Costanza avançou pelo terraço do *piano nobile* e desceu a escadaria principal. Sem a companhia do artista que amava, sentiu-se automaticamente atraída para seu estúdio. Lembrou seus dias de jovem mãe, quando Michele e Fabrizio traziam tanta vida a seu palácio. Antes de seu marido tê-los separado.

Nos degraus já próximos do porão, ela parou para encher as narinas com o cheiro das tintas. O quarto estaria vazio, mas o ar carregaria a memória de sua obra, com um cheiro de linhaça. Lá ela encontraria a presença dele, embora Michele estivesse em Roma.

O porão estava escuro e não tão vazio quanto ela esperava. Indo em direção à janela, tropeçou num carrinho. Ele virou, e ela ouviu o barulho dos pincéis caindo nas lajotas. Subindo o degrau até a janela, abriu as venezianas. O sol iluminou uma tela ainda no cavalete. Era a *Madalena* que Caravaggio pretendia levar ao cardeal Scipione. Ela se aproximou da pintura. Conhecia os traços da mulher que ele pintara, embora nunca a tivesse encontrado. Muitas vezes, em suas obras, ela tinha visto as fortes sobrancelhas, o nariz afilado, a boca suave. Ela devia estar enganada. Ele nunca deixaria para trás um retrato de Lena.

Seus materiais, preparações e pigmentos, seus pincéis e a paleta, seus espelhos, suas espadas, armadura e outros acessórios estavam espalhados pelo porão.

Ela foi até a janela seguinte e abriu a veneziana. Sua respiração era curta. Será que ele a traía?

Em outro cavalete, a luz da janela agora recaía sobre outra tela. Era o *David com a cabeça de Golias* em que ela o tinha visto trabalhando na noite anterior. Levando a mão ao peito, gritou como se alguém tivesse sido assassinado diante de seus olhos.

A enorme cabeça do gigante bíblico exibia os traços sofridos do pintor. O sangue gotejava do pescoço cortado de Caravaggio. Seus olhos estavam abertos, os lábios separados como se fosse pronunciar uma última palavra.

Tremendo, Costanza caiu de joelhos diante da tela. Ela não se enganara. Os traços do menino também eram os de Caravaggio. Ele pintara sua imagem jovem e inocente como o carrasco do adulto, o assassino, o homem condenado. Ela teve certeza de que, mesmo na morte, o gigante falava.

Na lâmina da espada havia alguma coisa escrita. Ela se aproximou e viu o lema dos monges agostinianos. *Humilitas occidit superbiam*. A humildade mata o orgulho. Isso significava que a arrogância levava Caravaggio ao pecado? Para que o orgulho nefasto fosse eliminado, ele teria de sofrer a morte, como Golias?



David com a cabeça de Golias

Ela ouviu uma carruagem entrar no pátio e um homem gritando. Passos soaram na escada que levava ao porão. O Inquisidor entrou no quarto, mergulhando nas sombras. Costanza correu para se apoiar na parede. O movimento chamou a atenção do Inquisidor.

– Michele? Em nome de Deus, o que você está fazendo? Por que você não foi ao porto?
– Ela foi para a janela, e ele a reconheceu.

– Minha senhora, perdão. Não sabia que a senhora estava... – disse ele, interrompendo-se ao ver a cabeça de Golias na tela. – Por Deus!

– O que ele fez? – perguntou ela, sabendo que aquela pintura não era obra de um homem a caminho da liberdade. Era como se o espírito de Michele pairasse sobre a tela, à beira da morte.

O Inquisidor balançou a cabeça, os lábios apertados em fúria. E chutou uma pilha de trapos sujos.

– Maldito seja ele por me fazer isso – disse ele, empurrando o barrete para trás da cabeça. – Ah, mas esta é a melhor coisa que ele pintou.

Costanza subiu correndo a escada até o pátio e chamou sua carruagem. Se Caravaggio não tinha ido ao porto, talvez tivesse escolhido um caminho diferente para evitar o Inquisidor. Ela o seguiria por terra e o forçaria a levar as telas. Ele precisa tê-las, para poder ficar livre. Ela o salvaria.

Um cavaleiro entrou pelo portão e saltou do cavalo. Costanza contornou sua carruagem para vê-lo. *Será Michele?*

O homem olhou ao seu redor. Ao ver Costanza, correu sobre as pedras em direção a ela.

Fabrizio abraçou a mãe e começou a rir.

Ela tremeu como uma velha paralítica. Ele achou que estivesse chocada devido à surpresa de sua chegada inesperada.

– Os cavaleiros me trouxeram a Nápoles ontem. E me mantiveram no Priorado. Então esta manhã me libertaram. Eu fui perdoado, dá para acreditar, mamãe? Obrigado.

- Vida minha, você está aqui.
- Deve ser por sua causa. Obrigado, *Mamà* querida – disse ele, beijando-lhe as faces e o pescoço. – Deve ter sido por sua causa que eles me soltaram.

Por minha causa. Ela tremeu e balançou a cabeça. Os olhos falharam. A vista escureceu. Da tela lá no porão, a cabeça decepada de Michele brilhava diante dela no meio da escuridão. Sua fisionomia estava tomada pela morte, e, embora estivesse muda, ela a ouvia falar. *Michele achou uma forma de redimir-se. Ele foi até os cavaleiros.* Ela teria Fabrizio, e aqueles assassinos teriam Michele. Ele tinha sido seu menino, e ela o amava. Havia-lhe devolvido a vida.

A agulha entrava e saía no saco de chita. Os pescadores do pequeno barco riam com maldade e cuspiam.

– Cuidado para não furá-lo com essa agulha – disse um deles. – Você não vai querer machucá-lo.

A cada ponto, a luz do sol que penetrava pela abertura do saco diminuía. Caravaggio viu-a se tornar um único raio através da escuridão, como o que ele muitas vezes usara para iluminar suas pinturas. Na proa do barco, Roero virou as costas. A abertura final do saco foi fechada. Caravaggio juntou os dedos das mãos amarradas numa prece.

Os homens o ergueram. Ele foi atirado pela borda do barco e caiu na água. Toda sua raiva se extinguiu como um fogo que se apagava. Na escuridão abaixo da superfície, seu pai flutuava em sua direção. Ele lhe sentiu o toque quando passou. Os mártires que pintara também passaram, as mãos erguidas numa bênção. O silêncio absoluto e a paz envolveram seu corpo. Enquanto a respiração cessava, ele viu uma luz difusa. Ela coroava Lena. Inclinou-se para ele como tinha feito em sua *Madona de Loreto*. E estendeu-lhe a mão. Quando lhe tocou o rosto, ele se sentiu frio e estático.

O Cavaleiro Prior de Nápoles, Vincenzo Carafa, aguardava Roero no cais. Ele olhou com desdém para o saco cheio de protuberâncias e molhado no fundo do barco, onde fora colocado pelos pescadores.

- Você conseguiu as pinturas dele com a marquesa? – perguntou Roero.
- Cuide da sua vida.

— Trate de enviá-las ao Grão-Mestre. Elas são a compensação dele pela liberdade do Irmão Fabrizio. Não pense que *voce* pode ficar com elas. A marquesa teve de volta seu precioso filho. Ela não vai se lamentar por perder algumas telas — disse Roero subindo para o ancoradouro.

O Prior pôs uma mão autoritária no ombro de Roero e fez um gesto em direção ao saco.

— Eu não o quero aqui. Você já teve sua vingança, Irmão. Livre-se dele longe de Nápoles. E não no mar. Se ele chegar à praia num saco, as pessoas vão saber do que se trata. É assim que *nós* fazemos a coisa.

Roero voltou ao barco. E deu ordem aos pescadores carrancudos que remassem de volta para a baía.

F I M

Durante séculos os críticos menosprezaram Caravaggio, acusando-o de rufião a cujas obras faltava profundidade. Mas sua influência na pintura é imensa. Rubens difundiu seu estilo pelo norte da Europa. Velazquez levou sua estética à Espanha. Ele é essencial para o estilo dos artistas, fotógrafos e diretores de cinema contemporâneos, como David Hockney e Martin Scorsese.

Contudo, sua morte é um enigma, geralmente explicada pelos historiadores da arte com um tortuoso conto de identidade trocada, barcos perdidos e uma praia infectada de malária na Toscana. Alguns dizem que não era incomum para um homem que morreu quatrocentos anos atrás desaparecer dos registros. Mas vamos ver a coisa por outro ângulo: Caravaggio é a mais importante de todas as figuras históricas deste livro – todas as minhas personagens são baseadas em pessoas reais; contudo, seu fim é o grande mistério entre essas vidas de um passado longínquo.

Até as mortes de pessoas sem significância histórica neste livro podem ser explicadas. Onório Longhi morreu de sífilis em Roma, em 1619. Mário Minniti viveu até 1640, produzindo telas religiosas banais, porém lucrativas, em seu estúdio em Siracusa. Giovan Francesco Tomassoni, o irmão de Ranuccio, tornou-se governador de Ferrara e morreu em 1628. Fillide Melandroni morreu em 1618, com a idade de trinta e sete anos. Como era cortesã, a Igreja negou-lhe um enterro cristão. Sua amiga Menica Calvi viveu até os cinquenta anos, deixando propriedades e outros investimentos a sua irmã. Lena Antognetti morreu em Roma aos vinte e oito anos, apenas alguns meses antes do desaparecimento de Caravaggio.

Entretanto, nunca houve uma explicação que levantasse tantas questões quanto as que se propunham a resolver a morte da maior de todas as personagens deste livro: Caravaggio.

Esta história é a minha resposta.

AGRADECIMENTOS

O Irmão John Critien é o único Cavaleiro de São João que hoje reside no castelo Sant'Angelo de Malta. Ele teve a bondade de me ciceronear pelo lugar, embora a fortaleza não esteja aberta ao público, bem como de trocar teorias sobre a época de Caravaggio comigo. Philip Farrugia Randon, presidente dos Cavaleiros de Valletta e uma autoridade em Caravaggio, e sua assistente Nadia Chetcuti foram extremamente gentis comigo. Joan Sheridan mostrou-me as cidades do Grande Porto com muito entusiasmo.

Em Roma, Patrizia Piergiovanni generosamente me concedeu acesso ao palácio Colonna. Apenas parcialmente aberto ao público nas manhãs de sábado, o lugar merece uma visita.

Meus amigos Ugo Somma e Marcella Tondi foram grandes companheiros durante minhas visitas às mais belas vistas de Nápoles, bem como a algumas mais esquálidas e embaraçosas. Marco de Simone permitiu-me acesso a um dos palácios napolitanos da família Colonna – e a seu excelente restaurante em Chiaia, o *da Marvo*, que é uma razão quase tão boa para visitar Nápoles quanto as obras de Caravaggio.

Sou grato ao Dr. Raz Chen-Morris, professor de História da Ótica na Universidade de Bar-Ilan, por me revelar uma extensa e recente pesquisa sobre o provável uso feito por Caravaggio da *câmera obscura*.

Para melhor descrever o que fez Caravaggio, tentei adquirir novas habilidades. Estudei pintura a óleo sob a orientação de Yael Robin, enchendo o escritório com minhas cópias de obras de Caravaggio. Na Academia de Esgrima Histórica de Newport, País de Gales, minha cidade natal, Nick Thomas privilegiou-me com seus conhecimentos técnico-práticos, ensinando-me como lutar com um florete e transmitindo-me informações sobre a esgrima na época de Caravaggio.

Minha esposa Deborah mostrou-se cheia de entusiasmo e intuição enquanto caçávamos a arte de Caravaggio e os locais por onde ele andou. Sou grato a nossas amigas Miriam Silinsky e Danielle Ceder por terem levado Cai, nosso filho pequeno, a fazer seus próprios passeios em Roma (ele gosta de todas as fontes), enquanto eu realizava minha pesquisa. Cai compôs uma pequena canção sobre Caravaggio, que cantou para mim enquanto eu escrevia este livro. Eu a estou cantarolando agora